CURSO DE ESTUDOS

PARA O

COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO.

SELECTA NACIONAL

ORGANISADA

PELO

PADRE R. ALVES DA FONSECA,

DIRECTOR E PROFESSOR DO MESMO COLLEGIO.

VOLUME I.

ORMA
372
C977

REGISTRO SETORIAL
Seção Obras Raras
Nº. 198
Data 12/12/23

MARANHÃO.

1873.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

INTRODUCÇÃO.

O maior e mais relevante serviço que podemos prestar a patria é dedicarmo-nos ao ensino da geração nascente.
(Cic., II, de Divin. 2, 4.)

I

EDUCAÇÃO NACIONAL—ESCRIPTORES PÁTRIOS.

Sem aspiracões fatuas, mas repleto de esperanças e bons desejos, entregamos a publicidade este *livro*, que será seguido de outros, se o acolherem bons auspicios. Para longe o presumirmos que nos prelos brazileiros é novo este genero de trabalho, mas affirma-nos a consciencia que na provincia, pelo menos, não é uma superfetação.

Entendemos ser já tempo de ir abrindo mão desses compendios *transmarinos* e iniciando a nascente geração em moldes mais domesticos e patrios. Ninguem, porém, venha acoimar-nos de bairrista, suppondo que recusamos as locubrações e thesouros opulentados por nações mais adiantadas. Tal não é o nosso pensamento.

Entretanto forçoso é confessar que desejamos a nossa prosperidade industrial e intellectual, utilisando-nos o mais possivel das riquezas patrias, pois já as temos em não pequena copia. Por mais

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

dourados e seductores que sejão os arrasoados do philantropismo e cosmopolitismo, não queremos e nem podemos destruir os limites patrios, derrubar os miliarios marcos nacionaes, tão caros aos verdadeiros filhos desta terra, erguer a fronte sobre o amplo espaço dizendo: *Somos tão somente cidadãos do mundo.*

Não queremos nem podemos, repitimos, aniquilar estes tão gratos horisontes, que estendem-se dos Andes ao Atlantico, do Amazonas ao Prata. Foi sob estas impressões que coordenamos o plano da *Selecta Nacional.*

Pareceu-nos conveniente, em vez dos trocadilhos de Jacintho Freire, das antitheses de Vieira e dos hyperbathos de tantos outros, dar a nossos meninos desempeçadas e elegantes traducções de Trajano Galvão, ricas flores de G. Dias, o cysne brazileiro, a critica firme e conscienciosa e as narrações claras de João Lisboa, o Herculano maranhense.

E para que não faltasse o essencial estendemo-nos offerecendo maior composição de Francisco Sotero, paginas vasadas em moldes classicos, cheias de linguagem tersa e correções bebidas na experiencia propria e em fontes puras. Erradamente, porem, andaria quem supposesse que desconhecemos a autoridade dos Vieira e Jacintho Freire, nossos guias e sabios mestres no dizer e escréver com elegancia e correção. Infundada seria tal accusação.

Nosso pensamento foi começar pelas riquezas patrias, cujo subida preço e valor estão alem de qualquer contestação. Eis o caso de aproveitarmo-nos do sabio pensamento grego: *Conhece-te a ti mesmo primeiramente.*

Parodiando esta idéa poderiamos dizer: conheçamo-nos primeiramente, como introducção ao conhecimento do mundo moral, isto é, comecemos pelos thesouros patrios.

Que te importa (sensatamente dizia Moliére,) saberes o que vai no mundo sideral, quando ignoras o movimento de tua casa? Para que sabermos tomadas de Dio, fundacção de Macáo, quando ignoramos os acontecimentos patrios, factos historicos, passados muitas vezes nos lugares em que vivemos, desde a infancia até que alvejão-se-nos os cabellos? Para que este afan em conhecer de preferencia os antigos personagens estrangeiros, quando já temos tantos varões preclaros, tantos vultos assignalados em todos os lances?

Que maranhense, sinão brazileiro, deixará, as paginas de um Odorico Mendes, de um João Francisco Lisboa; ignorará os feitos mineiros, a revolução de Bequimão, por amor a leitura dos 20 volumes das *Decadas* de João de Barros?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

LIVROS PUBLICADOS—O LIVRO DOS MENINOS PELO DR. ANTONIO REGO—REFORMAS UTEIS E CONVENIENTES.

O trabalho que ora publicamos não é entidade isolada: por um lado prende-se aos que o seguirem, e por outro liga-se a alguns já publicados. Queremos referir-nos ao 1.º e 3.º livro do Dr. Abilio Borges e ao *Livro dos Meninos* pelo nosso comprovinciano Dr. A. Rego. O *Livro dos Meninos*, bem conhecido entre nós, presta-se optimamente para um *Segundo Livro de Leitura* e d'elle já temos colhido bons resultados. Comtudo, se o Auctor ou Editor nos permittissem, tomariamos a liberdade de enunciar algumas idéas tendentes ao melhoramento da futura edicção.

A 1.ª parte do *Livro dos Meninos*, ante os progressos dos modernos methodos de ensino primario é imperfeita, mas de mui simples e facil reparo. Desejariamos que essas longas taboas de syllabas fossem combinadas de modo mais intelligente; isto é, que pouco a pouco enlaçando-se as syllabas e palavras das taboas percorridas fossem organisando vocabulos faceis e conhecidos ás creanças, depois coordenando phrases, pensamentos sobre materias attrahentes e uteis.

Quem tivesse pratica de ensino ou circumstanciada leitura do Hippeau, poderia incumbir-se d'este trabalho, em beneficio das creanças e da instrucção.

Assim quando o alumno chegasse ao final das taboas teria não só rapido olhar, para colher as palavras, como tambem bôa somma de conhecimentos. A 2.ª parte devia terminar na historia do *Antigo Testamento* e já não era pouco. Alem d'isto notamos que o methodo de perguntas e respostas usado, e ás recapitulações são infructiferas, tendo o inconveniente de occupar inutilmente algumas paginas.

Ao professor incumbe interrogar, não de um, senão de innumeros modos, para exercitar a intelligencia infantil do alumno. A 3.ª parte do dito livro, relativamente a preceitos, maximas e proverbios, é de pouco fructo na pratica. A sabia antiguidade, antes dos *Estados-Unidos* ja tinha reconhecido este facto, quando dizia: *Longum iter per precepta breve et efficax per exempla.* Com effeito só por meio de contos e episodios da vida dos grandes homens, dos heroes christãos é que se obtem imbeber nos corações infantis a moral, a religião, em summa é por este meio que se poderão formar corações.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Entendemos que sobre este assumpto satisfaz o optimo methodo discutido por Garrett em suas notaveis *cartas* a uma senhora, formando a obra—*Educação*—Tambem é para desejar que das luminosas paginas do *Livro dos Meninos*, desapareção essas fabulas, contos altamente fulminados pelos melhores educadores. Com muito bom senso disse Rousseau que ellas podem instruir os homens, mas que as creanças não lhes tirão uma unica conclusão, gostão por *serem* contos e fazem rir. Nunca descubri o porque, rasoavel deste costume e vejo-lhe mil inconvenientes. [1]

Feitas estas ligeiras modificações ficará optimo o livro do Sr. Dr. Antonio Rego.

III.

PENSAMENTO INTIMO DO LIVRO-VOTOS DO AUCTOR—DESENVOLVIMENTO DO ENSINO.

Entremos agora na idéa intima deste livro. Ninguem duvida hoje que a instrucção nobilita o homem lhe proporcionando luzes tanto mais resplendentes e elevadas quanto mais solidos e avultados são os seos conhecimentos e educação. O que, pois, concluir desta verdade? Repetir o pensamento que paira na athmosphera nacional: *alargue-se o plano da instrucção publica, illuminem-se os horisontes do intellecto humano,* pois que no feliz pensamento de um escriptor contemporaneo ABRIR VERDADEIRAS ESCHOLAS É FECHAR PRISÕES.

Aqui não seria difficil ostentarmos erudição em favor destas verdades.

Poderiamos começar citando Platão, (cujo *Legislador* em sua Republica, concede o primeiro logar a educação) e continuar esta bonita cadea, formada por grandes e robustissimos pensadores, até as mais recentes e famosas publicações neste genero. Porem não ha necessidade disto, porque todos concordamos em que a civilisação brota da educação como a flor da haste. [2] Dizia Buffon que o estylo é o homem; cremos que, ainda com maior fundamento e propriedade, poderiamos dizel-o da educacão. Certamente a grandeza de um povo, sua civilisação e verdadeiro progresso estão na razão directa de sua educação. Sabiamente disse um grande ta-

---

1 Garret. Educação—Cartas etc.
2 V. P. Felix=Conf. de 1867.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

lento brazileiro que a educação é o pulso onde se conhece o gráo de civilisação e adiantamento dos povos e individuos.

Com effeito devemos attender que a civilisação não consiste n'esses tuneis imponentes, na maravilha dos telegraphos, no barco a vapor, nos dourados sonhos da industria, em summa não consiste ella n'essas maravilhas babylonicas tão bem realisadas pelo torpe paganismo. A civilisação indubitavelmente está na *cultura dos corações, na elevação das almas*, NA VERDADEIRA EDUCAÇÃO.[1] Por estas verdades assás patentes a todos é bem illogico o pensar d'aquelles que medem os honorarios do professor, e despesas com a instrucção publica, pelas rendas do estado, *muitas vezes mal distribuidas*. Quanto a nós entendemos que, não havendo perigo de banca-rota, se devem abrir os cofres publicos, para facilitar a diffusão do ensino. Que profusamente derrame-se a solida instrucção de um a outro extremo do imperio, que em crebras ondas esparja-se a santa luz do ensino, espancando as trevas do intellecto, arrancando os vicios do coração.

Não fique um só recanto sujeito ao dominio das trevas e obscurantismo; leia o povo, mas faça-o solidamente e multiplicar-se-hão, por encanto, as fontes de riqueza e prosperidade nacional. A arvore plantada em ubero solo, cobrir-se-ha de odorosas flores, curvar-se-hão seos ramos sob o grato peso de sasonados fructos.

É esteril o homem que não lê, fecundo aquelle que o faz; é por este meio que, pondo-se em communicação com as sociedades cultas, conhece os melhoramentos, torna-se creador, emprehendedor e por consequencia promotor de riquezas e avanços nacionaes. Eis pelo que entendemos ser necessario abrirem-se liberalmente os cofres em pró do ensino popular. É pensar commum, e nós o seguimos, que largamente remunerado o professor primario apparecerão muitos e habeis concorrentes, porque... em summa, neste mundo, o homem tão bem vive do pão abençoado por santo trabalho.

Muito seria para desejar que houvesse uma inversão em nosso systema de *irradiação*. Explicamo-nos: tudo o que ha de melhor agglomera-se nas capitaes, de modo que as pequenas localidades, onde exatamente as trevas são mais palpaveis, minguão os que poderião derramar luzes. [2]

---

1 Quando assim fallamos está claro que comprehendemos n'este termo a instrucção. E' pela alliança d'estas duas partes que se completa, esmalta-se e resplandece a corôa intellectual.

2 P. Felix. Idem.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Cremos, porem, que se os professores das remotas localidades auferissem bons ordenados, seria isto de optimos resultados e subido alcance tanto em favor da instrucção como pela facilidade na acquisição de bom pessoal.

Mas em quanto não se realisarem estas ou outras mais bem pensadas reformas, não permaneçamos de braços cruzados, como o Pariá olhando immovel o azul do ceo. E pelo que nos diz respeito, bem ou mal combinado, eis ahi este *livro* como prova dos nossos bons desejos.

Entendemos ser conveniente alargar-lhe o plano, dando fóros de cidade a algumas materias não cultivadas em nossas escholas. Assim procedemos por crermos que já é tempo de reagir contra o predominante, mas difficiente plano, das simples noções grammaticaes, arithmeticas e fracos conhecimentos moraes. Certamente é este o fundamento do ensino, são filamentos de grande corpo? Mas aí não se resumem as necessidades; convem aformosear o quadro, encarnar o esqueleto, dando-lhe forma agradavel e mais util.

Neste sentido dizia um grande pensador: A lei suprema da educação é que se cumpra nas condicções da naturesa dos seres, na harmonia de suas faculdades. [1] Mas ninguem certamente dirá que a nossa instrucção (pelo menos a primara) está na altura da dignidade do homem, que satisfaz as mais sublimes e vitaes aspirações d'alma. E cada anno, que se escôa na ampulheta dos tempos, nos vai mostrando a vital necessidade da reforma no ensino elementar.

Áquelles que nos objectarem contra a extensão de nosso plano de estudos, apresentado neste livro, pretendendo ser elle superior as forças infantis, responderemos com os factos. Pelo menos em uma aula que dirigimos no *Collegio da Immaculada Conceição*, o temos percorrido vantajosamente.

Todo segredo está no methodo do professor, na constancia, na paciencia das repetições, na insistencia de perguntas e explicações, no trabalho de todos os dias sinão de quasi todas as horas, ou como sabiamente se dizia na Inglaterra. *Multus labor, multa in labore methodus, multa in methodo constantia.*

---

[1] Morard. Dicc. sob. educ.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV.

LIGA DOS PROFESSORES—ESCHOLA NORMAL—MEDIDAS A TOMAREM-SE—FUTURO ENGRANDECIMENTO DO ENSINO.—

Chegando a estes enunciados não podemos resistir ao desejo de expender algumas ideias sobre o futuro melhoramento da educação na provincia.

Um dia levantarão-se legisladores provinciaes seriamente desejosos de nobilitar o ensino publico, tomarão algumas medidas e chegarão mesmo a desterrar a ferula, questão magna da nossa epocha, mas nisto temos adormecido até hoje! Não basta, porem, destruir as praticas antigas, convem crear as nascentes: queimada a ferula é preciso promoverem-se meios de estimulo, amoldar o professorado a nova face de ensino; do contrario as medidas se não [1] empeorão as cousas pelo menos não as melhorão. A nosso ver temos duas grandes creações a fazer, para o engrandecimento do ensino: a liga dos professores e modesto começo de eschola normal. Seja a liga dos professores, ou associação (como quizerem chamar) a reunião onde se estreitem, em pensar harmonico, os educadores, apresentem as difficuldades encontradas no ensino, tentativas feitas para resolvel-as, resultados obtidos, etc.

Por uma vez convencamo-nos que todas as reformas não baseadas nestes dados sempre hão de produzir effeitos negativos. E' verdade que os methodos e resultados obtidos por nações mais cultas muito nos devem servir, mas todas essas theorias é mister sejão modificadas conforme as nossas necessidades, indole e costumes. [1] E' preciso combinar a experiencia propria com as de outros em um todo harmonico.

Mas todas essas refusões e possiveis amoldações não se podem fazer sinão sob as condições que apresentamos.

Porem alimentamos serias convicções que combinadas essas ideias que por ahi correm esparsas, essas experiencias de tantos

---

1 A theoria que aconselha o modelarem-se as instituições de conformidade a naturesa e indole das nações não é utopia, como teem crido alguns. Eis uma verdade que nos deve merecer attenção seria.

A raça latina e a saxonia v. g. manifestão differenças moraes tão pronunciadas que reclamão formas caracteristicas nas instituições. Somente o Evangelho é o molde eterno, geral e immutavel para todas as raças, regiões e tempos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

professores encanecidos no magisterio, serião de grande alcance; e se os legisladores provinciaes jogassem com esses dados, para os regulamentos de instrucção darião agigantado passo.

Venha pois a liga dos professores.

O outro melhoramento que tão bem ardentemente desejamos é a creação de modesto ensaio da eschola normal.

Os paizes mais adiantados, as experiencias mais rigorosas teem hoje dado grande importancia a este genero de instituição.

Na *União Americana* esta verdade, formulada em resumida proposição, vai quasi attingindo a força de maxima, sob o principio:

FUNDAR POR TODA PARTE ESCHOLAS NORMAES. [1]

A rasão disto é que como judiciosamente observa. M. Hen Rock — os melhores systemas de ensino, os methodos mais engenhosos, os programmas de estudo mais completos, por mais bellos que sejão em theoria, por mais regulares que pareção no ponto de vista philosophico, não produzem effeito algum, se o estado não tem professores intelligentes e capazes de os pôr em pratica. «O PROFESSOR É O FACTO CAPITAL, EM TORNO DO QUAL SE GRUPÃO TODOS OS OUTROS FACTOS. A sua tarefa não consiste sómente em fazer applicação dos meios concebidos por outros; deve pensar por si mesmo e fazer idéa justa do assumpto em que trabalha.» Entretanto é claro que para a formação de um professorado n'estas condições não bastão sómente os esforços pessoaes; faz-se indispensavel um auxilio mais potente, que sómente encontra-se nas escholas normaes.

Parece-nos que não seria mui difficil creal-a: eis ahi mui distinctos professores no Lyceo. E alguns substitutos não poderião ser utilmente occupados n'este sentido? Seja como fôr, o certo é que convem nos persuada-mos seriamente que a educação da mocidade é grande magisterio, senão sacerdocio; *que é obra profunda, multipla, laboriosa e difficilima.* [2]

Descer a esses corações infantis, a essas consciencias balbuciantes, apanhar-lhes os primeiros pensamentos, verdadeiros hyerogliphos, onde não basta muitas vezes a sagacidade de Champol-

1 Hippeau Relatorio sobre o Inst. Pub. nos Est. Un.
2 Dupanl. A Educação.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

lions, é tarefa que exige não somente bom tino como tambem capacidade intellectual, litteraria [1] e mais que tudo SCIENCIA PRATICA.

Se nos permittem franqueza diremos que o professor primario deve ser um sabio, mas como isto é difficil, ao menos tenha um pouco de tudo, se assim nos podemos expressar, porem que indispensavelmente disponha de solidos conhecimentos de moral, psychologia, historia e METHODO DE ENSINO, o que alguns menos escrupulosos vão chamando *pedagogia*. Mas para obterem-se estes conhecimentos urge a creação da eschola normal, onde a sciencia combinando-se com a experiencia mostrem ao aspirante ao professorado o que é a alma, suas necessidades e meios de nobilital-a. E' ahi, na eschola normal, que apresentarão os methodos seguidos nos paizes mais adiantados, resultados obtidos e modificações a fazerem-se, para serem fructuosamente recebidos entre nós.

E o governo que não raras vezes tem sido prodigo em obras de luxo, sinão superfluas, quando nos falta o necessario, bem poderia escolher um ou dois professores primarios, reconhecidos habilitados e mandal-os, *em toda a simplicidade*, por alguns mezes estudar os melhores methodos de ensino seguidos nos paizes adiantados.

Pedimos este favor para o ensino primario por ser elle o do maior numero, e onde exactamente mais aggravada se mostra a ulcera.

Todos clamamos contra o actual estado do ensino primario, e quasi sempre é o professor o responsavel. O que ha de fazer o pobre professor?! Que elementos tem elle? onde vive? d'onde sahio? Não foi dessa mesma eschola que sempre tem andado sem auxilios?

Não foi desta mesma eschola que sahio o joven professor sem experiencia nem theoria de ensino, e o mandarão tomar conta de uma cadeira? Concluamos: A LIGA DOS PROFESSORES; A ESCHOLA NORMAL, eis, a nosso ver as principaes e mais urgentes medidas a tomarem-se.

Para facilitar a aquisição de alguns bons livros, que julgamos

---

1 Dupanl. Alta Educação T. 2.º C. 4.º

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

indispensaveis áquelles que se dedicão a difficil missão do ensino tomamos a deliberação de fazer este pequeno cathalogo.

Historia sagrada.—A Historia Biblica, publicada pelo Exm. e Rvdm.º Sr. Bispo do Pará.

Educação.—A Educação e Alta Educação por Dupanloup. E' magistral esta obra e nada deixa a desejar.

Para licção de cousas.—Cours d'une élève de Saint-Denis.

Historia natural.—Historia natural Popular—editada no Rio.

Religião.—Curso de Religião por um Sulpiciano.

Episodios.—O Poder da Vontade.

Historia Patria.—Compendios do Sr. Dr. Macedo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

LEITURAS VARIAS.

Louvores do saber.

(RAPHAEL BLUTEAU).

Sendo a liberdade um tão grande bem, como todos sabem, quem com maior felicidade póde lograr este bem que o sabio? Elle, quando prêso e encarcerado, póde fazer da sua prisão domicilio transparente e diaphano, pelo qual transpire seu espirito, e com engenhosas lucubrações saia a illustrar o mundo.

Por qualquer parte que a fortuna ou a desgraça leve o sabio, no seu saber vai o que propriamente é seo, e n'este bem leva os maiores bens do mundo, saude, liberdade, riquezas e honras.

Expugnada a cidade de Pirene, os proprios moradores lhe deram sacco. Sahiram todos como homens de ganhar, carregados com o que poderam levar ás costas. Entre todos elles sahio Bias, se não mais rico, mais nobre, porque mais ligeiro; e tambem mais rico, porque sem se fazer, como elles, animal de carga, levava elle só mais que todos. Saber o mundo (diz o póeta Marilio) é possuil-o, porque é comprehender com o entendimento, e conservar no thesouro da memoria, tudo o que n'elle dispõe e obra a natureza.

Essa é a maior das riquezas, porque não ha comparação do senhorio de uma terra, nem do dominio de uma provincia ou reino, com o conhecimento da terra toda pela geographia, de todos os mares pela hydrographia, de todos os astros pela astronomia, e geralmente do universo todo pela cosmographia.

E senão, digam-n'o aquelles grandes principes e monarchas, que, n'uma das declamações de Quintiliano, vendo-se pobres e despidos das faculdades, erudita opulencia dos sabios, confessam que, na maior abundancia dos bens que possuem, lhes falta o melhor. No areopago de Athenas foi Democrito condemnado como perdulario e estragador do seu patrimonio; mas constando que gastára sua fazenda em aprender sciencias e conhecer a econo-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

mia do mundo, foi absolvido e louvado, por haver adquirido a pouco custo tão precioso erario.

Finalmente, com a sabedoria possue o sabio um bem que merece todo genero de honras. Se a interpretação d'um sonho lhe valeu a José o vice-reinado do Egypto, que honras não mereceram tantos sabios, que com suas obras illustrarão a patria e ensinarão o mundo? No templo de Jupiter Olympio collocarão os Athenienses a estatua de Ipocrates, um dos maiores oradores da Grecia; de Phidias, Policleto, Praxiteles, esculptores insignes, que forão adorados, com os simulacros dos deuzes que de suas mãos sahirão. De Cicero, ainda que seu adversario, dizia—Cezar que elle merecia maiores glorias que as do triumpho, por ser muito maior obra o haver dilatado a esphera do engenho humano, que ampliar os confins do romano imperio. Por esta razão dizia S. Agostinho, que fôra mais justo levantar a Platão um templo, do que aos deuzes da gentilidade. Os Egypcios, que aos inventores de algumas artes attribuirão titulos divinos, chegaram a adorar animaes, que com seu instincto natural lhes ensinarão algumas artes.

Não ha ainda muitos annos que á Francisco Petrarca foi dada no capitolio uma corôa de ouro.

Esta estimação de sabedoria, a propria natureza a ensinou, pondo a cabeça, que é de todas as sciencias o throno, na parte mais alta do corpo, porque as mitras, corôas, tiaras, e outros semelhantes ornatos, se determinão para a cabeça, escola viva, e mestra perpetua de tudo o que se sabe no mundo.

Idea de Deos.

(A. GONÇALVES DIAS.)

I.

A voz de Jehovah infindos mundos
Se formarão do nada;
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,
E a noite foi creada.

Lusio no espaço a lua! sobre a terra
Rouqueja o mar raivoso,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E as espheras nos céos erguerão hymnos
Ao Deos prodigioso.

Hymno de amor á creação, que sôa
Eternal, incessante,
Da noite no remanso, no ruido
Do dia scintillante!

A morte, as afflições, o espaço, o tempo,
O que é para o Senhor?
Eterno, immenso, que lh'importa a sanha
Do tempo roedor?

Como um raio de luz percorre o espaço
E tudo nota e vê—
O argueiro, os mundos, o universo, o justo;
E o homem que não crê.

E elle que póde aniquillar os mundos,
Tão forte como elle é,
E vê e passa, e não castiga o crime
Nem o impio sem fé!

Porem quando corrupto um povo inteiro
O Nome seu maldiz.
Quando só vive de vingança e roubos,
Julgando-se feliz;

Quando o impio commanda, quando o justo
Soffre as penas do mal,
E as virgens sem pudor, e as mães sem honra,
E a justiça venal:

Ai da perversa, da nação maldicta,
Cheia de ingratidão,
Que ha de ella mesma sujeitar seu collo
A justa punição.

Ou já terrivel peste expande as azas,
Bem lenta a esvoaçar;
Vai de uns a outros, dos festins convivas,
Hospede em todo o lar!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ou já turvo rugir da guerra accesa
Espalha a confusão;
E a esposa, e a filha, de terror opprésso,
Nada sente o coração.

E o pae, e o esposo, no morrer cruento,
Vomita o fél raivoso;
Milhões de insectos vis que um pé gigante
Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce
Esperançoso e crente,
Como do pôdre e carunchoso tronco
Hastea forte e virente.

II

Oh! como é grande o Senhor Deus, que os mundos
Equilibra nos ares;
Que vai do abysmo aos céos, que susta as iras
Do pelago fremente,

A cujo sopro a machina estrellada
Vacilla nos seus eixos,
A cujo aceno os cherubins se movem
Humildes, respeitosos,

Cujo poder, que é sem igual, excede
A hyperbole arrojada,
Oh! como é grande o Senhor Deus dos mundos,
O Senhor dos prodigios.

III

Elle mandou que o sol fosse principio,
E razão de existencia,
Que fosse a luz dos homens—olho eterno
Da sua providencia.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,
Refizesse o vigor
Da terra hiante do animal cançado
Em praino abrasador.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Mandou que abrisa susurasse amiga,
Roubando aroma á flôr;
Que os rochedos tivessem longa vida,
E os homens grato amor.

Oh! como é grande e bom o Deus que manda
Um sonho ao desgraçado,
Que vive agro viver entre mizerias,
De ferro rodeado;

O Deus que manda ao infeliz que espere
Na sua providencia;
Que o justo durma, descançado e forte
Na sua consciencia!

Que o assassino de continuo vele,
Que trema de morrer;
Em quanto lá nos céos, o que foi morto
Desfructa outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deus, que rege
A machina estrellada,
Que ao triste dá prazer, descanço e vida
Á mente atribulada.

Amor da patria.

(SILVIO PELLICO).

Todos os affectos que unem os homens entre si e os levão a virtude são nobres. O cynico que possue tantos sophismas contra todos os affectos generosos, costuma exaltar a philantropia para deprimir o amor da patria.

Diz elle: «Minha patria é o mundo: o cantinho em que nasci não tem direito a minha predilecção, porque não tem mais do que muitos outros paizes em que podemos estar igualmente bem, se não melhor; é o amor da patria uma especie de egoismo inventado por uma sociedade para lhe servir de motivo de aborrecer o resto da humanidade.»

Meu amigo, não te deixes arrastar de tão vil philosophia; é seu caracter abater o homem, negar-lhe todas as virtudes, chamar il-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

lusão, tontice a maldade de tudo o que o ennobrece. Amontoar pomposas palavsos com intenção de vituperar toda a generosa tendencia, e elemento do bem social, é arte facil mas desprezivel.

O cynismo retem o homem no lodo; e a verdadeira philosophia aspira a tiral-o delle: é religiosa e honra o amor da patria.

Podemos em verdade dizer tambem do mundo inteiro que elle é nossa patria. São todos os povos parte de uma grande familia, que por sua amplidão não ser regida por um só goyerno, bem que só a Deus tenha por Soberano Senhor. Reputar as creaturas da nossa especie como uma familia, é louvavel modo de pensar que produz em nós benevolencia da humanidade em geral; não distroe porém isto outros intentos de igual justiça.

Facto é tambem que se divide a humanidade em povos, e povo é uma reunião de homens ligados pela mesma religião, leis, costumes, por commum linguagem, origem, gloria, desgraças e esperanças, senão por todos estes elementos, ao menos pela maior parte, em particular sympathia.

Dar o nome de egoismo a esta sympathia, e a conformidade de interesses que liga os membros de um povo, seria o mesmo que se pretendesse a mania de dizer mal e vetuperar, envilecer o amor paternal e filial, pintando-os como conjuração entre cada pai e seus filhos.

Lembremo-nos sempre que tem a verdade muitas faces, que dos affectos virtuosos não ha um que não devamos cultivar. Mas seria por ventura nocivo o que se tornasse exclusivo?

Não o seja, e não será o prejudicial. Bôa cousa é o amor da humanidade, não deve porém destruir o do paiz natalicio; este é bom, mas não deve aniquilar aquelle.

Opprobrio á alma vil que não applaude a multiplicidade de aspectos e motivos que pode ter entre os homens o sagrado instincto de se fraternisarem, de estabelecer mutuo commercio de honras, adjutorios e cortezia.

Demos que se encontrem em outra parte do globo dous viajantes europêos, nascido um na Turquia e outro em Londres, constitue esta communnão de nome um certo vinculo de amor, um certo laço, quasi que direi de patriotismo, e d'aqui uma louvavel instigação a prestarem-se mutuos obsequios.

Ahi tendes por outro lado algumas pessoas que lhes custa a entenderem-se, porque não fallão habitualmente a mesma lingua, não vos persuadireis que podesse haver entre ellas patriotismo; estais enganado; são Suissos, este de Cantão Italiano, aquelle de Francez, este outro Allemão. A identidade de lugar politico que os prote-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ge, supre a falta de lingua commum, e é entre elles laço de affecto que os faz contribuir com generosos sacrificios para o bem de uma patria que não é uma nação.

Vêde na Italia ou na Allemanha outro espectaculo: ahi tendes homens que vivem sujeitos a leis differentes, e que por isso são provas diversas, forçados as vezes a guerrear uns contra outros, mas fallão, ou ao menos escrevem, a mesma lingua; honrão os mesmos avós: glorião-se da mesma litteratura, tem conformidade de gostos, reciproca necessidade de indulgencia, amisade e consolação. Estes motivos fazem elles sejão mais benevolos entre si, e os dispõem a disputarem obsequios. É sempre o amor da patria um affecto nobre, ou elle se applique a grande ou pequeno paiz.

Não ha porção de povo que não tenha a sua gloria propria. Principes que não hajão dado poder relativo, mais ou menos consideravel; factos historicos memoraveis; bôas instituições, importantes cidades; homens illustres em armas, talentos em politica, nas artes ou sciencias.

Tem tambem cada qual razão para amar com predilecção a provincia, cidade ou aldêa em que nasceo.

Evitemos, porém, que não seja o amor da patria em seu mais amplo circulo, como em seus acanhados limites, vão orgulho de havermos nascido muito antes que n'aquelle paiz; e que não degenere em odio figadal contra as outras cidades, provincias ou nações. O patriotismo illiberal, invejoso e altivo longe de ser virtude é vicio.

O verdadeiro patriota.

Para amar a patria com affecto verdadeiramente elevado, devemos dar-lhes em nós cidadãos de que ella se não envergonhe e de que pelo contrario se possa honrar.

Fazer irrisão da Religião e dos bons costumes e amar dignamente a patria, são cousas incompativeis.

Se qualquer offender os altares, a a santidade do vinculo conjugal, a decencia e probidade, e vier depois clamar: Patria: Patria! Não lhe deis credito: porque é um hypocrita em patriotismo e muito máo cidadão.

Só é bom patriota o homem virtuoso, aquelle que conhece, ama e pratica todos os seus deveres.

Nunca este se confunde com o adulador dos poderosos, nem

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

com o inimigo jurado de toda a autoridade: ser servil e irreverente são dous excessos iguaes.

Se occupar emprego civil ou militar do governo, não será o seu fim enriquecer, mas sim para a honra e prosperidade do principe e do povo.

Se fôr simples particular, a honra e prosperidade do principe e do povo serão igualmente objecto de seus fervorosos desejos, nada fará que lhes seja contrario: antes para ella concorrerá quanto lhe fôr possivel.

Elle saberá que ha abusos em todas as sociedades e desejará vel-os emendados, mas terá horror aos que os querem emendar com rapinas e sanguentas vinganças, por serem estes os mais terriveis e funestos abusos.

Não invocará, nem suscitará discordias civis, será pelo contrario quanto poder com seu exemplo e discursos moderadôr de espiritos exagerados, eloquente advogado da indulgencia e paz. Só deixárão de ser cordeiro quando a patria em perigo houver necessidade de ser deffendida. Então será lião, combaterá, triumphará ou morrerá.

O Brazil.

(A. Marques Rodrigues).

Os templos soberbos da Grecia famosa,
E os arcos de Roma, de Roma orgulhosa,
Não cobrem, não ornam meu patrio Brazil:
Estatuas não temos, primores das artes,
Mas temos os bosques por todas as partes,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Os rios gigantes, as limpidas fontes,
As flores, os fructos, os prados, os montes,
Esmaltam protegem meu patrio Brazil,
E o canto das aves na selva escutamos,
E o sol não tememos, e a sombra buscamos
Nas verdes palmeiras viçosas a mil.

As Venus, as Graças, os loucos Amores,
Celestes no marmor, na forma, nas cores

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Não temos, não temos no patrio Brazil;
Mas temos as virgens d'olhar expressivo,
De rosto moreno, caracter altivo,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

E virgens e homens e bosques e mares
E tudo que vive na terra e nos ares,
É bello, é sublime no patrio Brazil.
Azul é o céo, as flôrestas formozas,
Valentes os homens, as virgens mimosas,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Contra a preguiça.

(Raphael Bluteau,)

Na preguiça, que (segundo Cicero) é um vil receio do trabalho que acompanha o obrar, tem o commum dos homens outro impedimento para a cultura das sciencias. Todo o curioso tomara ser na poesia um Homéro, na oratoria um Cicero, na astronomia um Ptolomeo, um Euclides na geometria, na philosophia um Aristoteles, um S. Thomaz na theologia; mas tanto que se reflecte no trabalho com que se vencem as faldas do Parnaso: tanto que se lhe representa a difficuldade de penetrar nos gabinetes da eloquencia; tanto que se põe a considerar na ambiguidade das observações astronomicas, na impertinencia dos principios geometricos, nos labyrintos da philosophia, nos pinaculos da theologia, já se não quer ser, nem orador, nem astronomo, nem philosopho, n'em geometra, nem theologo; mas antes se quizera entrar no catalogo dos brutos, do que ter logar no catalogo dos sabios, com laboriosa applicação e desvelo. Mas não é potavel o ouro da sciencia; e ainda que o fôra sempre havia de amargar a bôca, e só depois de embebido nas entranhas se havia de lograr sua preciosa doçura.

Dizia Socrates, que as raizes da virtude são amargas, e os fructos suaves; symbolo natural d'esta verdade é a herva *loto* amargosa nas raizes e doce nos fructos; se nas arvores da sciencia as raizes teem fel, os fructos são nectar. Não se devem estranhar principios escabrosos a que se seguem deliciosos progressos.

Os principios de todas as artes teem tropeços, mas continuados

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

produzem habitos que facilitam os actos, recreiam as potencias e alegram o artifice.

Muito custam aos solfistas as primeiras inflexões da voz; mas com a continuação lhe faz sua garganta viva.

Officina de harmonicos primores. Nas primeiras viagens, com a mão tremula governa o piloto ao leme; mas depois de pratico na arte nautica acommette confiado o fluctuante abysmo.

Epigramma.

CONTRA OS NEGLIGENTES.

A nóz, o burro, o sino, e o preguiçoso
Sem pancadas nenhum faz seu officio:
Esta é fechada, aquelle vagaroso,
Um cala, o outro jaz sem exercicio;
Mas tanto que do ferro ou páo nodoso,
Os duros golpes lhe sacode o vicio,
O fructo abre, o animal pés amiúda,
O metal clama, o preguiçoso estuda.

Culto á Virgem Santissima.

(A. HERCULANO).

O protestantismo foi só feito para os ditosos e abastados da terra!

Vêde aquella casinha tão humilde e só, no meio de um descampado. Lá, sobre camilha dura e rota delira em accesso febril um filho, unico amparo da mãe idosa, que véla chorando ao pé delle. Na sua solidão e miseria nenhuns soccorros humanos póde esperar a pobre velha, cujas mãos tremulas em vão tentam conchegar as roupas que o febricitante arroja, murmurando afflicto com o ardor que o devora. Uma lampada de ferro, que allumia frouxa o aposento, arde no canto opposto diante d'uma grosseira e affumada imagem, da Virgem.

A triste mãe volve para lá os olhos embaciados da idade e das lagrimas, e sente que não se acha inteiramente abandonada. Alli está outra mãe que tambem derramou pranto por um filho; pranto mil e mil vezes mais amargoso que o seu. Ella hade compre-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

hender-lhe a afflicção e valer-lhe; porque é bôa, e poderosa ante Deus.

Ei-la, a pobre velha, que trôpega se arrasta e ajoelha aos pés da imagem, e cruza as mãos enrugadas, e ora—ora com fé viva. Na procella de terrores que a cercam começa a bruxulear uma lúz de esperança.

Espera, porque crê na possibilidade da intercessão e dos milagres; e anima-se, e a tempestade da sua alma asserena-se, e a dôr mitiga-se, porque no meio das lagrimas e das resas ella pensa lá comsigo que aquella imagem trouxe já muitas consolações a seus paes, a ella mesma, e a toda fámilia, e que a Virgem Santissima ha de accudir ao seu filho, que desde de pequenino gostava de ir apanhar as flores campestres para enfeitar a Senhora, e que tantas vezes á noite antes de se deitar fa pôr-se de joêlhos alli onde ella estava, e resar uma salve-rainha.

E quantas vezes, depois destas orações ardentes, volve Deus olhos compassivos para a morada da miseria e da amargura, e obra, não um milagre inutil, mas o beneficio que faria qualquer medico, se na habitação solitaria houvesse á possibilidade de buscar os soccorros da sciencia humana!

Dirá o protestantismo que isto é idolatria? Que!—ignora acaso o mais grosseiro catholico que acima dessa imagem está o espirito puro que ella representa e que acima desse espirito está Deus?—O catholicismo no seu culto das imagens, nas suas festas, nas suas visualidades, como vós lhes chamais, commetteu o *grave erro* de suppôr que a maioria do genero humano não era composta de philosophos, nem capaz de um espiritualismo absoluto; de abstrahir inteiramente das cousas sensiveis para remontar ao céu.

O catholicismo lembrou-se das doutrinas de Christo; accommodou-se á curta comprehensão dos pequenos e humildes. Vós tendes um evangelho mais fidalgo e altivo. O protestantismo convem por isso ao Reino unido, onde os quatrocentos mil senhores do solo são tudo, e são nada quinze ou vinte milhões de servos de gleba e de mendigos.

Napoleão.

(D. J. G. DE MAGALHÃES).

Eis aqui o lugar, onde eclipsou-se
O meteóro fatal ás regias frontes!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E n'essa hora, em que a gloria se obumbrava,
Além o sol em trevas se envolvia!
Rubro estava o horizonte, e a terra rubra!
Dous astros ao occaso caminhavam;
Tocado no [illegible] zenith haviam ambos:
Ambos iguaes no [illegible]alho, ambos na quéda,
Tão grandes, como em horas de triumpho!

Waterloo!... Waterloo!... Lição sublime
Este nome revela á humanidade!
Um oceano de [illegible]ogo, e fumo
Aqui varrêo o Exercito invencivel,
Como a explosão outr'ora do Vesuvio
Até seus tectos inundou Pompeia.

O pastor que apascenta seu rebanho,
O corvo, que sanguineo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoaçando,
O echo da floresta, e o peregrino,
Que indagador visita estes lugares:
Waterloo!... Waterloo!... dizendo, passam.

Aqui morreram de Marengo os Bravos!
Entretanto esse heroe de mil batalhas,
Que o destino dos Reis nas mãos continha,
Esse Heroe, que co' a ponta de seu gladio
No mappa das Nacções traçava as raias,
Entre seus Marechaes ordens dictava!
O halito enflammado de seu peito,
Suffocava as phalanges inimigas,
E a coragem nas suas accendia.

Sim, aqui, stava o Genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos de aguia!
O infernal retimtim do embate d'armas,
Os trovões dos canhões, que rebombavam,
O sibilo das balas, que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! — Abobadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quaes submissos leões, e nem ousando
Toca-lo, ao seu ginete os pés lambiam.

Retrato do padre Vieira.

(ANDRÉ DE BARROS.)

Foi o padre Antonio Vieira de não pequena estatura, como si até no corporal quizesse formar a grandeza mais que ordinaria habitação áquelle grande espirito. Corpo comprido e magestoso; nariz aquilino; bocca proporcionada; muita barba; o cabello na idade vigorosa—preto, todo branco na velhice; a côr morena; os olhos sobremaneira vivos e que parecia scintillarem.

O seu genio era humanissimo, urbano e cortez; o ingenho quasi sem egual; a memoria um real archivo de erudição, tão feliz em tomar como em reter o que lia. A discrição nadava-lhe tão formosa na bocca, como é admirada na penna: na conversação não era um só homem, era muitos homens, e por isto dizemos que era um Vieira, porque é dizer tudo.

Si se fallava em sciencias maiores, era doctissimo, se em lettras humanas, historicas, poeticas, mathematicas, era sublime, e exquisita a sua erudição; ainda nas artes mechanicas, na nautica, na sciencia bellica, nos systemas ou dictames politicos, era assombroso. Si se mettia a conversação em materias mais alegres e divertidas, era tal a viveza e jucundidade, e o enleio em que mettia os corações e os intendimentos, que arrebatava tudo.

Quando esteve no Collegio de Coimbra, e nos dias em que se saia a exercicio para desafôgo do trabalho dos estudos logo, ao sair da porta da cêrca para o campo, se escolhia materia sobre que se havia de fallar.

Trazia sobre ella o padre Vieira historias, contos e dictos tão raros e tão varios, de tão exquisito sal, que os companheiros, sobre não poderem conter a affluencia do riso, julgavão que cousas tão proprias e nascidas para a materia que se propoz, erão extemporaneos partos d'aquelle fecundissimo e agudissimo ingenho; não casos succedidos realmente, mas de repente inventados para allivio dos que com elle caminhavão. Assim foi em tudo admiravel o padre Antonio Vieira, tão exemplar e serio nas virtudes theologicas e moraes, que até na que ensina a moderação ou modo nas recreações, que os Gregos chamavão eutrapelia, foi eminente. Foi ma-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

gnanimo, generoso e forte; de coração sublime e talhado para altas empresas; no adverso constante, no próspero modesto. Foi liberal em gráu heroico, dando logo tudo quanto as pessoas grandes da côrte ou parentes do Brazil lhe mandavão; foi prudente, de profundo juizo, grave, affavel, compassivo; despresador do mundo, de altos espiritos e elevadas idéas.

Emfim, ajunctou n'elle a liberalidade divina prendas e talentos com mão tão larga, que é contado entre aquelles illustres heroes, com que de seculo em seculo, costuma sair a Omnipotencia.

1 a

Aves e outros animaes do Brazil.

(SIMÃO DE VASCONCELLOS).

Todo o universo não parece vio especies, nem mais em numero, nem mais formosas; parecem as mesmas das primitivas eras, antes creadas no mesmo paraiso da terra; tal é a bondade, o numero, e a variedade de sua formosura. Só naquelle primeiro céo terreno podião pintar-se tão finas côres como são as de um *quereivá*, de um *canindé*, de um *guará*, de uma *arara*, de um *papagaio*, quando é verdadeiro, de um *tié*, e outros similhantes, que seria longo enumeral-as.

Um só exemplo não posso deixar de referir, que mostra a fecundidade e variedade das aves destes ares; de um passarinho se contão nove especies, diversas todas, qual mais galante, enfeitada da natureza. Chamão a este passarinho em geral os naturaes da terra *guanhambig*; em particular a uma especie chamão *guaraciaba*, que quer dizer raio do sol; a outras *quoaraciaba*, que quer dizer cabello do sol; e a outras dão outros nomes, segundo o modo da sua formosura, tão varia e aprazivel, que não poderá arremedal-a o mais destro pintor, com as mais finas tintas; rouba o verde do collo do pavão, o amarello do pintasilgo, o louro do papagaio, e o vermelho do guará ou *tié*; porem quebradas todas estas côres, e modificadas com primor.

Chamão-lhe beija-flôr.

É ave mui pequena: quatro d'ellas não fazem o corpo de um só pintasilgo; tem cabeça redonda, bico comprido, vive sómente do orvalho das flores, por cuja falta, sendo tomada viva, morre logo.

Seo vôo é ligeirissimo; quasi não se enxerga no ar, e voando pasce nas flôres.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Maior milagre se affirmou d'ella constantemente, e por tantos autores, dizendo que acabando-se as flôres, acaba ella, da maneira seguinte: prega o biquinho no tronco de uma arvore, e n'ella está immovel como morta, emquanto tornão a brotar as flôres; passado esse tempo, torna a viver e voar.

E este exemplo basta para o intento de rastejar a multidão e variedade das especies das aves d'estes ares e sua formosura.

Fôra cousa curiosa pintar aqui as qualidades de cada uma das especies de animaes d'estes montes e brenhas para serviço, uso, e proveito do homem; porem fôra obra comprida, fóra do meu intento.

Dous livros escreveu Jorge Marcgrave, na *Historia Natural do Brazil*, e não forão bastantes.

Não deixarei de apontar, comtudo, algumas, para recreio dos que lerem.

E entrem no primeiro lugar os moños e bugios.

São estes em numero sem conta por estas brenhas e mattas do Brazil; e tão sobejos, que no sertão são as guerras ordinarias dos indios, os quaes destroem suas plantas, e perturbão suas sementeiras.

Uns são grandes, outros são pequenos; uns com barbas, outros sem ellas; uns pretos, outros pardos, outros que mettem de amarello, differentes em gestos, condições e propriedades; uns alegres, outros melancolicos, outros vagarosos; uns animosos, outros covardes.

De nenhuma cousa tem tanto medo como da agua e do lodo; e se acertão de molhar-se ou inlodar-se, entrão logo em melancolia, e fazem esgares e espantos ridiculos.

Recebem seus hospedes com signaes de festa, e lamentão seus mortos com signaes de sentimento, e com tão grande pranto, que atrôão uma montanha.

Passão a vida alegremente; nas mattas mais interiores fazem seus cantos em certas horas do dia e da noite; no fim d'ella, ao romper da manhã e pelo meio dia, são os mais ordinarios.

Ajuntão-se todos n'um logar, e logo um d'elles o mais pequeno, posto em alto, e os demais em roda, levantão a voz a modo de *antiphona*; e dado o signal, respondem todos, cantando em similhante tom; e continuão o canto até que aquelle que começou torna dar signal que acabem.

São cirurgiões de suas feridas, e sabem cural-as com certas hervas, que mastigão na bôca, e applicão á parte com effeito maravilhoso.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Em se frechando algum d'elles tirão logo com a sua mão a frecha, acodem a herva, e applicão a medicina, como se tiverão razão.

E não é fabula, mas informação certa dos indios do sertão, que quando os frechão, lanção a mão a algum páo sêcco que achão, e atirão com elle, ou com a mesma frecha.

O artificio e engenho com que tração seus modos de viver é tão notavel entre todos os animaes, que parece lhes assiste em suas acções algum alento racional.

Será agradavel ouvir as condições de outro animal, particular somente d'esta terra; chamão-lhes os indios *aig*, os portuguezes *preguiça do Brazil*.

É do tamanho de uma raposa, de côr cinzenta, cabeça mui pequena, redonda, sem orelhas, dentes de cordeiro, cabellos compridos, mais curta nos pés que nas mãos, em cada um dos pés tem tres unhas muito longas,

É animal preguiçosissimo; gasta uma hora a passar de um ramo a outro; das folhas d'este se sustenta porque só estes não podem fugir a seu vagar,

Nunca bebe; rarissimamente dá voz; e quando dá, é a modo de gaio pequeno.

Pega devagar, mas o que uma vez alcança, com muita difficuldade o larga.

As aves de minha terra.

(J. Coriolano S. Lima.)

As aves da minha terra,
Quer no sertão, quer na serra,
Sabem fallar!
Esta seu fado carpindo,
Aquella a lyra ferindo
No seu trovar!
Outras aos mattos ensinam
Doces nomes que amofinam
Seus corações;
Esses nomes tão queridos,
Sempre tristes—repetidos
Nas solidões.
Quando vae finando o dia,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E que, escondido, allumia
Ainda o sol,
A pomba no tronco antigo
Carpe saudades do amigo
Ao arrebol!
De outra parte saltitando
De galho em galho cantando
Gentil *soffreu*,
Toca na lyra afinada
Uma canção modulada
Que o amor lhe deu!
E aquelle que além se esconde
La chama (ninguem responde)
«*O Zabelé*»
Tão triste! lá foi-se embora,
E a amada que tanto chóra
Ninguem n'a vê!
E aquelle que alli suspira,
Que soffre, que até delira
N'um secco pau,
Em tom sentido e penoso
La chama o chorado esposo
«*Jan-corta-pau!*»
Tambem â rôla gemendo
O esposo que viu morrendo
Se lastimou!
Seu fim co'o sol comparando
No oceano, diz suspirando
«*Fogo-apagou!*
Da cegueira que o não deixa
O caboré já se queixa
Cantando ao sol,
Repetindo assim o nome
Da doença que o consome:
«*Tersol-tersol!....*»
Tambem da beira do rio
Quando tudo é já sombrio
De um molungú,
A infeliz, a desgraçada,
Clama com voz abafada:
«*Jacurutú!*»
Mas... que soldado tão bello

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Faz com seu peito amarello
A guarda alli ?
É um'ave mui guerreira,
Que pulando na aroeira
Diz: «*Bem-ti-vi !*»
Tambem diz um, todo o dia
Quando o sol põe-se ou radia
E surge alem;
Chamando pela esposinha
Diz a saudosa avesinha,
«*Vem ! vem!*»
Vê-se lá tambem aquella,
Chama-se a tal bacharella
Pêga ou *cancão;*
Ella sorri-se, ella falla,
Assobia, canta estala...
Que compr'ensão !
Eis alli outra—tão bella !
Rompendo qual sentinella,
O denso véo
Da mudez da noite escura,
Quando vendo a creatura,
Grita: «*Téo-téo*»
Dai, porem ao papagaio
Da oratoria o louro, dai-o
Pois n'isto estou:
No dizer no estylo é una,
É das aves na tribuna
«O *Mirabeau !*»
É terra que tem primores
A terra dos meus amores,
Onde nasci !
As aves de lá se fallam,
Cantam, suspiros exhalam
No Piauhy !

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Apologo.

O VENTO, A AGUA E A VERGONHA.

(CONSELHEIRO BASTOS).

O ultimo estado de degradação, a que o homem póde chegar, é o de se não envergonhar de não amar a justiça; de ultrajal-a, e não se lhe dar de saber que a ultraja. Este estado, mais ainda que excepcional, quasi sempre é sem remedio. Quando assim somos rebeldes á natureza, a natureza desampara-nos: e só nos póde reconciliar com ella uma graça do Senhor especialissima. Segundo um antigo apologo, viajando juntos o vento, a agua, e a vergonha, quando trataram de se separar, quizerão ajustar o lugar, onde poderião tornar a ver-se. Disse o vento: eu serei encontrado sempre nas alturas das montanhas. Disse a agua: eu nas entranhas da terra. Emquanto a mim, disse a vergonha, quem me perde uma vez nunca mais me encontra.

Electricidade atmospherica.

Um dos ramos mais vastos e importantes da physica moderna é a electricidade. De dia para dia novos factos, e novas leis se descobrem, todas celebres pelo phenomeno que grupão.

Um grande numero de phenomenos dos mais vulgares explicão-se facilmente por esta parte das sciencias naturaes. Não é só sobre a materia bruta que o fluido electrico opéra maravilhas, é tambem sobre o organismo animal e vegetal; e tão longe se póde querer levar essa influencia, que pela electricidade se explique a maior parte dos phenomenos da vida.

As descobertas da pilha, da douradura galvanica, da galvanoplastia, do guarda-raios, do telegrapho electrico, etc., são outras tantas creações que teem enchido de admiração os nossos contemporaneos. Vê-se quão interessante deve ser o estudo desta parte da physica.

Os fundamentos da electricidade forão conhecidos dos antigos; elles reconhecerão no ambar amarello a propriedade de attrahir os corpos leves, e a isso se limitarão seus conhecimentos n'esta parte. Foi provavelmente pór acaso que se descobrio no alambre a dita propriedade.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

M. de Humboldt conta que encontrou nas margens do Orenoco, crianças pertencentes a uma das tribus mais selvagens, que brincavão esfregando certas sementes seccas até que attrahissem fios de algodão. Vê-se que foi um facto facil de observar, que servio de ponto de partida ao estudo da electricidade.

A descoberta do galvanismo em 1789, fez uma revolução completa nesta parte de physica. São bem conhecidos tanto os trabalhos de Galvani como os de Volta, o creador da pilha.

Não se sabe qual é a causa dos phenomenos electricos; chamou-se-lhe electricidade, estabeleceu-se uma theoria para explicar esses phenomenos.

A theoria da electricidade que hoje se recebe, admitte nos corpos a existencia de um fluido neutro, formado pela reunião de dous fluidos de differentes propriedades; a um chamou-se vitreo, a outro resinoso: ao primeiro tambem chamão positivo, e ao segundo negativo.

Estabeleceu-se mais que os fluidos do mesmo nome se repellem, e os de differente nome se attrahem. Fallamos destes principios para melhor intelligencia deste artigo. O ar atmospherico tem sempre uma certa quantidade de electricidade, mesmo durante o tempo mais sereno.

Foi no principio do seculo passado que se começou a suspeitar a existencia da electricidade atmospherica. Em 1746 depois da descoberta da garrafa de Leyde, Nollet emittio a opinião de que podia haver alguma analogia entre a electricidade e o raio. Foi porem Franklin quem proclamou e provou a existencia da electricidade atmospherica. Diversas são as opiniões que ha sobre a verdadeira origem da electricidade, que existe normalmente na atmosphera. Alguns physicos, como Kaentz, a attribuem ao roçar de umas camadas d'ar sobre outras.

Segundo Becquerel, a unica causa é a desigual destribuição do calor na terra e na atmosphera. Outros physicos dão grande importancia á evaporação da agua, que tem lugar continuamente á superficie da terra, e á combustão do carvão. E' provavel que estas differentes causas concorrão para a reproducção da electricidade atmospherica, sendo quasi certo que o attrito representa um papel importante.

Quando cáe um aguaceiro, os apparelhos que servem para se reconhecer a presença da electricidade (eletroscopios), e os que medem sua intensidade (electrometros), dão logo signal de augmento na quantidade de fluido, o qual é certamente devido ao attrito, que a chuva produz atravessando o ar, com certa velocidade.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

- A quantidade de electricidade existente na atmosphera é susceptivel de variar com differentes circumstancias.

A temperatura, a força e direcção do vento, o estado hygrometrico do ar, e a latitude são as principaes circumstancias que a fazem variar.

Proximo do equador são as trovoadas mais frequentes e vão diminuindo para os polos. Nas diversas horas do dia igualmente se observão differenças; assim ao nascer do sol existe em pequena quantidade e augmenta á proporção que o sol se eleva sobre o horisonte, apresentando um maximum as 6 ou 7 horas da manhã no verão, e as 10 ou 12 no inverno. A maneira do calor apresenta a electricidade dois maximos e dois minimos. Tendo chegado ao primeiro maximum vai diminuindo para apresentar um minimo, duas horas antes de pôr o sol, novamente cresce, apresentando um segundo maximum duas horas depois do por do sol. Desde então diminue até a manhã seguinte. Dos principios que já estabelecemos resulta que quando uma nuvem carregada de certa electricidade se aproxima d'outra ou de um corpo qualquer carregado de electricidade differente poderão as duas electricidades combinar-se repentinamente, e produzir o relampago ou uma grande faisca electrica.

Tem-se duvida da causa dos relampagos que se observão tantas vezes nas tardes de grande calor, com um céo sereno e sem nuvens. Muitas vezes esses relampagos são devidos ao reverbero que sobre as camadas atmospherica mais ou menos elevadas produzem relampagos ordinarios, devido a uma tempestade que se faz n'um ponto longinquo.

Sabe-se que o som caminha apenas 340 metros por segundo, em quanto que, a electricidade tem uma velocidade superior a da luz a qual é de 77 mil leguas por segundo; portanto o intervallo que ha entre o relampago e o trovão, póde dar-nos idea da distancia da tempestade, pois será de tantas vezes 340 metros quantos forem os segundos, que se poderem contar entre o apparecimento da luz e do som.

O *Raio* é a descarga electrica que se faz entre a nuvem e o solo. A nuvem approximando-se decompõe o fluido neutro do solo, attrahindo o do nome contrario ao que ella tem, isto é, se a electricidade da nuvem fôr positiva attrahe o fluido negativo do solo, se os dois poderem combinar-se, ha faisca, e diz-se que cahio raio. De ordinario o raio sobe, isto é, vae debaixo para cima: outras vezes desce; em qualquer dos casos os corpos intermedios são fulminados.

Effeitos do raio.—Mata os animaes, outras vezes só os derruba

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ou queima. Inflamma as materias combustiveis, funde os metaes, e muitas substancias como o quartzo, areia, etc. Despedaça os corpos máos conductores de electricidade, v. g. as pedras, madeiras, etc. Magnetiza os ferros, inverte os polos das agulhas das bussolas.

É opinião popular que o estrondo das explosões dissipa as nuvens; esta crença, que anda arreigada entre o povo, nasceu da observação de algum navegante, e mesmo de homens de guerra, que julgarão terem sido afugentadas tempestades eminentes com a detonação das armas de fogo.

Em diversas localidades teem conservado o uso de atirar tiros e mesmo lançar fogo ás caixas onde ha polvora, e misturar detonações, nas occasiões da trovoada, mas nada disto é provado.

Em 1711 a esquadra de Dugay-Trouin, composta de 6 náos e 4 fragatas, empregou todo o dia 11 a forçar a entrada da barra do Rio de Janeiro, bem defendida por grossa artilharia.

De 12 a 20 jogou permanentemente a artilharia e fuzilaria; muitas minas fizerão explosão, armazens forão incendiados, navios voarão pelos ares; apesar do fogo espantoso que durou muitos dias, uma violenta tempestade teve lugar com muitos relampagos e trovões no ultimo dia. Podemos pois dizer que a questão se não acha definitivamente julgada.

Outra opinião que vigorou muitos seculos foi da utilidade de tocarem os sinos durante as tormentas, ou fosse com o fim religioso, ou com a idéa de agitar o ar. Mais tarde nasceu a idéa opposta. Vendo que o numero de igrejas fulminadas era consideravel, disse-se que a causa era o costume de tocar sinos durante as tempestades. Foi ainda Mr. Arago quem esclareceu este ponto, estabelecendo que no estado actual dos nossos conhecimentos não se podia avançar que o toque dos sinos tivesse influencia alguma favoravel ou desfavoravel, só o que havia era o perigo para os sineiros.

Os unicos meios efficazes a oppôr ao raio são os para-raios. O para-raio foi imaginado por Franklin, funda-se no que este sabio chamou poder das pontas, que consiste em a electricidade ter a sua maxima tenção nas partes aguçadas; ou sejão pontas ou arestas vivas, e por isso por ahi se esgota facilmente o fluido electrico.

Consta o para-raio de ponta, haste e conductor. A ponta é geralmente de platina, e deve ser desse metal: terminará em ponta aguda. A haste é de ferro e latão, é conica com o apice superior. O conductor é uma barra de ferro, ou mais geralmente um fio de ferro ou de cobre que se prende por uma das extremidades á

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

parte inferior da haste, e inferiormente vem até ao solo, mergulha em terreno humido, num poço que não se esgote ou quando isso é impossivel entra a certa profundidade, e cerca-se de carvões já calcinados, tudo isto afim de que o guarda-raio termine em um corpo bom conductor. É a condicção principal.

Qual será a extensão protegida pelo apparelho protector? É o objecto de duvida, julga-se porém que um guarda raio protege em uma zona circular, cujo raio é o dobro da altura da haste.

O fogo.

O fogo é o desenvolvimento simultaneo do calor e da luz produzido pelos corpos chamados combustiveis. Para o physico não é outra coisa mais do que um grao de temperatura mais elevada do que o calorico sem luz.

Os antigos olhavão o fogo como quarto elemento. Alguns povos adoravão-no como divindade.

A dar-se credito ás mais antigas e unanimes tradicções, houve tempo em que grande parte do genero humano não sabia o que era fogo. Os egypcios, phenicios, persas, gregos e muitas outras nações, confessavão que os seus ante-passados não tinhão originariamente o uso do fogo.

Os habitantes das ilhas Mariannas, descobertas em 1521, não tinhão idéa alguma do fogo; e ficarão extremamente admirados quando virão o descobridor Magalhães accendel-o pela primeira vez.

Olharam o fogo como um animal que adheria a madeira de que se nutria; e os primeiros que demasiadamente se lhe aproximarão, ficando queimados, lançarão o terror nos outros, que não se aventurarão a olhal-o senão de longe, com medo, dizião, de ser mordidos, e feridos pela violenta respiração daquelle terrivel animal.

A natureza porém offerecia aos primeiros homens muitas indicações sobre o fogo, e muitos meios de assegurar esta descoberta.

Sem fallar dos vulcões, em quasi todos os paizes ha fogos naturaes. Muitas vezes elle se origina da fermentação de certas materias reunidas no mesmo lugar, pelo choque de certas pedras, e pela fricção de madeiras.

Muitas vezes o vento tem incendiado canaviaes e bosques. A

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

este facto attribuem os phenicios a descoberta do fogo. Os chinas contão que Sui-gin-schi, antigo soberano, ensinou o modo de accender o fogo roçando dois pedaços de pau, e fazendo-os girar um sobre o outro. Os gregos quasi tinhão a mesma tradicção. Nos selvagens ainda se usa este methodo. Os egypcios dizem que se deve a descoberta do fogo a este phenomeno.

Se por tanto houve um tempo em que os homens estiverão privados do uso do fogo, não foi porque esse elemento se não manifestasse de differentes formas; foi de certo por se ignorar a arte de se servirem delle, transportal-o á vontade e reproduzil-o quando se apagava. Por isso os povos olharam aquelles a quem deveram esta descoberta como os inventores das artes, porque effectivamente não há nação que possa passar sem elle.

Uma das cousas mais admiraveis seria ver o corpo humano tornado incombustivel. Neste respeito deve-se á sciencia curiosas experiencias.

Molhando-se o dedo em ether antes de o mergulhar em chumbo derretido, sente-se uma sensação de frio.

Molhando n'agua póde-se impunemente metter em sebo derretido á mais de trezentos graus. Tambem depois de mergulhar em ether se póde emergir em agua a ferver.

Póde metter-se a mão em qualquer fundição incandescente, tendo-a molhado primeiro em solução de acido sulphuroso contendo uma porção de sal amoniaco.

Um hespanhol, por nome Lionetto fez admirar em 1819 os habitantes de Paris pela sua insensibilidade ao contacto do fogo, pois manejava uma barra de ferro em brasa, revolvia o chumbo em fusão, e bebia azeite a ferver etc.

Em quanto Lionetto esteve em Napoles, o professor Sementini notou que elle punha á cabeça uma barra de ferro em brasa, e que logo se via sahir dos cabellos um espesso vapor; que o mesmo effeito se produzia quando punha a planta do pé sobre o ferro em brasa; e que chegava mesmo e segural-a com os dentes.

Desejoso de descobrir o processo de Lionetto fez em si propria experiencia e achou: Primeiro: que por meio de fricções com os acidos, particularmente com acido sulphurico estendido n'agua, a pelle se torna insensivel á acção do calor do ferro em brasa.

Segundo: que uma solução de pedra hume, evaporada até se tornar esponjosa, ainda é mais proprio a este fim, empregando-a com fricções.

Terceiro: que as partes do corpo assim tornadas insensiveis, e esfregadas depois com sabão, e lavadas, ainda ficarão insensiveis;

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

e que por este meio se podia roçar o ferro em brasa, sem se crestar o pello.

As mesmas preparações na bocca e na lingua produzem igual resultado.

A causa desta insensibilidade está naturalmente na pouca conductibilidade que têm para o calor as substancias intermediarias, ou na evaporação d'estas substancias que determinão o ferro quente e o azeite a ferver; porque todo o solido que passa ao estado liquido, e todo o liquido que passa ao estado do vapor, absorve admiravel quantidade de calorico.

Aos habitantes de Florença e Sienne se devem os modernos fogos de artificio, porque forão os primeiros que prepararão a polvora com outros ingredientes, para divertir de longe os olhos, e que levantarão machinas e decorações proprias a augmentar a belleza destes espectaculos. Principiarão os seus ensaios nas festas de S. João Baptista e da Assumpção, em machinas de madeira que levantarão á altura quasi de 80 metros, ornadas com estatuas, sahindo o fogo dos olhos e boccas destas.

De Florença passou o uso para Roma, onde se fizerão as primeiras illuminações no alto do castello de Santo Angelo.

O uso dos fogos de alegria é da mais alta antiguidade. Era no meio destes fogos que os patriarchas offereciam o seu sacrificio a divindade. Os gregos accendiam em honra de Minerva, Vulcano e Prometheo, numerosas lampadas em acção de graças: á primeira divindade por lhes ter dado o azeite, á segunda por ser fabricador das lampadas, e á terceira por lhes ter ensinado o uso do fogo roubando-o do céo.

Y-Juca Pirama.

(A. GONÇALVES DIAS.)

I.

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos—cobertos de flores,
Alteião-se os tectos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos animos fortes,
Temiveis na guerra, que em densas cohortes,
Assombrão das matas a immensa extensão.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

São rudos, severos, sedentos de gloria,
Já prélios incitão, já cantão victoria,
Já meigos attendem á voz do cantor:
São todos Tymbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá vôa na boca das gentes,
Condão de prodigios, de gloria e terror!

As tribus visinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspirárão dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes accendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sugeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concilio guerreiro
Da tribu senhora, das tribus servis:
Os velhos sentados praticão d'outr'ora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramão-se em torno d'um indio infeliz.

Quem é?—ninguem sabe: seu nome é ignoto,
Sua tribu não diz:—mas d'um povo remoto
Descende por certo—d'um povo gentil;
Assim lá na Grecia ao escravo insulano
Tornavão distincto do vil musulmano
As linhas correctas do nobre perfil.

Por caso de guerra cahio prisioneiro
Nas mãos dos Tymbiras; no extenso terreiro
Assola se o tecto, que o teve em prisão;
Convidão-se as tribus dos seus arredores,
Cuidosos se incumbem do vaso das côres;
Dos varios aprestos da honrosa funcção.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com pennas gentis:
A custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Tymbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vario matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Affeitas ao rito da barbara usança,
O indio já querem captivo acabar:
A coma lhe cortão, os membros lhe tingem,
Brilhante enduápe no corpo lhe cingem,
Sombreia-lhe a fronte gentil kanitar.

II.

Em fundos vasos d'alvacenta argilla
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anceião,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no occaso
Jámais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o collo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Com tudo os olhos de ignobil pranto
Seccos estão;
Mudos os labios não descerrão queixas
Do coração.

Mas um martyrio que encobrir não póde,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te virão,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Rasteira grama, exposta ao sol, á chuva,
Lá murcha e pende:
Somente ao tronco, que devassa os ares,
O raio offende!

Que foi? Tupan mandou que elle cahisse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Alem dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

III.

Em larga roda de noveis guerreiros
Ledo caminha o festival Tymbira,
A quem do sacrificio cabe a honra.
Na fronte o kanitar sacode em ondas,
O enduape na cinta se embalança,
Na dextra mão sopesa a iverapeme,
Orgulhoso e pujante.— Ao menor passo
Collar d'alvo marfim, insignia d'honra,
Que lhe orna o collo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas alli as almas grandes
Dos vencidos Tapuyas, inda chorem
Serem gloria e brasão d'imigos feros.

«Eis-me aqui, diz ao indio prisioneiro;
«Pois que fraco, e sem tribu, e sem familia,
«As nossas matas devassaste ousado,
«Morrerás morte vil da mão de um forte.»
Vem a terreiro o misero contrario;
Do collo á cinta a musurana desce:
«Dize-nos tu quem és, teus feitos canta,
«Ou, se te apraz, defende-te.» Começa
O indio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os animos commove.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV.

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribu tupi.

Da tribu pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribus imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aymorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes—escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Que vinhão traidôres,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu ultimo amigo,
Sem lar, sem abrigo,
Cahio junto a mi!
Com placido rosto,
Sereno e composto,
O acerbo desgosto
Commigo soffri.

Meu pai a meu lado,
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por invios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegámos aqui!

O velho no entanto
Soffrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Cahi prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessocego,
Do pai fraco e cego,
Emquanto não chego,
Qual seja,—dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descançava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta?—Morrer.
Emquanto descreve
E gyro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros não córo
Do pranto que choro,
Se a vida deplóro,
Tambem sei morrer.

V.

Soltai-o!—diz o chefe. Pasma a turba;
Os guerreiros murmurão: mal ouvirão,
Nem poude nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxão-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.
—Tymbira, diz o indio enternecido,
Solto apenas dos nós que seguravão:
Es um guerreiro illustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te commoveste,
Nem soffres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não scintilla,
Chore a morte do filho o pai cançado,
Que somente por seu na voz conhece.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

—Es livre; parte.
—E voltarei.
—Debalde:
—Sim, voltarei, morto meu pai.
—Não voltes!
É bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!
—Acaso tu suppões que me acobardo,
Que receio morrer!
Es livre; parte!
—Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso affronta.

—Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!..., parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precipite; do rosto afogueado
Gelidas bagas de suor corrião:
Talvez que o assaltava um pensamento...
Já não... que na enlutada fantasia,
Um pezar, um martyrio ao mesmo tempo,
Do velho pai a moribunda imagem
Quasi bradar-lhe ouvia:—Ingrato! ingrato!—
Curvado o collo, taciturno e frio,
Espectro d'homem penetrou no bosque!

VI.

—Filho meu, onde estás?
—Ao vosso lado;
Aqui vos trago provisões: tomai-as,
As vossas forças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!
—Tardaste muito!
Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!
—Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me n'estas matas intrincadas,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!
—Que novos males
Nos resta de soffrer? que novas dores,
Que outro fado peor Tupan nos guarda?

—As setas da afflicção já se esgotárão,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.
—Mas tu tremes!
—Talvez do afan da caça...
—Oh filho caro!
Um que mysterioso aqui me falla,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupan que nos afflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!...—
E com mão tremula, incerta
Procura o filho, tacteando as trevas
Da sua noite lugubre e medonha.
Sentindo o acre odôr das frescas tintas,
Uma idéa fatal correu-lhe á mente...
Do filho os membros gelidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro craneo,
Despido então do natural ornato!...
Recúa afflicto e pavido, cobrindo
As mãos ambas os olhos fulminados;
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porem mais clara,
D'aquelle exicio grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo affigurada.
Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar corrêra o filho,
Elle o via, elle o tinha alli presente;
E era de repetir-se a cada instante.
A dôr passada, a previsão futura
E o presente tão negro, alli os tinha;

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Alli no coração se concentrava,
Era n'um ponto só, mas era a morte!

—Tu prisioneiro, tu?
—Vós o dissestes.
—Dos indios?
—Sim.
—De que nação?
—Tymbiras.
—E a musurana funeral rompeste,
Dos falsos mamtôs quebraste a maça...

—Nada fiz... aqui estou.
—Nada!—
Emmudecem;
Curto instante depois prosegue o velho:
—Tu és valente, bem o sei; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!

—Nada fiz, mas souberão da existencia
De um pobre velho, que em mim só vivia...

—E depois?...
—Eis-me aqui.
—Fica essa taba?
—Na direcção do sol, quando transmonta.
—Longe?
—Não muito.
—Tens razão: partamos.
—E quereis ir?...
—Na direcção do occaso.

VII.

«Por amôr de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega,
Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Acção tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortezia
Vi eu jámais praticada
Entre os Tupis—e mais forão
Senhores em gentileza.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

«Eu porém nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos actos;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro;
Seja assim como dizeis,
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrificio
E a musurana ligeira,
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu for só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelão,
Alguem que meus passos guie;
Alguem, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pai se ufane!»

Mas o chefe dos Tymbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com torvo accento:

—Nada farei do que dizes;
É teu filho imbelle e fraco!
Aviltaria o triumpho
Da mais guerreira das tribus
Derramar seu ignobil sangue:
Elle chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Tymbyras,
Só de heróes fazemos pasto.

Do velho Tupy guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como o rugido de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha!

VIII.

«Tu choraste em presença da morte?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente máldicto
De uma tribu de nobres guerreiros,
Implorando crueis forasteiros,
Seres presa de vis Aymorés.

«Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem patria vagando,
Regeitado da morte na guerra,
Regeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres;
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenhão alma inconstante e falaz!
«Não encontres doçura no dia,
Nem as côres da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanço gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

«Que a teus passos a relva se torre,
Murchem prados, a flôr desfalleça,
E o regato que limpido corre,
Mais te accenda o vesano furor;
Suas agoas depressa se tornem,
Ao contacto dos labios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

«Sempre o céo, como um tecto incendido,
Creste e punja teus membros maldictos
E o oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miseravel, faminto, sedento,
Manitôs lhe não fallem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

«Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argilla cuidoso
Arco e frécha e tacape a teus pés!
Sê maldicto, e sósinho na terra;
Pois que a tanta vilesa chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és.»

IX.

Isto dizendo o miserando velho
Aquem Tupan tamanha dôr, tal fado
Já nos confins da vida reservára,
Vai com tremulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando.—Alarma! alarma!—O velho pára;
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouvio já tantas vezes
N'outra quadra melhor:—Alarma! alarma!
—Esse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos trances, as angustias,
Que o frio coração lhe atormentarão
De guerreiro e de pai:—vale, e de sobra.
Elle que em tanta dôr se contivéra,
Tomado pelo subito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exhaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas sôão,
Emmaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, ennovela-se confusa,
E mais revolta em mór furor se accende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravão.

Era elle o Tupi, nem fora justo

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Que a fama dos Tupis—o nome, a gloria,
Aturado labor de tantos annos,
Derradeiro brasão da raça extincta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.
—Basta! já clama o chefe dos Tymbiras,
—Basta, guerreiro illustre! assás lutaste.
—E para o sacrificio é mister forças.—
O guerreiro parou, cahio nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lagrimas de jubilo bradando:
«Este, sim, que é meu filho muito amado!
«E pois que o acho em fim qual sempre o tive
«Corrão livres as lagrimas que choro
«Estas lagrimas, sim, que não deshonrão.»

X.

Um velho Tymbira, coberto de gloria,
Guardou a memoria
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E a noite, nas tabas, se alguem duvidava
Do que elle contava,
Dizia prudente:—«Meninos, eu vi!

«Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest'hora diante de mi.»

«Eu disse comigo: Que infamia d'escravo!
Pois não, era um bravo:
Valente e brioso, como elle não vi!
E a fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!»

Assim o Tymbira, coberto de gloria,
Guardava a memoria
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E a noite nas tabas, se alguem duvidava
Do que elle contava,
Tornava prudente: «Meninos, eu vi!»

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Vasco da Gama e Cabral.

(MONTE ALVERNE.)

O' tu que menoscabando os ventos, e affrontando o cabo tormentorio, levastes as correntes, com que forão ligados os reis da Asia. O' Gama intrépido, vê como estão murchos teus louros outr'ora tão viçosos! Vem admirar a corôa frondosa, que cinge a testa d'um heróe, digno de rivalisar teu renome, digno de competir comtigo nos primores da honra! Gama viu terras famosas muito alem da fera Taprobana; Cabral descobrio uma região immensa, occulta aos mais atilados navegantes. Gama conquistou a fonte d'esses bens tão cobiçados, mas tão contingentes, como facticios: Cabral obteve a posse d'um paiz fecundo em numerosas producções uteis, e mesmo necessarias á vida. Gama fundou na India um senhorio sustentado á custa da nobreza de Portugal e da flôr de suas tropas: Cabral accrescentou ao dominio portuguez uma colonia, em nada fatal e mais interessante. Gama deu á sua patria um commercio que lhe seria pouco proveitoso, què seria mesmo prejudicial á Europa, porque engulliria afinal todo o seu ouro, Cabral com o seu descobrimento augmentou a industria de Portugal, e da Europa com a extração e consumo de suas mercadorias; consolidou o commercio d'Asia com as minas de ouro do Brazil, sem o qual seria extincto o commercio mesmo d'Asia.

Os mandamentos do crepusculo.

(T. GALVÃO DE CARVALHO).

O toque das matinas sôa nove vezes
Na torre e me desperta, e diz: «deves orar»!
E diz primeiro toque: um Deus sobre ti vela,
Ou seja noite densa, ou brilhe o sol no mar.

E diz segundo toque: ao Bom Jesus dá graças,
Que ainda te concede um dia mais viver.
E diz inda o terceiro: em Deus firme confia,
Caminha! é d'elle a via que hemos de bater!

O toque das matinas sôa nove vezes,
E o mundo recomeça enfrene a marulhar.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Um quarto parecer do sino a voz sonora
Me dá: sê diligente, é nobre o trabalhar.

A quinta voz badalla: ajuda os outros homens;
Quem hoje tem de seu, pode indá carecer.
Sê franco e verdadeiro, o sino inda murmura,
Que o peito limpo e são não hade esmorecer.

O toque das matinas sôa nove vezes,
No peito altas virtudes nitidas aviva:
O septimo som diz: sê parco nos prazeres,
Do mundo não te engane a falsa perspectiva.

E diz oitavo toque: arrosta o soffrimento;
Com elle é que Deus prova o animo do forte.
Medita, homem, na morte, o sino outra vez brada,
Que a vida n'este mundo é aurora da morte.

O toque das matinas sôa nove vezes
Comsigo cada um se diz: «orar convem»
Tres vezes toca o sino, á tarde, e por tres vezes,
E diz com voz sonora: «a tarde já hi vem.»

E diz primeiro toque: o dia vae morrendo,
A luz já te fallece—enchuga o teu suor.
O sino outra vez brada, e acorda no meu peito
Do Deus, que ama o humilde, o meu intenso amor.

E diz-me inda o terceiro: illudes a esperança
Que o ceu em ti cimenta? cumpres o teu dever?
Tres vezes toca o sino, á tarde, e por tres vezes
É mudo o passarinho, e nada póde ver.

E diz o quarto: pede a Deus a tempo e horas
Constancia e robustez p'r'o rudo trabalhar:
A quinta voz badalla: ó vazo de miserias,
Alembra-te que és pó, e em pó te has de tornar.

Com sancto horror murmura a sexta badalada:
«Não contes co'os seis dias que inda estão por vir»
Tres vezes toca o sino, a tarde, e por tres vezes:
Tu'hora está visinha—pude açaso ouvir?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A setima pancada o ar vibra sonora,
Do Padre-nosso os sete votos remurmura,
E diz o outavo toque: subão nossas preces
Co'a myrrha que no altar fumega sancta e pura.

Sê prompto toda a vida, o nono toque disse,
Porque deves correr se Deus te disser: «Vem!»
Após o murmurar do sino, que emmudece,
Murmura a natureza ainda um sancto «Amen.«

Exaltação da mulher.

(MONTE ALVERNE).

Não sei eu se essas mulheres heroicas que tem nome—Bethsabé, Abigail e tantas outras que adornão os fastos de Israel, devem apparecer aos nossos olhos como objectos de veneração, por serem representantes da mãi do genero humano, se porque lhes caiba a gloria de serem uma sombra, um typo da mulher que devia resgatar a humanidade. Sei, sim, que na succesão d'esses seculos não ha acontecimento memoravel em que a mulher não tomasse parte.

Auxiliadora do homem, sua companheira, vel-a-heis sempre alli recolher-lhe as mágoas, preparar-lhe as glorias, melhorar-lhe a indole, suavisar-lhe os instinctos. No animo d'elle, ou no bem, ou no mal, vereis sempre a mulher pesar com força indomita, influir com decisivo poder. Ruinas de povos, elevação de monarchias, perpetração de attentados, arroubos enthusiasticos, heroicas magnanimidades, todas as virtudes e todos os crimes, de que é capaz a natureza humana, tiverão sempre a mulher por incentivo, por conselho ou por fim.

Quatro mil annos se contárão no relogio dos tempos, e Deus consentiu em sublimar a sua obra á altura superior a de tudo quanto creára, consentiu em quasi consubstanciar em si a sua propria obra. Buscou a mulher, e equiparou-a a si!... Das tres pessoas da divindade tornou-se a mulher, filha de uma, mãi de outra, esposa da terceira. Do alto da cruz o gran reparador libertava do captiveiro o sexo a que sua mãi pertencia; rehabilitava-o, assegurava-lhe novo imperio, nova vida, novas aspirações, destinos novos. Para applacar as iras do Senhor já não erão mais precisas

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tantas diarias hecatombas; bastava para lavar a mancha do original peccado aquelle Santo Sangue do Cordeiro immaculado.

. . . . . .

O Golgotha, porem, com rehabilitar o homem e a mulher, abriolhes horisontes novos. Essa magnifica epopéa, que devia representar a regeneração da especie humana, terminou pela creação de novas relações: desde então o homem era confiado á mulher, a mulher ao homem. A Cruz e Maria ensinavão á humanidade a mais sublime lição, e a humanidade repetia em echo:

«Mulher! eis teu filho!
Filho, eis tua mãi!»

. . . . . .

A' mulher havia sido conferida uma missão pacifica, social, a missão da familia, a domestica, de que um resto do poderio tyrannico do homem tanto tempo a tinha privado.

Desde então tereis sempre visto a mulher no throno, ou na choupana, no mundo, ou no claustro, ostentar, n'estes grandes combates espirituaes, uma firmeza tão heroica, tão varonil, que accende a inveja nos mais abalisados.

Pedro Damião exulta a mulher bradando que ella excede ao homem muito e muito nas proprias qualidades de que elle se arreia.

. . . . . .

Outro tanto diremos da mulher, que ia preparando a victoria da verdade, em silencio, com leite santificado pelo matrimonio; a mulher que impios conspurcão cobrindo-a de oppressão e de opprobrio.

O Brazil *(animando-se).*

«M. A. PORTO-ALEGRE.»

No cabeço alcantil onde exarára
Com o escopro dos raios, das tormentas,
Sibyllina inscripção a mão do tempo,
E que ora o Monte Gavia o nauta alcunha,
Uma luz volteou. As saxeas fórmas,
Como fundidas, se amaciam, perdem
O aspecto escabroso, a côr terrena,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E de rosas brilhantes se coloram,
Em carnes convertendo-se; as florestas
Que occultavam profundas, átras grotas,
Transmudam-se em madeixas luzidias;
E os rios, que em bolhões serpenteavam,
Como veias nos membros se esgalharam:
A epiderme levantam, cujos vellos
Nos tubos capilares forma a relva!
Abrem-se os olhos, se arredonda a fronte,
Curvam-se as faces, o nariz resalta,
Rasga-se a boca, os labios se modelam,
Alça-se o mento, o collo se torneia,
Alargam-se as espaduas, desce o peito
Ondeado, velloso e palpitante;
Oscillando ao respiro o ventre empola,
E os musculos em montes se descrevem!
Como feixes de troncos seculares,
Alongam-se os titaneos grossos braços;
As mãos s'espalmam, tendem-se as phálanges,
Descem as coxas, qual baleia enorme,
E se ligam as pernas onde avultam
Os dous robustos pés, em cujo extremo
Como picos de serra os dedos brotam!
Como cyclopeo malho sobre a incude
Bate dentro, do peito a vital pendula!
E nos arboreos vasos borbulhando
Ronca o sangue em medonhas catadupas.
O bafo que se agita á flôr dos labios,
Qual favonio galerno, o mar encrespa,
Despe o polen das flôres, e a natura
Embalsama de eterna primavera.

Levanta-se o gigante; e no seu leito
O mar encapellando em rolo as ondas
O invade, formando ameno lago,
Onde elle o vulto augusto contemplando
Tres vezes se mirou risonho e lédo.
A fronte magestosa aos céos eleva,
E garboso saúda o sol da patria,
Que a balisa central vingado havia,
E ao rubido occidente caminhava.
Nastro armillar na graciosa coma

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Com fimbrias diamantinas o corôa;
Pende-lhe aos hombros, floreando ao vento,
De peito de colibrios marchetada
Chlamyde roçagante, que lampeja
Do poente e da aurora as igneas cores.
Ornam-lhe os braços scintillantes joias,
E lhe polvilha os pés o ouro mais puro.
C'os olhos de condor traça dos Andes
Pelo rio Amazonio, o mar e o Prata,
De seu dominio ingente a linha..., e pára
Arroubado d'encanto co'a belleza
De seu immenso imperio.....
.....

Viagem pelo rio Amazonas.

(A. G. DIAS).

O Amazonas! Ao pronunciar esta pálavra todo o coração brasileiro estremece. Os que o tem visto sabem que a seu respeito se tem escripto mais ou menos do que a verdade; os que não o viram conservam e guardam lá em um dos escaninhos d'alma o desejo de o avistar ainda algum dia. Pois, no meio de tudo, crê que o Amazonas nada mais é do que um rio. Vê-se e admira-se, mas é só com o auxilio da reflexão que elle se torna assombroso. Navega-se por um immenso lençol d'agua, onde o vento levanta tempestades perigosas—onde a onça e a cobra se afogam por não poderem cortar a corrente, e como que o espirito se satisfaz pensando ter já contemplado o Amazonas!—mas o que se vê de um lado e de outro são ilhas—e além d'estas ilhas outros canaes tão volumosos como estes, e além d'estes novas ilhas. A alma então se abysma não podendo fazer uma ideia perfeita do que é esta immensidade.

Suppõe tu pois um immenso archipelago, porque de cada um dos seus grandes confluentes podes dizer que tem ainda para mais de mil ilhas e nelle despejam alguns milhões de braças cubicas d'agua por hora!

Terra firme chama-se sómente a que não é alagadiça: as margens chamam-se praias, as aguas elevam-se em ondas e o vento conhece-se no seu elemento. Os termos mesmos da navegação de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

longo curso, quero dizer—do alto-mar, não se estranham, antes parecem aqui necessarios. Queres ouvir? Um dia, em viagem do Pará para o Rio-Negro, navegavamos com mar um pouco picado no magnifico vapor *Manáus* da companhia do alto-Amazonas.

Seriam duas horas da tarde, e estavamos todos sobre a tolda, quando de repente brada uma voz não sei d'onde:—«homem no mar!» Inquietos e sobresaltados, corremos todos á amurada, tripolação e passageiros, e viu-se uma cabeça de preto, que fugia, rapida como uma seta, pela pôpa do barco fóra. Ver n'aquelle oceano uma pobre creatura lutar com o terrivel elemento—o perigo em que estava—a incertesa de salvação, a impressão d'aquelle espectaculo assustador—tudo estava de acôrdo com o grito de «homem no mar»; porque no mar, onde quer que fosse, não seria maior o perigo. Mas o que alli se não veria, era que, logo atraz, uma cobra immensa arrastada pela corrente lutava tambem com as ondas, e fatigava-se com esforços inuteis. O vapor que já então recuava, deu-lhes felizmente outra direcção de modo que os dous companheiros de infortunio ficavam longe um do outro. O coitado do preto, no entanto, gritava como possesso, e quasi a afogar-se, ainda commettia barbarismos sem nenhum temor de Deus. Este, porém, fôi servido que elle não morresse duas vezes afogado, pois iria com alguns erros de grammatica atravessados na garganta! «*Mi acndi, gentis!*»

Este espectaculo accrescentou certas idéas de alta consideração e profundo respeito, como se diz na secretaria de estado dos negocios, á admiração que eu já sentia pelo Amazonas. Ia porem tratando das suas ilhas.

São ellas no meu entender uma das maravilhas do Pará. Multiplica o curso dos rios pela extenção das suas margens, toma o circuito (!) d'estes milhares de ilhas; considera quantos rios ha ainda de curso menos conhecido, os quaes todos com raras excepções correm por um declive suave, os furos que encurtam as distancias, os igarapés que em differentes alturas communicam os grandes rios entre si;—considera a preciosidade das suas drogas, a fertilidade incrivel do solo, favorecida pelo calor e pela humidade, e verás que nenhum paiz é tão proprio para a agricultura, nenhum tão favoravel ao commercio—nenhum que tenha tanta quantidade de terras em contacto com agua navegavel.—E logo o Baixo-Perú, que morre asphixiado se lhe tapamos o Amazonas,—a Bolivia que tudo espera do Madeira, e que pode ser muito por meio delle—e Venezuella, e Nova-Granada que nos estendem os braços do Yapurá e do Rio-Negro, ao passo que se temem n'a-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

quelle perigoso mar das Antilhas—e as nossas provincias de Goyaz e Matto-Grocso ?... Amigo, seremos alguma coisa algum dia, se os nossos vindouros valerem mais que os F... e M.... Pasmado quando entra no grande leito do Amazonas, perdido n'esta immensidade, o viajante pensa comsigo: «Lá mais em cima, estas aguas se hão de tornar menos volumosas, hão de estreitar-se estas margens, este colosso ha de emfim cahir debaixo da acção e comprehensão dos sentidos humanos.

N'esta esperança passa o Xingú, Tapajoz, Trombetas, Madeira (gigantes tambem), e o rio é sempre o mesmo !

Deixa atraz o immenso cabedal do Rio-Negro, com as suas aguas que espantam pela côr—o Japorá semelhante ao Nilo com as suas sete boccas, o Purús, Ucayale, Uallaga, e entre estes, o Coary, Teffé, Jovary, Napo, centenas de outros; e o eterno rio, na distancia de oitocentas, de novecentas leguas ainda parece o mesmo ! Sem dúvida que as aguas diminuiram; mas é que ha menos ilhas, menos paranás, eis tudo. O que se vê é, com differença pouco sensivel, a mesma coisa. A sua força é ainda a mesma, as suas transformações tem ainda a mesma intensidade; porque o Amazonas, o Solimões e o Maranon, esta trindade fluvial n'um só corpo, é um grande destruidor; mas tambem um creador por excellencia. Ilhas e praias faz elle ou desmancha com assombrosa facilidade.

É lisa a superficie das aguas, o céo sereno se retrata n'ellas como n'um espelho, as folhas não remechem, os animaes bravios pastam descuidados, as aves contemplam pasmadas os novos hospedes que lhes chegam—tão patetas uns como os outros. Nada revella perigo, nem a intelligencia do homem, nem ao instincto do irracional. N'esta paz, n'este ao que parece, remansear das forças da naturesa, ouve-se de repente um rugido como se os céus desabassem—arvores colossaes oscillam, vergam, tombam como castellos de cartas ! a terra falta, desapparece,—a canoa não desamarra, nem tem tempo, arrebenta-se-lhe o cabo,—as aguas repellidas pela quéda das barreiras e das arvores repellem-n'a tambem para o largo;—e antes que os viajantes possam tornar a si do assombro,—antes que saibam e conheçam o que foi,—antes que o mestre possa commandar alguma manobra, voltam ellas pujantes, furiosas, redemoinhando, e n'um vortice—canôa, arvores, ilha —tudo desapparece e se esvae como por encanto. Boiam sómente algumas d'essas arvores monstros, que tornam perigosa a navegação do Solimões e do Amazonas, e cujas raizes sobrenadam sobranceiras como ilhas fluctuantes sobre a superficie das aguas;

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

fogem, grasnando algumas aves, lastimando a perda detan
nhos,—e o rio cobre magestosamente aquelle espaço, aques d
troços, aquelle ubi Troja, mostrando apenas n'aquelle ldo s
larga mancha côr da terra; porque a ilha se submerge o s
abysmo tão completo e quasi tão instantaneamente como
mem se afoga ! açã

Mas estes destroços—terra e troncos—mais abaixo sdos
ram, se accumulam accrescentando n'outra parte o conridã
formando alicerce para novas ilhas. Depois a aninga su
tre as aguas com as suas folhas em forma de coração eu all
semelhança de um ananaz inculto—, e mais acima, es, e
mais dscoberta, vingará a canarana, pasto do herbimble
boi, perseguido na terra pelas onças, nos rios pelos jacada d
homem em toda parte. io é u

Infindas palmeiras, cujas raizes procuram e se ne tantos
midade, levantam os leques e as palmas, matizadas
vivas das araras e papagaios, que folgam de pousar só des

Logo mais a embaúba virá ao sôpro da brisa ciras e fri
esbranquiçadas, figurando um bando de garças
gem da corrente; e como corôa de tudo, a sunsa corra as
alarga a copa immensa e magestosa, cuja sombrecipita no
bré, segundo se crê, a circunferencia das raizeosa, encanto d

Emfim, a sombra d'esta vegetação vigorosa o jardineiro a
nilha encrustar-se nos troncos de superficie rulsama o ar c
do os ares: o cacaoeiro pouco amigo do sol
estas ramagens frondosas,—emquanto para se
mil fructos sylvestres, e entre elles novas esp
ticados,—a sôrva, o auixi, o araçarana—só esp
mem para o recompensarem de seus disvellos.

Accrescente-se a isto milhares de parasitas.
ras, que se emmaranham pelos troncos, debruç
trellam a paisagem e matisam o panorama,
e o olfato ao mesmo tempo; mais com côres t
desmanchariam ainda na palheta de pintor; mas
ves, que os não descobriram ainda os nossos pe
Aqui, quer ao clarão de lua, quer no remansear
na dos tropicos, respira-se ás largas, em ondas
como se toda a athmosphera não bastasse pa
do olfato, que se desperta soffrega, que é pc
converte em amor !—amor por todos quantos
céo abençoado, e cujos peitos, se alguns tendes
des comvosco n'um sentimento de amor da
lencia reciproca.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Fragmento

[DIS]CURSO SOBRE A ABOLIÇÃO DO TRAFICO DA ESCRAVATURA, [PRONUN]CIADO PELO ARCEBISPO DA BAHIA, D. ROMUALDO A. DE SEI[XAS N]A LEGISLATURA DE 1827.

....

[...]ndo o mesmo illustre Orador as suas reflexões sobre o [...]dos negros, avançou que a escravidão não produzia a [...]de, como geralmente se pensa.

[...]Sr. presidente, que é a primeira vez, que ouço tal [...]Sempre estive persuadido que a palavra escravidão [...]idéas de todos os vicios e crimes (Apoiado); assim [...]doce nome de liberdade desperta as sensações e as [...]as virtudes, e de todos os bens (geralmente apoia- [...]atendi que a escravidão é um estado violento, que [...], embota as faculdades do entendimento, perverte [...]oe o brio, e toda a emulação da virtude; sempre [...]te a sorte dos tenros meninos brasileiros, que, [...]do entre escravos, recebem desde os seus pri- [...]estas impressões dos contagiosos exemplos [...]ados; e oxalá que eu me enganasse! Oxalá que [...]os triumphos da seducção, e os naufragios da [...]que tantas familias não tivessem deplorado a [...]ha, em que as tem precipitado a immorali- [...] (Apoiados). Convenho com o illustre Deputa- [...]fez aos pretos, e pardos, muitos dos quaes se [...]naior estima; eu não avalio os homens pela côr [...]seu comportamento e caracter; o escravo po- [...]er; elle não é mais do que um cego instru- [...]s de seu senhor: um escravo virtuoso é um [...]noral. (Apoiado geralmente).

[...]to no Album de uma senhora.

(MONTE ALVERNE.)

[...]ucie do Guanabara, esbelta, graciosa, e elegan-

peri
o-Gi
sos
o er
lade
se h
rgens
hensa
ta esp
es tan
a atra
ue esp
sete bo
Teffé, J
ia de oit
em duvid
enos pa
ensivel, a
nsformaç
as, o Solir
é um grande
a. Ilhas e pra
.
a superficie
um espelho, a
descuidados,
ue lhes cheg
perigo, nem
ional. N'esta
a naturesa, o
sem—arvores
de cartas! a
nem tem te
pela quéda
a o largo;—e
o,—antes qu
possa comm
sas, redemo
lesapparece
as d'essas
do Solimões
iras como ill

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

te como a palmeira do deserto, pede ao bardo da montanha que outr'ora celebrou as glorias da patria, cantou os heróes da religião, e evocou a sombra dos reis para julgal-os diante do seu tumulo, uma inspiração, um pensamento para enriqueeer o seu album !...

E o alaúde tem as cordas estaladas, como está o coração quebrado pela dôr !... E os olhos que admirarão o azul dos ceus e a formosura da naturesa, estão condemnados á escuridão eterna !...

Uma inspiração, um pensamento para enriquecer o seu album !... E o teu album, ó virgem, não é tão rico de inspirações, e tão fecundo em pensamentos? O ouro, a prata, a sêda, os emblemas, as decorações, fazem do teu album um primor d'arte. Cada descripção é uma composição poetica; a maxima d'um sabio é uma homenagem consagrada a ti, ó virgem, unico objecto e tantos cultos e tantas adorações.

Um dia este album passará a outras mãos, e elle só despertará a recordação de um passado de illusões, de mentiras e frivolidades, que não tornarão mais a existir !...

Antes que a aurora com seus dedos côr de rosa corra as cortinas do leito bello astro do dia, a nympha se precipita no jardim, e com suas mãos de alabastro rega a flôr mimosa, encanto de seus olhos, idolo de seu coração; de tarde o rustico jardineiro arranca a haste da filha da primavera, que já não embalsama o ar com seu perfume, nem attrahe a attenção pela riqueza do seu matiz e pelas bellezas de suas côres !...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

SECÇÃO LITTERARIA.

BIOGRAPHIAS.

I.

Francisco Sotero dos Reis.

(R. LEMOS)

Logo no vestibulo do grande seculo, que atravessamos, se apresenta, charos alumnos, um acontecimento, que presagia grande resultado na ordem dos tempos: vê a luz da existencia, n'este recanto da terra de Santa Cruz, um ente predestinado á sêr uma das glorias mais esplendidas do Maranhão: nasce Francisco Sotero dos Reis.

A' 22 de abril de 1800, o anjo tutelar das lettras patrias saudou nos horizontes do Brazil o surgir d'este luminoso astro, que rutilaria bello no céu da litteratura nacional: astro, que diffundiria claridade ingente na sciencia philologica: astro, que encaminharia á seguro termo os romeiros da sciencia!

E na verdade, Francisco Sotero dos Reis, em todo seu viajar de apostolo das lettras, de peregrino do futuro, qual é o sabio, foi luzeiro fulgente, que dirigiu a mocidade; prudente oraculo da opinião publica; sabio Nestor dos legisladores da provincia; vigilante guarda das instituições do paiz; esclarecido jornalista, que com o prestigio e respeito do seu nome, escudou os actos e opiniões da auctoridade, firmou o nosso systema politico, e serviu de medianeiro entre o poder e o povo.

Em nada pése aos contemporaneos asselar com o silencio a opinião presente, que será a da posteridade, quando a voz da cam-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

pa fôr a só escutada por entre os écchos da fama, soltos pelos innumeros pregoeiros mudos, seus monumentaes escriptos, do real merecimento de F. Sotero dos Reis.

Sahido apenas dos estudos, que iniciou, cursou, e perfez na terra natal, donde jámais se arredou, F. Sotero dos Reis, que havia já bastante se acreditado no conceito de seus conterraneos, por seu merito nas lettras, e nas lides da politica, foi sempre distinguido pelo voto popular, que o honrou, e á que nobilitou, elegendo-o para os mais elevados cargos á que se póde attingir na provincia.

A principio membro *do conselho provincial*, ao depois deputado á *assembléa legislativa*, nesses lugares da confiança do povo, como em todos que occupou, se houve o illustre maranhense com a sisudez, criterio, sciencia, e integridade, que n'elle se identificaram, adquirindo d'ess'arte, nos corpos collectivos, tal ascendencia sobre seus iguaes, que em todos os assumptos se esperava com ancia seu parecer para deliberar-se em ultimo lugar.

Entre os eleitores poderia haver mudança ou accordo ácerca de outros eligendos, mas sobre F. Sotero dos Reis não havia questão, chapa, ou combinação politica: era o deputado legitimo, e natural, para todos os partidos, crédos, fuzões, ou grupos.

Ora, quando se conquista entre seus conterraneos igual ascendente e posição, é por certo em consequencia do justo renome que se tem grangeado: as honras são tanto mais valiosas quanto espontaneas.

E apezar disso, F. Sotero dos Reis era austero em sua moral, rigido em seus principios, severo em suas opiniões, inabalavel em suas convicções; porque, moral, principios, opiniões, e convicções, as possuia profundas, e não seriam tenues aragens do bafejo popular, que as fariam desnortear.

Entretanto, perguntarão estranhos, porque, oh! maranhenses, vós, que sempre distinguistes F. Sotero dos Reis, o não elevaste á dignidade de senador do imperio?

Toda a provincia tambem se amargura por isso: toda a provincia tambem pergunta: porque o não fizemos senador?

Porém, é o caso de applicar-se a resposta do celebre romano que dizia aos que incriminaram Roma por não ter collocado a estatua de Catão no lugar reservado aos grandes homens da patria: «A melhor estatua que se poderia erigir á Catão, é o pergunt

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

rem por ella os nacionaes e estrangeiros apenas entrados no Pantheon!»

F. Sotero dos Reis distinguiu-se muito na politica local, onde exerceu maxima influencia: porem, onde firmou verdadeira reputação de homem de genio, illustração, e tino, foi na jornalismo.

Causa pasmo só o enumerar a quantidade de periodicos que assiduamente redigiu com assombrosa facundia, mestria, e fecundidade. Era o Briareu da imprensa.

De 1825 á 1863 redigiu prodigioso numero de jornaes politicos, litterarios, e scientificos, que acarearam á si a indisputavel gloria de sêr considerado o décano do jornalismo maranhense.

Entre os periodicos de mór formato, circulação, importancia, e duração por elle redigidos, contam-se, o *Maranhense*, *Constitucional*, *Investigador*, *Revista* e *Publicador Maranhense*.

Na redacção desses e varios outros periodicos, solidificou o conceito de philologo profundo, grammatico abalisado, eximio conhecedor da lingua, familiar dos classicos, reputação que jornaleiramente avultava no magisterio.

E' este, charos alumnos, o vasto theatro onde manifestou-se de maneira assaz magestosa o opulento genio de F. Sotero dos Reis.

Joven ainda, começou no professorado á dividir com a mocidade os inapreciaveis thesouros do saber, e formou profusa, abundante, e enriquecida progenie de alumnos, que todos hoje figuram na republica das lettras.

O modo pelo qual exercia o magisterio, o saber profundo, a lucidez do methodo, a paciencia illimitada, a bondade paterna, a mansuetude candida, a benevolencia sabia, a indulgencia respeitosa, a simplicidade angelica de F. Sotero dos Reis não carecem de patentear-se em phrases descoradas quando a geração hodierna, leccionada por elle, se levanta enthusiasta para tributar-lhe unanimes applausos – digo mal – para erigil-o em apotheose!

O professorado de F. Sotero dos Reis não foi esteril.

Adquiriu, ensinando, um cabedal scientifico tam valioso e suculento, que fôra impossivel guardal-o, reserval-o para si, e confiar ao tumulo, com o despojo mortal, os activos instrumentos com que nobilitou o espirito, que por seu turno devia opulentar o de outrem.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Todos sabiam, conheciam, e estavam convictos que era um litterato conspicuo em todos os ramos; todos o reputavam na melhor nota; todos o tinham na melhor conta: mas, a modestia com que se acobertava, e em que se acastellava, não permittia, se quer, que se lhe visse um só dos variados e primorosos trabalhos, que a desconfiança e sagacidade de verdadeiros amigos esmerilhavam por descobrir.

A' mêdo, indifferentemente, em licções particulares, dictava estimaveis *postillas* de grammatica, ás quaes acoimava de erros, incorrecções, etc, quando é creado nesta cidade um collegio importante, o *Instituto de Humanidades*, dirigido por seu proprietario o illustre Sr. Dr. Pedro Nunes Leal.

Occupando simultanea, ou revezadamente, n'aquelle optimo estabelecimento as cadeiras de Grammatica Philosophica, Litteratura e Latinidade, F. Sotero dos Reis, á instancias do prestante Sr. Dr. Leal, e á sollicitações *importunas* de amigos admiradores, que souberam vencer as argucias da modestia do sabio velho, consentiu que se desse a estampa as seguintes obras: *Postillas grammaticaes*, em 1 volume; Grammatica Portugueza, 1 vol.; a traducção dos *Commentarios de Caio Julio Cezar*, e o *Curso de Litteratura Portugueza e Brazileira*, do qual se acham publicados quatro volumes.

Portanto, charos alumnos, Francisco Sotero dos Reis é um maranhense illustre por muitos e sobejos titulos: politico, jornalista, professor, litterato, e todos esses bellos predicados exaltados no maior gráu de nobreza d'alma, de integridade, de proficiencia, e de consummado saber.

E' um typo, que deveis ter sempre em vista, archivado na memoria e no coração: é um perfeito modelo de trabalho; porque, sem haver sahido do berço natal, instruiu-se, illustrou-se, immortallisou-se.

Mui incompetente para dár qualquer parecer sobre suas obras, nas quaes tereis de formar vosso gosto litterario, fazer vossa instrucção, completar vossos estudos, tereis um dia de applaudir com os sabios o merecimento d'ellas, e collocar sobre o tumulo do nosso mestre um ramalhete de perpetuas, que será ao mesmo tempo o testemunho da saudade e do reconhecimento.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II.

Biographia de A. G. Dias.

(F. SOTERO DOS REIS).

Ha, senhores, certos homens privilegiados a quem a natureza enriquece com aquillo, que se pode considerar a supremacia, ou a realeza da intelligencia, concedendo-lhes faculdades intellectuaes, muito mais desenvolvidas, que as dos outros homens. Este dom especial, ou este privilegio, que distingue o homem com a intelligencia, não de milhares, não de centenas de milhares, mas de milhões e milhões de outros homens, é o que se chama genio, engenho singular, talento por excellencia, porque todas as denominações são mesquinhas para bem designal-o....

....E' um destes reis da intelligencia... que me proponho apreciar hoje, o poeta Antonio Gonçalves Dias illustre comprovinciano nosso, ha pouco fallecido, verdadeiro genio na poezia lyrica, e sem rival em nossos dias nos dois paizes da lingua portugueza, quer se attenda á phantasia imaginosa e creadôra, quer á poesia de estylo, que brilhão em suas admiraveis composições.

Foi bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra, cavalheiro da ordem da Rosa, professor de historia e latinidade no imperial collegio de Pedro II, primeiro official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros, membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil, e de outras sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras.

Nascêo Gonçalves Dias, a 10 de agosto de 1823, na provincia do Maranhão, em um sitio denominado Boa-Vista nas terras do Jatobá cerca de 14 leguas da cidade de Caxias, a cujo districto pertence.

Foi filho do negociante João Gonçalves Dias, e de Vicencia Mendes Ferreira, mulher de côr, e a quem sempre prestou os officios de bom filho, partindo com ella do que ganhava.

Vio-se logo desde os mais tenros annos privado dos carinhos maternos, porque seu pae, havendo casado em 1829 com D. Adelaide Ramos de Almeida, o tomou para sua companhia, afim de dar-lhe a educação conveniente.

Destinado á principio á vida commercial, tal foi o talento precoce que desenvolvêo na escola de primeiras lettras, que seu pae, mudando de intento, pôl-o a aprender Latim com o professor Ricardo Leão Sabino, e resolvendo mandal-o estudar á universi-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

dade de Coimbra, o trouxe comsigo em 37 para a cidade de S. Luiz do Maranhão, aonde fallecêo, quando se dispunha a ir á Portugal tratar-se da phtisica pulmonar, de que padecia, e de que sem duvida por herança foi accommettido o poeta no ultimo periodo de sua vida.

Tendo voltado para Caxias depois do fallecimento de seu pae, propoz-se o Dr. Antonio Manoel Fernandes Junior, então juiz de direito da comarca, obter-lhe da assembléa legislativa provincial, de que era membro, que o mandasse estudar á Europa á expensas publicas. A madrasta que o estimava como filho, regeitou a offerta, e fel-o partir para Portugal á sua custa em 1838, afim de estudar em Coimbra, para onde á principio se destinara.

A revolta porem occorrida na provincia em 1839, com o nome de balaiada, em taes apuros poz a esta boa senhora, que vio-se forçada a interromper as mesadas, que mandava ao entiado. Privado absolutamente de meios de poder subsistir em paiz estrangeiro, retirou-se elle para a Figueira, donde se dispunha a vir para o Maranhão. Mas João Duarte Lisboa Serra, que o apreciára no estudo dos preparatorios em Coimbra, referio o facto aos maranhenses que frequentavão a universidade, e que o fizerão voltar do caminho, e desistir do intento, dando-lhe casa, meza e livros, para continuar os seus estudos. Sobresahirão entre todos neste acto de generosidade, o referido João Duarte, depois conselheiro de estado, e hoje fallecido, e os Srs. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, Pedro Nunes Leal e Antonio Rego, que residem actualmente na provincia.

Matriculado no curso de direito em 1840, tomou o gráu de bacharel em 1844, e deixou de frequentar o sexto anno por delicadeza para com seu amigo e collega, Pedro Nunes Leal, o ultimo que estava na universidade dos que havião concorrido para a sua formatura, e sobre o qual pesavão então todas as despezas do supprimento...

....Por conselho do seu amigo, o Sr. Dr. Theophilo, partio o poeta para o Rio de Janeiro em 1846, onde imprimio os seus «Primeiros Cantos», que forão recebidos com geral applauso, e elogiados em quazi todos os jornaes da época, sendo depois em Portugal saudado o seu singular talento pelo distincto litterato A. Herculano.

Apesar porem da celebridade que d'ahi lhe vinha, augmentada ainda com a publicação de seus «Segundos Cantos» viveo no Rio de Janeiro cheio de privações, empregando o melhor das horas do dia em redigir, e concertar as discussões das camaras, que se

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

publicavão, ora no *Jornal do Commercio*, ora no *Correio Mercantil*.

Exerceo a principio o logar de secretario do lyceo de Nitheroy, cujo mesquinho ordénado mal podia chegar para a sua subsistencia. Foi em 1849 nomeado professor de historia e latinidade no collegio de Pedro II, e depois em 1852 official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros, logares que, por mais bem retribuidos, já lhe davão para viver com decencia, e sustentar familia, pois por ultimo casára-se com D. Olympia da Costa, de quem teve uma filha, que morreu em tenra idade.

Encarregado pelo governo de estudar o estado da instrucção publica nas provincias, fez por este tempo uma excursão ao norte do Imperio.

Em 1854 foi enviado em commissão á Europa para estudar o estado da instrucção publica nos paizes mais adiantados, examinar os archivos e bibliothecas de Portugal e Hespanha, e extrahir d'elles copia de documentos relativos á historia do Brazil.

Em 1860 fez parte da commissão scientifica que se enviou ao Ceará, sendo encarregado dos trabalhos ethnographicos, e dos relatorios da mesma.

Em 1862 partio muito doente para a Europa, a ponto de o darem como fallecido na viagem, e de ser a sua morte lamentada nos jornaes como facto averiguado. Apezar do seu máo estado de saúde, foi alli de novo encarregado de extrahir copias dos archivos portuguezes. Aggravando-se porem de novo os seus padecimentos, regressou de França no brigue *Ville de Boulogne*, que naufragou nas costas de Guimarães, na madrugada do dia 3 de novembro de 1864, e vindo quazi moribundo perecêo no naufragio, tendo seu corpo por sepultura o oceano, mas já nas aguas da patria.

Assim acabou, com pouco mais de 41 annos de idade, um dos mais bellos talentos que ha produzido a Terra de Santa Cruz, sem que tivesse a extrema satisfação de fechar os olhos na terra da patria, para onde se dirigia já exhausto de forças, apenas animado por um debil sopro de vida, e sem que o seu cadaver, que não poude ser encontrado, apesar de todas as deligencias, tivesse sequer nella o ultimo jazigo!....

Foi G. Dias o maior poeta lyrico de nossos dias, nos dois paizes de lingua portugueza.

«Nenhum dos poetas lyricos seos contemporaneos, quer no Brazil, quer em Portugal levantou a voz tão alto, tomou tons tão variados, e apresentou ainda tanta poesia de estylo, como elle o fez

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

nos seos admiraveis quadros dos *Primeiros, Segundos,* e *Ultimos Cantos.*»

Se nos é permittido juntar alguma cousa a tão sensatas apreciações, lembramos que entre esses arroubos poeticos, de imaginação inflammada pelos soes do equador e fecundada pela opulencia americana, nos merece especial menção o final da poesia—*Adeos aos meos amigos do Maranhão*—por conter uma verdadeira profecia.

Ei-la:

.....Um dia as vagas
Hão de os seos restos regeitar na praia,
D'onde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jasigo.

E' impossivel diante desta poesia negar-se um mysterioso presentimento d'esse triste naufragio junto á Guimarães.

III.

M. Odorico Mendes.

(F. SOTERO DOS REIS).

.....Tendo de apreciar antes dos prosadores os principaes poetas brazileiros, na forma do meu programma, começarei pelo eximio traductor de Virgilio, ou auctor do Virgilio Brazileiro, como elle proprio se inculca, Manoel Odorico Mendes, mui distincto comprovinciano nosso ha pouco fallecido, e amigo meu e mestre da quadra da mocidade, o qual é o primeiro de todos na ordem chronologica.

Nascêo Manoel Odorico Mendes na cidade de S. Luiz do Maranhão a 24 de janeiro de 1799, e fallecêo em Londres de uma apoplexia fulminante a 18 de agosto de 1864, quando se dispunha a regressar ao Brazil, e á sua provincia, depois de uma prolongada ausencia de 17 annos em paiz estrangeiro.

Era oriundo das mais antigas e illustres familias desta terra pois descendia, por seu pae, o capitão-môr Francisco Raimundo da Cunha, do capitão-mor Antonio Teixeira de Mello, heroico restaurador do Maranhão, donde expulsou os hollandezes em 1644,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

e por sua mãe D. Maria Raimunda Corrêa de
infeliz Bekman. Tomou porem o apellido de mente florecido no
padrinho e pae adoptivo, Manoel Mendes da ras impressas, e por
Foi commendador da ordem de Christo, dep, e de que ainda
vezes á assembléa geral legislativa, inspector occasião de apre-
provincia do Rio de Janeiro, logar em que se apo extensas passa-
bro do Instituto Historico Geographico Brazileiro, es, e com es-
sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras. erão os

Dotado pela natureza de mui feliz engenho, e concluido que os seus primeiros preparatorios com grande applauso de seus l. tres, dirigio-se á Portugal com intento de graduar-se na faculda. de medicina da universidade de Coimbra, e ahi fez o curso completo de philosophia natural, depois de haver estudado philosophia racional e moral e Grego. Por inconvenientes, como falta de mesadas por fallecimento de seu pae adoptivo, vio-se obrigado a interromper os seus estudos, e a voltar ao Maranhão em 1824, ainda com proposito de ir continual-os, si se lhe proporcionassem meios.

Dado ao commercio das musas, desde os mais verdes annos, nunca deixou de cultivar a poesia nas horas que lhe sobravão dos outros estudos, que emprehendêra; e foi durante o tempo em que cursou a universidade de Coimbra, que compoz entre outras poesias lyricas o seu bello hymno á tarde, que foi reimpresso em 1861 no Parnaso Maranhense, e é com razão elogiado pelos entendedores.

Ao chegar porem á provincia ainda estremecida das luctas intestinas que se seguirão a independencia, mudou de intento, e escrevêo com ardor juvenil o Argos da Lei em que consignou as suas ideas liberaes, e que logo lhe adquerio muita popularidade. Eleito deputado á assembléa geral legislativa em 1824, partio para o Rio de Janeiro que lhe abrio campo mais vasto a carreira politica.

Reeleito consecutivamente deputado, por sua popularidade sempre crescente, foi muitos annos secretario da camara dos deputados, iniciou leis importantes, como a da abolição dos morgados, e a da primeira reforma eleitoral, e concorrêo para a confecção de outras que o não erão menos, sendo a sua palavra autorisada, senão eloquente, de grande peso na tribuna...

....Si concorrêo para revolução de sete de abril, grande foi a influencia benefica que nella exercêo, empregando seus esforços para que não fossem perseguidos os vencidos, e pedindo tolerancia para com elles do alto da tribuna com sacrificio de sua popu-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

nos seos admiraveis *Cantos.*»

sua alma patriotica era tão nobre, como gene-
nte que não quiz ser então regente, e apresen-

Se nos é permitt
ciações, lembramos
ção inflammada
cia americana
Adeos aos
profeci
Brazil, em cujos destinos tanta influencia exerceera.
Em 1861 fez uma viagem á Italia para visitar o tumulo de Virgilio, seu poeta querido, e nelle depôr uma corôa de flores em testemunho de sua admiração por tão singular engenho. Em 1864 partio para o Maranhão, fazendo viagem por Inglaterra, que desejava visitar; e ahi nos foi roubado por uma morte subita na idade de 65 annos e alguns mezes, quando se dispunha a vir imprimir no imperio a sua traducção da Iliada e da Odyssea de Homero, que tinha concluido, e não deve por certo ser menos rica, que a da Eneida de Virgilio.

seu amigo João Braulio Moniz, que foi no-
donando, de todo a vida politica, que por seu
sse e franqueza só lhe occasionára desgostos e de-
do Rio de Janeiro, e dirigio-se a Pariz, onde viveo
da aposentadoria do seu emprego de fazenda, occupado
uas traducções de Virgilio e Homero, e quasi totalmente

O maior elogio que se pode fazer a um homem de bem, que recusou um dos maiores cargos do imperio, e que tendo tantas occasiões de engrandecer-se sempre despresou as honras e a riqueza, para viver em honrada mediania, acha-se consignado nas seguintes palavras de João Francisco Lisboa na bella biographia, que lhe compoz: «Os companheiros de Odorico nas lutas do primeiro reinado (diz o illustrado biographo) chegárão todos ou quasi todos ás maiores honras, e ás mais elevadas posições politicas e sociaes. Alguns as devêrão sem duvida aos seus talentos fora do commum; outros a destresa e a habilidade com que souberão manobrar no mar incerto em que navegavão. Mais inflexivel ou menos habil no caminho que preferio, Odorico Mendes tem visto sem pezar todas essas grandezas que lhe não couberam em sorte, pago e satisfeito de haver atravessado a vida conservando-a immaculada até da menor suspeita, que lhe pudesse levemente maréar o lustre... Homem moldado á antiga, sua velhice socegada e digna pássa-se na pratica de todas as virtudes e na effusão dos sentimentos de amisade, indulgencia e brandura, que sempre caracterisárão a sua alma affectuosa. Essa placidez porem nem é inerte e egoista, nem esteril.»

..... Foi Odorico Mendes versadissimo em todo o genero de litteratura antiga e moderna, profundo no conhecimento das linguas, de erudição inexgotavel, e o poeta pela ventura mais sa-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

bedor de nosso idioma de quantos teem ultimamente florecido no Brazil e em Portugal, como o attestão suas obras impressas, e por imprimir. Pela amisade com que me honrava, e de que ainda hoje me recordo com saudade, tive muitas vezes occasião de apreciar sua erudição verdadeiramente pasmosa, nas extensas passagens que me recitava dos principaes poetas portuguezes, e com especialidade de Ferreira, Camões, e Francisco Manoel, que erão os seus autores favoritos, e dos quaes sabia de cor quasi tudo o que produzirão de melhor.....

IV.

João Francisco Lisboa.

(F. SOTERO DOS REIS.)

Tenho, Senhores, de apreciar hoje um prosador brazileiro dos mais distinctos, João Francisco Lisboa, comprovinciano nosso, insigne na arte de escrever como o podem ser os mais abalisados mestres do fallar sôlto em qualquer lingua, profundo, eloquente e cabal em todo genero de assumptos que tractou. O auctor que me proponho analizar, meu antigo discipulo de Latim, e conhecido de muitos de vós, é um engenho extraordinario, filho de suas mesmas obras, porque os conhecimentos superiores que brilhão nos seus escriptos são unicamente devidos a estudo feito no remanso do gabinete, e não a licções que bebesse em academias nacionaes ou estrangeiras que não cursou.

Os seus escriptos, notaveis nas substancias como os de um critico, jurisconsulto, orador, publicista e historiador eminente, não o são menos na elegancia e correcção da forma, nas quaes leva pela ventura a palma a todos os escriptores brazileiros comtemporaneos. Por isso ha muito que aprender n'este auctor em tudo o que se refere ás bellezas da elocução, e á cópia e pureza da linguagem, qualidades, em que prima como qualquer escriptor classico. Antes porém de entrar na analyse das producções de seu engenho, devo dar-vos succinta idéa de sua vida.

Nascêo João Francisco Lisbôa no logar denominado Pyrapemas da freguezia de N. S. das Dôres do Itapecurú da provincia do Maranhão, a 22 de março de 1812, e fallecêo em Lisbôa a 26 de abril de 1863, na idade de 51 annos, quando o seu singular talento promettia ainda muito; pois a morte veio surprehendel-o no meio de trabalhos importantes, taes como a composição da

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

historia do Maranhão, para a qual havia colligido materias. Foi commendador da Imperial Ordem da Rosa, membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil, e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbôa. Era oriundo de uma das principaes familias da provincia, e filho legitimo do lavrador João Francisco de Mello Lisbôa, e de D. Gertrudes Rita Gonçalves Nina, que ainda vive.

Orphão de pae em mui tenra idade, devêo a sua primeira educação unicamente aos desvelos maternaes. Na idade de onze annos já sabia tudo o que então se podia aprender nas escholas de primeiras lettras. Depois de haver recebido a instrucção primaria n'esta cidade, para onde viéra com sua mãe, voltou com ella á viver no interior, d'onde aos 15 annos feitos veio outra vez a esta cidade, e entrou em 1827 de caxeiro na casa commercial do negociante Francisco Marques Rodrigues, cuja estima em breve adquirio por sua intelligencia e dedicação ao trabalho. Não se achando porém com disposição para seguir a vida do commercio, na qual não podia cultivar seu espirito como desejava, sahio da casa do referido negociante em principio de 1829, para dedicar-se inteiramente ao estudo das lettras.

Foi João Francisco Lisbôa por diversas vezes membro da assembléa legislativa provincial, em cuja tribuna proferiu alguns discursos mui eloquentes, que se perderão porque a assembléa não tinha tachygrapho que tomasse os discursos de seus membros. Correndo apenas impresso o que proferio na sessão de 1849, sobre a conveniencia de se solicitar dos poderes do estado uma annistia para os revoltosos praeiros de Pernambuco.

Exerceu por tres annos o lugar de secretario do governo da provincia, para o qual foi nomeado a 9 de novembro de 1835 pelo presidente Antonio Pedro da Costa Ferreira, depois Senador do Imperio e barão do Pindaré, e do qual pedio exoneração no tempo do successor d'este, porque a politica do governo se achava em opposição com os principios que elle professava. Até 1840 figura este homem extraordinario como jornalista, orgão e chefe de um partido: mas, por haver sido a sua candidatura e deputado a assembléa geral legislativa regeitada pelo mesmo partido cuja causa defendera com tanta habilidade e dedicação, deu-se a novo genero de estudo, e poz banca de advogado para poder subsistir com sua familia. O seu singular talento, que já vimos brilhar na imprensa e na tribuna parlamentar da provincia, não brilhou menos na tribuna forense; e taes forão os creditos que logo adquirio n'esta nova carreira, que obteve por ella não só decente subsistencia, mas uma modica fortuna.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Assim este prodigioso engenho foi unicamente filho de suas obras, tanto na cultura de espirito, como na acquisição dos bens de fortuna, e posição social.

Lisbôa é o genio resplandecendo, e dominando por sua mesma força, e por ella, sem o auxilio das escholas para formal-o, e sem as recompensas populares, nem officiaes para animal-o!

Em outro qualquer paiz, em que as lettras fossem mais bem apreciadas, abrir-se-hião as portas do parlamento a um homem illustre por seu talento e habilitações, e teria elle chegado aos altos cargos do estado; no Brazil porém, onde a mediocridade occupa ainda muitas vezes o logar de verdadeiro merito, foi apenas aproveitado para commissões puramentes scientificas, da mesma fórma que o seu comprovinciano não menos illustre, Antonio Gonçalves Dias, como se não fosse a intelligencia quem devesse governar o mundo!

Foi portanto quando exercia a profissão de advogado que compoz por mero desenfado esses inimitaveis retratos physicos e moraes, o Jornal de Timon em 3 volumes grossos, parte da qual foi composta e impressa na provincia, e parte em paiz estrangeiro; pois em 1855 partio do Maranhão para o Rio de Janeiro, onde residio algum tempo na redacção de diversos jornaes, e de lá para Portugal, encarregado de uma commissão litteraria e scientifica pelo nosso governo. Foi tambem em Portugal,, d'onde fez excursões á Italia e á França, que compoz a biographia de Manoel Odorico Mendes e a sua vida inedita do padre Antonio Vieira.

Havendo fallecido em 1863 em Lisbôa, forão seus restos mortaes transportados para o Maranhão em 1864 pelos extremosos cuidados de sua viuva que só existe para choral-o, e sepultados na igreja do convento do Carmo d'esta cidade, assistindo as exequias tudo quanto n'ella havia de mais nobre em cidadãos, auctoridades, corporações, e fazendo-se-lhes as honras funebres que competião a um dos reis do pensamento.

V.

Joaquim Franco de Sá.

(R. LEMOS.)

A 25 de dezembro de 1807 nasce na cidade de Alcantara, no-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tavel pelos varões illustres á que tem offerecido o berço, Joaquim Franco de Sá, maranhense distincto, que nobilitou a terra natal, deu-lhe pujante prosperidade, encaminhou-a na senda do progresso material e moral, arrancando-a com braço de gigante do abatimento e marasmo em que jazia.

Joaquim Franco de Sá tornou-se saliente pelos estudos aprimorados que fez, do que resultou-lhe abundantes conhecimentos que o habilitaram pára a carreira administrativa, que exerceu com proveito nesta provincia, onde desempenhou o espinhoso cargo de Presidente, tarefa duplamente difficil, pelo elevado da hierarchia, e por ser o lugar do nascimento.

Como, porêm, se conheça a mestria do palinuro só no rigor e no crespo das tormentas, Joaquim Franco de Sá, inspirado pelo patriotismo que nutria, secundado pelas luzes que lhe proporcionáram vigorosos estudos,revelou assaz tino administrativo na crise de provações porque passava a provincia, arrojada, pela impericia dos precedentes timoneiros, á borda do insondavel abysmo da bancarrota.

Administrador illustrado, via em dilatados horizontes o destino grandioso da provincia, vellado nas reconditas paginas do futuro. Filho do paiz, desejoso de lhe dar incremento, e proporcionar-lhe elementos de prosperidade solida, considerou a agricultura base de toda reforma, e germem da riqueza publica. De sua administração dactam os melhoramentos introduzidos no cultivo da canna e fabrico do assucar, fundação de varios engenhos, no que fervorosamente empenhou-se o sabio maranhense.

Homem emprehendedor e laborioso, inaugurou solemnemente a obra do canal do Arapapahy, promoveu os reparos, ou antes reedificação do hospital militar, creou a repartição das obras publicas, deu nova organisação ao thesouro provincial, e formulou optimos regulamentos para essas repartições.

Em sua proficua administração regenerou-se a imprensa periodica: desappareceram os pasquins impressos, esses jornaeszinhos liliputianos, pustulas da imprensa, que maculavam á tudo e á todos com a peçonha mephitica de nojentos escriptos.

Alistado na politica provincial da qual era um dos mais eminentes chefes, Joaquim Franco de Sá fez brilhante figura, attingindo ás maiores posições á que as urnas podem elevar o cidadão: foi deputado á assembléa geral, e successivamente por varias legislaturas obteve a confirmação do voto popular nesse eminente posto: por ultimo, elegeu-o senador do imperio, até que á 10 de novembro de 1851 falleceu na côrte.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Deixou nos annaes da provincia nome respeitavel: é com justiça que o Maranhão o reputa, entre os fallecidos, um dos melhores administradores que tem tido.

Comprehende-se que toda administração deixa quem a applauda, e quem a censure: mas diante da campa de Joaquim Franco de Sá, como da que cobre os restos de Eduardo Olympio Machado, se deve inclinar a provincia agradecida, abafando, no intimo do peito, amortecido qualquer resentimento, e jamais soltar brado indiscreto, ou importuno, que tente empanar a gloria do filho illustre da patria, que amamos estremecidos.

VI.

José Candido de Moraes e Silva.

(R. LEMOS.)

É a imprensa, charos meninos, o invento que mais tem ennobrecido e opulentado o espirito humano. Manifestado o pensamento, stenographado no papel, e entregue aos typos, estes o reproduzem, o generalisam, o disseminam por toda a face da terra.

A sublime obra de João Guttemberg presta á humanidade dous serviços simultaneos e importantes: multiplica os impressos, facilitando a leitura por muitos; grava para sempre o producto da intelligencia, illustrando e unindo as gerações, communicando á umas as idéas das outras, formando do genero humano uma cadêa nitida, cujos élos compactos jamais separam-se.

D'aqui a importancia da imprensa. Affonso de Lamartine a appellida com bastante propriedade—a alavanca de Archimedes, que zomba da força do tempo. E, com effeito, a imprensa é o primeiro elemento de civilisação dos povos: é a força motriz de sua vitalidade: levanta e derriba governos; faz e derroga instituições; anima e dá morte, conforme é empregada.

Resulta, portanto, sêr a imprensa um instrumento delicado, para cujo uso é mister muita prudencia e sabedoria. Assemelha-se no acertado do emprego aos mais saudaveis e ao mesmo tempo mais perigosos medicamentos, que não devem sêr applicados por empiricos profanos e intrusos no templo da sciencia medica, mas por abalisados praticos da therapeutica, verdadeiros sacerdotes em sua profissão.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Os productos da imprensa em seu mais acurado trabalho—o livro, ou em seu mais economico resultado—o jornal, que é o livro do povo, são o thermometro seguro pelo qual se conhece a graduação do adiantamento, espirito, e civilisação dos povos.

Dai-me um jornal dos Estados-Unidos, da Inglaterra, da Allemanha, da França, e do Brazil, e eu vos direi o que é cada um desses paizes: que os Estados-Unidos é o paiz da liberdade absoluta; a Inglaterra, o paiz da opinião popular; a Allemanha, o paiz do raciocinio; a França, a patria dos genios vacillantes; o Brazil, a nação infante, onde tudo é tentamen, ou aspiração de um futuro ainda não definido.

Sugere-me estas reflexões o encontro no passado de um vulto grandioso e sympathico, de um jornalista typo, verdadeiro patriota, tribuno da imprensa, maranhense illustre, que deveis enumemerar entre as glorias patrias, José Candido de Moraes e Silva.

Nascido em Itapecurú-mirim no mez de agosto de 1806, veiu para a capital onde estudou, e assaz distinguiu-se na politica provincial. Exerceu preponderante opinião sobre as massas populares, sobre as principaes influencias politicas, e até sobre o governo, de modo que todos instinctivamente o obedeciam pela supremacia do imperio moral que o jornalista sincero adquire quando redige sabia e conscienciosamente.

José Candido identificou-se com a imprensa, celebrisou-se, immortalisou-se, principalmente na redacção do *Pharol Maranhense*, unico, entre a myriada de periodicos do tempo, que sobre o povo, tropa, e governo exerceu preponderancia. O povo, cujas opiniões respeitaveis sôe manifestar-se com propriedade nas cousas que de perto lhe tocam, cognominou-o *Pharol* em virtude do jornal de sua redacção, da aurea que teve, e dos martyrios que por elle soffreu do absolutismo de então, á ponto do presidente Manoel da Costa Pinto mandar-lhe assentar praça no corpo de artilharia!

Entranhado nas luctas partidarias, era robusto propugnador das liberdades provinciaes, que defendia com ardor na imprensa, soffrendo por isso acerbas perseguições. Devotado em pró dos seus conterraneos, repleto de patriotismo, o Graccho maranhense, foi o denodado corypheu do movimento revolucionario de 13 de abril de 1831, seu principal motor.

Fôra impossivel, naquella epocha de intolerancia pouparem o illustre jornalista. Sobre elle desencadearam-se odios e persegui-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ções, que o forçaram a exilar-se, homisiando-se, arredando-se d'ess'arte, no ultimo recurso, da arena onde degladiou com firmeza e sabedoria a causa da liberdade! Só por esse meio tyrannico extinguir-se-ia o *Pharol*, adaptado aos homens e ás idéas do tempo!

Se bem que vingasse o motim armado, e produzisse tudo quanto desejára José Candido, quando, após a effervescencia popular, serenaram-se os animos, o governo oppressivo de Araujo Vianna achou-se em pleno vigor, e continuou na gestão dos publicos negocios, moveu-lhe todo o genero de perseguições, que obrigaram ao illustre maranhense foragir-se; e nesse exilio forçado, no máo passadio que teve, contrahir enfermidades, que em breve lhe occasionaram a morte succedida á 18 de novembro de 1832.

Velho e cançado desceu ao tumulo, deixando á patria o heroico exemplo do jornalista severo e nobre que defende a causa publica por dedicação, patriotismo, e generosidade d'alma.

VII.

Antonio Joaquim Franco de Sá.

(R. LEMOS.)

A provincia do Maranhão, charos alumnos, conta entre seus mais distinctos poetas um joven, cujas tradicções são mui gratas para os cultores das musas, e tanto mais apreciado quanto digno de melhor futuro, para juntar mais abundante recolta de louros, pois foi arrebatado das lettras na primavera da existencia.

Antonio Joaquim Franco de Sá é o desditoso mancebo de que vos fallo; apenas ia abrindo o sanctuario das sciencias, e galgando as primeiras asperezas do Parnaso, quando prematura morte o conduz á região celeste, verdadeira patria do bardo viajor!

Na cidade de Alcantara teve o berço, ali nascendo á 26 de agosto de 1836, tendo por paes o illustre senador Joaquim Franco de Sá, e D. Lucrecia Rosa da Costa Ferreira.

Mui cedo revelou-se-lhe o estro sublimado com que o archanjo da poesia bafejou-lhe a vida. Composições de esmerado gosto, nas quaes distinguem-se os lampejos de talento procóce, foram o prénuncio do alvorecer do genio. Mais tarde, novos trabalhos, mais completos e estirados, attrahiram-lhe celebre renome entre os contemporaneos, e hoje applaudem-nos os entendidos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Luzindo por momentos na arena litteraria, não teve espaço de colher as palmas do triumpho reservadas ao genio, com que a Providencia dota á seus eleitos. No entanto firmou boa reputação de talentoso poeta lyrico, como provam suas estréas dadas á estampa no *Parnaso Maranhense*, e o volume de *Poesias*, collecionadas e publicadas posteriormente.

Admira-se nas felizes inspirações do joven poeta—espirito folgazão e jovial, imaginação vivida, concepção rapida, lyrismo animado, sentimenfo intimo, dom do improviso, e mais que tudo galhardia e naturalidade de pensamento, verdadeira pedra de toque do poeta.

O joven de tam promettedor talento cursava ainda a faculdade juridica de Pernambuco, quando, em ferias do terceiro anno academico, a morte partindo-lhe os dourados fios da existencia, roubou á patria uma esperança, e ás lettras uma gloria.

Na cidade do Recife, á 28 de novembro de 1856, succumbio, tendo incompletos vinte annos! Momentos antes de exhalar o suspiro final, seu bello estro improvisava trovas, repassadas de melancholica saudade, dedicadas ao constante objecto dos seus cuidados! O poeta, semelhante ao cysne, modulou seus carmes na derradeira hora! Era justo que, havendo tido no oriente o berço emballado pela poesia, tambem no occáso, no leito da morte, lhe soprasse sobre a fronte o doce favonio que inspira os videntes!

A mocidade, essa que cursa as academias, sempre lerá com prazer os *Sonetos* epigrammaticos, e varios *Episodios* da vida peralvilha do estudante: sobresahem pelo aticismo as trovas sobre a *vida de um calouro* das quaes reproduzimos as seguintes quadras:

Mas um dia... o vento era rijo,
Triste o sol n'esse dia fatal,
Eu p'ra as aulas meus passos dirijo
Sem, no entanto, prever nenhum mal.

Sinto gritos... por certo não tinha
Quem os dava a menor polidez;
Era um delles—ladrão de gallinha
E os mais todos do mesmo jaez.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Que vergonha, meu Deus, e que apuros!
As orelhas fizeram-se brasas,
Os meus olhos tornaram-se escuros,
E confusas dançaram-me as casas.

Assim mesmo pensei que o perigo,
Oh! meu Deus, não passasse d'alli,
Fiz que a historia não era comigo
Mas em vão! desgraçado nasci.

E romperam! que horrivel barulho!
Que tremendo e incançavel estouro!
Um berrava d'alli—cascabulho—
D'aqui outros—calouro, calouro.—

Do—calouro—não fiz muita conta,
Pois dizia—calouro—sou eu,
Cascabulho, porem, oh! que affronta!...
Foi, (confesso) o que mais me doeu.

O suor gotejava da testa,
As topádas não tinham mais cabo,
Isto ao som da terrivel orchestra
Que os ouvidos quebrava ao diabo...

Latas, busios, tambor, pratos velhos...
Só se ouvindo uma idéa se faz;
Eu sentia tremer os joelhos,
Sou comtudo um valente rapaz.

Jamais nauta almejou estar em sêcco
Si naufraga inda longe do porto,
Como então suspirei pelo bêcco
Que, á final, consegui, quasi morto.

VIII

Joaquim Gomes de Souza.

(R. LEMOS.)

Quando tiverdes de enumerar as glorias da patria, não deixeis

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

no olvido um nome festejado no mundo scientifico, intelligencia transcendente, verdadeiro genio, orvalhado prodigamente pelo rocio do céu: Joaquim Gomes de Souza !

Nascido á 15 de fevereiro de 1829, em Itapecurú-merim, em breve manifestou superior talento; e, tendo feito as humanidades com incrivel celeridade, conquistou, nos cursos superiores, applausos universaes dos condicipulos; estima illimitada dos professores; nomeada justa, e merecida admiração dos apreciadores do merito.

Juncado de odorosas flôres foi o estadio percorrido pelo athleta vigoroso: corôas immarcessiveis em profusão choveram sobre a cabeça do lidador, que immortalisou-se nas bancadas de alumno, e em pouco tempo sentou-se na cadeira de mestre á que illustrou com seu nome.

Cousa notavel ! Sciencia,—que á todos custa labores, vigilias, afan penoso de prolongados estudos, de meditação assidua; que nem sempre se alcança em avançados annos com a respeitavel e magestosa aureola das cans—Joaquim Gomes de Souza, genio predestinado, a teve copiosa, na flôr da juventude, aos vinte annos, n'essa epocha tam feliz, saturada de esperanças, quando todos nós vamos nos encaminhando á estudos mais serios !

Aos vinte annos, pois, Joaquim Gomes de Souza era lente da Eschola Central do Rio de Janeiro, tam justamente celebre pelos abalisados professores, como pela elevação das sciencias exactas, que fazem objecto de curso.

E ainda na humilde posição de estudante, pois que cursava n'essa epocha o quarto anno academico na faculdade de medicina da côrte, já havia conquistado em brilhante concurso publico uma cadeira do alto magisterio, e o mais notavel, que conhece a classificação das sciencias mathematicas.

Dizem os annaes academicos que Joaquim Gomes de Souza, na calma do seu gabinete, com profundeza, observação, e segurança, estudando conjunctamente medicina, em cuja faculdade fazia a primeira figura, completara em trez annos todas as materias exigidas no curso de mathematicas e engenharia, que somente em sete annos se cursava na Eschola !

Dotado de tam peregrino engonho, e applicado proficuamente á profundos estudos, conseguiu avultado cabedal de variados conhecimentos em sciencias e litteratura.

Homem de labor constante e erudicção consummada, deixou obras de subido valor, completas umas, e esboçadas outras; porém, em todas revelam-se acuradas investigações sobre as scien

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

cias mathematicas e physicas, assumpto de sua especialidade e predilecção.

Escreveu estimaveis *Memorias* sobre a *theoria do som*, sobre o *calculo integral*; publicou em francez uma obra notavel, *Anthologie universelle*; e esboçou outra, monumento capaz de eternizar qualquer corporação de sabios, no genero do *Cosmos*, do profundo allemão Alexandre Humbold, quando a politica o arrancou da serenidade dos estudos abstractos, e o chamou ás procellosas lides do parlamento.

Fôra impossivel á provincia do Maranhão deixar de testemunhar o apreço em que tinha um dos seus filhos mais conspicuos, sonegando-lhe uma prova manifesta de seu amôr e publica consideração: veiu a politica, como interprete do sentimento maranhense; elegeu-o, em successivas legislaturas, deputado á assembléa geral, onde revelou singular talento para as luctas da tribuna parlamentar.

Orador fluente, senhor da palavra, rei do pensamento, Joaquim Gomes de Souza desempenhou papel brilhante no augusto congresso dos sabios do paiz, já nas discussões meramente politicas, já nas controversias, por motivos de interesse publico, que suscitou, ou defendeu.

Breve, porém, foi o perpassar do genio! De saude arruinada e debeis forças, foi mansa e traiçoeiramente o verme da morte corroendo tam viçosa flôr, até que á 1.º de junho de 1863, longe da patria, á que tanto honrou, em Londres, desprendeu as pétalas do fragil calix, e emmurchecidas rólaram para as vallas do sepulchro!

IX.

Trajano Galvão de Carvalho.

(R. LEMOS.)

Cruel fatalidade peza sobre o Maranhão! Seus mais dilectos filhos, com excepções mui raras, somem-se breve nas trevas da campa! A mythologica Niôbe é um symbolo que lhe quadra, porque, como o personnagem da fabula, vê seus filhos uns após ou-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tros descerem ás regiões dos mortos, e só restar-lhe amargurada vida para carpil-os.

Gonçalves Dias, Gomes de Souza, Franco de Sá, foram estrellas que tocaram rapidas seus aphelios, descambaram para o occáso do tumulo, terrivel, porque após elle não surge oriente senão para outros astros! Mais um se vai reunir á constellação para tornal-a mais nitida e resplendente—Trajano Galvão de Carvalho!

Apenas formado em sciencias sociaes e juridicas, retirou-se ao placido remanso do lar domestico, onde, despido de ambições, sem pretenções, nem aspirações, que lhe torvassem os serenos dias, entregou-se por mero recreio ao estudo da lingua vernacula; e nos lazeres que lhe proporcionavam a abastança de lavrador recordava-se da lyra e dedilhava optimas trovas, cheias de sentimento nacional, fina critica, côr e naturalidade locaes.

E' considerado entre os melhores poetas maranhenses. Distingue-se no genero lyrico e satyrico. Correm impressas nas *Tres Lyras* algumas de suas mais salientes composições, e o *Parnaso Maranhense* ornou suas paginas com estimaveis poesias deste maranhense illustre, das quaes escolhemos á seguinte, dedicada á memoria de outro conterraneo distincto, para dár aos meninos estudiosos um exemplo do quanto Trajano Galvão presava as glorias patrias:

Á SENTIDISSIMA MORTE DO BRIGADEIRO FALCÃO.

Maranhão, berço de genios,
Formosa filha dos mares,
Ah! troca por vestes lugubres
As galas de teus folgares,
Ai! não folgues nunca mais!...

Ai! chora que o varão integro,
Dos teus filhos o mais forte,
Que as balas provocou rubidas,
Na guerra vencendo a morte,
Vencêu-o a morte na paz....

Falcão... destino malevolo
Persegue os filhos de Marte!
Cede á morte em leito inglorio
Tendo-a visto em toda parte
De Arbellas o vencedor:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Cae Pompeo em plagas barbaras
As mãos de vis assassinos:
De Marengo o heróe, que indomito
Tangia da morte os hymnos,
Morreu!... aos poucos... de dôr!!!

Falcão!... se, vencendo os seculos,
Seus nomes enchem o mundo,
Foi a scena mais esplendida,
Não foi genio mais profundo,
Não foi peito mais viril...

Quem na lide mais intrepido,
Quem mais sisudo no plano,
Quem no vencer foi mais rapido,
Na victoria mais humano,
Que tu, genio do Brazil?

Foi tua espada um prodigio
No referver da batalha,
A morte poisava rabida
No gume, que o sangue orvalha,
Dos que vão morder o chão.

Imbravecida no prelio,
Semelhava onça faminta,
Que se rodeia de victima;
E de sangue toda tinta
Ferve-lhe ainda o coração.

E pende inerte o teu gladio
Dés que o punho não lhe aperta
A mão, que o regia valida
Nos éstos da guerra incerta,
Onde o teu genio primou.

Ah! desses teus olhos d'aguia,
Onde a vitoria luzia,
O lume brilhante e vivido,
Que o sol vencer contendia,
Para sempre se apagou!...

A voz que troava rispida,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Como o clangor das trombetas,
Nos casos da guerra varios
Movendo mil bayonetas,
Para sempre... emmudeceu!...

Esse peito—incôrronitido
De mil inquebraveis brios,
Das virtudes tabernaculo
De impulsos de feitos pios
Já mais não pulsa... morreu!...

Ao cultivo da poesia junctava Trajano Galvão o muito conhecimento que tinha do patrio idioma. No recondito interior da provincia se occultava um insigne mestre da lingua de Camões, sómente conhecido por esses que por sua vez sabios, teem o condão de entenderem-se em proveitosa correspondencia.

Quando o venerando Francisco Sotero dos Reis publicou as *Postillas Grammaticaes*, Trajano Galvão pronunciou o sabio *Juizo critico*, annexo ao fim do volume, duplo elogio, para o auctor que o traçou, e para o encomiado.

Lamento que o espaço não permitta trasladal-o integralmente, lêde entretanto os seguintes trechos:

«Resumida no volume, porém grande no alcance litterario e scientifico, opulento dos thesouros de uma erudição vasta e recondita—bebida em leitura mui de espaço e varissima, é vasada nos mais puros e elegantes moldes do estylo terso dos classicos. Tal é o livro, marcado com o cunho do vigoroso talento do Sr. Francisco Sotero dos Reis, sobre que vamos, a medo e com a devida venia, aventurar algumas ligeiras considerações, as quaes, todavia, não se hão de traduzir em meras formulas laudatorias de critica louvaminheira, porquanto, para cabal elogio do livro sobraria o nome auctorisado, que o rubrica.

«Sabedor profundo da grammatica geral, latinista consummado, leitor assiduo e allumiado cultor da nossa litteratura classica, traductor desempeçado e elegante da mór parte das linguas neo-latinas, eis os traços disseminados, as feições esparsas, que formam quasi completa a photographia intellectual do illustre grammatico maranhense.

«Tudo isto, com effeito, releva que adune em si quem quer que tomar aos hombros o difficil empenho de compor, com talento e consciencia, a grammatica da lingua portugueza: ha-de ter conhecimento aprofundado d'ella, e dos escriptores que mais a illustra-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ram; ha-de saber de raiz e cabalmente a philosophia das linguas ou grammatica geral; ha-de superar todas as difficuldades, e possuir todos os segredos da lingua mãe ou latina; ha-de, finalmente, traduzir correcta e correntemente as linguas coirmãs e de identica filiação, mormente a castelhana, a franceza, e a italiana.»

Eis como se expressa um litterato consciencioso e modesto, que gyrando fóra do movimento litterario urbano, novo Juvenal, ciosamente occultou-se nos prados, como a açucena dos campos, mas foi denunciada pela fragrancia que á seu pezar exhala.

Em seguida á esse acontecimento, que encheu de gaudio aos amigos e admiradores, sobreveiu-lhes tristeza pungente, pois que prantearam seu passamento á 14 de julho de 1864.

Apenas com 33 annos extinguiu-se esse luminoso espirito, que raiara á 19 de julho de 1831 no Alto-Mearim, onde nasceu, viveu, e morreu!

X.

Feliciano Antonio Falcão.

Nasceu Feliciano Antonio Falcão, no quartel do Campo de Ourique, da cidade de San'Luiz do Maranhão, á 31 de maio de 1810, tendo por paes legitimos o brigadeiro Manoel Antonio Falcão e D. Maria do Carmo Monteiro.

Dedicado dos mais tenros annos á carreira das armas, assentou praça de cadete a 26 de outubro de 1813; foi promovido a alferes á 4 de julho de 1820: á tenente á 12 de outubro de 1823: á capitão á 3 de maio de 1825.

Por tão rapidos accessos, charos meninos, estaes vendo que este illustre maranhense era um verdadeiro genio militar, que somente por serviços relevantes subia á postos superiores,

De 1825 a 1839, no posto de capitão, commandou a *guarnição* de Caxias, o 11º corpo de *artilharia de posição*; o 15º de *caçadores*; a 1ª companhia de *municipaes permanentes*; o corpo de *policia* (organisados por elle); as *forças contra os Balaios*; a *brigada pacificadora*, sendo promovido á major, após tantos serviços valiosos, á 9 de outubro de 1839.

De 1840 á 1841 commandou o *acampamento* da Vargem-Grande; a *columna em operações*, as *forças pacificadoras* da provincia do Maranhão; e exerceu o cargo de *Prefeito de Policia* da capital, sendo promovido á tenente-coronel á 18 ne julho de 1841.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Deste anno á 1843 commandou o 7.º de *caçadores;* a *guarnição* de Caxias; o 5.º de *fuzileiros*, que exerceu até ser promovido brigadeiro á 3 de março de 1852.

Nas provincias de seu nascimento, de Pernambuco para onde foi transferido, e Parahiba, prestou relevantissimos serviços á paz e á ordem publica, commandando corpos, subjeitando rebeldes, e defendendo a integridade nacional.

O soldado brazileiro (diz o seu biographo) ainda não tivera tempo para encostar a arma e descançar um pouco das fadigas de uma guerra interna, já as nossas relações com o governo de Buenos-Ayres, complicadas pela aleivosa conducta do dictador Rosas, escureciam o horizonte politico dos dous povos, e lhe preparavam novas fadigas e sacrificios. O governo imperial, querendo prevenir uma invasão ao Sul do Imperio, formou uma liga com as republicas limitrophes á este ponto contra tão turbulento e importuno visinho, para batel-o dentro do seu proprio dominio,

Bem depressa o pavilhão do Imperio tremulou no terreno do Prata, e se abriu para nossas armas um novo campo de gloria. Cazeros com suas torres arredondadas, com seus baluartes inconquistaveis, guarnecido e defendido por numerosos esquadrões, campeando no meio de extensa esplanada, como um gigante medonho, mostrava aos nossos guerreiros o perigo da lucta, e a difficuldade do triumpho, o que mais realçaria a gloria dos vencedores. Era mister pois que a decidida coragem e bravura dos Brasileiros desvanecesse o desar de suas armas em dias menos felizes no solo Oriental e lhes rehabilitassem o credito; e Cazeros cahio vencido com toda a sua força e robustez. Extenuado em um conflicto recrescente e vigoroso, o gigante abatido, curvou o cóllo, e o dia da sua queda marcou na historia do Paiz uma época de gloria para nossas armas, um episodio brilhante nos fastos da Nação.

Alli, ao sol do combate lusia a espada do nosso illustre comprovinciano, commandando a *segunda brigada da divizão brazileira*. Valente e denodado na refrega, dando maior latitude á grandeza do seu nome, e reduplicando o lustre das acções passadas por novos feitos de valor, avançava impavido para o triumpho por entre as metralhas do inimigo!

Avança 5.º!... repetia elle ao batalhão que levara do Maranhão, percorrendo as filas! Avança 5.º!... Estava desejoso de o ver sobresahir na acção!

Os serviços, que prestou nesta campanha, o elevarão ao posto

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

de brigadeiro. Regressando a côrte, foi nomeado *director do arsenal de guerra e membro do conselho d'administração* para fornecimento do dito arsenal.

Foi ao depois removido para *commandante das armas* da provincia de Pernambuco, cargo que exerceo até o dia de sua morte, 19 de junho de 1853. Veio ter o tumulo no logar onde lhe coube adquerir grande parte de sua gloria!

Atacado de uma forte congestão cerebral, a morte ceifou-lhe a vida, pondo termo a uma existencia matizada de gloria; mas seus nobres feitos perduram na memoria dos seus compatriotas!

O governo imperial, em remuneração aos eminentes meritos e assignalados serviços deste eminente cidadão distinguío-o, conferindo-lhe as commendas de S. Bento de Aviz, da ordem da Rosa, dignitario da imperial ordem do Cruzeiro, e as medalhas de distincção outorgadas aos bravos que pelejaram na campanha do Prata!

XI.

Christovão Colombo.

SUA INFANCIA.

Vou rematar estas biographias dando-vos para ler a vida de um dos maiores homens do mundo, verdadeiro eleito da Providencia e a quem nós americanos devemos nossos corações: Christovão Colombo.

Em 1435 nasceu em Genova tão preclaro varão e forão seus primogenitores, Domingos Colombo e Suzana Colombo.

Na edade de 9 annos enviarão-no a Pavia a fim de fazer alguns estudos, mas pouco se demorou alli, pois que aos 14 annos já se achava embarcado.

DESASTRE.

Tinha Colombo a mais decidida vocação para a vida nautica e uma vez embarcado, assentou não abandonal-a.

Intelligente, activo, denodado, amestrava-se navegando no Mediterraneo, como para ensaiar as azas tão arrojadas, que darião o altaneiro vôo d'aguia atravez do MAR TENEBROSO.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Cruzando um dia ás plagas portuguezas encontrou-se com um corsario veneziano, que lhe offereceo combate.

Foi sangrenta a luta. O joven maritimo, para que não lhe fugisse o inimigo atracou seu navio com fortes ancoras, mas incendiando se este, em breve as chammas vorases envolverão ambos.

Colombo que dispunha de formas athleticas, habil nadador atirou se ao mar como unico recurso e conseguio alcançar as plagas lisbonenses.

COLOMBO EM LISBOA.

Então vivia em Portugal seu irmão Bartholomeu Colombo, que occupava-se em trabalhos cosmographicos, o qual extremecidamente acolheu o irmão naufragado.

Em Lisboa casou-se com D. Felippa Perestrello, filha do famoso piloto Bartholomeu Perestrello.

Alli elle meditou, educou e remoeo a grandiosa idéa de buscar novas terras e caminho o mais curto para as Indias Orientaes.

PROPOSTAS.

Attingindo a edade de 40 annos resolveo dar começo a grandiosa empresa.

Em primeiro lugar offereceu-se a Genova e Veneza por pertencerem a sua terra natal, depois a Portugal por ter ai laços de familia; mas todos o regeitarão tendo-o como *visionario*.

Colombo sympathisava com Hespanha e por isto entendeo dever offerecer-lhe a empresa. Este reino, então, lutava com a formidavel guerra dos mouros, senhores de Granada.

Isabel, porem, que empunhava o sceptro hespanhol, muito sympathisou com as ideias de Colombo e prometteo attendel-o, opportunamente.

Entretanto D. Fernando, seu esposo, a nobresa e côrte erão abertamente contra a expedição.

O plano de Colombo, por consequencia, foi sujeito ao sensato exame de uma commissão de sabios, que discordando das theorias do Genovez propunhão-lhe gravissimas objecções, as quaes respondia elle com admiravel mestria e lucidez.

Oito annos passarão-se nestas luctas e discussões, que trouxerão ao futuro descobridor d'America muitos dissabores; até que rendendo-se Granada lusio-lhe n'alma um raio de esperança.

Nada obstante tão venturoso acontecimento havia ainda grave

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

difficuldade a superar: os cofres publicos estavão exauridos. Isabel desejava favorecer a empresa, mas não tinha recursos.

O PADRE PEREZ.

Seria demasiada ingratidão esquecer aqui o sympatico nome do padre Perez, guardião do pequeno mosteiro da Rabida, em Palos e onde primeiro se hospedara o Genovez chegando a Hespanha.

Este padre, dispondo de conhecimentos, bom nome e muita influencia na côrte, tomou o mais vivo interesse por elle.

E um dia depois de conferenciar largamente com a Rainha, em favor do amigo, e encontrando serios embaraços recolheu-se a capella real, fechou as portas e entregou-se ás mais fervorosas supplicas pedindo a Deus illuminasse e inclinasse benevolamente o coração da imperante.

Neste momento dois amigos de Christovão fazião novos pedidos em favor da empresa. Subitamente inflamma-se, agita-se Isabel e diz que vai tomar a responsabilidade da expedição, nada obstante a geral opposição. E como não houvesse dinheiro, a magnanima Rainha offereceo suas joias para serem empenhadas ou vendidas: tão sublime rasgo fez derramar lagrimas. O quadro era imponente: d'um lado os dous amigos de Colombo agradecidos beijavão de joelhos as mãos de Isabel e no fundo da capella estava Perez curvado com a fronte por terra!

Convindo as partes entre si foi o grande homem nomeado *Almirante do oceano e Vice-Rei das terras que descobrisse.*

DIFFICULDADES EM PALOS.

Vencidos estes primeiros embaraços e expedidas ordens para arrolamento de tripolação e aprestos da flotilha, recusarão-se os habitantes de Palos e os mais experimentados marinheiros, sabendo a direcção da viagem negarão-se acompanhar Colombo.

Segundo as ideas e ignorancia da epocha denominavão o Atlantico: MAR TENEBROSO, por supporem-no sepultado em noite eterna e povoado de monstros marinhos como a ave Rok.

Foi no meio destes embaraços que assomou o imponente vulto do padre Perez, fallando, prégando nas praias e mostrando ao povo quam infundadas eraim taes idéas.

Sua palavra magistral, os titanicos esforços do Almirante e a coragem dos irmãos Pinzões, intrepidos maritimos, que acompanharão ao grande Expedicionario desfizerão as patranhas do MAR TENEBROSO.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

PARTIDA.

Tudo estava preparado. Chegou a vespera da partida; o Almirante reunio as tripolações, fallou-lhes mostrando a grandeza da expedição e a necessidade de entregarem-se religiosa e completamente a protecção divina.

Todos dormirão embarcados, excepto o Almirante que passou a noute orando, na capella do convento da Rabida.....

.....Soarão 3 horas do dia 3 de agosto de 1492. Siciavão as cumiadas dos pinheiros da montanha, onde ostentava-se o pequeno mosteiro. As brisas de terra aveludavão os sandalos da collina e debruçavão os fustes dos pinheiros sobre as torres da ermida....

Tudo repousava no silencio do somno, mas o ouvido de Colombo, afeito a navegação annunciou-lhe ser chegada a hora suprema da partida.

Ergue-se; bate á cella do padre Perez, vão a capella, reveste-se o sacerdote e offerece o Sacrificio em uma intenção inteiramente nova: a descoberta do *Novo Mundo*.

Dirigirão depois á praia; dá o Almirante o signal convencionado; começa o movimento: silvão os apitos, rangem os carritéis, entesão-se as cordas, enfunão-se as vellas...

Os habitantes de Palos despertão, abrem-se janellas e portas, brilhão centenas de luzes e como um só grito reboa: PARTEM! EIL-OS QUE PARTEM!

Apinhão-se as praias; chorão uns, suspirão outros e todos afflictos estremecem...

A flotilha composta de tres caravelas: *Santa Maria, Nina* e *Pinta*, se fazia ao largo...

TAVESSIA DO ATLANTICO.

Logo que as tripolações perderão de vista a terra começarão a chorar e bater nos peitos dizendo o ultimo adeos a patria, familia, parentes e amigos.

Desde então forão constantes as lutas sustentadas pelo Almirante.

Pedidos para voltarem, instancias, rogos, supplicas, ameaças até a revolta aberta tudo foi posto em pratica; e o que mais é os mesmos intrepidos Pinzões entrarão na conspiração!

Mas Colombo qual Moysés tinha na fronte reflexos de grande eleito divino e bastava um gesto para impôr. Sua palavra trasspassava e amoldava os corações enfurecidos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Um dia, porém, em que o mar appareceo coberto de heryas marinhas, forão geraes e freneticos os clamores, por supporem que as caravelas ficarião prezas nas hervas, donde sairião monstros para tragál-os.

Colombo a quem não faltavão recursos nas occasiões mais difficeis, tranquillisou-os dizendo que as hervas indicavão terra proxima.

11 DE OUTUBRO DE 1492.

Depois de grandes perigos e martyrios, assomou a tarde de 11 de outubro; deo-se o signal para a oração.....

O ar estava sereno; apenas deslisavão-se ligeiras brisas docemente infunando as velas. Nuvens avermelhadas reflectião-se na face das agoas apenas encrespadas.

Atufava-se o sol na cerulea amplidão e as tripolações ajoelhadas murmuravão suas preces.

Concluido o acto ergueu-se o Almirante, como apossado de idéas inefaveis determinou colhessem os pannos e que dessem muitas graças a Deos, por serem chegados ao termo de seus trabalhos e fadigas.

TERRA !

Veio a noite: ninguem dormio. Pelas 10 horas Colombo vio fraca luz bruxolear além, que em breve apagou-se... Escoavão-se as horas... embebião-se todos os olhares na immensa amplidão... quando subitamente fuzila um raio, rebomba uma peça: TERRA ! TERRA ! grita a tripolação da Pinta.

O Almirante antes de entregar-se aos transportes de alegria ajoelha-se, ergue as mãos e entôa o *Te Deum laudamus*, a que os marinheiros, movidos por um mesmo sentimento, respondem com voz cheia e commovente...

Erão 2 horas da manhã. Estava descoberta a America.

PRIMEIRAS ILHAS DESCOBERTAS.

Ao luzirem os primeiros raios do sol, virão a verde-negra vegetação americana e as brisas trasião-lhes balsamicas lufadas.

A 1.ª ilha dêo Colombo o nome de S. Salvador, em homenagem ao Verbo Divino, do qual era elle fervoroso cultôr; a 2.ª de Santa Maria, a 3.ª Isabel e a 4.ª Fernandina.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Os Indigenas encontrados erão selvagens, porem, mais bem dispostos que os do nosso Brazil, quando descoberto por Cabral.

PERDA.

Feitas algumas explorações, teve o Vice-Rei a infelicidade de perder uma das caravelas, pelo que deixou parte da tripolação em Haiti, formando pequena colonia.

VOLTA.

Dadas as competentes determinações, voltou o Almirante carregado de mineraes, vegetaes, animaes e alguns Indios.

Grandes forão as tempestades que experimentarão n'esta viagem; e mais de uma vez se julgarão irremissivelmente perdidos. Mas sempre amparados por Deus alcançarão o porto de Lisbôa, onde immediatamente ecoou a nova da assombrosa descoberta. Tal foi a raiva dos aulicos que chegarão propôr á D. João I a morte de Colombo, o que o principe repellio dignamente.

COLOMBO EM HESPANHA.

Logo que divulgou-se o feliz regresso do Inspirado Navegante, não houve limites ao gaudio.

Á todos se afigurava Colombo como um semi-deus; anciosamente desejavão contemplar essas producções do novo paiz, essa nova especie de homens; e quando chegou o dia em que o Almirante devia ir ao Paço, não houve lugar, que contivesse a multidão curiosa.

Apinhavão-se as portas, enchião-se as ruas, peijavão os largos e regorgitavão as salas do palacio real. Por toda a parte soavão os applausos triumphaes...

Colombo atravessou sem orgulho e vaidade esta scena; fez aos Reis sua narração singella e despedida de aspirações fatuas.

SEGUNDA VIAGEM.

Immediatamente fizerão-se os preparos da segunda viagem, e d'esta vez era grande o numero dos que desejavão embarcar: uns por espirito de novidade, outros esperando auferir grandes thesouros, e todos venturas incalculaveis.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

DESCONTENTES.

Ao chegarem, porem, ao Haiti, onde ficara a pequena colonia encontrarão apenas restos humanos aqui e alli espalhados attestando a desventura dos colonos.

A causa fôra que, havendo-se elles desmandado, attrahirão a sanha dos Indios, que os destruirão completamente.

Para reparar estas e outras perdas foi necessario trabalhar muito e refrear os Hespanhóes, cujas tendencias erão os desmandos e violencias contra os Naturaes.

D'ai vierão os odios e revoltas contra Colombo e seus irmãos por quererem reprimir as injustiças.

Quasi todos os colonos se rebellarão e tomarão armas contra o Almirante, e só a protecção divina livrou-o da morte.

O Vice-Rei, alma grande e nobre perdoou a muitos, que chegando a Hespanha tecerão acervos de calumnias: e não descançávão os gratuitos inimigos, em suas infernaes maquinações! Sabendo que Izabel zelava a liberdade dos indios, a quem chamava filhos, afirmarão-lhe que Colombo e alguns colonos seus adeptos erão acerrimos inimigos d'esses infelizes, escravisando-os cruelmente de commum accordo. Izabel tendo illimitada confiança em Colombo não acreditou, e apenas mandou á um tal Bovadilha para inquerir sobre as revoltas e questões de Indigenas.

PRISÃO DE COLOMBO.

Bovadilha instigado pelos inimigos do Almirante, chegando á Colonia apossou-se da casa, roupas, dos moveis e até dos papeis particulares do Vice-Rei mandando carregal-o de ferros!

Mas ninguem ousou fazer tal crueldade e somente um cosinheiro do Almirante prestou-se, rindo á tão iniqua execução.

Do mesmo modo os dois irmãos, Bartholomeo Colombo e Diogo Colombo, manietados forão barbaramente fechados no porão de um navio, que velejou para Hespanha.

DOR DE IZABEL.

Contão alguns historiadores que a rainha ao receber o grande descobridor da America não pode conter as lagrimas, e deo ordens para lavrar-se a demissão de Bovadilha propondo-se á castigal-o.

Em seu logar nomeou-se provisoriamente a Ovando, para gover-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

nar a Colonia, em quanto serenavão-se os odios contra o Almirante. Comtudo é fama que desgosto profundo invadio o coração da victima, que publicamente tomou o habito e cordão de S. Francisco.

Seo irmão Diogo Colombo ferido pelo mesmo golpe deixou todos seus interesses e abraçou a vida sacerdotal.

QUARTA VIAGEM—TEMPESTADE PREDICTA.

A 4.ª e ultima viagem de Colombo é fecunda em extraordinarios acontecimentos. Foi por esta occasião que chegando ás proximidades da *Hispaniola* (Haiti), mas não querendo fosse sua presença causa de algum inconveniente, mandou pedir ao governador Ovando que o deixasse abrigar-se de uma tempestade eminente.

E vendo estar de sahida uma flotilha mandou dizer ao mesmo Ovando que demorasse-a porque dentro em 8 dias cahiria mui grande procella.

Ovando não só recusou o abrigo pedido, como á conselho de peritos nautas mandou sahir a flotilha.

Por alguns dias viajarão com bom vento, mas cessando este cahio o mais desenfreado temporal.

N'estes navios, alem d'outros, achava-se o celebre Bovadilha, algoz de Colombo.

Aí tambem ião grandes riquezas, provenientes de roubos e sanguinarias violencias contra os indigenas.

Tudo isto, porem, foi tragado pelo mar, ao passo que as embarcações do Almirante apenas experimentárão algumas agitações mais violentas. Este facto apresenta-nos traços tam luminosos que os mesmos *espiritos fortes* lhe concedem honras miraculosas.

VIAGEM PARA O ISTHMO DE PANAMÁ.

D'aí se dirigio Colombo para o Isthmo viajando sempre junto á terra. Titanicas forão as lutas contra as correntes pelagicas e fortes tempestades como jámais havião experimentado. Extenuados e sem esperanças de salvação entregárão-se á mercê das vagas, alteadas como grandes montanhas. O Almirante morto de fadigas e atacado de rheumatismo muscular, permanecia deitado, sem poder levantar-se.

Um dia, porem, ouvio gritos tam agudos, ais tam pungentes

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

que parecião despedaçar-lhe o coração. Aguilhoado pela agonia, fez esforço supremo, levantou-se e vio assombrosa tromba que redemoinhando em forma de X vinha sobre os navios ameaçando engolil-os.

O Mensageiro Divino conheceu a eminencia do perigo; mandou accender velas bentas, astear o pavilhão, cingio o cordão de S. Francisco, sobre elle a espada, tomou o livro dos Evangelhos e de pé no tombadilho recitou em voz alta o Evangelho de S. João, que diz: *A principio era o Verbo, o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus...* E tirando a espada fez trez cruzes no ar, traçou um gyro, por onde immediatamente retrocedendo a tromba desappareceo na immensidade.

ARRIBADA A JAMAICA.

Já estando muito arruinadas as caravelas mal poderão alcançar a Jamaica (ilha), donde o Almirante mandou a *Hespaniola* pedir auxilios para retirar-se visto não ter um só barco nem meios para fazel-o.

O escolhido para esta difficil sinão impossivel empresa foi o prestimoso *Diogo Mendez*. Este homem intrepido fiado na palavra do Chefe, que disse-lhe: *Vai e chegarás em paz*, affrontou os maiores perigos, em pequena canôa, que mal prestava-se a pescaria costeira.

VIAGEM DE DIOGO MENDEZ.

Derramai uma lagrima sentida sobre os infelizes navegantes.

Seis dias erão já passados; não havia uma gota d'agoa. Alguns indios remeiros para refrescar-se atiravão-se ao mar, outros desfallecidos caião sobre os bancos!

No 6.º dia a noite, quando se debruçava a lua sobre o occaso vio Mendez um corpo que roubava-lhe parte do astro das noites.

Suppondo alguma ilha, fez prôa ao objecto e effectivamente chegou a Navasa, pequena insula inteiramente esteril.

Saltando, aí encontrarão algumas poças d'agoa pluvial: tal era o estado dos navegantes que, não obstante as recommendações de Mendez, alguns remeiros beberão tanto que morrerão immediatamente.

Fazendo-se de novo a remo chegarão em paz a Hespaniola, mas Ovando, maliciosamente pretextando não ter barcos, demorou os auxilos por mais de 5 mezes!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

REVOLTA.

Os que havião ficado na Jamaica, cançados por tam longa demora, julgavão Mendez perdido e elles para sempre degradados na ilha; mas o Almirante, robustecido pela fé, affirmava constantemente que Deos tinha levado a salvamento seu enviado.

Entretanto a mór parte da tripolação descrendo estas affirmações conjurou-se, e em dia combinado assomárão ameaçando matar o Almirante,e brandindo suas espadas desapparecerão levando algumas pirogas.

Quatro vezes atirárão-se ao mar e, quatro vezes repellidos, entregárão-se a desmandos e violencias contra os indigenas.

ECLIPSE.

Para cumulo de afflicção os Indios despeitados contra os rebeldes, tentárão vingar-se em Colombo negando-lhe todos os recursos, para o matar a fome.

Mas o Mensageiro Divino teve miraculoso conhecimento de um eclipse com antecedencia de 8 dias, e annunciando-o aos Naturaes disto tirou partido para evitar a morte certa.

Passados longos mezes veio finalmente o tão desejado áuxilio e partirão anciosos para Hespanha.

MORTE DE COLOMBO.

Chegado a Hespanha teve o Almirante a infelicidade de perder sua protectora D. Isabel.

Os inimigos do Vice-Rei, então, apoiados por D. Fernando protellarão, negarão seos creditos e direitos a ponto de o deixarem na miseria. Pungido pela morte da Rainha, alquebrado por tantas injustiças e enfermidades contrahidas nas viagens, depois de receber todos os Sacramentos da Egreja, recitando os *Psalmos penitenciaes* entregou seu grande espirito ao Creador a 20 de maio de 1506, dia da Ascenção. Colombo foi um santo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

PARTE HISTORICA.

Revolução do Maranhão em 1684.

(REVOLUÇÃO DO BEQUIMÃO).

Foi esta revolução cheia de grandes acontecimentos, como a expulsão dos jesuitas, execução de Bekman, S. Paio e Deiró.

Seria longo apontar todas as causas que gerarão-na, porém não passaremos em silencio sobre algumas das mais importantes.

Com desejo de auferir alguns lucros havia a metropole monopolisado a venda de certos objectos no estado do Maranhão, e Gran-Pará, ao que denominara Estanco, porque realmente estancava-se aos particulares o direito de venderem e comprar certos objectos; a não ser em mão do Estanco.

Mas não colhendo bons resultados passou o plano as mãos de uma companhia, chamado dos *Assentistas*, cujo principal representante foi Paschoal Jansen.

A companhia tinha certos onus, como substituir o braço indigena, introduzindo pretos vindos de Africa, trocar as mercadorias por generos do paiz, &.

Mas em breve tempo os associados dispondo dos unicos meios de transporte abusarão não só taixando por baixo preço os productos da terra, como deixando-os apodrecerem nos armazens.

Estas e outras cousas exasperarão os colonos impellindo-os a revolução. Além destes motivos de commercio havia tão bem o da liberdade dos indigenas, o que envolveu os jesuitas existentes em S. Luiz.

É a penna de João Francisco Lisboa que nos vai apresentar alguns dos principaes quadros desses acontecimentos.

Escutemo-lo descrevendo elle alguns dos principaes personagens da revolução.

«A frente de todos, assim pela importancia do papel que desem-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

penhou, como pela tempera do caracter, e outras grandes qualidades pessoaes, deparamos logo com Manoel Bekman.

Nascido em Lisboa de pae allemão e mãe portugueza, que os seus detractores, para o macular, diziam ser de raça judaica, passou ainda moço ao Maranhão, onde mediante a sua industria e honrado procedimento, soube fazer-se geralmente estimado, filiando-se a nobreza da terra, e ajuntando cabedal sufficiente para levantar um engenho no Mearim.»

Aqui descreve Lisboa os primeiros infortunios de Bekman, como de ter sido preso e deportado para a fortaleza de Gurupá. Este passo contra elle fôra motivado pela nomeação do mameluco Vital Maciel Parente, para capitão-mór ao que Bekman levou muito a mal, chegando mesmo a provocar motins.

El-Rei perdoou-o, mas ralado o coração do deportado pela injuria soffrida, e ainda mais incendiado pelos desmandos que via diariamente não descançava derramando a semente da revolução.

Dividirão-se dois partidos: d'um lado os jesuitas e d'outro Bekman, com os carmelitas, capuchos e a maior parte do povo.

Todos os dias a idéa de revolta ganhava terreno: houve religiosos que levarão a questão ao pulpito discutindo-a calorosamente.

Bekcman, porém, era a alma do movimento. Além deste aponta-nos a historia á seu irmão *Thomaz Bekman* e *Jorge* de S. Payo Carvalho.

Eis como os descreve João Lisboa.

«Thomaz Bequimão, irmão mais moço de Manoel, e como elle cidadão de S. Luiz, não fôra tão profusamente dotado pela natureza. Possuia, comtudo em gráo eminente uma eloquencia persuasiva, e o dom de insinuar-se brandamente nos animos; especie de litterato de seu tempo, como então, e em tal recanto do mundo, era possivel se-lo—por ventura um d'aquelles *versistas, fazedores de satyras e pasquins, contra o decoro dos que governam*, de que se enquerio annualmente nas devassas janeirinhas.

Havendo em certa occasião queixas delle no senado, mandarão-n'o chamar os vereadores, e pedirão-lhe por muito favor que não continuasse com os seus papeis, porque com elles trazia escandalisado os animos, Thomaz Bequimão resistio, dizendo que os seus papeis a ninguem offendião; e como nisto, alteasse a voz, e apesar de advertido, continuasse no mesmo tom, o senado mãndou formar-lhe culpa por *desaforo*. Em uma carta regia expedida na mesma occasião em que a revolução estalava em S. Luiz, achamos que elle solicitára da côrte licença para advogar, allegando

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

que exercia a profissão havia mais de onze annos com muita satisfação e sufficiencia, pois era bom grammatico e philosopho, e entendia bem os livros.

A existencia de Jorge de S. Payo de Carvalho, que devia terminar por um modo tão funesto, foi desde o começo votada ás agitações e tormentas da vida publica. Este homem activo e inquieto madrugou na carreira em que tinha de perseverar até o fim. Encontramol-o, quasi contemporaneo da invasão hollandeza, escrivão da camara em 1614, e seu procurador em 1650. Neste anno obrigou-se por um termo a ir ao reino sollicitar as dependencias do senado, com clausula de não poder sollicitar outras, em quanto não tivesse e sob pena daquellas despachadas repor o dinheiro que se lhe dava para as despezas. Em principios de 1653, por occasião do tumulto que houve na chegada do padre Antonio Vieira, de uma das janellas da camara orava elle enfurecido, chamando aos padres nomes affrontosos e bradando ao povo que fosse lançal-os fóra, com que correram todos de tropel ao collegio, e o intento se levaria a effeito, se o não embargasse o capitão-mór Balthazar de Souza que, accudindo de espada e broquel a frente de uma campainha, dispersou os amotinados.

Poucos mezes depois, vemo-lo outra vez procurador da camara a requerer em vereação que se prohibisse a aguardente de mandioca, por ser prejudicial ao fabrico da farinha, e que a de cana se taxasse a quatrocentos reis a canada.

E ainda em novembro seguinte delibera a camara fazer outro procurador para o resto do anno, por estar Jorge de S. Payo preso á ordem do ouvidor geral.

Em 1656 é a mesma camara que em agosto o manda prender, e lhe impõe a multa de seis mil reis por haver elle desobedecido a uma ordem sua que mandava tomar as buletas (sic), e em outubro o fez notificar para não usar do officio de escrivão da provedoria dos defuntos, sem apresentar em vereação a respectiva provisão, visto que só a camara tocava ordenar ao competente registro.

O seu nome apparece outra vez na expulsão dos jesuitas em 1661. «Fizerão procurador para ir a côrte o Sr. S. Payo, estando agora actualmente preso» escrevia o governador D. Pedro de Mello ao padre Antonio Vieira, referindo-lhe as scenas tumultuarias, que acabavão de passar-se.

Da côrte, escrevendo aos seus algum tempo depois, condemnava o desacerto com que tinhão remettido para ali o mesmo padre, cuja influencia punha serios estorvos a todos os seus passos.»

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Continuando a descrever a revolução de 1684 diz João Lisboa que preparado o terreno para a revolta, chegou o dia 23 de fevereiro, vespera de uma sexta-feira de Passos, dia que pareceu azado aos conjurados.

Distribuirão-se os convites e a meia noite teve lugar numerosissima reunião na casa dos capuchos.

Houve largas e calorosas discussões, mas ia dissolver-se a reunião sem chegar-se a um resultado; quando do meio da multidão ergueu-se o ilheo Manoel Serrão de Castro homem brutal e de pouca supposição o qual arrancando e brandindo a espada exclamou furioso—*que pois havião chegado até alli, já agora não havia recuar do proposito começado com tanto perigo, e que o traidor que o contrario sustentasse, alli mesmo acabaria em suas mãos.*

A' este grito todos se contiverão e guiou-se a turba a casa das auctoridades, a que depoz e prendeu.

Consumada a revolução, determinarão a deposição do governador, existente então no Pará; a expulsão dos padres jesuitas; nomearão governo composto da camara e de tres adjunctos.

Foi Bekeman um dos primeiros nomeados, dando-se-lhe por collega a Eugenio Ribeiro Maranhão e Thomaz Bekeman.

Escutemos como João Lisboa descreve a retirada dos jesuitas.

«Domingo de Ramos, dia aprasado para o embarque, os padres, em numero de vinte e sete, depois de ouvirem missa, e de se despedirem um a um de Nossa Senhora da Luz, padroeira do collegio, sahirão pela porta chamada do carro, fronteira ao mar, conduzido em rede um delles, que de velho e achacado não podia caminhar, e os mais a dois e dois, com as palmas bentas inclinadas sobre os hombros, reportados e tranquillos no porte e nos gestos, os semblantes graves e tristes, os olhos baixos e lacrimosos, indicando tudo mansidão e resignação, e por nenhum caso á colera ou a impaciencia.

A multidão prevenida e curiosa, entre a qual avultavam innumeros indios armados de arcos e flechas, apinhavam-se nas duas collinas que ficão fronteiras, uma do lado da Sé e outra de Santo Antonio; o cortejo desfilava pelo centro entre ambas, ao som dos sinos que tocavão como a rebate, e encaminhava-se lentamente ao lugar da partida, que era onde hoje se chama a Praia-Pequena.

A êsse espectaculo desusado e triste, o povo mostrou uma consternação profunda; e conta-se que o proprio Bequimão, tão commovido como os mais e sem poder conter as lagrimas, adiantou-se para abraçar publicamente a um dos padres de quem era particular amigo. Mas este passageiro accesso de ternura e com-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

paixão não podia de modo algum obstar á execução de uma medida dictada por interesses profundos e arreigados, e por paixões tão implacaveis como antigas.

O embarque verificou-se sem mais incidente. Deixemos pelo emquanto estes proscriptos de um dia seguirem a sua viagem, e volvamos outra vez ao centro do pequeno povo; onde novas e variadas scenas estão chamando a nossa attenção.»

Conta Lisboa que consummados os desejos dos revolucionarios, começarão a esfriar alguns dos chefes e todos a descrerem da causa.

Receiando alguma complicação individual grudarão algumas folhas de papel, traçarão um circo e em torno delle cada um foi escrevendo seu nome, de sorte que tornava se impossivel conhecer os primeiros.

Não contentes com estes ardis tão pueris determinarão de mandar Thomaz Bekcman a Portugal para advogar a causa do povo.

Tudo porem foi baldado, porque a metropole condemnou-os, e para restabelecer o antigo estado mandou o general Gomes Freire.

Effectivamente desembarcou elle em S. Luiz, sem encontrar a menor resistencia, porque a revolução se achava desmoralisada.

De balde se esforçou Bekcman, para reanimar seus companheiros: sua eloquencia outr'ora tão patente, nada conseguio quando chegou Gomes Freire.

Dizem, porem, que tão grande era o numero de pessoas involvidas na revolução que ficou deserta a cidade, sendo necessario que o general publicasse o bando de perdão.

Neste interim chegou do Portugal Thomaz Bekcman, que tendo sido preso fora remettido para o Maranhão.

Passa como certo que M. Bekcman projectou tiral-o da prisão; o que exasperou o general, e levou-o a prometter largas recompensas a quem prendesse M. Bekcman.

Mas tal era o prestigio deste homem que ninguem ousava porlhe as mãos, comtudo evitavão tão bem qualquer communicação com elle.

Assim M. Bekcman vagou por algum tempo na ilha, até que uma viuva deu-lhe canôa bem equipada, para transportar-se a seu engenho, no Mearim.

Agora cedamos a palavra a João Francisco Lisboa.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Já referimos como o governador promettera largas recompensas a quem prendesse o Bequimão, e era uma dellas a amnistia completa para o crime d'aquella mesma rebellião. Lazaro de Mello, mancebo pertencente a nobresa da terra, donde era natural—afilhado e pupillo do proscripto, segundo uns, compadre segundo outros, mas sem a menor duvida, pois que todos nisso são contestes, seu intimo amigo e obrigado, sendo que desde pequeno lhe frequentava a casa, onde era recebido quase como pessoa da familia—levado menos do temor do castigo, que lhes não tocava, por se não contar no numero dos cabeças, que da vil ambição do premio, foi quem concebeu e poz por obra de um modo odioso e infame o plano da sua prisão.

Acompanhado de uma boa escolta de escravos e famulos, encaminhou-se o miseravel ao derradeiro asylo do seu amigo bemfeitor. Prevenido o Bequimão pela vigilancia dos seus de que uma canôa bem esquipada aportava ao sitio—acolheu-se ao mato; mas sabendo logo que era o amigo, sahio a encontra-lo, levado a um tempo da confiança da amisade antiga, e da curiosidade e ancia de saber noticias, tão natural na sua triste situação.

Lazaro dirigiu-lhe algumas palavras proprias a adormecer quaesquer suspeitas que tivesse, e em quanto procurava entretel-o, um dos seus mais robustos sequases lança-se a elle de improviso, cinge-o fortemente nos braços, e procura subjugal-o ajudado pelos demais.

Ao ruido desta acção, os escravos do engenho acodem em defesa do senhor, e uma lucta renhida ia travar-se, quando á voz d'elrei, proferida em altos brados pelo traidor, todas as frontes se curvaram, e ninguem mais ousou mover-se.

A victima ignominiosamente amarrada, foi arrastada até á canôa, e ali carregada de grilhões.

Nos primeiros momentos, entre colerico e consternado, o Bequimão exprobou ao seu algoz a negra ingratidão e infame aleivosia com que o levara a uma morte certa; mas dentro em pouco, abafando vãos queixumes, pediu-lhe sómente que o alliviasse das cordas e dos ferros, pois lhe dava a sua palavra de que se não aproveitaria daquella liberdade para fugir. E tal era o respeito e confiança que inspirava o caracter deste homem raro, que o mesmo miseravel que naquelle instante acabava de atraiçoa-lo, não duvidou annuir ao seu pedido, não podendo aliás, nem devendo esperar que em circumstancia alguma se julgasse alguem obrigado a guardar as leis da honra a quem tão indignamente as violara.

Fiel ao seu empenho o Bequimão não fez se quer a menor ten-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tativa de evasão, que n'uma viagem de sessenta leguas, que durou alguns dias, dormindo sempre em terra, e mal vigiado, lhe não seria difficil effeituár, principalmente quando ao desembarcar na ilha, atravessou para chegar á cidade um longo espaço solitario e coberto de matos, acompanhado somente pelo traidor.

Dir-se-hia que a ruina de todas as suas esperanças, a fraqueza e esquivança dos amigos, e sobretudo a ultima e abominavel traição, ferindo-o cruel e successivamente, o haviam tornado indifferente a conservação de uma existencia, que agora se lhe afigurava inutil para o bem a que sempre aspirára.

Nestas circumstancias, ao governo já não restava mais do que consummar o sacrificio, de antemão resolvido, e a que a propria victima parecia offerecer-se quasi voluntariamente.

Os povos civilisados tem isto de commum com os selvagens anthropophagos; matam os seus prisioneiros em publico terreiro, com grandes apparatos e ceremonias, equivalendo as formulas judiciarias, vão simulachro de accusação e de defesa, ás injurias acerbas e aos canticos funéreos que entre os canibaes precedem o golpe supremo. «Formulou-se o processo (diz nuamente Teixeira de Moraes) mais que summario, evitando-se alguns termos dilatorios e superfluos. As testemunhas chamadas a depôr, increparam-se umas as outras de um modo vergonhoso, mas a principal culpa, como era de esperar, lançaram sobre os presos.»

Fr. Domingos Teixeira de Moraes, que o refere, accrescenta que Gomes Freire assignou a sentença tão cheio de magoa e de piedade, e com o braço tão tremulo, que a firma examinada depois, pareceu de alheia mão. Mas na participação que dirigiu ao governo o proprio general diz seccamente que apressára o negocio, por que havendo-se-lhe repetido os antigos achaques, receiava que se aggravassem de modo que depois o impossibilitassem de concluir aquella diligencia com a pontualidade e exacção que S. M. confiára do seu zelo, sendo que por outra parte já os soldados não podiam aturar o continuo trabalho da guarda da cadêa, que Manoel Bequimão, e Jorge de S. Payo haviam sido condemnados á morte, e nas perdas dos bens para a corôa, porque para o castigo eram os mais culpados, e para o exemplo os mais poderosos.

Levantou-se a forca na praia chamada do armazem, hoje da Trindade, dando-se execução á sentença no dia 2 de novembro.

Jorge de S. Payo era um ancião maior de setenta annos, casado e carregado de filhos. O veterano dos motins não podia acabar de crer que era chegada a sua hora, e foi mister, por assim dizer, a vista do cadafalso, para desenganal-o daquella triste illu-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

são, sem duvida filha do medo, e do aferro a uma vida aliás tão cançada, e já tão proxima ao seu termo natural.

O Bequimão, deposta aquella coragem activa, que brilha principalmente na luta ou na resistencia, conservava todavia a da firmesa e da resignação, que só uma fé viva e pura na bondade da sua causa pode dar ao homem trahido pelo destino.

No momento supremo cumpriu intrepidamente a promessa que havia feito em dias menos aziagos; e na mesma occasião, em que, como verdadeiro christão, pedia do alto do patibulo o perdão de todas as offensas feitas ao proximo, declarou que pelo povo do Maranhão morria contente! Grito sublime e derradeiro de um coração altivo e generoso, admiravel sobretudo naquelles tempos, em que as revoluções, simples facto material, não constituiam doutrina nem direito, e em que os condemnados, ordinariamente humilhados diante da justiça, morriam protestando o seu arrependimento, e beijando a mão que os punia.

Assim terminaram, feridas do mesmo golpe, esta singular revolução, e a nobre existencia que fôra ao mesmo tempo a sua força e o seu lustre.»

FIM DE ALGUNS PERSONAGENS DESTA REVOLUCÇÃO.

Dizem que apresentando-se Lazaro de Mello, para tomar conta do logar promettido pelo Governador, ninguem appareceo para impossa-lo.

Disto se queixou Lazaro a Gomes Freire, mas este despresando tão infame traidor não lhe deo a menor attenção.

Recolheu-se Mello a sua casa, onde tinha mingoada engenhoca para moagem de canna, e estando um dia occupado neste trabalho, aconteceo embaraçarem-se os bois, e indo para desenvencilhal-os, foi laçado pelo pescoço, e como não apparecesse pessoa alguma, na occasião, morreu enforcado!

E' impossivel não ver-se aqui o dedo sublime da Providencia, castigando o infame traidor.

Deos não é vingativo, mas quando lhe apraz manifesta seu poder e justiça, de modo inequivoco.

Quanto a pobre familia de Bekeman, dizem uns que Gomes Freire se apiedou della, mandando secretamente arrematar os bens do executado e entregando-os a essa pobre familia: outros porém não creem nestas bondades apregoadas por chronistas eivados de parcialidade.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Parece com effeito que se despersou a desventurada familia.

Gomes Freire foi para sua patria natal e recolheu-se ao silencio entregue a trabalhos de mineração.

Deiró por não ter sido encontrado foi executado em effigie, e assim terminou a revolução de 1684.

Costumes dos indigenas.

(CONEGO FERNANDES PINHEIRO).

Quero instruir-vos ligeiramente sobre os costumes dos *tupinambás*, que eram, com pouca differença, communs á todos os selvagens.

Começarei por explicar-vos o modo porque organisavam suas aldeas, e como edificavam suas habitações.

A abundancia da caça, ou da pesca, contribuia mais do que qualquer outro motivo para que a tribu escolhesse o lugar onde devera assentar a sua *taba*. Quatro ou seis grandes cabanas *(ocas)* cobertas de palha de pindoba, de cento e cincoenta pés de comprimento, quatorze de largura, e doze de altura, serviam de abrigo á vinte ou á trinta familias, e ás vezes um só e immenso barracão continha duzentas pessoas. Ficava no meio uma praça para reunião das tribus. Não se encontrava no interior dessas habitações nada que revelasse luxo, ou ainda os commodos que reputamos indispensaveis á vida. Nenhum tabique, ou mesmo esteira, separava as familias, e apenas se viam suspensas á fortes esteios as *inis* (redes) em que dormiam; acendia-se fogo no interior da cabana, e não havendo chaminé nem janella que désse sahida á fumaça, parece incrivel que a pudessem supportar os indigenas, que todavia nunca dispensavam as fogueiras para allumial-os de noute, e preserval-os dos morcegos. Como viviam em continuas guerras, rara era a *taba* que não fosse fechada por uma cerca de mourões, a que appellidavam de *cahiçáras*, e defendida por fojos. Davam-lhe um sinistro aspecto as caveiras dos inimigos espetadas em páos á pique como padrões de sua ferocidade.

Comprehendereis que faceis eram os meios de subsistencia em tam fertil terra como a nossa. Quando lhes recusavam o seu tributo a caça ou a pesca, recorriam aos legumes que em torno de suas habitações plantavam.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O inhame, o cará, o aipim e a mandioca eram por elles empregados com grande proveito, e julga-se que possuiam processos para preparal-os que nos são hoje desconhecidos.

A banana, tão despresada entre nós pela sua grande abundancia, contribuia poderosamente para o seu sustento, assim como alguns fructos oleosos á que chamamos côcos, e com especialidade os da *sapucaia*. Desconhecendo o uso do sal, moqueavam os peixes, torravam-os até que se pulverisassem, e misturavam-os com farinha.

Summamente apaixonados das bebidas espirituosas, faziam excellentes licores de ananaz, cajú, gabiroba e outras fructas, e preparavam com o milho e a mandioca fermentados uma bebida que chamavam *caoim*, que gozava de grande estima entre elles, a ponto de destinar o seu fabrico (privilegio das mulheres) para as grandes festividades.

Vivendo em commum, desconheciam o roubo, não considerando delicto o apossar-se do alheio. Recostados, e á parte, comiam os *morubixabas* do que lhes traziam seus subditos, que de cocaras faziam outro tanto em grandes gamellas.

Posto que fosse admittida a pluralidade de mulheres entre os selvagens do Brazil, quasi todos se limitavam á uma, e a melhor harmonia reinava entre os habitadores de uma mesma cabana. Sua condição porem era desgraçada, como por toda a parte em que não domina o Evangelho, e muitas mães julgavam praticar um acto de caridade afogando suas filhas ao nascer. Os mais rudes trabalhos lhes eram destinados, nenhuma consideração obtinham de seus maridos, que as tratavam como escravas. Dependia unicamente da vontade do pae a sorte da filha, e o dia de noivado celebrava-se com orgias.

Era considerado fausto o nascimento de um filho, emquanto que o da filha passava desapercebido.

Furavam o beiço ao recemnascido, esmagavam-lhe o nariz, e deitavam-o em uma rede, pondo-lhe ao lado pequenos arcos e flechas, para o habituar com as armas da guerra, esticando-lhe á miudo os braços e as pernas pora tornal-o agil.

Vejamos de que maneira faziam a guerra, que consideravam a primeira occupação do homem.

Reunidos os selvagens na praça da aldêa, expunha o mais velho os motivos que tinha para a guerra, que consistia quasi sempre na necessidade de fazer prisioneiros, a qual era decidida pela communidade, depois de haver escutado os eloquentes discursos dos seus oradores, sorvendo voluptuosamente os vapores do fumo que

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

exhalavam-se de um immenso cachimbo que passava de mão em mão. Feita a escolha do chefe que devêra guial-os ao combate, seguiam-se os preparativos da campanha, quasi sempre ordenada no tempo da madureza do milho, dos aipins, e dos cajús, cujo licor servir-lhes-hia para os festins dos sacrificios.

Figurai-vos, meus meninos, o terrivel espectaculo que apresentavam essas hordas bellicosas percorrendo mattas virgens, atravessando caudalosos rios, pintados de vermelho e preto os corpos, ornadas as frontes de cocares de pennas vermelhas e amarellas, chocalhando-lhes nos tornozêlos e nos pés guizos que tiniam como cascaveis, cingidos os rins com seus *induapes* (cintos de pennas), defendidos pelos seus escudos cobertos de pelle de *tapir* (anta), com longos arcos de *tacapes* (espada de pau-ferro) marchando em filas, seguidos de suas mulheres, que carregavam as provisões e as redes, e fazendo echoar pelos valles e montanhas o rouco som de suas *inubias* (trombetas),

Emprehendendo quasi sempre guerras de emboscada, tomavam as maiores precauções para sorprehenderem as aldêas inimigas, e, colhendo o maior numero de prisioneiros, apressavam-se em fugir com a presa. Encontravam outras vezes sérias resistencias e viam-se obrigados á recorrer aos sitios, cujas regras não desconheciam, e, desesperados de reduzirem seus contrarios pela fome, lançavam contra seus tectos de pindoba, flechas com algodão inflammado, que reduziam a chammas suas habitações. Muitas vezes davam-se taes combates sobre as aguas do mar, ou dos rios em suas *igaras* (canôas).

Era o prisioneiro exclusiva propriedade do guerreiro, que podia logo dar-lhe a morte ou fazel-o seu escravo.

Amarrado com *mussuranas* (cordas), era levado para a aldêa inimiga, aguardando a hora do supplicio. No dia para esse fim aprazado, reuniam-se os habitantes das vizinhas tabas, tendo sido com antecedencia preparado o indispensavel *caoim*. Rapavam-lhe as mulheres a cabeça, untando o corpo inteiro com mel ao passo que os convidados entoavam suas canções e dançavam suas dansas guerreiras. Findo o infernal tripudio, em que tomava parte o proprio prisioneiro, começava este o cantico de morte, enumerando as suas façanhas, os prisioneiros que fizera dessa mesma tribu e aos quaes dera o destino que ora lhe preparavam. Arrastavam-o para fóra da *taba*, e esmagava-lhe um guerreiro o craneo com a *tangapema* (maça), entregando o palpitante cadaver ás velhas para esquartejal-o, estendendo-o sobre uma especie de grélha a que chamavam *bucan*. Davam os miólos ás crianças e penduravám

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

os craneos, como já vos disse, diante das portas de suas aldêas. Revelavam n'elles absoluta falta de moral religiosa tão barbaras cerimonias e tão crueis usanças.

Verdade é que possuiam estes selvagens noção de um Deus, á que denominavam *Tupan*, e pareciam acreditar na immortalidade da alma, como manifesta-se pelas honras que a seus mortos prestavam, cujos corpos guardavam com suas armas e ornatos em talhas de barro *(iguaçabas)*; abusavam porem de sua credulidade os *pagés* (sacerdotes), que viviam no meio das *tapéras* (ruinas), addicionando duplas funcções de medicos do espirito e do corpo, lhes capacitando que tinham poderes sobrenaturaes, fallavam com os espiritos, evocavam os mortos, faziam agouros e outras quejandas superstições. Pronunciavam seus oraculos dansando ao som dos *maracás* (cabaças cheias de pedrinhas) e tal influencia exerciam no animo dessa gente simples, que aquelles á quem prognosticavam a morte finavam-se de medo. Chamava offerendas e satisfazia a avidez do falso sacerdote o *maracá* plantado na entrada da cabana. Destituida de dogma, moral e culto era essa religião, não se preocupando seus ministros com a instrucção do povo.

Posto que electivo o cargo de *morubixaba*, quasi sempre o filho succedia ao pae, e as decisões de maior importancia tomavam-se nas assembléas. Só duras leis convinham á tão barbara sociedade; a pena do talião era a unica possivel e tambem a unica adoptada.

Principios de historia natural.

Avaliando vosso amor ao estudo e desejos de instruir-vos passarei a dar-vos alguns interessantes conhecimentos sobre os seres que nos rodeão neste globo. Costumão os naturalistas dividil-os em tres grandes secções, a saber: *Reino animal;* e chama-se *Zoologia* a parte da *Historia natural* que se occupa delle; *Reino vegetal* ou botanica por tratar das plantas; e *Reino mineral*. Comecemos o estudo do reino animal ou da

ZOOLOGIA.

Todos os entes que crescem, vivem e sentem pertencem ao rei-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

no animal, quer vivão no ar, nas aguas, na superficie ou no interior da terra, incluindo-se o HOMEM, que é o rei da creação.

Os animaes dividem-se em

VERTEBRADOS

E

NÃO VERTEBRADOS.

Os *vertebrados* ou os que teem um esqueleto de osso no interior do corpo dividem-se em

MAMIFEROS,
AVES,
REPTIS,
PEIXES.

Os não vertebrados, ou os que não teem esqueleto osseo dividem-se em:

ARTICULADOS OU ANNELIDES

E

ANIMAES VISCOSOS.

Estudemos em primeiro lugar os

VERTEBRADOS.

§ 1.º MAMIFEROS.

Mamiferos são os animaes vertebrados de sangue vermelho, quente ou frio, viviparos, dentados, tendo quatro membros de locomoção e algumas veses barbatanas.

Os animaes mamiferos teem dois membros de locomoção adiante e dois atraz. Alguns hão os membros dianteiros tão estendidos que podem voar e outros os traseiros tão pouco que só servem para nadar.

O queixo de cima liga-se ao craneo, cobrem-se os olhos com palpebras, geralmente tem orelhas e lingua carnuda.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

As femeas apresentão tetas, e todos duplos pulmões, cerebro, coração de 2 e 4 ventriculos e um diaphragma muscular separando o peito do baixo ventre.

Apresentão-se sob diversas formas: *bipedis, quadrumanos, peixes* e *aves.*

Uns vivem em terra, outros nas aguas e muitos tanto em terra como n'agua: d'ahi a qualificação de *terrestres, aquaticos* e *amphibios.* Nutrem-se uns de carne outros de hervas, fructos e muitos tanto d'uns como d'outros.

Chamão-se *carnivoros* todos aquelles que se alimentão de carne; *herbivoros* os que se alimentão de hervas, *fructivoros,* os que se alimentão de fructos e *univoros* os ultimos.

Ha mamiferos que só teem mãos nos membros dianteiros: *bimanos*; outros nos traseiros: *pedimanos* e alguns as teem em todos 4 membros: *quadrumanos.*

Muitos mamiferos teem os dedos protegidos por unhas e se chamão *unguiculados*; e se esta unha converte-se em casco, denominão-se *ungulados.*

Dividamos os *mamiferos* segundo estes caracteres:

1.º BIMANOS.

E' o homem o unico mamifero bimano e ao mesmo tempo bipede, isto é, que tem duas mãos, dois pés e anda erecto, tres ordens de dentes: *caninos incisivos* e *molares.*

A atitude sublime que tem o homem bem o indica creatura superior. Com a fronte prompta á voltar-se para o céo, só toca a terra por suas extremidades, como que despresando-a.

Tem consciencia de si, intelligencia desenvolvida, sublime linguagem para manifestal-a e escrever a sua historia.

Segundo o testemunho infallivel da Biblia, Deus creou somente Adam e Eva, mas as circumstancias de logar, clima, alimentação, enfermidades, habitos e outras causas teem feito taes differenças na grande familia humana que hoje destinguimos 3 raças: 1.º a *branca,* á que pertencem os povos da Europa e parte dos asiaticos; 2.º a *amarella,* que comprehende os Chineses, Japonezes, Malazianos, &; 3.º *raça negra,* abrange os africanos e os das ilhas Molucas; 4.º *raça americana,* abrange os indigenas da America.

2.º QUADRUMANOS.

Quadrumanos (macacos) são animaes unguiculados, providos das

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tres especies de dentes e mãos nos quatro membros. Entre todos os animaes são estes os que mais se assemelhão ao homem, porem assim mesmo lhe ficão mui inferiores.

Os dentes caninos destes animaes são mui compridos e crusados; o dedo polegar é movel; a testa foge para traz; as ilhargas são tão estreitas que não podem estar erectos par muito tempo; os joelhos tão bem lhes desfavorecem esta posição; falta-lhes a barriga das pernas, barba, cabellos compridos, e sobre tudo a lingua é mui imperfeita.

A esta ordem de animaes pertencem os orangotangos, notaveis pela força e instincto.

Dizem que este animal escacha um homem de meio á meio, mas quando domesticado faz serviço de creado: abre garrafas e pratica outros trabalhos.

3.º CHEIROPTEROS.

Cheiropteros são mamiferos, cujos membros dianteiros estendendo-se por uma membrana formão uma especie de aza. Os dedos polegares teem garras para trepar; apresentão as tres especies de dentes, mamas, orelhas, &: quasi todos são nocturnos. Uns se alimentão de fructos, outros de insectos e alguns sugando o sangue dos outros animaes. Ás diversas especies de morcegos pertencem a esta ordem de viventes.

4.º CARNIVOROS.

Os animaes desta ordem teem as tres especies de dentes e dedos com garras. Os dentes mollares são de forma diversa, segundo a natureza dos alimentos: os que se nutrem de insectos teem os mollares mais pontudos; os verdadeiros carnivoros tem-nos mais estreitos e afiados; as mamas são no ventre, e movem os queixos de baixo para cima, como tenaz.

Os *carnivoros*, conforme o genero de alimentação, dividem-se em *insectivoros*, como as toupeiras e alguns ratos, e em *carnivoros propriamente dictos.*

Os naturalistas dividem ainda os carnivoros, conforme o modo de pisar, em *plantigrados*, se pisão na planta dos pés como o cão e *digitigrados* se andão sobre os dedos, como os gatos e onças.

Estes mesmos animaes subdividem-se ainda em *retractis* e não *retractis*, se teem ou não a propriedade de esconder as unhas, como os gatos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

5.º MARSUPIAES.

Marsupiaes são animaes providos de uma bolsa sobe o ventre, onde estão as mamas. Quando nascem os filhinhos ainda imperfeitos se conservão nesta bolsa adherentes as mamas.

Nas occasiões de perigo os filhos destes animaes recolhem-se ao sacco. A esta ordem de animaes pertencem os *canguros mucuras*, &. Nutrem-se de carne ou de fructos.

6.º ROEDORES.

Os roedores são animaes unguiculados, tendo dous longos dentes em cada maxilla, separados dos molares por grande espaço vasio, e os pés traseiros mais longos que os dianteiros; não teem pois dentes caninosinem falsos mollares.

Os da frente hão a configuração de formão e são de modo que só se prestão a roer. Estes animaes movem os queixos de diante para traz.

Tendo os pés maiores que as mãos são mais aptos para saltar que correr: admirão-se pela fecundidade.

A esta ordem de vertebrados pertencem os *ratos, coelhos quandus, castores, cotias, pacas*, &, &.

7.º DESDENTADOS.

Os desdentados são animaes unguiculados desprovidos de dentes incisivos. Alguns não teem os caninos e outros faltos de todos. Os dedos destes animaes são unidos uns aos outros, armados de longas unhas, para trepar, são animaes, toscos e idiotas, taes como o *tamanduá, preguiça, tatú*, &.

8.º SOLIPEDIS.

São animaes ungulados. Ha uma unica especie que é o cavallo.

O queixo dos machos apresenta dentes caninos pouco desenvolvidos; uma juba lhes cobre o pescoço.

Ha ainda cinco variedades vivas.

O cavallo, destingue-se por sua presença nobre e altiva, por suas orelhas de tamanho mediano, juba comprida, fluctuante e pela cauda toda coberta de crinas. Mede entre 5 a 6 pés de comprimento e altura. E' superior aos outros animaes em belleza, brio, perseverança e velocidade.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Só o cão e o elephante são tão dedicados ao homem. Seus olhos grandes e cheios de fogo teem muita expressão, como se o animal quizesse dizer ao homem: *Irei comtigo para toda parte, se quizeres conquistar o mundo.*

Desde os tempos mais remotos é o cavallo o companheiro e servo do homem, na *caça*, na *guerra*, na *carruagem* de luxo ou na *charrua*, cumpre seu dever com lealdade. Sua voz é o rincho, que se amolda para expressar seus sentimentos.

O cavallo soffre as maiores dores com resignação stoica; se porem são mui violentas geme como o homem doente, e no momento da morte solta agudo grito, que commove as pessoas mais insensiveis. E' naturalmente bondoso, timido, acanhado, e só contrae o habito dos couces quando mais ou menos maltrado pelo homem.

9.° PACHIDERMES OU MULTUNGULA.

Estes animaes são mamiferos que tem 2, 3, 4, ou 5 dedos immoveis e cobertos por um casco corneo.

Os animaes desta ordem teem pelle espessa, diversamente coberta de pello, não mostrão claviculas, as pernas lhes servem unicamente de apoio; os dentes são de differentes especies, os molares esmaltados e compostos. Sustentão-sê de fructas e muitos gostão de refocilar-se nas lagoas ou lamaçaes como os pórcos.

Uns teem tromba, chamados *proboscideas* e estes são os elephantes somente; outros não a teem e são os *pachydermes communs*, taes como os *porcos* e *hippopotamo*.

10.° RUMINANTES.

Ruminantes são mamiferos desprovidos de dentes anteriores e superiores, de estomago duplo. O primeiro compartimento chama-se pansa e recebe a comida mastigada: é o maior dos quatro: conserva por algum tempo os alimentos, amollece-os, leva-os então outra vez a bocca, onde passão ao segundo compartimento, denominado *barrete;* d'alli vão a terceira cavidade, denominada *folhoso*, cujas dobras os espremem, e os obrigão a passarem ao quárto ventriculo, chamado *coagulador*.

Os animaes desta ordem são de muita influencia benefica ao homem.

A ella pertence o *gado-vacum*, *carneiros*, *cabras*, o *camêlo*, o bufalo, a girafa, o veado.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Uns teem chifres e chamão-se *hylopodas*, como o camêlo, outros são *simi-cornigeros*, por terem apenas pequenos chifres de 7 a 8 pollegadas, e terceiro mais baixo, por cima do nariz.

Estes chifres ou antes massas osseas são cobertos de pelle, revestida de pello, rodeados de um dufo composto de cabellos. O pescoço comprido e coberto de crinas curtas, taes como as girafas.

Algumas especies como dos veados teem (somente os machos) uma armação cornea e em muitas renova-se todos os annos: esta é a familia *cervina*.

11.º PHOCAS, AMPHIBIOS COM BARBATANAS (*pinipedia*)

Os animaes desta ordem são aquelles que teem o corpo cylindrico, estirado, quatro pés com barbatanas cobrindo as unhas, dentes incisivos, caninos e *molares*. Habitão principalmente os mares glaciaes e veem muitas vezes a terra para dormir ou amamentar os filhinhos. Nutrem-se de molluscos, peixes, crustaceos, &.

A esta ordem pertencem 1.º os *trichecos*, ou animaes grandes e fortes, com dous enormes dentes caninos, dirigidos para baixo, e que saem do queixo superior.

2.º As *phocas*, amphibios que apresentão os dentes cobertos pelos beicos; as ventas podem fechar-se por meio de uma valvula, do ventre descem duas mamas.

12.º CETACEOS.

Cetaceos são mamiferos sem pés posteriores, tendo cauda cartilaginosa, horisontal, e mui semelhantes aos peixes.

Os animaes desta ordem hão pescoço tão curto que não se descobre a passagem da cabeça para o tronco; os membros dianteiros em extremo curtos, formão barbatanas sem dedos nem unhas.

Só na desposição exterior do corpo assemelhão-se a peixe, mas no interior são como os mamiferos: sangue quente, vermelho; duas tetas curtas, escondidas n'uma cavidade aberta como rego; parem filhos vivos e nadão muito bem.

A esta ordem pertencem o peixe boi do Pará (*manathins*), *golphinhos* e *baléas*

Estes ultimos animaes são notaveis pela corpulencia; sua bocca é muito grande, mas o esophago estreitissimo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

2.ª CLASSE DE VERTEBRADOS.

AVES.

Aves *são animaes vertebrados oviparos, providos de sangue vermelho e quente, tendo o corpo coberto de pennas, duas azas e dois pés.*

Formão as aves rica familia do reino animal, admiraveis na disposição da Providencia para com ellas! As cellulas de seus pulmões sempre abertas estabelecem admiravel communicação de ar por todo o corpo, pelo que ficão mais leves e aptas ao vôo.

No pescoço dos mamiferos contam-se 7 vertebras, mas nas aves sendo em maior numero facilitão-lhes os movimentos em todos os sentidos.

As que se alimentão de grãos e outras substancias duras possuem dois notaveis apparelhos: o *papo* e a *moéla.*

Depois de amollecidos os alimentos penetrão n'um estomago (moéla), cuja membrana interior, cartilaginosa reveste uma parede fortemente muscular; estes musculos triturão a comida, e para facilital-o algumas engolem pedras e area.

As pennas distinguem as aves de todos os outros animaes.

Apresentão na rabadilha uma glandula donde extraem gordura com o bico, para untar as pennas, principalmente as aquaticas.

Ha nas aves algumas pennas de grande necessidade, como *as da cauda* e as *remiges:* estas *equilibrão a ave e aquellas dirigem o vôo.*

Um dos curiosos phenomenos na vida destes animaes são as migrações.

Algumas ha que emprehendem longas viagens da Europa até Africa; ordinariamente partem á noite: umas vezes reunem-se em pequenos bandos, outras vezes atravessão o ar em lenções compactos ou em cordões extensos.

Aves ha que observão certa ordem, formão linha obliqua ou angulo agudo, uma dellas entoa saudosissimo canto, despedindo-se da patria e logo que emmudece estendem as azas e partem.

O tacto, a vista e o olphato são os sentidos mais desenvolvidos n'estes animaes.

Os naturalistas dividem-nos segundo a formação dos *pés, pernas e bico;* porem, partindo de principios ainda mais geraes os distinguem pela maneira seguinte:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A. AVES DE BISCATO.

(I. AVES AÉREAS.)

I. Rapaces;
II. Grimpadoras;
III. Pardaes ou aves de canto;
IX. Pombos.

B. AVES LARGA-NINHOS.

(II. AVES TERRESTRES.)

V. Aves gallinaceas;
VI. Aves corredoras.

(III. AVES AQUATICAS.)

VII. Aves ribeirinhas;
VIII. Aves nadadóras.

Tentarei dar-vos ligeiras noções sobre cada uma destas ordens.

1.ª AVES DE RAPINA (*rapaces*).

Pertencem a esta ordem aquellas aves *aéreas* que teem o bico forte e recurvado, coberto, na base, por uma pelle chamada cerume; as garras fortes, recurvadas, pontiagudas como as dos gaviões, aguias, condores, &.

Dividem-se em *diurnas* e *nocturnas*.

As *diurnas* teem os olhos collocados aos lados da cabeça e as nocturnas na frente.

Alimentão-se de carne, e depois de haverem devorado a presa agachão-se e lanção as pennas, ossos, e outras, partes, que não podem digerir.

Pertencem a esta ordem, entre outras as corujas, gaviões, acauans, &.

2.ª AVES TREPADORAS.

As aves desta ordem apresentão os pés divididos em dois molhos de dedos, para trepar nas arvores; cauda rija, para se apoiar

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

quando trepão; ordinariamente nidificão nas arvores ocas, nutrem-se de insectos e fructas; algumas dispoem de bico forte e praticão buracos perfeitamente redondos, nas arvores.

Habitão nos paizés meridionaes. A esta ordem pertencem os *tucanos, araras, periquitos, pica-páos, papagaios*, &,

3.ª PASSAROS.

Esta ordem apresenta bico direito, pont'agudo, as vezes ligeiramente curvo, pés e pennas mais fracas que das rapaces; um aparelho muscular especial, por baixo da larynge, e serve para o cantico. O macho auxilia a femea á construir o ninho, alimenta os filhos ou choca os ovos; construem os ninhos com muita arte e nutrem os filhos com ternura; uns cantão somente em certas epocas; outros teem apenas rouca e desagradavel voz.

Nidificão nas arvores, torres e muitos até no chão; nutrem-se de insetos, bichinhos e fructas. Quanto mais grosso é o bico mais propensão teem para alimentar-se de grãos.

Os de bico fino alimentão-se principalmente de bichinhos.

3.ª POMBOS.

Estas aves, tambem pertencentes as *aérias*, teem a mandibula superior ligeiramente curva na extremidade, e uma membrana cartilaginosa nas ventas; tarsos curtos e pés organisados para andar.

Voão rapida e elegantemente, vivem aos pares ou bandos, nidificão nas arvores ou paredes, alimentão os filhos, que nascem cegos, com a comida que trazem no papo; nutrem-se de grãos e bebem agua chupando-a.

Pertencem a esta ordem as rolas, os pombos, juritis, &.

São bem curiosas algumas especies dos individuos desta ordem de aves.

Ha o pombo viajante que abunda ao norte da America.

Quando aparecem produzem inquietação nos lavradores, por causa dos estragos, que fazem na lavoura.

Nuvens d'estas aves cobrem as matas, deixando o chão alastrado de grossa camada de esterco.

Alguns curiosos teem conseguido amestrar pombos, que condusem cartas, a longas distancias.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Passemos agora a estudar as da segunda classe que vem a ser:

AVES LARGA-NINHOS OU TERRESTRES.

As aves desta classe voão mal (exeptuão-se algumas especies), teem pés andadores e pernas mais ou menos altas.

Como já as dividimos em ordens passaremos a estudal-as.

1.ª GALLINACEAS.

«*As aves desta ordem apresentão bico rijo e fossas nasaes cobertas por uma escrescencia carnosa, arqueada, a mandibula superior apropriada ao regimen granivoro, azas curtas, vôo pesado.*»

É mui imperfeito o ninho destas aves, enchem o bico para beber, gostão de espojar-se na arêa, mas não de banhar-se.

Dividem-se em tres familias: 1º *gallinhas das aréas;* 2º *gallinhas;* 3º *gallinhas crypturas.*

Nas da 1ª familia estão as gallinhas voadoras, as anãs, &.

Nas da 2ª familia (ou gallinhas propriamente) estão as *perdizes, faisões, pavões, perús,* gallinhas de *Angola,* os jacús, &.

As da 3ª familia (crypturas) compoem-se das codornises, o *tinames ruivo,* &.

2.ª CORREDORAS.

As aves desta ordem distinguem-se por não terem pennas reaes rijas nas azas, pelo que não voão.

Apresentão tarsos altos, com 2 ou 3 dedos separados, são corpulentas, de cabeça pequena, pescoço comprido, dedos curtos, guarnecidos de sola callosa: correm com tanta velocidade que as vezes muitas dellas excedem aos cavallos.

Nutrem-se de grãos, hervas, insectos, &. e as vezes de pedras para ajudarem a trituração dos alimentos; vivem nos campos e nidificão no chão.

Dividem-se em 2 familias: 1ª a dos Guiwis da Nova-Zelandia: 2ª a dos Abestruzes. Á esta ordem pertencem as nossas emas.

Passemos agora a estudar as aves da 3ª classe, isto é, AQUATICAS. Geralmente estas aves voão bem, estendem as pernas para trás quando voão, teem o pescoço comprido e delgado.

Estudemol-as por ordem.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

1.ª RIBEIRINHAS.

As ribeirinhas formão a transição das aves terrestres ás aquaticas; vivem ás margens dos rios, correntes, lagos, lagoas, &.; poucas assentão-se em arvores: em geral são menos alegres e vivazes que as terrestres.

Os pés, a cabeça, o pescoço e bico dessas aves são estreitos, olhos pequenos, cauda curta; ordinariamente descanção arrimando-se a um pé e suspendendo o outro; as maiores nutrem-se de pequenos animaes como ratos, lagartos, sapos, peixes e as menores de molluscos, bichos, insectos, larvas, &.

Pertencem as ribeirinhas os grous, as garças, os ibis do Egypto, flamingos, as gallinholas, os maçaricos, &, &.

2.ª PALMIPEDES.

Facilmente conhecem-se os palmipedes, por terem os dedos ligados por uma membrana, dando-lhes a forma de remo.

Geralmente teem os pés mais para tras; sua plumagem é espessa, e mui densa a penugem que lhes cobre as carnes.

Possuem uma glandula *adiposo* no mamilo ou rabadilha, d'onde, introduzido o bico extraem certa substancia oleosa, que, untada nas pennas, as torna impermeaveis.

Ha mais de 300 especies, que formão tres grupos: *aves nadadoras, da forma dos patos, palmipedes de azas compridas*, como o pelicano, a gaivota, &; *palmipedes de azas curtas*, como os mergulhões, as alcas, que teem os pés quasi no ovario.

3.ª CLASSE DE VERTEBRADOS.

REPTIS.

Muito differem estes animaes, pela forma, estructura e maneiras de viver. Pela maior parte vivem tanto n'agua como no secco, e d'ahi lhes vem o nome de *amphibios*; differentemente dos outros viventes teem sangue frio, corpo *nu* ou *couraçado*. As rans, os sapos teem a pelle núa, viscosa e todos os outros são revestidos de escamas como os peixes, ou de grãos redondos.

Os amphibios evitão a luz; vivem ordinariamente em escondrijos; fogem do homem, alguns são venenosos, mas outros innocentissimos. O corpo destes animaes é ou *chato* e *largo* como o das rans, ou *comprido e provido de cauda* como o dos lagartos, ou *longo e cylindrico* como o das serpentes.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

As tartarugas, quasi todos os lagartos e rans possuem 4 membros de locomoção; e quanto mais comprido é o corpo do lagarto mais curtos são seus pés, até que vão desaparecendo, havendo algumas especies que apresentão dois pés, outras rudimentos apenas, como as giboias e algumas não os teem totalmente, como as cobras.

As serpentes, que não teem pés, servem-se das escamas para andar; algumas ha que enrolão-se, firmão-se na ponta da cauda e arremessão-se á grandes distancias. O camaleão anda com muito cuidado sobre as ramas, agarrando-se de modo que 2 dedos fiquem d'um lado e 3 d'outro. Os dragões servindo-se das barbatanas podem fender o ar, á pequenas distancias. Os pés das rans servem para nadar, e de ponto de apoio. A tartaruga nada servindo-se dos pés, em forma de barbatanas.

A cabeça dos amphibios é distincta do pescoço, mas o peito, ventre e a cauda formão uma só peça: todos teem a bocca grande, a lingua molle e ordinariamente *bifida;* ou faltão-lhes os dentes, sendo a maxilla coberta de cartilagens ou são adherentes e encravados: alguns possuem-nos ôcos, cheios de *virus.* Os amphibios quasi não mastigão: engolem. A cavidade boccal distilla saliva principalmente quando se apoderão da presa, como faz a serpente. N'estes animaes é lenta a digestão, de modo que opera-se ella quasi por putrefação dos alimentos, e d'ahi vem o máo cheiro que exhalão.

Dizem que estes animaes não respirão o ar: engolem-no; e morrem, se por ventura abre-se-lhes a bocca de modo que não possão engulir ar. Os que vivem sempre n'agua como as rans recem-nascidas, tirão d'ella por meio das guelras o ar necessario para a existencia. Poucas especies conservão essas guelras por toda vida.

Ha muitos amphibios que podem abster-se de respirar por muito tempo; e como consomem pouco oxygenio podem viver por longo espaço n'um ar viciado.

As rans fechadas hermeticamente aturão as vezes 6 e 8 mezes.

Tartarugas houve que com a bocca fechada e lacrada viverão um mez.

Alguns destes animaes como o crocodilo e a tartaruga têm 3 palpebras, de sorte que podem abrigar os olhos de qualquer lesão, sem com tudo privarem-se de ver. Estes viventes não possuem orelhas, mas é visivel o timpano de quasi todos os lagartos, e muitos delles tem o ouvido bem apurado. Quanto a seo olphato pouco se sabe; entretanto alguns parecem ter muita sensibili-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

dade n'este orgão, pois que uma pitada de rapé introduzida nas ventas de uma tartaruga e de alguns lagartos ou serpentes mata-os immediatamente.

E' bem singular o grão de vitalidade que elles apresentão! Arrancando-se um olho da salamandra reproduz-se outro por espaço de 10 mezes, e assim qualquer membro; arrancando-se o cerebro da tartaruga vive mezes, e cortando-se-lhe a cabeça move-se ainda por alguns dias: rans á que se extrahio o coração saltarão por algumas horas.

Em geral são estupidos, a memoria é a unica faculdade mais desenvolvida em algumas especies: ha exemplos de tartarugas, lagartos e sapos que conhecião o seu bemfeitor; muitos são terriveis pela bocca e pela força, como o crocodilo e diversas serpentes, outros por sua peçonha, como as cobras de cascavel e as de capello.

Uns, quando ha perigo, fogem para seus escondrijos n'agua ou sobre as arvores, outros destillão atravez da pelle uma espuma viscosa e lactea, como a salamandra e o sapo igneo, outros exhalão em roda de si máo cheiro que affasta os inimigos; alguns são de força prodigiosa: 7 a 8 pessoas podem collocar-se sobre a concha d'uma tartaruga sem encommodal-a.

A giboia quebra em suas roscas os veados e bodes; o sucuriú sustenta as antas mais possantes; o crocodilo e o caiman virão canoas e botes pequenos, matão homens e feras com uma pancada de cauda; vivem muito, tocão talvez a 200 annos.

Assim como as aves mudão as pennas, assim tambem os amphibios mudão a pelle; durante este periodo parece, que adoecem pois caem em uma especie de torpor, o sol lhes faz muito bem n'esse tempo.

Em geral mostrão pouco affecto para com os filhos, excepto o crocodilo femea, que os vigia com grande cuidado, para livral-os da voracidade dos machos. A mór parte nasce do ovo, outros, porém, o quebrão no ventre materno e nascem vivos. Poucos reptis dormem todos os dias; alguns ha que passão estações inteiras sem dormir, porem quando o fazem, ficão tão pesados que não sentem feridas profundas.

Dividem-se os *reptis* em:

I CHELONEANOS,
II SAURIANOS;
III OPHIDIANOS;
IV BATRACIANOS.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Cheloneanos *são os animaes cobertos d'um involucro corneo tendo aberturas para a cabeça, pés e cauda:* taes são as *tartarugas, jabotis, jurarás* etc.

Ophidianos *são animaes de corpo alongado em forma cylindrica despidos de membros de locomoção,* como as serpentes. Estes reptis dividem-se ainda em *anguis* e *serpentes:* as primeiras são as cobras pequenas; e serpentes as grandes como o cascavel, etc.

Saurianos *são animaes de costellas moveis, as anteriores articuladas* com o sterno; o corpo alongado termina em cauda mui espessa na base e curta; teem 4 membros e raras vezes só 2. Pertencem a esta ordem os crocodilos, lagartos, caimans, camaleões, tejús, etc. etc.

Batracianos *são reptis de costellas curtas e atrophiadas ou faltando inteiramente, 4 membros, raras vezes 2.* Distinguem-se por suas metamorphoses: quando pequenos chamão-se tetardos; vivem n'agua, teem cauda e guelras como os peixes, porem ao depois perdem-nos. A esta ordem pertencem os sapos.

4.ª CLASSE DE VERTEBRADOS.

PEIXES.

Estudemos a terceira e ultima classe dos vertebrados: Peixes. *Os peixes são animaes vertebrados de sangue frio, vivem n'agua respirão-na por meio de guelras e movem-se n'ella mediante barbatanas.*

E' bastante notavel esta classe de vertebrados. Os naturalistas dividem-nos em peixes *osseos* ou que teem espinhas duras, e cartilaginosos ou de espinhas molles. Alem disto classifico-nos tambem segundo a posição das barbatanas: uns teem-nas situadas junto as guelras e chamão-se *jugulares;* outros no *peito, os thoraceos;* outros no *ventre,* os *abdominaes* e outros as teem junto ao rabo e chamão-se *anaes.*

Os peixes se bem que vivam n'agua respirão ar em pequena quantidade, e o fazem abrindo as guelras e quando penetra a agua fechão-nas rapidamente deixando esguixar o liquido e prendendo o ar, que penetra pelos serrotes das guelras e põe-se em communicação com a maça do sangue. Sobre tudo são notaveis estes animaes por sua rapidez e extrema fecundidade: algumas especies chegão a pôr 40,000 ovos !

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Por não terem pulmões são mudos os peixes; ouvem bem, sentem a isca a longas distancias, são vorazes e carnivoros; possuem tãobem uma *natatoria*, bexiga que cheia de ar, lhes deixa a facilidade de subirem ou descer, conforme a comprimem ou deixam-na dilatar-se com maior volume de ar.

ANIMAES ARTICULADOS.

Até aqui temos estudado os vertebrados, mas agora passamos aos que não teem esqueleto *osseo*.

Podeis conhecer facilmente os animáes desta classe, porque teem corpo dividido em roscas ou anneis; em logar de esqueleto, são cobertos por uma casca rija e que lhes serve de amparo.

Em geral é mui simples o systema nervoso destes animaes: compõe-se de dois cordões nervosos separados ou unidos entre si, apresentando de espaço á espaço engrossamentos ganglionares. Os viventes desta classe durão pouco; alguns possuem tres pares de pernas, outros mais, e outros não as teem. Em rasão destas differenças dividem-se os articulados em tres ordens:

I INSECTOS;
II ARACHNIDES;
III CRUSTACEOS;
IV VERMES.

INSECTOS.

Se prestardes alguma attenção facilmente conhecereis todos os animaes que constituem a ordem dos INSECTOS, pois que teem o corpo dividido em tres partes: *cabeça*, *thorax* (peito) *e abdomen* (barriga).

Denominamo-los INSECTOS por terem as tres partes do corpo divididas por *incisões*. Da parte thoracea sahem as patas e azas, quando as teem; respirão por meio de orgãos chamados *trochéas*, que communicão-se com o ar por fendas denominadas *stygmas*; as *trochéas* achão-se collocadas ao lado do corpo.

E' differente o modo de vida destes animaesinhos: uns sugão o sangue de outros, ou a seiva das plantas e são os sugadores, outros alimentão-se mastigando: os *mastigadores*.

Os INSECTOS são machos ou femeas, mas ha uma 3.ª classe sem sexo, denomidada *a dos obreiros*.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A mór parte delles, quando saem dos ovos, não teem a forma de seus paes, e para attingi-la experimentão transformações chamadas *metamorphóses*, geralmente em numero de 3, que são: 1.º o estado de *larva*; 2.º o de *nympha*; 3.º o de *insecto perfeito*, porém nem todos passão por estas mudanças.

Aquelles que no estado de larvas teem o corpo *vermi-forme, molle, dividido em anneis moveis*, geralmente em numero de 13, são *insectos de metamorphose*.

Passado algum tempo formão-se as azas sob a pelle e a *larva* transforma-se em *nympha*; neste periodo está immovel o *insecto* e não se nutre; durante o estado de nympha preparão-se as partes que devem constituir o *insecto perfeito*.

As metamorphóses incompletas consistem no desenvolvimento das azas ou das patas. Distinguem-se estes animaes não só por suas bellissimas côres como tambem pelo maravilhoso instincto, em que excedem aos outros.

Eis aqui como os dividem os naturalistas:

1.º COLEOPTEROS. Quatro azas, sendo corneas as anteriores.

2.º HEMIPTEROS. Quatro azas, mas as anteriores são semi-corneas e semi-membranosas.

3.º ORTHOPTEROS. As azas anteriores teem a consistencia do pergaminho, e as anteriores, membranosas, dobrão-se longitudinalmente.

4.º LEPIDOPTEROS. Quatro azas membranosas e escamosas.

5.º HYMENOPTEROS. Quatro azas com veios ramiformes.

6.º NEVROPTEROS. Quatro azas membranosas, ordinariamente eguaes, constituindo redes mui finas; as vezes faltão completamente.

7.º DIPTEROS. Duas azas e em vez das duas posteriores, dois botõesinhos collocados na extremidade d'uma especie de cauda.

2.º ARACHNIDES (*articulados*).

Os animaes desta classe, se bem que parecidos com os insectos, teem suas differenças capitaes: 1.º apresentão mais de 3 patas; 2.º faltão-lhes *antenas*; 3.º o involucro é mais molle que o dos insectos; 4.º teem a cabeça metida no *thorax*: a esta classe pertencem as aranhas, que lhe dão seo nome.

3.º CRUSTACEOS (*articulados*).

Estes animaes não se confundem com os *insectos* nem com os

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

arachnides, porque teem uma chrosta dura, formada de carbonato de cal (*calcarea*); seu corpo consta de anneis mais ou menos distinctos, formando escudos, que protegem o animal.

Nos crustaceos, que apresentão somente 5 pares de patas, os outros dois pares são aproveitados para orgãos de mastigação: adiante estendem-se 2 pares de antenas; o sangue é incolor, passando para azulado.

A esta classe pertencem os *camarões*, os *caranguejos*, as *lagostas*, os *myriapodeos*, (*centopeas ou piolhos de cobra*) as baratas d'agua, etc. Não experimentão transformações, como os *insectos*, mas teem a força da reproducção de partes perdidas, como as aranhas: são oviparos.

4.º VERMES (*articulados*).

Os VERMES *teem o corpo alongado, dividido em muitos anneis; desprovidos de membros locomotiveis.* São nús uns, outros revestidos de escamas; muitos vivem no mar, outros em terra humida, outros no interior dos animaes, e na agua doce; nutrem-se de substancias animaes, e propagão-se uns por meio de ovos, outros nascem vivos, e muitos partem-se, continuando cada fragmento uma vida individual.

Dividem-se os VERMES em: ANNELIDES; SYSTOLIDES ou *infusorios rotatorios*; TREMADOTES; e em ELMINTHOS ou *vermes intestinaes*.

ANIMAES VISCOSOS.

Nesta secção entrão os *animaes, cuja pelle é molle, viscosa, umas vezes transparente, outras revestida de couraça calcarea ou lapidea*; não teem esqueleto, nem o corpo dividido em anneis; nisto distinguem-se dos *vertebrados* e dos *articulados*; quasi todos vivem n'agua: dividem-se em: MOLLUSCOS; ANIMAES RAIADOS; POLYPOS e INFUSORIOS.

1.º MOLLUSCOS.

Molluscos são animaes de corpo molle, pelle mais ou menos extensa, constituindo uma especie de manto.

Em geral ha na espessura do manto uns *folliculos*, que segregão materia semi-cornea, saturada de carbonato de cal, materia que

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

se depositando em camadas forma a concha, como nos buseos e outros molluscos. Estes são os molluscos testaceos, e os que não teem concha chamão-se molluscos *nús*.

Alem disto denominão-se ainda *univalvas*, *bivalvas* e *multivalvas* se teem 1, 2 ou mais valvas.

Os molluscos que habitão em terra são todos *univalvas*. A esta classe de animaes pertencem as ostras, e toda sorte de buseos.

2.° ANIMAES RAIADOS.

Estes viventes teem o corpo nú, viscoso ou revestido de involucro calcareo ou coriaceo.

Apresentão formas mui variadas: uns se assemelhão a estrellas, outros a esphera, a um tubo, a livro. A' estes animaes pertencem *as ortigas do mar* (o nosso ponon) etc. etc.

Uns movem-se livremente e teem a bocca na parte inferior ou anterior; outros estão arraigados aos solidos e a boccá dirigida para cima: o interior destes animaes é uma especie de sacco.

Da cavidade estomacal partem 4, 5, 8, 10 ou 15 raios, regularmente despostos, as vezes ocos, ou tentaculos que servem para sorver os alimentos.

Propagão-se por meio de ovos e todos vivem no mar.

3.° POLYPOS.

Os POLYPOS *são animaes gelotinosos de forma cylindrica.* Segregão uma especie de cal, donde nasce o arbusto marinho ou *coral;* possuem junto a bocca uns fios ou pernas com que fazem movimento rotatorio n'agua, para colher a comida.

Reproduzem-se por *ovos*, *gemmas*, que separão-se e continuão vida individual, ou por scisões espontaneas.

Por muito tempo julgarão que o coral fosse pedra, depois planta e só no seculo passado classificarão-no como pertencente ao reino animal.

4.° INFUSORIOS.

Os INFUSORIOS *são animaes que se não podem observar sem o auxilio do microscopio*, pois teem apenas de $\frac{1}{300}$ até $\frac{1}{3}$ e raras vezes 1 linha de comprimento; vivem n'agua e teem movimentos bastante vivos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Pelos estudos até hoje feitos se ha reconhecido que estes pequenos animaes teem orgãos como os grandes, não só para a vida como para a reproducção: uns são redondos, outros cylindricos, outros chatos, etc.

Alguns teem o corpo nú, outros envolvido em concha, em um escudete, ou em duas *valvas*; uns podem alongar o corpo a ponto de transformar-se, outros são armados de tentaculos sugadores, etc.

Abundão estes animaes em todos os logares, e, cousa estupenda! restos destes pequenos viventes mortos e cumulados formão grandes cordilheiras! Terrenos de vastissima extenção como o cré, as pyrites, o trypoli são compostos de involucros de infusorios! A farinha fossil da Siberia e Laponia, que os habitantes destes paizes misturão com a farinha para cozer seu pão é exclusivamente composta de bacellarias (infusorios).

Ha lugares em que as camadas fosseis de infusorios deitão a 20 pés de espessura! A capital da Russia é construida em parte sobre terrenos fosseis desta naturesa, cuja camada superior ainda vive.

Botanica.

BOTANICA *é a parte da historia natural que estuda a estructura dos vegetaes, sua forma, distingue-os, classifica-os.*

ESTRUCTURA DAS PLANTAS.

§ 1.º RAISES.

A RAIZ *das plantas é a parte que tende a descer para a terra*, d'onde tira o necessario alimento á nutrição; compõe-se de *cóllo corpo, radiculas e espongiolos.*

Se a *raiz* penetra nas cascas das arvores, paredes, rochedos, chama-se *parasita.*

§ 2.º HASTE.

Chama-se HASTE *a parte da planta que se desenvolve em sentido opposto a* RAIZ, servindo para sustentar os ramos, folhas, fructos, etc: chama-se tronco, quando é mais larga na base que para cima; *stipe* se tem forma cylindrica, como as palmeiras; *canna* quando é

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

separada por diaphragmas (nós) de distancia em distancia, como o *milho, arroz, trigo*, etc; emfim a *haste* propriamente dita que não tem forma regular.

Conforme a direcção que toma a haste, recebe ainda diversas denominações.

A da vinha é *sarmentoso, grimpadora* a da hera, *voluvel* a da madresilva, do feijão; haste caida ou deitada a que se estende pela terra sem enraisar.

Quanto a consistencia que apresenta a *haste* chama-se herbacea, se morre todos os annos, antes de enrigecer; *meio-lenhosa* se endurece na base e vive certo numero de annos; *lenhosa* quando se converte em madeira.

A parte exterior da planta chama-se cortiça, a proxima a cortiça, *liber*, e a parte solida, *madeira*.

§ 3.º FOLHAS.

A FOLHA é a *dilatação do renovo* (ôlho) da planta, compõe-se do *petalo* ou *peciolo, limbo, nervuras*, etc.

Peciolo é a pequena cauda ou talo, que se prende ao limbo ou parte larga da folha; nervuras são as linhas, que se entrelação em todas as direcções.

As folhas que teem peciolo chamão-se pecioládas, as que o não teem, *sessis*; e quando o peciolo é soldado e separa-se do limbo, se diz que a folha é articulada, como a da larangeira. Em relação a sua posição na haste são *alternas*, se despostas em *espiral*; *oppostas* quando parallelamente; *verticaes* se postas em forma de annel: *bracteas* são as pequenas folhas que se avesinhão as flores; stipulares as que se achão na base do péciolo; *mãos* os pequenos filamentos com que as plantas se chegão as vesinhas; *espinhos* as aguilhas que as protegem.

§ 4.º FLOR.

A FLOR *é o desenvolvimento do botão*: consta ella de diversas partes: *peciolo*, ou parte (talo) em que se arrima a flor; *calice*, parte externa ou primeiro involtorio; *corolla* ou o segundo involtorio.

A corolla da flôr pode ter uma ou mais peças: no 1.º caso é *monopetala*, no 2.º *dypetala*.

Além destas partes tem a flor outras mais, taes como os estames ou tenues fios, terminados por uma cabecinha, onde está o pó

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

fecundante. No centro da flor ha um corpo arredondado, chamado *ovario*, d'onde se forma o fructo; as vezes este *ovario* tem uma cauda mais grossa que os filetes, chamada *pistilo*, o qual muitas vezes se divide em pequenos braços, como no maracujá.

§ 5.º FRUCTO.

O FRUCTO *é o ovario desenvolvido;* consta de quatro partes: 1.º *pericarpo* ou primeiro involucro do fructo; 2.º *grão* ou os germens das primeiras folhas; 3.º *placenta*, parte adherente ao *grão*; 4.º *funiculo*, fio que liga o grão a placenta.

DIVISÃO DAS PLANTAS.

Dividem-se as plantas em mais de 160,000 familias; e como esta divisão é muito complicada apenas darei brevissima noticia.

Dás diversas especies de capim, plantas de arroz, milho, canna, tabocas, etc., fizerão a familia das *Gramineas*.

Do feijão, fava, hervilha, fizerão a das *Leguminosas*.

Das diversas especies de palmeiras a familia deste nome.

Das roseiras, marmeleiros, macieiras, pereiras, etc., a familia das *Rosaceas*, etc., etc.

PROPRIEDADE DAS PLANTAS.

Entre as diversas especies de vegetaes uteis ao homem notão-se os que o alimentão e os medicinaes, ou os que curão-lhe as enfermidades, ou allivião-lhe os males.

As plantas teem uma substancia chamada *seiva*, que gira no vegetal assim como o sangue nos animaes.

Alimentão-se por boquinhas abertas nas extremidades das raizes; respirão o ar athmospherico pelas folhas e transpirão o que não lhes convem.

Mineralogia.

Feitos estes ligeiros estudos sobre os animaes e vegetaes, já é tempo de passarmos ao reino mineral, onde se achão os seres cuja propriedade caracteristica é tão sómente o crescimento.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Classificão-se os mineraes segundo suas *propriedades mathematicas, phisicas e chimicas.*

1.º As *propriedades mathematicas* indicão a forma sob que se achão os mineraes, o que é de importancia, visto como muitos delles manifestão-se debaixo de formas regulares, como angulos, triangulos, faces, planos, o cubo, octaedro; taes como o crystal ou mineraes crystalisados; outros são caprichosos em suas formas ou mui irregulares: os *amarphos*, como o ferro, ouro, etc.

2.º Quanto as *propriedades physicas* deve-se entender que dizem respeito ao *peso* dos mineraes, *propriedades electricas, impressões qae produzem em nosso corpo, optica*, isto é, que uns são brilbantes, outros transparentes, phosphorescentes, de côres diversas, etc. Alêm disto tambem se deve attender sobre o gráo de solidez, que podeis aprender na seguinte

TABELLA DOS GRÁOS DE DUREZA.

Duresa 1.ª—Talco ou (giz de alfaiate).
« 2.ª—Selenite (ou pedra gypsosa).
« 3.ª—Calcareo (spatho de Islandia).
« 4.ª—Fluorina.
« 5.ª—Apathito.
« 6.ª—Orthosia.
« 7.ª—Quartzo hyalino.
« 8.ª—Topasio.
« 9.ª—Coryndon hyalino.
« 10.ª—Diamante, porque risca todos os outros mineraes.

3.º As *propriedades chimicas* fundão-se nas diversas substancias de que se compoem; e sob esta relação dividem-se em corpos simples e compostos: simples os que constão de uma unica substancia, e compostos os de muitas. Os chimicos dividem os simples em *metaes*, e *metalóides* ou corpos parecidos com metaes, como

1.º Oxygeneo	O.	8.º Enxofre	S.
2.º Hidrogeneo	H.	9.º Selenio	Se.
3.º Azoto	Az.	10 Tellurio	Te.
4.º Cloro	Cl.	11 Phosphoro	Ph.
5.º Bromo	Br.	12 Arcenico	As.
6.º Iodo	Ir.	13 Carbono	C.
7.º Fluor	Fl.	14 Boro	Bo.
		15 Silicio	Si.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Os metaes são corpos opacos, bons conductores de calorico (esquentão muito e rapidamente). Eil-os:

1.º Potassio	P.	24 Cobalto	Po.
2.º Sodio	Na.	25 Nickel	Ni.
3.º Lithio	Li.	26 Zinco	Zn.
4.º Baryo	Ba.	27 Cadmio	Cd.
5.º Estroncio	Sr.	28 Cobre	Cu.
6.º Calcio	Ca.	29 Chumbo	Ph.
7.º Magnesio	Mg.	30 Bismutho	Bi.
8.º Glucinio	Gl.	31 Mercurio	Hg.
9.º Aluminio	Al.	32 Estanho	Sn.
10 Zirconio	Zr.	33 Titaneo	Ti.
11 Thorio	To.	34 Tantalo	Ta.
12 Yttrio	Yt.	35 Niobio	Nb.
13 Cerio	Ce.	36 Ilmenio	Il.
14 Lantanio	La.	37 Pelopio	Pp.
15 Didymio	Di.	38 Antimonio	Sb.
16 Erbio	Er.	39 Uranio	U.
17 Terbio	Tr.	40 Prata	Ag.
18 Manganez	Mn.	41 Ouro	Aco.
19 Chromo	Cr.	42 Platina	Pt.
20 Tungsteno	Ph.	43 Palladio	Pd.
21 Molybdeno	Mo.	44 Rhodio	Rh.
22 Vanadio	Nd.	45 Iridio	Ir.
23 Ferro	Fe.	46 Ruthenio	Ru.

47 Osmio.

Classificão-se todos os mineraes em 4 partes: 1.ª TERRAS, ou fosseis puros; 2.ª SAES FOSSEIS, aquaticos; 3.ª INFLMAMMAVEIS, ou fosseis aéreos; 4.ª METAES, ou fosseis fusiveis. Prestae alguma attenção e facilmente os distinguireis, porque as *terras* não se dissolvem n'agua, nem pelo ar, nem no fogo; os *saes* dissolvem-se n'agua; os *inflammaveis* estão sujeitos a influencia do ar, e combinando-se com o oxygeneo queimão-se; e os *metaes* derretem-se com o calor. Tentarei para maior claresa dar-vos classificação regular de todos os mineraes e começarei pela

1.ª CLASSE: TERRAS.

As subs... as desta classe dividem-se em 4 ordens, á saber:
1.ª ORD... já sabeis
...b tres for... AS SILICIOSAS ou terras puras, que são mi-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

neraes vitreos, transparentes; dão centelhas, sendo percutidos com fuzil, pulem aço, etc. Pertencem-lhés: 1.° o quartzo, composto de substancias terreas, oxigeneo, etc., a opola, (variedade do quartzo) que contém agua, apresenta varias côres, etc.; 2.° o diamante, resultante de carbono crystalisado. E' pedra de alto preço; e cujos principaes leitos existem na India, ilha de Borneo e no Brazil. Em Minas Geraes foi encontrado um diamante que occupa o 3.° ou 4.° lugar entre os notaveis diamantes do mundo, e chama-se Estrella do Sul.

2.ª ORD.—TERRAS ARGILOSAS, compostas de partes metallicas e partes argilosas, como as GEMMAS *argilosas*, isto é, *coridon*, *esmeraldas* (constante de silica, argila, glucina, e corada por oxydo de ferro); o *topasio*, etc. Ás terras argilosas pertencem ainda a *mica*, composta de silicato, aluminio e potassa, o talco (variedade da mica); feldespatho, a *pedra pez*, as argilas, etc.

3.ª ORD.—TERRAS TALCOSAS, que se compoem de mineraes caracterisados pela presença de terras muriaticas.

4.ª ORD.—TERRAS CALCAREAS, que contem substancias calcareas e estronciana, como a pedra *gypsosa*, composta de sulphato de cal hydratado, etc. atc.

2.ª CLASSE: SAES OU MINERAES AQUATICOS.

Estes mineraes alem de serem soluveis n'agua, caracterisão-se pelo sabor particular, abrangem 4 ordens:

1.ª ORD.—SAES TERREOS; conteem uma parte de terra e outras de saes, como a *pedra hume*, composta de amoniaco, agua, etc.

2.ª ORD.—SAES LIXIVIAES, que conteem *lixia*, como o sa[illegible] combinação de sodio e chloro; as *sódas* combinação de ac[illegible] nico, sodio, agua e cal; *salitres*, saes de sabor fresco e [illegible] postos de acido nitrico, alcoli, etc., etc.; *saes de G*[illegible]

3.ª ORD.—SAES PYROGENEOS, que apresentão [illegible] combustão, sendo submettidos a calor mais ou m[illegible] a *pedra de mel*.

4.ª ORD.—SAES METALLICOS, assim chamados p[illegible] bazes metallicas, que combinadas com outras sul[illegible] zem os *vitriulos* e *haloides*.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

3.ª CLASSE: MINERAES AÉREOS INFLAMMAVEIS.

Compoem-se estes mineraes d'uma substancia combustivel e dividem-se em quatro ordens:

1.ª ORD.—INFAMMAVEIS TERREOS OU CARVÕES. Estes mineraes ardem sem derreter-se previamente, como o carvão de pedra composto de carbono com terras, metalloides. Dizem qu estes corpos são o resultado de destroços vegetaes.

2.ª ORD.—INFLAMMAVEIS BETUMINOSOS, que são mais quebradiços, com cheiro forte; amollecem antes de se queimar como:

1.º o enxofre, que brota das solfataras. É na Sicilia que mais abunda este mineral.

2.º As *resinas* como o *ambar amarello*, que dizem os mineralogistas ser o resultádo da resina fossil d'uma especie de pinheiro, qve viveo em epocha anterior a nossa.

3.ª ORD.—INFLAMMAVEIS GORDOS, ou mineraes molles e liquidos, semelhantes ao azeite ou gordura, como os *sebos fosseis*. Na Inglaterra, Escossia e Moldavia ha grande quantidade destas substancias, que se manifestão em massas molles, ou em grãos finos, tendo o brilho da madreperola, as veses de côr verde, amarella, parda, etc. A esta ordem pertencem tambem os *oleos fosseis*, que as vezes brotão acompanhados d'agua quente ou fria: da-se a estes oleos o nome de *petroleo*, e sendo purificados dão o *kerosene*, etc. etc.

4.ª ORD.—INFLAMMAVEIS METALLICOS ou mineraes, que conteem um metal: pertence-lhes o *graphito*, composto de carbono com 4 ou mais por cento de ferro.

4.ª CLASSE.—METAES OU MINERAES FUSIVEIS,

N'esta classe estão aquelles corpos que se distinguem por pezados, certo grão de puresa, e por combinarem-se com outras substancias; pertencem-lhe o ferro, ouro, cobre, estanho, zinco, cobalto e o nikel. etc., etc.

Se os mineraes são mais ou menos puros chamão-se *nativos*; e assim diz-se *ferro nativo, ouro nativo*, etc., etc. Ha 16 goneros.

Noções de chimica.

Creio já sabeis o que sejão corpos, que todos elles se apresentão sob tres formas: *liquidos, solidos*, ou *gazozos*; dividem-se em

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

simples e compostos: simples os que na analyse chimica apresentão uma unica substancia, e compostos os que mostrão muitas. A *chimiva tem por objecto o demonstrar as leis relativas a composição dos corpos e influencias de uns sobre outros.*

§ 1.° ANALYSE E SYNTHESE.

Quando decompomos um corpo para conhecer-lhe as partes, as substancias, que o formão, praticamos a analyse; se juntamos essas partes ou outros corpos, para fazer um novo, praticamos a synthese.

§ 2.° CORPOS SIMPLES.

Contão-se 54 corpos simples, cujos nomes deixo de reproduzir aqui, por já tel-o feito, quando tratei dos mineraes, onde podeis decoral-os. A combinação dos corpos simples, 2 á 2, á 3 formão os

§ 3.° CORPOS COMPOSTOS.

Na impossibilidade de apresentar-vos todos os corpos compostos, fallarei apenas de alguns mais conhecidos.

1.° AR.—*O ar athmospherico* é a reunião de *oxigeneo, azoto* e pequenas partes de *acido carbonico* e traços de vapor *d'agua.* Em 100 partes d'ar ha 79 de azoto e 21 d'oxygeneo.

2.° AGUA.—Julgavão os antigos que fosse a *agua* um corpo simples, mas hoje sabemos que se compõe de uma parte do *oxygeneo* e duas do *hydrogeneo.*

Porem as aguas de nossas fontes, e dos rios conteem outras substancias em dissolução, segundo a naturesa dos terrenos por onde passão: chamão-se *therapeuticas* estas modificações.

Dissemos que a agua forma-se pela combinação do *oxygeneo* com o *hydrogeneo;* mas para qne desta juncção resulte agua é preciso passar-lhe um raio de *electricidade,* ou fogo: ouvir-se-ha então forte detonação; encher-se-ha o vaso de vapores aquosos, que condensando-se apresentão agua natural.

3.° LATÃO.—75 partes de *cobre* com 25 de zinco formão o *cobre amarello* ou *latão.*

4.° O ESTANHO de que nos servimos commummente é o resultado da combinação de *mercurio* com *estanho,* Com 100 partes de cobre e 11 de estanho forma-se o metal das peças; com 78 partes de *cobre* e 22 de *estanho* forma-se o metal dos sinos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

5.º O CARBONE com o ferro constituem o aço.

6.º O VIDRO é o resultado da combinação de *acido silicico* com os *oxydos de sodium* ou de *potassium*. E' por se comporem de saes que ha certas qualidades de vidro que amollecem e se dissolvem na agua quente.

7.º Com nitrato de potassa (salitre) carvão enxofre faz-se a polvora.

Meteorologia.

A METEOROLOGIA *é a parte das sciencias naturaes que trata dos phenomenos athmospherico, que dependem da acção do calor, e da luz:* occupa-se pois dos *ventos, chuvas, nuvens, gelo,* etc.

§ 1.º VENTOS.

Vento é o ar agitado por alguma causa, como o calor, a electricidade, etc. Ha um instrumento denominado *rosa dos ventos,* que indica as direcções destes. Chama-se vento sul, norte, nordeste, etc.. etc., se sopra de sul, norte ou nordeste.

Os mais notaveis dos ventos são os *alliseos,* que se formão como passamos a explicar.

E' verdade demonstrada que os corpos se dilatão com o calor e condensão-se com o frio. Pois bem: sob este principio, se tem conhecido que, havendo muito frio nos polos, o ar acha-se condensado e pesadissimo; ao passo que projectando os raios solares sobre a faxa, que vai de um tropico ao outro, ai acha-se o ar dilatado e leve. Em rasão disto dão-se os seguintes phenomenos meteorologicos: o ar frio dos polos arroja-se pesado para as regiões do equador, d'onde o ar quente atira-se ao alto e desdobrando-se para os polos, começa a encontrar o ar frio; vai caindo sobre os polos, voltando para o equador, depois subindo; e assim girão eternamente essas immensas massas de ar.

§ 2.º O SERENO (*meteoros aquosos*).

Todos vós conheceis o sereno, que cahindo em nossos campos, valles e montes forma o orvalho, que conglobado nas folhas esmalta-se aos primeiros raios do sol, como ricos brilhantes multicôres.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Mas donde vem o orvalho em noites tão limpas que não se divisa uma só nuvem ? !

Attendei e vo-lo explico. Durante o dia, com o calor do sol, todos os corpos humidos exalão grande quantidade de vapor, mas apenas se esconde o sol, esfriando-se a athmosphera começa a descer o vapor, cahir sobre a terra, e formar o orvalho.

§ 3.º NUVENS.

A sciencia ainda não explicou cabalmente a formação das nuvens. Creem alguns que são o resultado das evaporações que elevando-se da terra condensão-se nas alturas em pequenos globulos cheios de ar humido; outros, porem, sustentão serem ellas o resultado do encontro dos ventos alliseos, effectuando-se o phenomeno pelo modo seguinte: das regiões equatoriaes e tropicaes subindo o ar quente e encontrando-se com o frio vindo dos polos formão estas camadas de ar de temperatura desigual uma forte evaporação que origina as nuvens.

§ 4.º CHUVAS.

Quando os globulos, que formão as nuvens hão attingido á proporções superiores, condensão-se e caem: eis a chuva. Acontece, porem, muitas vezes cahirem chuvas de differentes côres, o que produz grande perturbação no povo rude, mas a observação tem demonstrado serem materias arrebatadas por fortes ventos e arrojadas a longas distancias.

RELAMPAGOS E TROVÕES.

Este phenomeno physico, terrivel e ao mesmo tempo imponente e sublime tem logar pela maneira seguinte:

Rutilando a descarga electrica (o relampago) as camadas de ar abrem-se precipitadamente, e impellem-se umas sobre as outras com tanta força que deixão grande vacuo, mas immediatamente voltão (as camadas de ar) a occupal-o; e esta refluição e affluição produz o estampido chamado trovão.

O relampago vem a ser uma descarga eletrica, que põe em communicação duas nuvens, ou uma nuvem com a terra.

FOGOS FATUOS.

Tambem devemos attribuir a electricidade a apparição de pequenas chamas, muitas vezes correndo pelos campos, sobre o mar,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

acercando-se das extremidades agudas, como lanças dos soldados, mastros de navios, cuja causa foi mysteriosa na antiguidade. Ha phosphorecencias nos cemiterios, mas divido ao phosphoro contido nos cadaveres.

Noções sobre agricultura.

Agricultura é a arte de cultivar os campos de modo que produsão com lucros substancias necessarias á sociedade.

PRIMEIRA PARTE.

IDEIA DO SÓLO.

Terra vegetal.

A terra considerada em relação a agricultura, é o meio pelo qual se fixão as plantas, e d'onde estas tirão o seu principal sustento; e chama-se terra vegetal, solo, humus, terra aravel, etc.

Consistencia, profundidade, côr do sólo.

Não é bastante sómente o estudar a naturesa e composição do sólo, para se lhe conhecer o grão de fertilidade; cumpre alem disso examinar sua consistencia, côr e profundidade. Consistencia é a maior ou menor grossura e densidade do grão dá terra.

O sólo conforme a sua naturesa resiste mais ou menos aos instrumentos de lavoura, ao ar, á agua, ao calor e raizes das plantas, o que poderá ser bom ou máo como havemos de vêr.

Um solo profundo é menos prejudicado pelo excesso de chuvas, conserva humidade em tempo de secca e offereee mais espaço as raizes das plantas.

O conhecimento da côr dos terrenes tem sua vantagem; assim a côr preta absorve melhor o calôr, que a branca, e por consequencia o sólo se aquece com mais facilidade quanto mais carregada fôr sua côr.

Sub-sólo.

Sub-sólo é a terra que está logo abaixo da camada aravel; e di-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

vide-se em argiloso, arenoso e calcareo. A bondade do sub-sólo depende da naturesa do sólo. Assim para as terras argilosas bom é que o sub-sólo seja arenoso; para as terras arenosas o sub-sólo deve ser argiloso.

Esta contrá-posição serve, já para reter as aguas, já para escual-as facilmente, já para fazer as terras mais leves e arejadas. O sub-sólo que deixa passar a agua chama-se permeiavel, e o que a retem impermeiavel.

DO CLIMA.

Clima é o conjuncto de influencias athmospherica, sob as quaes se acha certa porção do paiz mais ou menos extensa: o clima influe muito nas plantas segundo sua posição e exposição.

Posição e exposição.

As terras estão sempre n'uma das tres posições: muito inclinadas, perfeitamente planas, ou no meio termo entre estas duas.

Os declives rapidos favorecem em demasia o escoamento das aguas, que arrastão as terras vegetaes e prejudicão assim a fertilidade dos campos; os terrenos planos conservão as aguas estagnadas, principalmente se o sub-sólo é impermeiavel.

A melhor terra por consequencia, é a que facilita moderadamente o escoamento das aguas sem levar o humus. Para remediar o mal dos terrenos mui inclinados e dos chatos, convem plantar arvores nos declives dos primeiros, e esgotar os segundos por vallados ou por outros meios.

A exposição dos terrenos nos deve merecer attenção. Conforme favorecem mais ou menos ao calor, as chuvas, ventos, etc., cumpre distribuir as plantações conforme a exposição dos terrenos, isto é, para as plantas que pedem mais calor escolhem-se os terrenos mais expostos ao sol, e para as que requerem fresco os lugares mais ou menos sombriados.

SEGUNDA PARTE.

MEIOS DE FERTILIZAR A TERRA.

Adubos.

Chamão-se adubos ou estercos em agricultura as substancias que misturadas com a terra augmentão-lhe a fertilidade: elles

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

obrão na terra de dois modos: chimica e mechanicamente. Juntando-se areia a uma terra forte e argilosa, fica esta menos pegajosa por um processo mechanico, e com mais força chimica ou digestiva. Os principaes adubos são: a argila, areia e cal. A cal empregamos quando a podemos adquirir sem grandes despesas; argila e areia, quando o sub-sólo é formado por ellas.

Cal.

A' cal serve para apressar a decomposição dos destroços animaes e vegetaes, que estão na terra. Julga-se tambem que a cal tenha alguma acção dissolvente sobre os mineraes do sólo, que attrahe á terra parte do ar necessario a vegetação, e que retem a humidade.

Só se usa, porem, da cal nos terrenos que a não teem. O meio mais facil que ha para conhecermos se um terreno tem ou não cal, é o seguinte: toma-se um pnnhado de terra que se pretende examinar, e estando secco lança-se-lhe vinagre bem forte; se contiver cal, aparecerá uma ligeira fervura.

Estimulantes.

Estimulantes são certas substancias que activão a fecundidade do solo; taes são: a cinza e o gêsso. O lavrador deve uzar destes estimulantes com certa regra; e o melhor conselheiro é a experiencia.

Estrumes.

Ha tres especies de estrumes: animaes, vegetaes e mixtos. A carne e o sangue são estrumes animaes; a palha e aparas soterradas verdes formão os estrumes vegetaes; os mixtos são commumente os que se formão nas estrumeiras e estribarias, compostos de vegetaes misturados com as dejecções animalisadas. D'estas tres especies de estrumes são melhores os dos animaes; porque conteem em grande parte as substancias de que nutrem-se e compoeem-se as plantas.

Estercos.

O melhor esterco é d'aquelles animaes que se alimentão de carne; depois o dos que se alimentão de grãos, como o das gallinhas, pombos, etc.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Convem evitar que a esterqueira aqueça em monturo exposta aos raios do sol: para evitar este mal regue-se-a, afim que nas evaporações produzidas pelo calor não se percão muitas substancias necessarias a estrumar a terra; resultando uzar-se de um esterco inconveniente. Costumão tambem distinguir estes estercos com o nome de quentes e frios

O quente actua immediatamente com vigor e o frio com mais lentidão e menos vigor. O do carneiro e do cavallo são quentes, o do boi e do porco são frios.

Urinas, excremento ralo, excremento secco e em pó, guano.

As urinas dão excellente estrume e conviria não perdel-as. As materias fecaes que se extrahem das latrinas, dão excellente esterco. E' tão forte que, quando liquidos só misturados com agua poderão servir.

Uma das cousas que mais encommodão e difficultão o uso deste esterco é o máo cheiro, mas tira-se-o misturando lhe carvão pulverisado. O guano ou esterco das aves, que forma um dos ramos de exportação do Perú é mui forte e de excellente qualidade.

Qualquer substancia animal ou vegetal poderá servir de estrume; os mais uzados são: carne, sangue, chifres,... como estrume animal; as plantas do feijão, fava, do inhame, dos carás, das batatas, etc., como estrume vegetal.

Uso dos estrumes.

Para usar-se convenientemente dos estrumes convem conhecer bem as propriedades. Para as terras argilosas convem o esterco quente não decomposto; porque em rasão destas qualidades do terreno (barrento) carece de um estrume activo, e a palha do esterco não decomposto divide-o vantajosamente.

E preciso tambem attender a naturesa das plantas, porque sendo o estrume o principal alimento d'ellas, é natural que se consulte o temperamento d'estas, para se lhes escolher o sustento. As experiencias em ponto pequeno facilitão este estudo.

Giro das culturas.

Entende-se por giro de culturas a ordem pela qual se seguem as plantas no mesmo campo.

Tem provado a experiencia qne, ainda nas melhores terras, suf-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ficientemente adubadas, estrumadas e amanhadas as plantas sendo constantemente e por muito tempo as mesmas, nos mesmos terrenos, perdem, quando menos algumas de suas qualidades. A razão é que sendo a terra mineral uma especie de estomago das plantas, pelo continuo fornecimento para alimentação extinguem-se algumas propriedades. Outro tanto não acontece quando se alternão as culturas.

Amanhos,

Os amanhos muito contribueem para a fertilidade da terra; e obrão de quatro modos: 1.º activando o trabalho chimico ou digestivo da terra mineral, que é o astomago das plantas; 2.º fazendo com que o calor do sol, as aguas da chuva e o ar penetrem n'ella com mais facilidade; 3.º favorecendo o crescimento das raizes com o afofamento da terra; 4.º destruindo as hervas ruins.

As terras fortes ou barrentas requerem amanhos profundos e frequentes: as frouxas porem bastão na occasião de estercal-as.

Machinas aratorias.

A mais importante machina de agricultura é o arado.

Irrigação.

A irrigação é tambem um meio de fertilizar a terra; já fornecendo a humidade quando os terrenos são seccos em demasia, já misturando-as com cal para fertilisal-os. A experiencia é o melhor mestre n'este processo.

TERCEIRA PARTE.

Nutrição das plantas.

Planta é uma creatura viva, com orgãos por meio dos quaes se nutre, respira, cresce, reproduz-se, sem que possa por si só mudar de lugar.

Nutrem-se as plantas principalmente pelas raizes, do seguinte modo: a terra mineral, que é o estomago das plantas, divide ou dirige o alimento d'estas, á ponto de passar pelas mais tenues raizes, sugando-o as extremidades d'estas.

O alimento das plantas consiste nos succos extrahidos das materias animaes e vegetaes que estão na terra, misturadas com agua,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

gaz e algumas substancias mineraes; respirão absorvendo o ar pela parte inferior das folhas alimento mui util a ellas; por que depois de respirado, produz-lhes effeito analogo áquelle que obra a respiração nos animaes, fazendo pelo seu contacto que adquira a seiva, que sóbe das raizes, e se combina com algumas de suas partes as qualidades precisas, para sustentar o vegetal.

Cuidados que se devem as plantas.

Para proteger as plantas quando são atacadas, é necessario regal-as com a cal viva, giz, pó de carvão de pedra, fuligem, pó de tijolo espargidos nas plantas logo depois do orvalho da madrugada ou de qualquer chuvisco dão bons resultados.

Para as saúbas (ou formiga de roça) o melhor meio são as fuliações com carvão de pedra, enxofre, raspas de cedro, pimenta, alcatrão e caroço de algodão etc.

Sendo os foles assentados convenientemente, e a folleação, feita com perseverança extinguem-se as saúbas.

QUARTA PARTE.

Divisão das plantas agricolas.

As plantas agricolas dividem-se geralmente em forrageiras, alimenticias, e industriaes.

As forrageiras são as que servem de alimentação aos animaes. Existem nos prados naturaes ou artificiaes.

Plantas alimenticias.

Dividem-se ellas em tuberculosas e de grãos. Entre as tuberculosas ou de raizes temos a mandioca, araruta, carás, inhames, batatas, etc., e entre as de grãos o arroz, o milho, etc., etc.

Plantas commerciaes e industriaes.

As plantas commerciaes e industriaes são *oleoginosas* ou que produsem azeite; *textis* ou que produzem fio; *tinturiaes* ou que prodnzem tintas, etc., etc.

Plantas oleoginosas—ricino, amendoy, andiroba, gergelim, etc., etc.

As principaes plantas oleoginosas são: o ricino, geralmente co-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

nhecido sob a denominação de mamona ou carrapato, o amendoy ou mendobim, o gergelim, a andiroba.

Alem d'estas temos as palmeiras, cujos fructos geralmente produzem bom oleo, taes como o dendem, o côco babassú, ou palmeira, o burity, a mocajuba, o anajá, a bacaba, etc.

Eis o modo de fazer o oleo de ricino: torrão-se os grãos até que rebente a epiderme, e se se quer azeite branco tira-se esta á mão, soccão-se aquelles em pilão, até que appareça o oleo na superficie da massa.

Põe-se então ao fogo uma vasilha de cobre ou ferro com obra de 5 ou 6 vezes porção d'agua igual a da massa, ajunta-se-lhe um pouco de cinza, para fazer com que o oleo se desprenda melhor, e ferve-se lentamente até que a massa fique separada do oleo: deixa-se depositar e tirá-se este com uma pequena colher.

A andiroba se dá melhor nos alagadiços. Seria conveniente cultival-a, utilisando-se assim do seu azeite e os terrenos que até hoje permanecem sem serventia.

O mendubim é uma planta baixa, que se cultiva em dezembro, em pequenas distancias; o seu fructo nasce na raiz; ama as terras fortes e seccas, dá de 6 a 8 mezes.

Plantas textis, (o algodão).

A planta textil por excellencia é o algodão, da familia das malvaceas. No Brazil ha tambem as embiras, o coroatá, o ananaz, que pertencem ao mesmo uso, mas ainda não estão cultivados entre nós. A melhor terra para a cultura do algodão é a argilosa, a fresca, que não seja humida, e que tenha superficie ondulada com collinas.

E' do algodão que se faz a maior parte dos tecidos com que nos vestimos. Mas até chegar elle a este ponto tem passado por muitos processos e dado muito trabalho. Logo que nasce o algodão, tendo 4 folhas abertas é preciso foufar o terreno amontoando-lhe a terra do pé; e a proporção que fôr crescendo desbastal-o ou podar, logo que tenha 2 ou 3 mezes de desenvolvimento.

Quando os casulos apresentão os brancos caroços, são estes colhidos um a um, que levados á machina são escaroçados. O algodão tem enfermidades que muito o perseguem: o caranga e o môfo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Plantas tinturiaes (urucú, anil).

As plantas tinturiaes mais procuradas entre nós são: o urucú, o anil, a gengibre amarella, a tatajuba, o páo Brazil, a coherana, etc., que nascem nas mattas virgens sem cultura alguma.

O urucú produz nos terrenos arenosos, porém frescos; nas margens dos rios: sua tinta é muito procurada para as obras de marcenaria. E' para lamentar que sua cultura não esteja bem desenvolvida.

O anil cultiva-se em terreno arenoso e secco; produz uma tinta azulada e de bello effeito.

Caffé.

O caffé é o fructo d'um arbusto, o CAFFÉ ARABICO, da familia das rubeaceas, e que prefere as encostas dos môrros sombreados para prosperar. Dura de 10 a 8 annos; cresce de 10 a 20 palmos; é de uso geral em todo mundo a infusão do caffé que se faz lançando agua a ferver sobre o pó, a que se reduzem as sementes depois de torradas.

Planta-se em viveiros, donde depois se transplantão, quando teem 2 a 3 pés de altura e a grossura de 1 dedo.

Eis um dos methodos de preparar o grão do caffeseiro: depois de colhido passa por um ralo que tira-lhe a pelle exterior e parte da pôlpa, adocicada, e a semente cahe em um reservatorio d'agua corrente, collocado por baixo do ralo.

Ai permanece até o dia seguinte, tendo ficado limpo do resto da pelle e pôlpa que ainda pudesse ter conservado. Depois escorre-se a agua e estende-se o caffé a seccar. Logo que toma uma côr verde escura leva-se para uma estufa e dentro de uma semana, retira-se d'ella, pila-se, joeira-se, torna-se a seccar, faz-se a escolha e conserva-se na estufa até ao momento de ensacal-o para venda.

Cacáo.

O cacáo é um fructo ovoide, de 4 a 6 pollegadas de tamanho, de casca ou côco resistente, que nasce pegado ao tronco; contem dentro de si sementes ou grãos de meia pollegada de comprimento, cobertos de uma pôlpa branca, dôce e assidulada, que se come.

Estas sementes torradas ou redusidas a massa compacta constituem o chocolate, que é tambem geralmente usado como alimento.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O cacáo gasta 8 a 10 annos para dar o fructo e vive cerca de 30. Os terrenos que mais lhe conveem são os frescos, mesmo humidos, mas arenosos e fôfos, por causa de suas raizes que são fusiformes e quasi tão compridas como a arvore.

Colhe-se o fructo do cacáo quando está amarello avermelhado; depois do que é levado primeiro para o terreiro, onde se quebra a capsula, lavão-se as sementes, que são estendidas aí em camadas mui tenues, alternando cada camada de cacáo com outra de terra, devendo ser a ultima dellas, com seis pollegadas de espessura pelo menos, e coberta por derradeiro de palha.

No fim de dous ou tres dias, visita-se o monte assim feito e presentindo-se que está mui quente peneira-se tudo, para separar a terra; seccão-se aquelles ao sol, revolvendo-os de tempos a tempos para abreviar esta operação, leva-se em seguida a estufa, onde completão a dessecação, e ensacão-se para dar-lhe saida.

CALENDARIO AGRICOLA.

Em janeiro planta-se o algodão, arroz e o milho. Ordinariamente começão as chuvas n'este mez. Em fevereiro continua-se a plantar o arroz; mudão-se as plantas, desbastão-se os algodoeiros.

Em março semeão-se o gergelim e o ricino, continua a capina, trata-se de limpar as plantações de algodão e canna do anno anterior. Em abril continúa a limpesa. Em março planta-se canna e principia a colheita do arroz. Em junho proseguem os mesmos trabalhos. Em julho continúa o plantio da canna, termina a colheita do arroz, começa a dos feijões, gergelim e ricino etc.

Em agosto colhe-se o algodão, a canna, começando a moagem desta. E' o tempo de preparar o terreno para lavrar e estrumar:

Em setembro continúa a safra e a colheita do algodão e os preparativos do terreno lavrado. Em outubro continuão as colheitas ditas, e alguns se arriscão a plantar canna. Em novembro continúa a safra, termina a colheita do algodão. E' tempo de arar e estrumar a terra. Em dezembro começão as plantações.

QUINTA PARTE.

GEOGRAPHIA AGRICOLA.

O mundo divide-se em cinco partes: Europa, Asia, Africa, America, Oceania.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Na Europa cultiva-se o trigo, a vinha, o linho, a betarraba, a batata inglesa e em parte o arroz etc.

Na Asia o chá, o algodão, o caffé, a canna de assucar, o arroz, a gutta-percha, especiarias e resina estimadas, em parte o trigo e outras culturas européas.

Na Africa, exceptuando-se o chá, quasi as mesmas.

Na America por sua extensão e participando dos climas das outras partes do mundo produz quasi todas as plantas d'ellas: o trigo, o milho, o arroz, o algodão, o linho, o caffé, a canna de assucar, as vinhas, as batatas, o chá, o fumo, a borracha, varias especiarias e resinas, a copahiba.

Na Oceania quasi as mesmas que na America.

GEOGRAPHIA AGRICOLA DO BRAZIL.

O Brazil divide-se em 20 provincias: o Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahiba, Peznambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, S. Catharina, Rio Grande do Sul, Minas, Goyaz e Matto-Grosso.

O Amazonas e Pará produzem a borracha, o cacáo, a piassaba, salsaparrilha, castanha, baunilha, canella, copahiba, cravo, puxury, cumarú, urucú, guaraná, assucar, arroz, milho, farinha, fumo. Tem tambem vastas pastagens naturaes.

O Maranhão produz: algodão, assucar, arroz, milho, farinha de mandioca, fumo em grande escala, caffé, cacáo, baunilha, copahiba, e algumas especiarias em menos.

O Piauhy é provincia mais creadôra que productora de generos vegetaes, e para isso a Providencia a favoreceu com optimas pastagens; no entanto tem as mesmas culturas do Maranhão.

O Ceará provincia tambem creadôra cultiva com vantagem o caffé, o assucar, o arroz, a farinha, algodão, e cêra de carnaúba.

O Rio Grande do Norte e Parahiba produzem o assucar, o algodão, e a farinha de mandioca.

Pernambuco produz o assucar e algodão em grande escala e alem destes generos, cultiva tambem o arroz, milho e a mandioca.

A Bahia produz os mesmos generos que Pernambuco e em parte é creadôra.

Sergipe e Espirito Santo o mesmo que a Bahia.

O Rio de Janeiro a mais rica provincia do imperio produz o caffé assucar em vasta escala e já com algum aperfeiçoamento;

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

cultiva tambem o chá, a mandioca, o arroz, o milho, tabaco e feijão.

S. Paulo as mesmas que o Rio de Janeiro e é tão bem creadôra. Produz bem os generos da Europa meridional—a vinha, o linho, o trigo etc.

O Paraná é principalmente creador, cultiva os mesmos generos que S. Paulo, a herva mate ou chá do Paraguay.

S. Catharina produz as plantas européas, mas a cultura aí está bastante atrasada, produzindo apenas algodão, linho, assucar e farinha de mandioca.

O Rio Grande do Sul é creador de gados para o que tem ricas pastagens. A exportação de carnes charqueadas, sêbo, courama, gordura e gados vivos constituem a sua principal exportação e riquesa; no entanto cultiva herva mate, o fumo, o trigo etc.

Minas extensa e fertil provincia occupa-se da creação e exportação de gados vaccum, cavallar, muar, e suino, de carnes charqueadas, sêbo, gordura, toucinho, queijos: mas cultiva tambem o chá, o caffé, o algodão, arroz, feijões etc., etc.

Goyaz o mesmo que em S. Paulo e Minas.

Matto Grosso pouco explorada e falta de braços, poucos productos tira da terra, occupando-se mais da mineração e creação de gados; entretanto aí o arroz cresce expontaneamente, tão fertil é o terreno.

Preceitos de civilidade.

Civilidade é a pratica de todas as attenções para com os nossos semilhantes na sociedade, evitando assim nas palavras como nas acções tudo quanto possa offendel-os.

E' o distinctivo de uma esmerada educação, e tem a utilidade de estreitar os laços sociaes e attrahir a nós a affeição e amisade dos outros. Devemos nos mostrar civis para com todos, ainda mesmo para com as pessoas grosseiras, cujas maneiras podemos abrandar por meio da doçura e affabilidade.

DO ACEIO.

E' o aceio uma das cousas que mais indicão boa educação; consiste no cuidado que se deve ter para comsigo, observando para isto a decencia do corpo, do fato e da habitação. Por conse-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

quencia é incivilidade andar-se com o rosto, o pescoço, os ouvidos, as mãos, ou as roupas, porcos; com as unhas crescidas e sujas, etc,, etc. Não é permittido cuspir ou escarrar no chão, nas sallas, onde não houver escaradores; o que se poderá fazer ou no lenço ou retirando-se para um lugar proprio.

Ao assoar, deve-se ter o cuidado de fazel-o d'um só lado do lenço. E será considerado uma grosseria escarrar ou tossir sem pôr o lenço na bôcca, mui principalmente na mesa..

DOS COMPRIMENTOS.

A todas as pessoas conhecidas, quer sejão superiores, eguaes ou inferiores, deve-se cortejar ou comprimentar ao encontral-as, notando-se que os inferiores nunca devem ser os primeiros a dar a mão aos superiores, e sim estes áquelles. Ainda, as pessoas estranhas se devem cortejar e pedir desculpa, quando for preciso encommodal-as nos lugares publicos, etc., etc.

DAS VISITAS.

As visitas teem a utilidade de firmar relações de amisade. E' dever d'um visitado pagar o mais breve possivel a visita áquelle que a tenha feito; mas, entre parentes, isto não se observa tão restrictamente. As visitas ás pessoas de poucas relaçoes ou aos doentes devem ser mui curtas.

Ao retirar-se d'alguma terra, convem despedir-se dos conhecidos; o que muitas vezes é melhor fazer por meio de bilhetes. E n'esse caso, o visitado deverá pagar a visita oú antes da partida ou depois da chegada do visitante, o qual deve mandar participar a sua vinda.

DOS JOGOS.

Provaria muito má educação aquelle que, no jogo, se mostrasse enfadado por haver perdido, ou demasiado alegre por haver ganhado: como tambem retirar-se da mesa sem outro motivo senão o de ter ganhado ou perdido. E' tão bem muito incivil querer enganar os parceiros para poder ganhar. Convem observar que o jogo de parada pode transtornar-se em terrivel paixão, e então causar até detrimento de honra a familia, alem de outros males.

MODO DE CONDUZIR-SE NA RUA.

Na rua deve-se caminhar, termo medio, nem precipitado nem

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

por demais vagaroso, evitando encommodar aos transeuntes. Si se vai acompanhado d'uma pessoa deve-se-lhe dar a direita; si porem de duas ou mais, o lugar do meio deve ser dado ás mais respeitaveis. A uma senhora offerece-se o braço direito; mas isto já não se usa.

COMO CONDUZIR-SE NAS EGREJAS

E' o lugar mais digno de respeito e veneração, a casa de Deus. Aqui deve-se conservar quieto e serio, não encommodando aos que orão; de joelhos ou em pé, conforme exigirem as circumstancias do culto.

Os comprimentos, deve reserval-os para antes ou depois das oracões, e fóra do templo.

DA MESA.

E' a mesa um dos lugares ou melhor uma pedra de toque da boa educação, e por isto não vos queremos privar de algumas observacões uteis. Quando vos achardes a mesa, se não souberdes bem regular-vos, deveis procurar guiar-vos por aquellas pessoas que vos parecerem mais sensatas e delicadas em suas maneiras.

Quanto a posição devemos observar o seguinte:

Não estaremos mui distante nem muito proximo ao talher; evitaremos estar mollemente recostado a cadeira ou inclinado para diante. Não é permettido firmar os cotovellos na mesa; quando muito, pode-se encostar os punhos e isto de leve.

O guardanapo serve para limparem-se os dedos, os beiços; para evitar nódoas no fato; por isso convem tel-o aberto sobre as pernas.

Para tomar sopa, não é licito sopral-a ou encher demais a colher, que pega-se colloçando o cabo sobre os dedos indice e do meio e arrimando-o com o pollegar.

A faca e o garfo pegão-se com os mesmos dedos firmando-se os cabos no meio das palmas das mãos; no copo com os mesmos dedos.

E' incivilidade servir-se de qualquer iguaria com as mãos, excepto se fôr fructos, dôces seccos, pães, etc., etc.

E' falta de aceio lamber os dedos, a colher, o garfo; fallar, beber com a bocca cheia; mastigar alto, etc., etc. Tambem é bastante feio comer com avidez; encher demasiado a bocca; cheirar as comidas; levantar para o ar a faca, o garfo, a colher; derramar

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

mólho na toalha; salpical-o nos vinhos; sahir da mesa esgravatando os dentes; exigir ser servido em primeiro lugar, etc., etc.

DA CONVERSAÇÃO.

A conversação é a communicação de pensamentos e das idéas por meio da palavra.

Em todo caso é melhor ouvir que fallar; portanto convem não interromper os que fallão; fazer-lhes perguntas curiosas, etc., o que prova má educação. O menino deve conservar-se silencioso e respeitoso na conversação das pessoas idosas, e apenas fallar convenientemente, quando todos estiverem callados ou lhe fizerem alguma pergunta; e então com toda modestia e moderação.

E' necessario evitar os vicios e defeitos na conversação, taes como: a calumnia, a mentira, maledicencia, o egoismo, a presumpção, lisonja, desconfiança etc.; gargalhadas sem motivo, cochichos, palavras equivocas, ostentar erudição, etc. Os gracejos e motejos quasi sempre são inconvenientes, e por isso é bom evital-os sempre. E' grande vicio desmentir seccamente uma pessoa, como dizendo: «é mentira, não é verdade, mente, etc.»; convem suavisar os termos, por exemplo, assim: «Permitta-me observar-lhe que se engana; foi mal informado, etc.»

Quando se apresenta ou recebe alguma cousa é preciso fazer uma leve inclinação com a cabeça. Se houver alguem de permeio, é melhor pedir-lhe que passe o objecto, do que estender o braço para recebel-o.

DAS CARTAS.

Nas cartas ainda mais que na conversação deve-se enunciar os pensamentos mui correctamente. Uma carta exige uma resposta; e maior respeito e attenção mostraria aquelle que respondesse uma carta mui depressa, isto é, logo depois de recebel-a. Manda a civilidade que não se escreva em meia folha de papel senão ás pessoas de intimas relações.

As datas podem se pôr ou no principio ou no fim das cartas; mas no fim, á esquerda da assignatura indica maior respeito. Um *post-scriptum* só se usa em caso de necessidade e para as pessoas de amisade.

Quanto maior é a margem d'uma carta tanto mais respeito mostra; por isso escrevendo aos superiores é necessario deixar pelo menos tres dedos em branco ao lado esquerdo do papel; assim

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tambem o espaço entre o—*Illm. Sr. etc.*—e a primeira linha da carta: e o mesmo entre o—*Seu criado etc.* e a assignatura. Indica tambem respeito o sobrescripto separado, devendo ir de harmonia com o trátamento que se dá na carta, e depois o lugar da residencia; observando que quanto mais em baixo está o sobrescripto tanto maior é o respeito.

CONHECIMENTOS UTEIS.

As sete maravilhas do mundo.

Davão os antigos este pomposo nome a certas obras de architectura e esculptura, creações humanas verdadeiramente extraordinarias. Eil-as: os *muros e jardins de Babylonia; as pyramides do Egypto; a estatua de Jupiter Olympico; o pharol de Alexandria; o templo de Diana,* em Epheso; *o colosso de Rhodes; o Mausoleo.* Alguns tirão o pharol de Alexandria e substituem-no pelo templo de Jerusalem: seja como fôr, o que nos importa é dar ligeira noticia sobre algumas destas pasmosas creações.

1.° *Os muros de Babylonia* de altura e largura immensa formavão um quadrado perfeito, tendo cada lado perto de 4 leguas e 25 portas de bronze (100 ao todo). Entre as portas e angulos do quadrado erguião-se grandes torres. Estes muros erão rodeados de lagos e profundos vallados cheios d'agua, de modo que era quasi impossivel tomar-se a cidade. Entretanto avultando suas iniquidades, Deos mandou annunciar-lhe por bôcca dos prophetas de Juda a sua queda; e com effeito estando Balthasar a banquetear-se foi a cidade tomada por Cyro, e hoje apenas notão-se alguns fragmentos de trjolos como unico signal dos muros e grandesas de Babylonia!

Quanto aos *jardins* consiste sua grandeza em acharem-se suspensos e apenas firmados em columnas. Nestes jardins crescião as maiores arvores e esmaltavão-se as mais ricas flores. Foi n'elles que um dia passeiando Nabuchodonosor encheu-se de tanto orgulho que Deos fulminou-o nivelando-o com os brutos, a ponto de comer hervas do campo e dormir ao relento!

2.° *As pyramides do Egypto* ainda hoje existentes, são tão avultadas que se podem chamar verdadeiras montanhas erguidas pela mão humana. Estes monumentos forão erectos pelos reis egypcios

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

com o fim de perpetuarem sua memoria, mas tiverão de recorrer a violencias, de modo que se pode affirmar estas pyramides estão simentadas com lagrimas e sangue de gerações inteiras; porem Deos fulminou os orgulhosos reis apagando-lhes os nomes. As mais notaveis pyramides existem no Cairo.

3.° A estatua de *Jupiter Olympico* achava-se em Olympia; era de marfim, mas embutida de ouro e ricas pedras. O deos representava-se assentado, mas assim mesmo tinha 212 pés de altura. Foi seu auctor Phidias, uma das maiores cabeças do mundo, em esculptura e certamente a primeira da Grecia, sua patria: é antes da vinda de Christo.

4.° *O pharol de Alexandria*, ostentava-se proximo a esta cidade, na ilha de *Pharos*, donde vem o nome. Neste monumento, entre muitas raridades, admirava-se a escadaria, que conduzia ao vertice.

5.° *O templo de Diana.* Tinha este sumptuoso edificio 485 pes de comprimento, 220 de largura, ornado interiormente de 127 columnas marmoreas, com 60 pés de altura; 36 destas erão revestidas de magnificos baixo-relevos. Toda Asia trabalhou neste monumento por espaço de 120 annos! mas um insensato *Erostrato* queimou-o, para celebrisar-se!

6.° O *colosso de Rhodes.* Com 205 pés de alto erguia-se em Rhodes, (ilha do Mediterrâneo) o pasmoso *colosso*, que era uma estatua dedicada ao sol. Sob suas pernas abertas passavão os navios com as velas infunadas! Tão grosso era o polegar de cada pé que, apenas se o podia abarcar. Um terremoto abateu-o e quebrou-o. Com seus destroços existentes na praia carregarão 900 camellos.

7.° *O Mausoléo*, foi soberbo tumulo erguido por *Artemiza*, em Halicarnasso, á memoria do marido *Mauzolo*, rei de Caria. Tal foi a paixão desta mulher que chegou a beber as cinzas do esposo desfeitas n'agua, mas não contente com isto quiz ainda erguer o *Mausoléo*.

Este prodigio d'arte era feito dos melhores marmores gregos e tinha 140 pés de altura; 36 columnas ornavão cada faixada; immensa pyramide aprumava-se sobre o todo, na qual parecião arfar 4 magnificos cavallos puchando um carro. A saudosa rainha não teve o gosto de ver concluir-se a obra por ter morrido consummida de saudades e dores.

Os sete sabios da Grecia.

Davão os gregos este nome a certos conterraneos, que se havião

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

distinguido pelo modo como apresentavão a moral e outros principios formulados em maximas faceis á intelligencia popular. Eis aqui os nomes destes homens: *Thales de Mileto, Solon, Chilon, Pitacco, Bias, Cleobulo* e *Periandro.*

Quero dar-vos á lêr algumas maximas destes personagens da antiguidade.

THALES costumava dizer:

Não pratiques aquillo que não gostas de ver praticarem os outros. Ama teus paes: se te causarem alguns pequenos desgostos, aprende a soffrel-os com paciencia.

SOLON: *Teme os prazeres sensuaes, pois trazem comsigo não pequenos pesares.*

CHILON: *Vale mais perder do que fazer um ganho vergonhoso. Desconfia do homem apressurado, que procura sempre ingerir-se nos negocios alheios.* Dizem ser elle o auctor do celebre principio gravado no templo de Delphos: *Conhece-te a ti mesmo,* que tomado por Socrates servio de base para o seo systema philosophico.

PITACCO: *Espera de teus filhos na tua velhice aquillo mesmo que tiveres praticado com teu pai. Antes de governares os outros aprende a governar-te a ti mesmo.*

Gosto de casa onde nada vejo que seja superfluo e onde acho tudo o que é necessario.

BIAS: *O mais infeliz dos homens é aquelle que não sabe supportar as desgraças. Ouve muito e não falles sinão a tempo.*

CLEOBULO: *Muitas palavras e ainda mais ignorancia, eis o que se encontra na mór parte dos homens. Enche de beneficios a teos amigos, para que te estimem ainda mais: derrama-os pelos teos inimigos, para que se tornem a final teos amigos.*

PERIANDRO: *Os praseres apenas durão um momento: a virtude é immortal. Não te contentes em reprehender*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

os que commetterão erros; detém aquelles que o vão commetter.

Dezenho.

O desenho é a arte de imitar, por meio de traços e de claro escuro, a figura ou forma dos objectos que se offerecem á nossa vista, e daquelles de que conservamos lembrança, ou que a nossa imaginação se apraz de crear.

Pintura.

A pintura é a arte de representar, por meio de linhas e côres, todos os objectos visiveis ou creados pela imaginação do homem. Abrange tres cousas principaes: composição, desenho e colorido.

Esculptura.

A esculptura é uma arte que, por meio do desenho e de uma materia solida, como madeira, pedra marfim, ouro, bronze, etc; imita qualquer objecto. Abrange tres ramos: a Plastica, ou arte de modelar todo o genero de figura em gêsso, barro, etc; a Estatuaria, ou arte de fundir estatuas de bronze, etc: ou de as formar de pedra por meio do sinzel e do martello; a Toreutica, ou arte de trabalhar ou gravar em relevo na pedra, nos metaes, etc.

A origem da Architectura perde-se nas trevas da mais remota antiguidade, e tudo parece annunciar que precedeu a da Pintura. Isis, Osiris, Semiramis e Nino tiverão as suas estatuas: a Idolatria adorava simulacros; os Israelitas levantarão o Bezerro de ouro no deserto durante a ausencia de Moysés, etc.

Gravura.

A gravura propriamente dita, é a arte de traçar n'um corpo duro como madeira, cobre, aço, etc., qualquer objecto para ser reproduzido por meio da impressão.

A gravura a agua forte consiste no seguinte processo: cobre-se a chapa de cobre com uma camada de verniz, e por meio de umas pontas de aço muito finas ou de um ponção, dezenha-se o objecto que se pretende levantando o verniz com todo o cuidado: lança-se depois por cima agua-fórte, a qual corroe o cobre aonde o ver-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

niz desappareceu, e profunda os traços do desenho. Estas gravuras tirão-se por meio de uma prensa particular, chamada torculo

A gravura a buril, que é a mais difficil e estimada, começou a praticar-se pelos annos 1460, e attribue-se geralmente a sua descoberta a um ourives de Florença, chamado Maso Finiguerra.

Architetura.

A architectura é a arte de construir edificios, etc, com ordem e symetria, segundo as regras estabelecidas.

A architectura divide-se em architectura civil, militar e naval.

Lithographia.

A lithographia deriva-se de duas palavras gregas (litho, pedra, e grapho, escrevo), e significa a arte de desenhar ou traçar lettras na pedra, e tirar della impressos.

Os principios em que a mesma arte se funda, são: 1.º a propriedade que tem a pedra calcárea e granulosa de embeber a gordura ou a agua; 2.º a antipathia que ha entre a agua e a gordura. O processo, desta tão util invenção consiste em desenhar sobre uma pedra bem polida (as de Munich são as melhores) com um lapis, para esse effeito preparado, ou por meio de certa tinta, os objectos que se querem representar. Essa pedra, que soffre depois uma preparação chimica, se assenta n'uma prensa. Lava-se então com agua, e esta penetra em todos os lugares aonde nem o lapis, nem a tinta tocárão. Feito isto passa-se-lhe por cima um rôlo humedecido com tinta. O desenho embebe-se d'aquella tinta, ficando o resto da pedra intacto, por meio da agua, que enche os seus póros, e repelle a materia gordurenta de que a mesma tinta se compõe.

Musica.

A musica, considerada como arte, é o conhecimento da propriedade que tem os sons de produzir, por meio da sua união e successão, o que se chama harmonia e melodia.

Dansa.

A dança é a arte de mover o corpo, os braços e os pés com elegancia e em cadencia, ao som da musica.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Calor.

E' a sensação que um corpo produz nos nossos orgãos, quando a sua temperatura é mais elevada do que a nossa; pelo contrario o *frio* é a sensação que nos faz experimentar um corpo cuja temperatura é mais baixa do que a nossa. Todas as vezes que um corpo é mais quente, ou mais frio do que aquelles que o cercão, perde ou absórve calor, e põe-se com elles em equilibrio de temperatura.

O *calorico* dilata os corpos, e fa-los passar do estado de *solidos* ao de *liquidos*, ou de *fluidos*; mas muitas vezes produz um effeito muito notavel: dissipa e consome os corpos sobre os quaes obra. Neste caso, annuncia a sua presença pela luz e pela chama: dá-se-lhe então mais particularmente o nome de *fogo*.

Thermómetro.

E' um instrumento que serve para medir a temperatura do ar, ou o seu gráo de calor, que é mui variavel: compõe-se de um pequeno tubo de vidro terminando, na extremidade inferior, por uma esphera cheia de mercurio, ou espirito de vinho, tinto de vermelho para melhor se ver. Collocando este instrumento em lugar quente, ver-se-ha subir no tubo o espirito de vinho, ou o mercurio; pelo contrario, se se collocar n'um lugar frio, ver-se-ha descer. Diz-se que a temperatura de um corpo é *elevada*, quando está quente, e *baixa*, quando frio.

Thermómetro centigrado.

E aquelle cuja escala marca 100 gráos de calor, ou de temperamento, desde um ponto chamado *Zéro*, que se indica assim: 0, até outro marcado assim: 100. O intervalo separado por estes dois pontos está pois dividido em 100 partes iguaes, designadas com uns traços, cada um dos quaes corresponde a um gráo. Pondo o *Thermómetro* na neve fundido, desce o mercurio, ou o espirito de vinho até *Zéro*; e mergulhando-o em agua a ferver, sobe até o ponto marcado 100; pelo que se vê que ha 100 gráos de calor desde a neve, ou gêlo fundindo até á agua a ferver.

Convém advertir que abaixo de *Zéro* tambem se marcão gráos. A 6 gráos abaixo de *Zero*, por exemplo, gelou o Rio *Sena*, etc. Em 1788, marcou o *Thermómetro* 18 gráos abaixo de *Zéro*; em Paris. Foi um dos invernos mais rigorosos que se tem sentido naquella cidade.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Thermómetro de Réaumur.

E' assim chamado do nome do seu inventor; a sua escala divide-se em 80 partes iguaes, ou gráos, em lugar de 100; marcando 80 quando se mergulha em agua a ferver, e *Zéro*, quando collocado entre o gêlo que principia a derreter-se.

Thermometro de Farrenheit.

Marca 32 gráos, quando mettido na neve fundindo; 212 quando se mergulha em agua a ferver; de modo que na divisão da escala deste *Thermómetro* se comprehendem 180 gráos, desde a temperatura do gelo fundindo até a da agua a ferver.

Os *Thermómetros* mais em uso são os de *Celsius*, ou *Centigrado*, de *Fahrenheit* e de *Réaumur*.

Athmosphera.

Designa-se ordinariamente por este nome a massa de *ar* que cerca a terra, e fórma á roda desta uma camada de 16, ou 20 leguas de altura. E' neste grande espaço que se obrão os fenómenos, de que se faz menção quando se trata de *Meteórologia*.

Composição do ar.

O *ar* que é proprio a alimentar a vida e a combustão, isto é, o *ar* puro, compõe-se de uma quinta parte de *gaz oxygeneo*, perto de quatro quintas partes de *gaz azote*, e uma mui diminuta quantidade de *acido* ou *gaz carbonico*. Um corpo inflammado apaga-se logo que fica privado do ar: se nos acontecesse ficarmos tambem privados do ar, morreriamos immediatamente.

Peso do ar.

Segundo as experiencias que se tem feito, é 840 vezes mais leve do que a agua. Este *ar* compõe-se de alta, mediana e baixa règião. O *ar* da alta região é mais subtil e mais frio do que o da mediana, e este ainda mais do que o da baixa região.

Effeitos do ar.

O *ar* propaga o som, e o leva até grande distancia: é ainda a

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

elle que devemos os sublimes effeitos da musica, o ecco, o som dos sinos, etc.

Barómetro.

E' um instrumento que serve para se conhecer a gravidade ou o pezo da athmosphera. Consta geralmente de um tubo de vidro tapado por cima, e aberto pela outra extremidade, a qual mergulha em uma capsula cheia de azougue.

O *Barómetro* é destinado commummente a fazer conhecer as mudanças de tempo, e tem na sua escala as indicações do tempo que as observações tem mostrado corresponderem, em geral, ás diversas alturas barometricas. Uma subida progressiva do mercurio, é signal de bom tempo; uma descida gradual, é indicio de chuva; uma baixa rapida indica, geralmente, tempestade; comtudo, convém advertir que as suas indicações podem falhar.

A razão da subida do *Barómetro* quando faz bom tempo, é porque o ar, sendo então secco e mais pesado, exerce maior pressão no mercurio contido na capsula. Desce quando faz máo tempo, porque o ar, sendo então humido e mais leve, exerce menos pressão na mesma capsula.

Serve tambem o *Barómetro* para medir a altura das montanhas; esta conhece-se pela quantidade de gráos que o mercurio desce, quando a ellas se sobe. A pressão atmospherica, ou o pezo do ar é menor no cimo do que na base das monfanhas.

Ha varias especies de *Barómetros*; os que actualmente estão em uso são os de mercurio, metallicos e aneroides. Os principaes *Barómetros* são os de *Gay-Lussac, Fartin, Bunten* e *Bourdon*. O *Barometro* aneroide foi inventado em 1847 por *M. Vedy*.

Maquina pneumatica.

Chama-se assim o instrumento de *Physica* que serve para fazer o vacuo.

Se se collocar a fabrica de uma pendula debaixo do bocal da maquina em que se fez o vacuo, isto é, donde se extrahiu o ar quanto foi possivel, quando a campainha der horas, não produzirá som algum.

Aerostate ou balão.

E' uma maquina, de feitio ovado, de tafetá, ou de qualquer ou-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tro tecido mui ligeiro e preparado, a qual subirá aos ares, quando se lhe introduzir um *gaz* chamado *gaz hydrogeneo*, que é quatorze ou quinze vezes mais leve de que o *ar*.

Attribue-se geralmente a invenção das actuaes *maquinas aerostaticas* aos irmãos *Mongolfier*, francezes que fizerão as suas primeiras experiencias em 1783; porem deve-se advertir que já ántes delles, muitos havião tentado subir aos ares, e que um Padre brazileiro, (verdadeiro inventor do balão) por nome Bartholomeu Lourenço de Gusmão, irmão do celebre Ministro d'Estado Alexandre de Gusmão, construiu, nos principios do seculo passado, uma maquina á qual pretendia dar direcção, e por tão importante descoberta, foi premiado pelo Sr. Rei D. João V, no anno de 1709.

Tem-se feito numerosas tentativas para achar um meio de dar direcção ás *maquinas aerostaticas*, o que alguns sabios julgárão possivel; porém ainda se não conseguirão os resultados que tanto são para desejar.

Na batalha de Fleurus, os Francezes, para saberem o movimento do exercito inimigo, fizerão subir em um *balão* preso por cordas, alguns militares que, por meio de signaes, davão a conhecer tudo quanto se passava no seu campo.

Vapor.

Em Physica, entende-se por esta palavra toda a substancia liquida, ou solida reduzida a gaz.

De duas maneiras se formão os *vapores*, a saber: pela *ebullição*, isto é, qnando o liquido ferve, e por *evaporação lenta*, quando o liquido espalha *vapores* visiveis, ou invisiveis em todas as temperaturas. A *agua*, por exemplo, evapora-se mesmo ao ar frio.

A *agua* convertida em vapor, pela ebullição, occupa um espaço 1:705 vezes maior do que no estado liquido, e tende sempre a dilatar-se em todos os sentidos. Ora, se se comprime esse vapor em um lugar muito menor do que aquelle que ella occupar, o esforço que faz para dilatar-se é tão grande, que pode fazer rebentar os corpos mais espessos, e vencer tudo qnanto lhe resistir. Em geral, a força será tanto maior quanto mais se reduzir o lugar que o vapor contiver.

Tapando-se, por exemplo, uma panella de ferro hermeticamente, e pondo-se-lhe em cima um pezo qualquer, a *agua* que ella contiver, convertendo-se em vapor, fará saltar a tampa, ou rebentar a mesma panella.

A observação deste facto se deve a invenção das máquinas de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

vapor. Applicados ás diversas industrias, mórmente nas fabricas de tecidos, tornão-se estes mui communs, e permittem que se vendão por um preço muitissimo diminuto comparativamente com aquelle que d'antes tinhão.

A utilidade pois das *machinas de vapor* está universalmente reconhecida. Em Inglaterra, principalmente, tem-se de tal modo multiplicado, que hoje fazem o trabalho de muitos milhões de homens.

Nos caminhos de ferro, uma unica *maquina de vapor*, póde fazer andar cincoenta, e mais carruagens, presas umas ás outras, e todas carregadas.

Quanto a *Barcos de vapor*, ha-os da fôrça de 1500 cavallos, e alguns de mais ainda.

Cavallo-vapor.

É a unidade adoptada para medir a força das maquinas a vapor, e designa a força necessaria para levantar, com um movimento continuo, um pezo de 75 kilogrammas, a um metro de altura, n'um segundo. Assim, diz-se que tal maquina é da força de 600 cavallos, por exemplo, quando, n'um segundo, póde levantar 600 vezes um pezo de 75 kilogrammas, ou 45:000 kilogrammas, a um metro de altura.

O *cavallo-vapor*, segundo a avaliação geralmente admittida, representa a força trabalhadora de tres cavallos de tiro. Ora, representando o cavallo de tiro a força de sete homens, segue-se que a força do *cavallo-vapor* corresponde á de vinte e um homens.

Machina electrica ordinaria.

Consiste n'uma chapa de vidro arredondada, atravessada por um eixo que movido por uma manivella, lhe communica um movimento de rotação. Contra a superficie da chapa de vidro, estão applicadas, por meio de uma mola, quatro almofadas de couro estofadas de crina. A fricção do vidro contra as almofadas desenvolve nellas a *electricidade*, que d'alli passa para uns cylindros de metal em communicação com a chapa de vidro, e nos quaes se accumula a *electricidade*.

Além desta maquina, produzem-se fenómenos electricos com outras a que se deu o nome de *Botelha de Leyde*, *Bateria electrica*, ou reunião de muitas *Botelhas de Leyde*, postas em communicação, as quaes produzem uma commoção capaz de matar animaes.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

derreter metaes, etc., e servem para explicar os effeitos do trovão, e dar uma idéa do *Para-raios*.

Fogo de Santelmo.

Dá-se este nome a uns fogos volantes que se notão, principalmente, durante as grandes tempestades, em roda do tope dos mastros, dos cabos, e geralmente das partes mais salientes dos navios, apresentando algumas vezes uma côr azulada. Este fenómeno, verdadeiro effeito da electricidade, procede do alcatrão e outras materias electróphoras de que os mastros e vergas estão untados.

Estrellas cadentes ou volantes.

Dá-se este nome a uma especie de fogo que parece cahir do céo, ou atravessa-lo de um ponto a outro. Este fogo manifesta-se, principalmente durante o Outono e a Primavera, quando o ceo está sereno.

Aerolithe, Meteorolithe, uranolithe ou pedras que cahem do céo.

Dá-se este nome a certas massas mineraes que cahem das altas regiões da athmosphera, acompanhadas de um meteóro luminoso: ignora-se a sua origem ou procedencia.

A opinião do celebre Laplace é que podem ser pedras lançadas da lua por algum volcão.

Aurora boreal.

Este fenómeno, cuja causa ainda se ignora, é assim chamado, diz Mr. Lalande, por isso que costuma apparecer do lado do Norte, ou da parte boreal do ceo, e a sua luz, quando está proxima do horisonte, se assemelha á do romper do dia ou da aurora.

Alguns viajantes fidedignos assegurão ter observado igual fenómeno para o Polo do Sul; pelo que póde dizer-se que a existencia das *Auroras austraes* parece tão certa como as das *Auroras boreaes*.

A duração da *Aurora boreal* é irregular. Viu-se uma em Lisboa em 1764, que durou mais de quatro horas.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Luz zodiacal.

Dá-se este nome á apparencia luminosa, cuja côr esbranquiçada se assemelha assaz á da *Via lactea*. Esta luz apparece em forma conica, ou de pyramide ao longo do *Zodíaco*. Considerão alguns este fenómeno como parte da atmosphera solar; porém até hoje ignora-se inteiramente a causa que produz. Vê-se em certos tempos depois do occaso do sol, ou antes deste nascer, e é mais notavel no fim do Inverno ou principio da Primavera.

Meteóros lucidos.

Sao os que tem a sua origem na luz, a saber: o *Crepusculo*, o *Arco Iris*, os *Parélios*, os *Paraselenes*, as *Coróas*, e o que os Francezes chamão *Mirage*, e nós *Miragem*.

Crepusculo.

Designa-se por este nome a luz que precede o nascer do sol, e a que se segue ao seu occaso, a qual provém da reflexão das partes superiores da atmosphera.

Arco iris.

Vulgarmente chamado *Arco da Velha*.— E' um arco que apparece na atmosphera, com as 7 côres primitivas, ou do espectro solar: *Roxo, alaranjado, amarello, verde, azul, indigo* e *vermelho*, todas as vezes que o sol radia sobre uma nuvem que se desfaz em chuva, e que o observador se acha voltado para a mesma nuvem com as costas para o sol. Algumas vezes observa-se um unico *arco*; porém é mais ordinario haver dois um interior, cujas côres são mais vivas, e outro exterior de côres mais fracas. Outras vezes, mais raramente, distinguem-se tres *arcos*, e as theorias indicão que pode haver ainda mais: porém então são tão fracas as suas côres, que apenas se percebem.

Vê-se muitas vezes o fenómeno do *Arco Iris* reproduzido nas gotas de agua de um repuxo.

Quanto as côres primitivas, podem-se ver claramente em um *prisma de cristal*, de figura triangular, exposto a um raio solar introduzido em um quarto escuro.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Parélio.

É a representação de uma, ou mais imagens do sol em uma nuvem. As imagens situadas para o mesmo lado que o sol, apresentão as côres do *Arco Iris.*

Paraselene.

É um meteóro que representa, uma ou muitas imagens da lua em uma nuvem, e se fórma da mesma maneira que o *parélio.*

Corôa.

As *Corôas* são uns meteóros formados por um, ou mais anneis luminosos e de varias côres, que apparecem ao redor do sol e da lua.

Miragem.

É um fenómeno d'optica que faz apparecer acima do horisonte os objectos que estão por baixo d'elle. Acontece algumas vezes que olhando-se para um objecto remoto, em lugar de se perceber uma unica, distinguem-se duas imagens do mesmo objecto, uma ás direitas, outra ás avessas: a impressão que então se experimenta assemelha-se áquella que tem lugar quando, collocados á borda de uma agua estagnada, vemos no fundo d'esse liquido a representação das arvores, ou outros corpos situados nas immediações. Este fenómeno não se observa ordinariamente senão á superficie do mar, ou dos lagos, e nas planicies áridas e arenosas, aonde a temperatura é muito elevada. Nessas planicies, distinguem-se, a uma distancia de tres quartos de legua, pouco mais ou menos, todos os objectos ás direitas e ao mesmo tempo ás avessas; apresentando assim o aspecto de uma immensa lagoa, etc.

Calor interior da terra.

Tem-se achado que o calor augmenta á medida que se vai penetrando na terra, o que corrobora a opinião de alguns geólogos, que pretendem que o interior do globo está em fusão, e que a sua superficie é apenas uma crusta, ou capa resfriada. Este fogo, pois, do interior do globo, cuja origem se ignora, chama-se *fogo central,*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

e é a causa dos volcões e, segundo alguns, dos tremores da têrra, de que adiante se fallará.

Segundo as observações feitas no Observatorio de Paris, bastaria penetrar até 2,505 metros no interior do globo para se achar a temperatura d'agua a ferver.

Luz.

É o fluido que torna os objectos visiveis: os physicos não concordão sobre a causa que produz a *luz*. uns pensão que esta emana directamente do sol; outros, que se acha espalhada no espaço, e ondeia até nós, como o som, pelas vibrações que lhe imprime o foco luminoso. Newton é auctor da primeira opinião, chamada *Systema d'emanação*; Descartes é o auctor da segunda, chamada *Systema d'ondulação*, que tem sido adoptado pelos astronomos e physicos de maior nomeada, taes como: Huyghens, Euler, Arago, Frensel, Young, etc.

Côr.

Dá-se este nome ás impressões diversas que produzem differentes corpos sobre o orgão da vista. Geralmente consideramos as côres como propriedades dos corpos, isto é, como existindo nelles; comtudo parece certo que pertencem á *luz*, e que cada uma dellas resulta do effeito de um raio luminoso de uma especie particular.

Convém advertir que a *luz artificial* tem a propriedade de alterar algumas côres, como o azul, que á luz de uma véla parece verde, etc.

Daguerreotypo.

É esta a denominação pela qual é conhecido o sublime invento de um Francez, por nome Daguerre.—e que consiste em apresentar, dentro em poucos minutos, pela acção da *luz*, dezenhos com uma exactidão admiravel.—Expõe-se ao vapor do iodo uma lamina de cobre e prata, bem limpa por meio de agua forte, e depois á acção da *luz* no foco da camara obscura,, donde se tira passados alguns minutos. Aquecida então até 60 gráos ao vapor do mercurio, apparecem as miniaturas quasi por encanto.

Photographia.

É um aperfeiçoamento do *Daguerreotypo*, isto é, uma arte re-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

cente que consiste em fixar, pela acção da luz, a imagem dos objectos em papel, vidro ou outra qualquer substancia. A *Photographia*, além de servir para tirar retratos, vistas, copias de quadros, etc., emprega-se com muita vantagem nas sciencias, principalmente na Historia natural e na Astronomia.

Terremotos.

São uns abalos subitos e fortes movimentos de oscillação, mais ou menos rapidos, pelos quaes algumas partes consideraveis do nosso globo se commovem de uma maneira mais ou menos sensivel. Este fenómeno, quando se desenvolve com energia, causa terror a todos os entes. Segue tão de perto os seus indicios, que muitas vezes não ha tempo para fugir, e ainda quando o houvesse, para onde, e em que direcção?

Ainda até hoje se não descobriu qual é a sua verdadeira causa.

Os geólogos modernos pensão, como Mr. de Buffon, que havendo no interior da terra cavernas cheias de ar, ou d'agua quando esses fluidos, pela proximidade de um fogo subterraneo, augmentão de volume, achando-se comprimidos, fazem esforços mais ou menos violentos para se dilatarem, e commovem os terrenos immediatos.

Os *terremotos* tem causado terriveis estragos; submergido cidades inteiras e elevado montanhas, deixando em seu lugar um lago; torcido o curso dos rios, produzido ilhas, etc., etc.

No 1.º de novembro de 1755, houve em Lisboa um memoravel terremoto, que se sentiu em muitos outros pontos da Europa, e destruiu grande parte da cidade, causando a morte de milhares de pessoas.

Magnetismo.

É o nome generico que se dá as propriedades do *iman* ou *pedra de cevar*, que é um mineral composto, em grande parte, de ferro. As tres principaes propriedades do *iman*, são: 1.ª a *attracção*, ou a virtude pela qual attrahe o ferro, etc.; 2.ª a *direcção*, ou a virtude pela qual se volta para os polos do mundo; 3.ª finalmente, a *inclinação*, ou a virtude pela qual uma agulha tocada no *iman*, suspensa em um pequeno eixo, se inclina para o horisonte, voltando-se para o polo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Magnetismo animal ou mesmerismo.

É assim chamado do nome de seu auctor.—É um estado particular do systema nervoso, apresentando uma serie de fenómenos physiologicos, até aqui assás diversamente apreciados, e de ordinario determinados pela acção de um individuo sobre outro, por meio do tacto, etc.

E' porém conveniente advertir que tudo quanto Mesmer e seus sequazes avançárão em relação *á virtude magnetica animal*, para operar certas curas, é tido como charlatanismo, e um dos maiores embustes do seculo passado, e do actual.

RESUMO DA HISTORIA UNIVERSAL.

A Historia, geralmente fallando, é a narração de todos os acontecimentos mais notaveis que tem tido lugar nas diversas partes do globo, segundo a ordem dos tempos. E' um quadro que offerece a nossos olhos a perspectiva dos seculos passados: um codigo em que se achão escriptas as acções dos homens, tanto boas como más. E' na historia que se pode estudar successivamente a origem das nações, a fundação dos Imperios, o seu progresso ou decadencia, as revoluções do globo, etc.

A Historia compõem-se d'uma infinidade de sciencias parciaes. A sciencia dos acontecimentos, das épocas, ou datas, chama-se *Chronologia*; a sciencia que se occupa especialmente das instituições, dos costumes, das leis, do culto, etc. é a *sciencia das antiguidades*, de que depende a *Archeologia*, que abrange os objectos materiáes, como a *Architectura*, as *Inscripções*, a *Glyptographia*, a *Numismatica*, *etc.*

As *fontes* da Historia são, ou falladas, ou escriptas, monumentaes, ou tradiccionaes.

As *fontes escriptas* são os archivos, as relações, os jornaes, os escriptos philosophicos e litterarios e as memorias.

As *fontes monumentaes* são os monumentos de architectura, as medalhas e as inscripções.

As *fontes falladas* ou *tradicionaes* são as tradições populares, as lendas, os hymnos, as festas, os usos, as etymologias, etc.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Divisão da historia universal.

Os historiógraphos modernos dividem-na em tres partes, a saber: Historia antiga, Historia da idade media e Historia moderna.

Historia antiga.

Começa na creação do mundo, e acaba na destruição do Imperio romano do Occidente, no anno de 478 de Jesus Christo.

Historia da idade media.

Principia na destruição do Imperio romano do Occidente, e acaba na tomada de Constantinopla pelos Turcos, no anno de 1453.

Historia moderna.

Começa na tomada de Constantinopla pelos Turcos no referido anno de 1453, e dura desde essa época.

Povos mais celebres de que faz menção a historia

São os *Hebreus*, os *Egypcios*, os *Assyrios*, os *Persas*, os *Gregos* e os *Romanos*. Convem advertir que a *Historia romana* fórma a parte principal da *Historia antiga*, por isso que os Romanos successivamente sujeitárão e dominárão quasi todos os povos do mundo conhecido dos antigos.

Hebreus ou Judeus.

Merecem ser distinguidos em rasão das graças que Deus derramou sobre elles com abundancia. Escolheu-os, entre todas as nações, para seu povo, e foi entre elles que se operárão todas as maravilhas da Religião, e que Jesus Christo passou a sua vida mortal.

No tempo do Imperador *Tito*, cahirão os Judeus em poder dos Romanos, tomando o mesmo Imperador e destruindo Jerusalem e o famoso Templo que *Salomão* havia edificado. Desde essa época, espalhárão-se pela Europa, Asia e Africa, e em parte alguma tem formado nação inteira.

Veja-se o Resumo da Historia sagrada pelo padre Cyrillo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Egypcios.

A monarchia dos *Egypcios* passa por uma das mais antigas do mundo, e a sua historia, que principia pouco depois do Diluvio, é summamente obscura.

Citão-se povos muito mais antigos que os *Egypcios*, taes como os *Chaldeos* e os *Povos da India*; porém tudo são recordações confusas, e mesmo duvidosas: não ha um só monumento que confirme a sua antiguidade; quando, pelo contrario, a gloria do *Egypto* subsiste, por assim dizer, nas magnificas ruinas que cobrem o seu territorio, e principalmente nessas enormes *Pyramides* que tem resistido a tantos seculos.

Depois da divisão dos homens, *Cham*, filho de *Noé*, dirigiu-se áquella região, com a sua familia; e crê-se que *Menés* ou *Misraim*, seu filho, fôra o primeiro Rei do *Egypto*. Por morte deste, foi aquelle paiz dividido em quatro Reinos, a saber: o de *Thebas* ou *Egypto superior*; o do *Egypto inferior* ou *Delta*; o de *This* e o de *Memphis*. Assim permaneceu muitos seculos; e pelos annos 1926, antes de Jesus Christo, *Amenofis*, Rei do *Egypto inferior*, subjugou todo o paiz. *Sesostris*, successor de *Amenofis*, augmentou o Imperio com grandes conquistas, conservando-se na sua posse os seus descendentes até que *Cambyses*, Rei da Persia, se senhoreou d'elle, sendo infructuosas as varias tentativas dos *Egypcios* para sacudirem o jugo dos Persas.

No anno 327, antes de Christo, conquistou *Alexandre Magno* o *Egypto* aos mesmos Persas; e por morte daquelle famoso conquistador, dividirão os seus Generaes entre si o seu vasto Imperio, tocando o *Egypto*, a *Lybia*, a *Cyrenaica* e uma parte da *Arabia* a *Ptolomeo*, cujos successores o gosárão até que se tornou Provincia romana, depois da morte da famosa Rainha *Cleópatra*, quando *Augusto* venceu a *Marco Antonio* na batalha de *Accio*, e de que resultou o atravessar-se este ultimo com a sua espada, quasi trinta annos antes do Nascimento de Jesus Christo.

O mesmo *Ptolomeo* augmentou muito os Estados que lhe tocárão, e deixou o Reino aos seus descendentes. Este Principe, amante das sciencias, foi quem fundou em *Alexandria* uma Academia, a qual se dava o distincto nome de *Museon*, e onde frequentemente se juntavão os sabios que se applicavão a aperfeiçoar todas as sciencias.

Para melhor lh'as facilitar, ordenou uma formosa livraria, que já no tempo de seu filho se compunha de cem mil volumes; seus successores a augmentárão até setecentos mil. Esta livraria esta-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

va dividida; uma parte achava-se collocada em um lugar da cidade chamada *Bruchion*, e esta era a primeira, composta de quatrocentos mil volumes, a outra estava no *Serapeon*, e continha trezentos mil. Quando *Cesar* fez guerra ao *Egypto*, pegou infelizmente fogo na de *Bruchion*, e todos os livros forão pasto das chammas.

A de *Serapeon* conservou-se até ao setimo seculo, em que foi queimada pelos *Sarracenos*, quando tomárão *Alexandria*, no anno da Graça 642. Estes barbaros derão todos os livros para os banhos publicos, aonde, pretendem alguns escriptores, servirão por tempo de seis mezes para os aquecer em lugar de lenha. Desta sorte acabou este thesouro inestimavel da sciencia.

O *Egypto* de hoje é bem diverso do que antigamente foi. Era respeitado entre os antigos como a escola mais famosa em materia de politica e de sciencia, e como o berço da maior parte das artes s sciencias: no que o *Egypto* particularmente se distinguia, era em aperfeiçoar os homens, e disto estava persuadida a *Grecia*, que os seus maiores sabios, taes como *Homero*, *Pythágoras*, *Platão*, *Lycurgo*, *Solon*, *Demócrito*, *Euripides*, *Eudoxio*, e outros muitos forão expressamente ao *Egypto* pará se aperfeiçoarem em todo o genero de erudição.

Assyrios.

A Historia dos *Assyrios*, pela sua muita antiguidade, é tão confusa como a do Egypto. Os *Assyrios* tiverão por fundador do seu Imperio a *Nemrod* ou *Belo*, e florescerão sob *Nino* e *Semiramis*. Morto o Rei *Nino*, *Semiramis*, sua mulher, tomou as redeas do governo, e estendeu os limites dos seus Estados até á Ethiopia e India. Foi ella quem edificou os muros e jardins de Babylonia, uma das maravilhas do mundo; comtudo esta Rainha denegriu a sua gloria com factos que fazem horror ás almas castas.—*Ninias* succedeu a sua mãi *Semiramis*, a quem havia mandado tirar a vida; e dos seus successores apenas se sabe os nomes até *Sardanapalo*. Este, para não cahir nas mãos de *Arbacés*, seu inimigo, mandou largar fogo ao seu palacio, e quiz morrer queimado, com todas as suas riquezas e pessoas que com elle vivião silenciosamente. Assim acabou este Imperio, de cujas ruinas surgirão os tres Reinos: dos *Medos*, dos *Babylonios* e dos *Ninivitas*, que *Cyro* juntou ao Imperio dos *Persas*.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Persas.

A Historia dos *Persas*, antes de *Cyro*, está, como a do Egypto, igualmente envolta nas mais densas trevas. Attribue-se geralmente ao mesmo *Cyro* a fundação da Monarchia dos *Persas*. *Cambyses*, seu filho, juntou o Egypto ao seu vasto Imperio.

Vencido porém *Dario*, seu ultimo Rei, por *Alexandre Magno*, Rei de Macedonia, ficárão os Gregos senhores da *Persia*. Assim acabou a primeira monarchia dos *Persas*.

Os *Persas* adoravão o sol, os astros e o fogo. As suas leis erão mui severas. Reputavão a justiça como a principal das virtudes, e a ingratidão como o peor dos vicios.

Gregos.

A GRECIA dividia-se em varios Estados independentes uns dos outros, e a sua forma de governo, ora foi *monarchica*, ora *republicana*.

Os *Gregos* dos tempos primitivos estavão n'um estado mui proximo da barbaria. Forão os *Phenicios* e os *Egypcios* os que os levárão á *Grecia* selvagem a civilisação e as luzes do Oriente.

A *Historia grega* dos tempos fabulosos, e d'aquelles a que chamão heroicos, contém ficções misturadas com a verdade, que muito a desfigurão. Os principaes povos da *Grecia* forão os *Athenienses*, *Lacedemonios*, *Corinthios*, *Macedonios*, *Thebanos*, etc.

Crê-se que *Sicione*, cidade de Peleponeso, foi o Reino mais antigo da *Grecia*, contando-se nelle doze Reis até *Agamemnon*.

Argos.

Foi outro Reino em que dominárão quinze soberanos até *Acrysio*; cujo neto *Perséo* fundára o Reino de *Mycenas*.

Athênas.

Teve por fundador a *Cecrops*, que trouxe do Egypto uma colonia. Foi governada por varios Reis até que se converteu em Republica, sob a auctoridade de uns Governadores chamados *Archontes*. Com as leis estabelecidas por *Solon*, chegou a *Republica de Athénas* a um alto grão de prosperidade.

Tendo os *Lacedemonios* conquistado *Athénas*, estabelecerão o governo de trinta magistrados, conhecidos pelo nome dos *Trinta ty-*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

rannos. Estes forão expulsos, passados tres annos, por *Trasibulo*, voltando a *Republica* ao seu antigo esplendor, até que, no tempo do Imperador *Vespasiano*, passou a ser uma das Provincias romanas.

Lacedemonia ou Sparta.

Foi governada por varios Reis, desde *Lelex*, que se crê ter sido o primeiro, até *Cleómenes*, que foi o ultimo. Extincta a monárchia, erigiu-se *Lacedemonia* em *Republica*, e depois de haver sido uma das mais flôrescentes do orbe, assim por suas leis, como pelo valor dos seus capitães, ficou reduzida a provincia romana, 146 annos antes da nossa Era.

Corintho.

Foi outro Reino da Grecia, que teve por fundador a *Sisypho*, e passou a ser Republica, 749 annos antes de Jesus Christo.

O seu commercio e as suas riquezas augmentárão consideravelmente; porém 145 annos antes da era christã, forão os *Corinthios* subjugados pelos Romanos, que arrasárão *Corintho*, sua capital.

Macedonia.

Este Reino foi fundado por *Carano*, 895 annos antes de Jesus Christo. Tendo sido acclamado *Philippe* Rei de Macedonia, tornou-se senhor de toda a *Grecia*. Seu filho *Alexandre Magno* invadiu a Asia; venceu os Persas e outras nações do Oriente, e formou o maior Imperio que n'aquelles tempos se conheceu.

Tendo um pobre lavrador, chamado *Gordio*, sido proclamado Rei de *Phrygia*; pendurou, em memoria daquelle acontecimento, n'um templo de *Apollo*, as correas que prendião a canga á lança do carro em que ia, quando lhe annunciarão tão agradavel nova, e nas quaes fizera um nó com tal artificio; que se não sabia por onde começar para o desfazer. A esse nó deu-se o nome de *nó gordio*.

Sendo porem fáma entre os Gordianos, o vaticinio do oraculo, que aquelle que o desatasse seria senhor da Asia, a primeira cousa que *Alexandre* fez, quando tomou a cidade de *Gordio*, foi ir ao Templo, e havendo debalde procurado desfaze-lo, puxou pela espada, e cortou-o, illudindo assim o vaticinio do oraculo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

D'ahi vem o dizer-se: *Cortar o nó gordio*, para significar que se toma um partido que remove toda e qualquer difficuldade apparentemente invencivel.

Depois da morte de *Alexandre*, tornou-se a *Macedonia* provincia romana.

Thebas.

Reino fundado por *Cadmo*; teve quatorze Reis. Por morte do ultimo, converteu-se em Republica.

Os *Thebanos* rivalisárão durante algum tempo em poder com os *Spartanos* e *Athenienses*, até que forão subjugados por *Philippe*, Rei de Macedonia, e por seu filho *Alexandre Magno*; passando depois, assim como os demais povos da *Grecia*, a ficar sujeitos aos Romanos.

Nenhum povo excedeu os Gregos em bom gosto nas Bellas-Artes.

As ruinas de seus edificios ainda servem de regra para a Architectura, e as estatuas que delle nos vem, são o que ha mais perfeito neste genero.

Aos grandes talentos, ao espirito e ao bom gosto união o valor que os conservou tanto tempo na sua independencia; sendo famigerados pelo amor que consagravão á sua patria.

Ainda não erão conhecidos, e ja possuião os maiores poetas que tem existido.—*Homero*, que ninguem igualou na poesia, illustrava a sua lingua, ha perto de tres mil annos.

Os seus melhores escriptores tem sido modelos, que os homens eruditos de todos os tempos tem procurado imitar.

Romanos.

Contão-se muitas fabulas sobre a origem dos *Romanos*, e no meio de tantos erros e tantas falsidades, como acertar com a verdade?

A opinião mais geralmente seguida é que *Romulo* e *Remo*, filhos de *Rhea Sylvia*, e de pai desconhecido, fundárão *Roma* nas margens do Tibre, 753 annos antes de Jesus Christo. *Romulo* tirou a vida a seu irmão, e reinou sobre um bando de vagabundos, que havia reunido no recinto de sua nova cidade.

A historia romana divide-se em tres grandes épocas, a saber: a da *Realeza*, a da *Republica* e a do *Imperio*.

A REALEZA durou 244 annos, durante os quaes forão os *Roma-*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

nos governados por sete Reis, a saber: *Romulo, Numa, Pompilio, Tullio Hostilio, Anco Marcio, Tarquinio, Prisco,* cognominado *Antigo, Servio Tullio* e *Lucio Tarquinio* cognominado *Soberbo.*

Com a expulsão deste ultimo, por causa de violencias e despotismos da familia imperial, foi abolida a realeza entre os *Romanos,* no anno de 509 antes de Jesus Christo.

A' REPUBLICA seguiu-se a *realeza:* dois magistrados annuaes, chamados *Consules,* exercião o poder executivo: *Lucio Junio Bruto* e *Collatino,* marido de *Lucrecia,* forão os dois primeiros; todavia em casos urgentes, nomeava-se um *Dictador* investido de poder illimitado, pelo espaço de seis mezes, que se prorogava quando era necessario.

Concedeu-se ao povo o direito de eleger *Tribunos* para contrabalançarem o poder do *Dictador* e do *Senado.* A lei que estabeleceu os Tribunos foi chamada *Lei sagrada.*

Os *Romanos,* trezentos annos depois da fundação de *Roma,* tinhão apenas uma legislação incompleta: para remediar porém este inconveniente, mandarão tres deputados a Athênas pedir as leis de *Solon.*

Dez magistrados, chamados *Decemviros,* formarão dessas leis um codigo a que se deu o nome de *Leis das dez taboas,* base do Direito romano.

Os Romanos, para recompensárem as acções de valor, tinhão as seguintes corôas:

1.ª Corôa triumphal.

Era composta a principio, de ramos de loureiro, e depois de ouro. Dava-se aos generaes que logravão as honras do triumpho.

2.ª A Oval.

Era de murta, e destinada áquelles que erão honrados com um pequeno triumpho, a que se chamava *ovação.*

3.ª A Obsidional.

Dava-se-lhe tambem o nome de *graminea,* por ser de grama, e conferia-se ao general que tinha feito levantar um cerco, isto é, libertado alguma praça sitiada, ou algum corpo do exercito encurralado pelo inimigo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

4.ª *A Civica.*

Era para aquelle que tinha salvado a vida a algum cidadão no combate. Compunha-se de ramos de carvalho com o seu fructo. Era tão honrosa em Roma, que quando aquelle a quem era conferida, se apresentava nos espectaculos publicos, tanto o Senado como o povo se levantavão á sua chegada, dando-se-lhe lugar entre os senadores.

5.ª *A Mural.*

Conferia-se a quem primeiro escalava a muralha de uma praça sitiada. Era de ouro, ornada de ameias, que ainda se vêem nas antigas fortalezas.

6.ª *A Castrense ou Vallaria.*

Servia para galardoar aquelles que primeiro penetravam nos entrincheiramentos inimigos. Os raios desta corôa erão de ouro e representava uma estacada.

7.ª *Naval ou Rostral.*

Dava-se ao general que ganhava uma batalha naval. Era de ouro ornada com prôas de navios chamadas *rostra*.

O IMPERIO succedeu á *Republica* no anno 31 antes de Jesus Christo: durou perto de cinco seculos. *Octavio*, que depois recebeu o nome *d'Augusto*, foi o primeiro *imperador romano*, e desde então o governo era monarchico absoluto.

Os *Romanos* estavão no fim do quarto seculo quasi senhores do mundo então conhecido; porém as guerras civis, o luxo, os vicios e a fraqueza da maior parte dos successores de *Augusto*, forão contribuindo para a decadencia do Imperio.

Os doze primeiros Imperadores são conhecidos pelo nome dos *Doze Cezares*.

Constantino Magno transportou a séde imperial de *Roma* para *Byzancio*, depois *Constantinopla*, assim chamada do nome daquelle Imperador. Por sua morte, foi dividido o Imperio romano em Imperio do Occidente e Imperio do Oriente.

O IMPERIO DO OCCIDENTE, que comprehendia a *Italia*, a *Gallia*, *Hespanha*, *Bretanha* (ou *Inglaterra*) e parte da *Africa*, tocou a Honorio.—O Imperio do Oriente, que constava da *Grecia*, *Asia*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Menor, Syria e Egypto, e tinha por capital *Constantinopla*, era regido por Arcadio.

Feita esta separação, decahiu rapidamente o Imperio. Uns povos barbaros, procedentes da *Germania (Allemanha)* e do Norte da Europa, atacárão o Imperio por diversos pontos. Os *Francos* apoderárão-se da Gallia; os *Vandalos* passárão á Hespanha, e d'alli a Africa; os *Hunos*, commandados por *Attila*, chamado o *flagello de Deus*, vindos das fronteiras da China, destruirão uma grande parte do Imperio do Occidente; os *Godos*, oriundos das margens do Baltico, e divididos em dois grupos, os *Visigodos*, ou *Godos occidentaes*, e os *Ostrogodos*, ou *Godo-orientaes*, invadirão, os primeiros a *Gallia* e a *Hespanha* e os segundos, a *Italia*, aonde se estabelecerão, tendo por seu Rei a Theodorico.

O Imperio do Occidente acabou na pessoa de *Augustulo*, no anno de Christo de 476.

Aqui finalisa a Historia Antiga.

Idade media.

Entende-se por *Idade media* o periodo historico decorrido desde o fim da sociedade pagã ou romana, até á constituição definitiva das sociedades modernas sobre a influencia do *Christianismo*, isto é, desde o anno 476, época da destruição do *Imperio do Occidente*, até á tomada de Constantinopla, ou destruição do *Imperio do Oriente* pelos Turcos em 1453.

O IMPERIO DO ORIENTE subsistiu, ainda que debil, até ao anno de 1453, em que, como acima fica dito, Constantinopla foi tomada pelos Turcos, morrendo nessa occasião *Constantino Paleólogo*, ultimo Imperador.

Neste facto termina a Historia da Idade media, e principia a Historia moderna.

Convém advertir que os differentes Estados da Europa se forão successivamente formando desde a invasão dos barbaros, isto é, depois da decadencia do *Imperio Romano*.

Tempos feudaes.

A constituição feudal tem a sua origem na policia militar das nações septentrionaes ou celticas. Os Godos, os Hunos, os Vandalos e os Lombardos, que se espalhárão por todas as regiões da Europa, no momento da decadencia do Imperio romano, a trouxerão do seu paiz, e estabelecerão nas novas colonias que formárão como

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

meio proprio para segurar a sua conquista. O Chefe Supremo ou General, dividiu pelos officiaes superiores do exercito as terras conquistadas; e estes, pela sua parte, distribuirão algumas pequenas porções dellas pelos officiaes inferiores e soldados que considerarão mais dignos. Estas divisões ou partilhas forão chamadas *feudos*, e impunhão a condição de servir fielmente na paz ou na guerra aquelle que as fazia. Quando se faltava a essa condição, não prestando o serviço estipulado, ou abandonando o Senhor n'uma batalha, revertião as terras doadas para aquelle de quem procedião.

Chamão-se TEMPOS FEUDAES os tempos da *Idade media*, em que os possuidores dos *feudos*, isto é, os Senhores de terras, etc.; se tornárão soberanos, cada um no seu dominio; e erão quasi outros tantos *Reis pequenos* de facto, no meio de realezas nominaes, que apenas tinhão sobre elles uma suzerania, as mais das vezes illusoria.

O *Systema feudal* consistia pois n'uma especie de confederação de *Senhores* investidos, cada um delles, de auctoridade soberana nos seus proprios dominios, mas desiguaes em poder, subordinados entre si, e com direitos e deveres reciprocos. D'ahi vem a distincção entre *Senhores suzeranos*, e *vassalos* ou *feudatarios*.

O *vassalo* era aquelle que, tendo recebido em recompensa de serviços, uma propriedade territorial, chamada *feudo*, ficava por esse facto sob a dependencia do *Senhor* ou *Doador*, a quem devia *fidelidade* e *homenagem*, além do mais que se convencionava na respectiva escritura.

O *Suzerano* era aquelle que, havendo conferido o *feudo*, tinha direito a ser obedecido pelo *vassallo*.

O mesmo *Senhor* podia ser *Suzerano*, em razão de *feudos* que tivesse conferido, e *vassallo*, em rasão de outros que houvesse recebido.

A *hierarchia feudal* comprehendia o *Rei*, ou o *Imperador*; os *Grandes feudatarios*, tanto civis como ecclesiasticos, ou *vassalos immediatos do Soberano*; *os feudatarios*, ou *vassallos subalternos*; *homens livres*, ou proprietarios de terrenos isentos de direitos senhoriaes, e os *servos*, ou *villãos*, ligados com as suas pessoas ás terras que cultivavão para seus Senhores.

Os principaes deveres do *vassallo* consistião em não offender o *Senhor* no seu corpo, nem permittir que fosse offendido por outrem; não reter cousa alguma do *Senhor*, sem seu consentimento; nada suggerir-lhe que podesse ser-lhe desvantajoso, ou causar-lhe deshonra; respeitar a honra de sua familia; aconselhal-o leal-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

mente; ficar em refens por elle, se estivesse endividado, ou prisioneiro; dar-lhe o seu cavallo quando se achasse desmontado, etc.

A isto deve-se juntar: 1.º o *serviço militar*, de vinte até sessenta dias, á sua custa, só, ou acompanhado de certo numero de homens d'armas, ou no territorio do *feudo*, ou em qualquer outro ponto, para a defeza, ou para o ataque; 2.º, a *fidelidade*, que obrigava a servir o seu *Senhor* na guerra, nas demandas, etc.; 3.º a *justiça*, que consistia em reconhecer a sua jurisdicção, e a não declinar o seu tribunal; 4.º, finalmente os *subsidios* que o *vassallo* pagava pelo resgate do *Senhor* quando ficava prisioneiro; para o casamento da sua filha primogenita; para a armadura do filho, quando era creado *Cavalleiro*, etc.

Em quanto durou a *Feudalidade*, ou o conjuncto das leis, regulamentos e usos que constituia o *regimem feudal*, não cessou de opprimir os fracos, excitar a ambição dos grandes, provocar a revolta, a pilhagem, a guerra civil; assim facil é conceber o serviço que fizerão aquelles que o destruirão.

A Revolução Franceza de 1789 foi quem fez desapparecer os seus ultimos vestigios n'aquelle paiz.

Das cruzadas.

As CRUZADAS erão as expedições religiosas e militares conduzidas pelos Christãos do Occidente contra os infieis do Oriente, para restaurarem os Santos Lugares do poder de seus barbaros conquistadores, que erão os Mahometanos.

Debaixo do ponto de vista religioso, formou a Europa, no tempo das *Cruzadas*, uma especie de republica christã ou federação de Principes, presidida pelo Papa.

Todos os annos perecia um grande numero de peregrinos pela mão d'aquelles barbaros, e a narração de seus soffrimentos, feita ao Papa *Urbano II* por *Pedro o Ermitão*, em sua volta da Terra Santa, excitou em toda a Europa a maior indignação e o desejo da vingança. A esta indignação juntava-se o terror causado pelos progressos ameaçadores dos Turcos *Seldjoneidas*, e pela seita tenebrosa e fanatica dos *Ismaelitas* ou *assassinos*, que, sob a auctoridade de um chefe mysterioso, denominado o *Velho da montanha*, residente na fortaleza de *Alamut*, estendia o seu dominio pela maior parte dos castellos e lugares fortes das montanhas, entre o Mar Caspio e o Mediterraneo.

Deu-se-lhes o nome de *Cruzadas*, porque aquelles que fazião parte dellas, erão denominados *Cruzados*, das cruzes de differentes

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

côres que trazião no hombro direito e nas bandeiras; sendo a dos Francezes vermelha; branca a dos Inglezes; verde a dos Flamengos; preta a dos Allemães, e amarella a dos Italianos.

Data a primeira *Cruzada* do anno 1095, em que foi resolvida no Concilio de Clermont, convocado pelo referido Papa *Urbano II.* Quasi todos os Principes da Europa derão o seu contingente de tropa para esta expedição, que foi commandada por *Godofredo de Bouillon*, filho *d'Eustachio*, Conde de Bolonha; e senhoreando-se da Palestina aquelle Generalissimo, no anno de 1099, foi eleito *Rei de Jerusalem*, titulo porém de que não quiz usar n'uma cidade onde o Rei dos Reis fôra tratado como escravo.

Os que mais se distinguirão nesta *Cruzada*, forão *Hugo*, Conde de Vermandois, e irmão de Philippe I, Rei de França; *Roberto*, Duque de Normandia; *Roberto*, Conde de Flandres; *Raimundo*, Conde de Tolosa, e sobre todos *Godofredo de Boullon*, Duque de Lorena.

Na mesma *Cruzáda* ia *Pedro o Ermitão*, descalço, á frente de quarenta mil homens de Infantaria e de numerosa cavallaria. Aquelle homem porém que tinha tanta gente alistada sob o estandarte da cruz, foi o primeiro que desertou.

Vendo isto *Tancredo*, lançou-lhe em rosto a sua inconstancia, e conseguiu que *Pedro o Ermitão* lhe promettesse que nunca abandonaria uma empreza para que tanto contribuira. Com effeito, cumpriu a sua palavra, e muito se assignalou no cerco de Jerusalem em 1099, vindo a morrer em França no Mosteiro de Neu-Moutiers.

A respeito do numero de *Cruzadas*, e das épocas em que tiverão lugar, ha divergencia entre alguns auctores, pretendendo uns que fossem seis, outros sete, e outros oito.

Seguindo esta ultima opinião, eis aqui as épocas das oito *Cruzadas:*

1.ª *Cruzada* desde 1095 a 1099 no Pontificado d'Urbano II.
2.ª « desde 1146 a 1148 no Pontificado d'Eugenio III.
3.ª « desde 1189 a 1191 no Pontificado de Clemente III.
4.ª « desde 1195 a 1198 no Pontificado de Celestino III.
5.ª « desde 1198 a 1204 no Pontificado d'Innocencio III.
6.ª « desde 1220 a 1260 no Pontificado de Honorio III e de Gregorio IX.
7.ª « desde 1248 a 1255 no Pontificado d'Innocencio IV e Alexandre IV.
8.ª « desde 1268 a 1270 no Pontificado de Clemente IV.

Os *Cruzados* em vez de reunirem as suas forças sob um só chefe, dividirão as suas conquistas, e enfraquecerão-se com as suas continuadas dissensões. Os Mahometanos, aproveitando-se dellas,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

os atacárão, e em menos de um seculo, destruirão os pequenos estados que elles tinhão creado.

A ultima *Cruzada* foi, como se viu, no anno de 1270, commandada por S. Luiz, (nono do nome) Rei de França, o qual, tendo desembarcado em Tunis, foi acommettido de peste, assim como grande parte do seu exercito, e morreu sem ver realisados os seus desejos.

Durante a segunda *Cruzada* sahiu d'Inglaterra, com destino a Constantinopla, uma grande armada de mais de cem vélas das nações ingleza, allemã, flamenga e franceza levando cerca de quatorse mil homens. Sobrevindo-lhes ventos contrarios, arribou a Lisboa, ao tempo em que *D. Affonso Henriques* tinha o seu exercito acampado em frente dos muros desta cidade, occupada então pelos Mouros. Achando aquelles guerreiros o que ião buscar na Asia, a saber: guerra contra os inimigos da fé, ajudárão os Portuguezes na exterminação dos Mouros; e como já era tarde para continuarem a sua viagem para a Palestina, alguns delles voltárão para a sua patria, outros assentárão em Portugal a sua vivenda.

A Europa, ainda que barbara no tempo das *Cruzadas*, apresentava um espectaculo unico na Historia, a saber: *o fervor ardente e a união de todos os povos christãos n'uma mesma fé, e n'um mesmo pensamento:* a fé de Christo, e o pensamento de libértar o seu sepulcro, cahido em poder dos infieis, e de proteger os peregrinos que alli ião tributar as suas homenagens. A primeira época do commercio e da navegação dos europeus na Asia, data das *Cruzadas*, as quaes forão fontes de riquezas prodigiosas para as cidades commerciantes da Italia, principalmente para Veneza, que, no fim das mesmas *Cruzadas*, se tornou um Estado maritimo, possuidor de vastos territorios, e com um commercio muito extenso e importante.

Finalmente, apesar d'alguns criticos do seculo passado se terem pronunciado contra taes expedições, está comtudo demonstrado que, longe de terem sido estereis, contribuirão poderosamente para a civilisação do Oriente e do Occidente, e que forão obra de uma intelligencia politica, e não aconselhadas pela demencia.

Ordens militares e religiosas fundadas durante as primeiras Cruzadas.

As Ordens militares e religiosas a que derão origem as primeiras *Cruzadas*, são as seguintes, a saber: 1.ª a *Ordem dos Cavalleiros, Hospitaleiros de S. João de Jerusalem;* 2.ª *a Ordem dos Templarios* ou *Cavalleiros do Templo;* 3.ª *Ordem Teutonica.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A ORDEM DOS CAVALLEIROS HOSPITALEIROS DE S. JOÃO DE JERUSALEM, a que vulgarmente chamão de *Malta*, foi fundada na Palestina, sendo os seus estatutos, segundo uns, confirmados em 1118 pelo Papa *Gelasio II*, e segundo outros, em 1120 por *Calisto II*. Tinhão por fim, não só agasalhar os peregrinos Christãos que ião visitar os Santos Lugares, e curar os doentes n'um hospital que havião construido, mas tambem pelejar pela fé. O nome de *Cavalleiros S. João*, veiu-lhes de uma igreja com a invocação de *S. João Baptista*, que os *Hospitaleiros* edificárão com o dinheiro das esmolas que de toda á Europa affluirão a Jerusalem, conquistada que foi esta cidade pelos *Cruzados*. Depois da perda da Terra Santa, em 1291, refugiárão-se os *Cavalleiros de S. João de Jerusalem* na ilha de Chypre, aonde permanecerão até ao anno de 1310, em que tomárão a Ilha de Rhodes, e nella se conservárão até 1522: d'ahi veiu o chamar-lhes *Cavalleiros de Rhodes*. Em 1530, chegárão a ilha de Malta, que o Imperador *Carlos V* lhes deu para se estabelecerem, com o fôro de um falcão cada anno aos Reis de Hespanha, a quem reconhecerão como seus protectores. Desde então forão chamados *Cavalleiros de Malta*, se bem que a sua verdadeira denominação é a de *Cavalleiros de S. João de Jerusalém*.

Esta Ordem adoptou por insignia, um habito preto, uma cruz branca de oito pontas, representando as oito bemaventuranças.

El-Rei D. *Affonso Henriques* deu entrada em Portugal aos *Cavalleiros de S. João de Jerusalem*, e os honrou com varios privilegios e doações de terras. Pouco a pouco se foi augmentando a Ordem neste Reino, e os *Cavalleiros* que tinhão nelle o governo, se intitulavão *Priores do Hospital*, até aos annos de 1340, pois já d'alli em diante se achão designados os *Priores do Hospital* com o titulo de *Priores do Crato*. Esta Ordem acha-se extincta em Portugal, convindo advertir que pelo § 4.º do Decreto de 22 de Agosto de 1833, forão mandadas administrar pela Junta dos Juros todas as Commendas da mesma Ordem.

Em 1798, quando *Napoleão Bonaparte* ia com uma expedição para o Egypto, tomou a ilha de Malta, em nome da Republica franceza, que a conservou até 1799, em que cahiu em poder dos Inglezes, que ainda a possuem; e não tendo a Ordem nenhum outro dominio, espalharão-se os Cavalleiros pelas diversas partes da Europa. Depois da morte do Imperador da Russia *Paulo I*, a quem havia sido conferido, no mesmo anno de 1798, o Gran Mestrado de Malta, em consequencia da abdicação de *Fernando de Honspech*, elegeu o Papa o Gran-Mestre *Thomazi*, ultimo que teve este titulo, o qual fixou em Catania a séde da Ordém.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Desde 1805 a 1831 forão os Cavalleiros governados por Lugar Tenentes, ou Gran-Mestres interinos, nomeados pelo Papa. O Papa *Gregorio XVI* auctorisou a installação definitiva da mesma Ordem em Roma no dito anno de 1831. Em 1834, foi o Balio *Carlos Candidá* elevado á dignidade do Lugar-Tenente do Mestrado.

Uma Bulla do Papa *Pio IX*, datada de 28 de Julho de 1854, indica as alterações a fazer nas fórmas prescriptas nos Estatutos da Ordem, para os votos solemnes das pessoas que desejarem fazer a sua profissão nesta milicia.

A ORDEM DE S. JOÃO DE JERUSALEM foi restabelecida na Prussia, por decreto de 15 de outubro de 4852.

A ORDEM DOS TEMPLARIOS, ou os *Cavalleiros do Templo* erão assim chamados, porque tinhão o seu convento e hospital junto do lugar onde antigamente estivéra o Templo edificado por Salomão em honra do Senhor. O fim desta Ordem, que foi instituida em 1118, era defender da crueldade dos infieis os peregrinos christãos que emprehendião, por devoção, a viagem a Jerusalem, segurando-lhes assim o caminho para os Santos Lugares. Foi divisa da *Ordem dos Templarios* uma cruz vermelha sobre habito branco.

Distribuida por toda a Christandade, entrou em Portugal em 1125, aonde foi seu primeiro mestre D. *Gualdim Paes*.

No anno de 1312, foi extincta pelo papa *Clemente V*, a pedido de *Philippe o Bello*, Rei de França. Dos bens dos *Templarios* em Portugal, instituiu El-Rei D. Diniz, em 1318, a *Ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo*.

A ORDEM TEUTONICA, estabelecida na Palestina, depois das de *S. João de Jerusalem* e dos *Templarios*, foi confirmada pelo Papa em 1191. Quando o Imperador *Frederico II* regressou á Allemanha, da sua peregrinação á Terra Santa, levou comsigo os *Cavalleiros Teutonicos*, e estes alli se distinguirão, tanto pelo seu valor, como pelas conquistas que fizerão.

Os seus votos principaes erão: defender a Religião christã e a Terra Santa; exercer a hospitalidade com todos os Christãos, especialmente com os da sua nação (os Allemães), e empregar todo o seu zelo em propagar a mesma Religião. Foi divisa desta Ordem uma cruz preta sobre habito branco.

O Lutheranismo arruinou-a inteiramente, e *Napoleão* decretou a suppressão della no anno de 1809.

Da antiga cavallaria.

A antiga CAVALLARIA era uma especie de confraria, instituida

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

na Idade media (nos principios do seculo XI), ou fosse para melhor distinguir, como dizião uns, o nobre do vilão, ou, como pretendião outros, para proteger o fraco contra o forte, e oppôr assim uma barreira ás violencias da anarchia feudal.

Tomou o nome de *Cavallaria*, porque aquelles de que a mesma instituição se compunha, pelejavão geralmente a cavallo.

Para obter o titulo de *Cavalleiro*, era indispensavel ter completado 20 annos de idade, e passar por um noviciado, em que se aprendião os exercicios tendentes a desenvolver a força e a agilidade, bem como os deveres de *Cavalleiro*.

O aspirante áquella honra entrava, desde a idade de 7 annos, ao serviço de algum illustre *Barão*, ou *Cavalleiro*. Então era *Pagem*, e tinha por obrigação acompanhar o seu Senhor, servi-lo á meza, etc. Todavia o desempenho de taes funcções não era deshonroso, visto que alguns Reis forão *Pagens* na sua infancia.

Aos 14 annos, passava a *Escudeiro*, era encarregado das cousas mais importantes do castello, seguia o Senhor nas suas viagens e nas guerras, cuidava-lhe das armas e dos cavallos, e velava pela segurança dos prisioneiros.

Chegado a idade de 20 annos, e antes de ser armado *Cavalleiro*, preparava-se, para isso, o candidato por meio de jejum, da confissão e da communhão e passava a noite n'uma Capella *velando suas armas*. No dia seguinte, depois de purificado pelo banho, entrava na igreja com a espada pendente ao pescoço, e ajoelhava, depois da benção do sacerdote, diante do Senhor que o devia armar.

Os padrinhos punhão lhe as esporas douradas, entregavão-lhe successivamente a cotta de malha, a couraça, os braceletes, etc., e cingião-lhe a espada.

Feito isto, o Senhor que lhe conferia tão alta dignidade, dava-lhe com a espada nua tres pancadas no hombro, ou no capacete, e algumas vezes tocava-lhe com a palma da mão na face, proferindo estas palavras: *Em nome de Deus, de S. Miguel e de S. Jorge, faço-te cavalleiro.* Alguns accrescentavão: *Sê piedoso, valente e leal.*

Em seguida, abraçava-o, e dava-lhe a paz, isto é, faziá-lhe beijar a cruz ou uma réliquia; praticando outro tanto o novel *Cavalleiro* para com os que se achavão presentes.

Depois de armado, trazião-lhe o seu cavallo de batalha, em que elle montava para mostrar a sua pericia, brandindo ao mesmo tempo a lança, e manejando a espada na presença dos concorrentes, sempre havidos de taes espectaculos.

O *Cavalleiro* gozava das mais brilhantes prerogativas: sentava-se a meza do Rei; estava isento de certas fintas que a nobreza pa-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

gava com o povo; á sua chegada abrião-se-lhe todas as barreiras, todos os castellos para honra-lo. As damas ião ao seu encontro. Se voltava dos combates, desarmavão-no, e tornavão a arma-lo para novas pelejas. Erão os unicos que podião trazer lança, comparecer nos torneios ou justas militares, para disputar os premios usar de collar de ouro, armadura dourada, e ter um catavento sobre a sua habitação.

Em troco de todas estas regalias, jurava o *Cavalleiro* combater em toda a parte a injustiça, defender a viuva e o orfão, obedecer ás ordens da sua dama, do seu Rei e do seu Suzerano, e affastar-se dos lugares onde visse traição de vassalo contra o seu senhor, se não se sentisse com força para a impedir.

Quando o *Cavalleiro* se tornava culpado de traição ou rebellião, era sentenciado pelos seus pares, e conduzido a um cadafalso, onde, a sua vista, se destruião e calcavão aos pés as armas com que tinha envilecido a nobreza da sua profissão.

O escudo, depois de apagado o brazão d'armas, era atado á cauda de uma egoa, e arrastado na lama.

O *Cavalleiro* ouvia as maiores injurias da boca dos arautos, ao proclamarem o seu crime, e as maldições dos padres, que cantavão o *Psalmo* CVIII, cheio de anathemas.

A final, depois de lhe lançarem com um jarro agua quente pela cabeça, como para lhe tirarem de todo o caracter sagrado que tinha, descião-no do cadafalso com uma corda passada por baixo dos braços, e mettido n'um caixão, coberto com um panno funebre, era levado á igreja, onde lhe rezavão o officio de defuntos.

Por faltas menos graves, ficava excluido da meza dos outros *Cavalleiros*, não tornando a ser nella admittido, sem estar purificado pelo juramento, ou pelo combate, segundo a exigencia do caso.

A época mais brilhante da *Cavallaria* foi a das primeiras Cruzadas. Estas expedições abrião uma carreira honrosa, e, por vezes com vantagem.

Depois das Cruzadas, e principalmente pelo seculo XIV, entrou a *Cavallaria* em decadencia: a destruição do feudalismo, a invenção das armas de fogo, a ignorancia e os vicios dos *Cavalleiros* forão as principaes causas dessa revolução. Contribuiu tambem muito para ridicularisar até as suas recordações o—*Dom Quichote* obra do celebre *Miguel de Cervantes*, sobre a *Cavallaria andante*. Chamavão-se *Cavalleiros andantes* aquelles que percorrião terras buscando occasião de assignalarem o seu valor, ou fossem em batalhas, ou em desaggravo de damas offendidas. Depois do seculo XV, só restou da *Cavallaria* o seu ceremonial parodiado pelos *Cavalleiros andantes*.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Em quasi todas as nações, houve *Cavalleiros*, sendo porém a França o principal theatro da *Cavallaria*.

Muitas vezes erão armados *Cavalleiros*, no campo da batalha, aquelles que havião praticado gentilezas de valor.

El-Rei D. *João I*, depois da batalha d'Aljubarrota, em 1385, armou *Cavalleiro* a *Lopo Dias de Azevedo*; fazendo outro tanto, depois da tomada de Ceuta, em 1415, a seus filhos D. *Duarte*, D. *Pedro* e D. *Henrique*; o mesmo praticou D. *Affonso V.*, depois da conquista d'*Arzila*, em 1471, armando *Cavalleiro* ao filho do Conde de Marialva. Os proprios Reis não se dedignavão de serem armados *Cavalleiros*. Assim, em 1389, *Carlos VI*, Rei de França, creou *Cavalleiros* o Rei da Sicilia e o Conde de Maine. *Francisco I*, tambem Rei de França, fez-se armar *Cavalleiro*, depois da batalha de *Marignan*, pelo valoroso *Bayard*, cognominado o *Cavalleiro sem temor e sem macula*.

Algumas vezes conferia-se aquelle honroso titulo antes da batalha para assim estimular os combatentes a obrarem acções de valor, como praticou El-Rei D. *Fernando* o formoso, armando *Cavalleiro* ao invicto D. *Nuno Alvares Pereira de Mello*, quando este se offereceu para combater os Castelhanos que estavão cercando Lisboa.

O prazo durante o qual os Portuguezes tocárão a meta do espirito cavalleiroso, e o conservárão em toda a sua pureza e vigor, prolongou-se por obra de um seculo, desde os ultimos annos do reinado de El-Rei D. *Fernando*, até ao d'El-Rei D. *Affonso V.*

Foi na luzida côrte do Mestre d'Aviz, que a *Cavallaria* de toda a Europa achou o seu *Homero* em *Vasco de Lobeira*, e a sua obra intitulada—*O Amadis de Gaula*—é a primeira e principal novella no extensissimo catálogo dos contos de *Cavallaria*. O dito *Vasco de Lobeira* foi tambem armado *Cavalleiro* por D. *João I*, antes da batalha d'Aljubarrota.

RESUMO DA HISTORIA DO BRAZIL.

(R. LEMOS.)

Em sete epochas podereis dividir a Historia do Brazil: 1.ª *aborigenes* ou tempos primitivos; 2.ª *explorações* ou tempos incertos; 3.ª *Donatarios* ou tempos feudaes; 4.ª *Governadores* ou tempos historicos; 5.ª *Vice-Reis* ou tempos auriferos; 6.ª *Reino* ou tempos reaes; 7.ª *Imperio*, ou tempos da independencia.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

1.ª Epocha.

Abrange este periodo historico os *tempos anteriores* á 1500, ou descoberta do Brazil.

Deveis, portanto, antecipadamente, estudar o descobrimento do novo mundo na *Biographia de Christovam Colombo*; conhecer a situação do sólo na *Geographia*, e examinar as praticas dos povos habitadores d'esta parte da terra, nos *Costumes dos indigenas*, escriptos que encontrareis em outra parte deste livro, ou em *compendios* especiaes.

Basta, por ora, dizer-vos que os povos que occupavam o Brazil, e hoje se acham internados nos sertões, confinados nas florestas, e nas margens, ou nascentes inexploradas dos nossos rios, pertencem ás raças aziaticas.

Abri vosso mappa geographico: vêde que a parte mais septentrional da America do Norte é apenas separada da Azia pelo *estreito de Béring*, de curta distancia, e por isso de facil communicação.

Quando vos adiantardes nos estudos, conhecereis, pela confrontação dos usos, costumes, e linguas, que esses povos, que se acham fronteiros, teem entre si pontos de contacto, que induzem a crêr sêrem todos da mesma raça, filiação, e descendencia.

2.ª Epocha.

Este periodo abrange *os tempos decorridos de 1500 á 1534*, isto é, *a descoberta e as explorações.*

I. Descoberta.

Á 9 de março de 1500 sahiu do Tejo, rio que banha Lisboa, capital de Portugal, uma esquadra, composta de dez caravellas e tres navios redondos, ao mando do almirante Pedro Alvares Cabral para proseguir na India as descobertas de Vasco da Gama.

Governava o reino de Portugal D. Manuel (o venturoso), principe de vasta instrucção, aspirações ardentes, que desêjava o incremento do seu paiz, e escolhera para essa expedição um homem de nobre estirpe ao qual recommendara cautella para que evitasse as calmarias das costas africanas.

Tanto descambou para o occidente a frota de Cabral, que, evitando as calmarias, foi, entretanto, arrastado pelas correntes do oceano, e quando julgava o almirante que sulcava vasto mar, á 21

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

de abril começou á divulgar sobre as aguas hervas e passaros ignotos, signaes de terra proxima, e sobre a cabeça contemplava novos astros.

Dobrou de surpresa no dia seguinte, 22 de abril de 1500, quarta-feira do oitavario da paschoa, quando a léste divisava terra em figura de alto monte, ramificações de cordilheira dos *Aymorés*, na Bahia, ao qual chamou *Monte-Paschoal*.

A 23 singrou á terra, á que chamou da *Vera-Cruz*, e enviou o piloto Nicolau Coelho á escolher lugar para fundear, o que não encontrou. A 24 o piloto Affonso Lopes, examinando attentamente a costa, deparou com um fundeadouro excellente para a armada, o qual, offerecendo bom abrigo, foi chamado *Porto-Seguro*.

Nicolau Coelho e a tripolação que examinava a costa foram os primeiros da armada que viram e fallaram com os naturaes do paiz, nada colhendo de sua voz e géstos, e pelo aspecto apenas comprehenderam serem selvagens.

Affonso Lopes, nas mesmas indagações do territorio, colheu em uma almadia dous indigenas que apresentou á Cabral, aos quaes tratou mui bem e depois de dar-lhes presentes mandou-os alijar á praia, no dia seguinte, acompanhados do réu Affonso Ribeiro, degredado, para estudar-lhes os costumes.

A 26, domingo da Paschoela, levantado altar sob pavilhão armado em um ilhéo, celebra, pela primeira vez, o sancto sacrificio da Missa, Frei Henrique, franciscano, que em seguida pregou, sendo ouvida por Cabral e toda a marinhagem.

A 27 derribou-se grande madeiro do qual formou-se uma Cruz, que foi á 1.º de maio arvorada e plantada no continente, tendo em sua base cravadas as armas e divisas reaes de D. Manuel.

Junto á Cruz armou-se altar no qual foi pela segunda vez celebrada a Missa pelo mesmo Fr. Henrique, havendo tambem sermão.

A' uma hora da tarde todos os navegantes beijaram a Cruz, e retiraram-se para bordo.

A 2 de maio continuou a armada sua derrota para as Indias.

Partindo, tomara Cabral as seguintes resoluções approvadas pelos companheiros: 1.ª apossar-se da terra novamente descoberta para a corôa de Portugal; 2.ª enviar Gaspar de Lemos á côrte participar ao rei o descobrimento; 3.ª deixar em *Porto Seguro* dous degredados para estudarem os habitos dos selvagens.

Taes foram os acontecimentos relativos ao descobrimento da nossa chara patria. Cumpre, porem, vos advertir que, antes de Cabral, tres navegantes hespanhoes tocaram em varios lugares do Brazil.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Em fins de junho de 1499 Alonzo Hojeda, acompanhado de Americo Vespucio e João de la Cosa, navegou pela foz do rio das Piranhas ou Apody.

A 18 de novembro do mesmo anno Vicente Yanez Pinçon, um dos irmãos Pinçon que acompanharam Colombo, sahiu de Palos (na Hespanha) e a 25 de janeiro de 1500 avistou a ponta de terra que chamou *cabo de Santa Maria de la Consolation* (o de Santo Agostinho.)

Em dezembro do mesmo anno Diogo de Lepe, tambem sahido de Palos, desembarcou em fevereiro ou março de 1500 nos mesmos lugares por onde navegara Pinçon.

Ambos estes navegantes andaram por Maranhão, luctaram com os gentios, e o primeiro tomou posse da terra em nome do rei de Hespanha. Porem como nenhum fructo houvessem dado essas expedições hespanholas, e só a de Cabral fosse considerada á ponto de D. Manuel fazêl-a sabida das côrtes da Europa em julho de 1500, o almirante portuguez foi quem colheu a gloria de descobridor do Brazil.

II. *Explorações.*

Descoberto o Brazil, e apossado o governo portuguez desse novo territorio tratou de explorál-o. Por outro lado as nações europeas, principalmente a Hespanha, ciosas do engrandecimento de Portutugal, trataram de enviar expedições suas afim de observarem as vantagens commerciaes offerecidas pelo Brazil.

Em 1501 Gonçalo Coelho e Americo Vespucio por ordem de Portugal fizeram as primeiras explorações, sendo desde o cabo de S. Roque até S. Vicente.

Em 1503 estes navegantes, Christovam Jaques e Fernão de Noronha navegaram pelos mesmos lugares trilhados por Cabral, fazendo o ultimo descobrimento da ilha cujo nome é o seu, e Christovam Jaques a *Bahia de Todos os Santos*, e funda em Porto Seguro a colonia *Santa Cruz*, nome que substitue o de *Vera-Cruz*.

Em 1508 e 1515 João Dias de Solis, hespanhol, navegou para o sul, entrou no Rio de Janeiro, e rio da Prata, onde morreu ás mãos dos gentios. Nesta expedição foi acompanhado de Vicente Pinçon.

Em 1519 Fernão de Magalhães e Ruy Fallero, portuguezes em serviço da Hespanha, penetraram no Rio de Janeiro.

Em 1525 Sebastião Cabot, piloto-mór de Hespanha, navegou pelo sul, desembarcou em Santa Catharina, e subiu o rio da Prata.

Em 1526 Diogo Garcia, hespanhol, fez igual navegação.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Neste mesmo anno, Christovam Jaques, pela segunda vez, é encarregado por D. João III de vir ao Brazil expulsar os Francezes que constava se acharem aqui estabelecidos, e commerciando com os gentios. Fundou em Pernambuco a feitoria de Iguarassú, e foi ao rio da Prata. Regressando, na Bahia, metteu a pique tres navios francezes, aprisionou a tripolação (1527), e depois de ter percorrido varios pontos do litoral, voltou para sua patria (1528).

Em 1530 Martim Affonso de Souza, grande fidalgo, e cidadão benemerito, sahe de Portugal, chega ao cabo de S. Agostinho, (1531) navega para o Sul, combate e aprisiona tres navios francezes, entra na bahia do Rio de Janeiro, manda explorar o interior do paiz, constrúe dous bergantins, ancóra em Cananéa; penetra em S. Vicente, onde funda uma colonia regular (1532); e ao depois entra em Piratininga, e regressa para a Europa (1533).

Pero Lopes de Souza, irmão do precedente, coadjuva-o em suas navegações e descobertas (1531); sobe o rio Paraná; ataca e vence setenta francezes que se tinham apossado da feitoria de Iguarassu (1532).

Afóra esses navegantes enviados expressamente pelos soberanos portuguezes e hespanhoes, aquelles possuidores legitimos dos dominios brazilicos, estes ávidos de conquistal-os, houve outros, principalmente francezes, sahidos de Dieppe e Honfleur (1516), que, vagando pelas costas do Brazil em commercio com os indigenas, attrahiram as vistas da côrte de Portugal que contra elles mandou armadas que os rechassaram, e de cujos combates vos dei succinta narração.

Além desses exploradores ainda outras expedições dirigidas á India faziam escála pelo Brazil, onde temporariamente demoraram, e tambem aportaram á estas regiões varios navegantes que, impellidos pelos ventos, naufragaram, e aqui se asylaram, taes como Diogo Alvares (o *Caramurú*) e João Ramalho (o genro de *Tebyreçá*).

A exemplo do que Cabral praticou com os dous degredados que deixou em Porto Seguro e do que se fazia com a India e Africa, o Brazil foi um dos pontos que serviu de exilio e presidio á malfeitores e réus portuguezes.

Eis o genero de população que adqueriu o Brazil durante este periodo historico.

3.ª Epocha.

Donatarios, ou tempos feudaes.

Comprehende os tempos que vão de 1534 á 1549.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Feitas as explorações e assentadas as bases da colonisação, viu o governo portuguez os obstaculos que haviam em proseguir por si o povoamento do Brazil: 1.º as colonias de S. Vicente e Piratininga, fundadas pelo governo, custaram mui avultadas sommas ao thesouro publico; 2.º a gloria mais estrondosa dos descobrimentos na India e as riquezas que ali se adqueriam mais facilmente arredavam do Brazil e attrahiam para aquellas regiões os exploradores; 3.º paizes desconhecidos, habitados por selvagens, situados á remota distancia da metropole, incultos, inexplorados, por consequencia de lucros duvidosos, e onde somente se teriam trabalhos ingratos, taes eram os territorios á cultivar, povoar, e civilisar.

Seria, portanto, impossivel a Portugal, nação de poucos recursos, emprehender obra tam despendiosa; por outro lado, não devia abandonar o Brazil á cobiça de estranhos e ciosos visinhos, como a Hespanha e França.

Luctando com estes embaraços, e preocupado com o pensamento de colonisar seus dominios, como era mister, D. João III resolveu em 1534 dividir o paiz em nove grandes *capitanias*, porções desiguaes de territorio, concedendo aos *donatarios* (senhores desses territorios) amplos privilegios para que a ambição e cobiça individual auxiliassem as intenções do governo.

O rei, pois, fez doação das nove capitanias á cidadãos importantes por sua riqueza, posição social, e serviços ao estado, os acumulando de poderes, honras, e privilegios para que realisassem os projectos da corôa.

Os principaes poderes dos donatarios eram: 1.º conservar suas capitanias hereditarias, perpetuas, irrevogaveis; 2.º julgar no crime e no civel; 3.º uzar do titulo de capitão e governador. Esses e muitos outros importantes poderes abrangem toda a alçada que tem qualquer governo sobre seus subditos. Eram os donatarios verdadeiros soberanos, ou pelo menos senhores feudaes.

O rei somente reservou á corôa: 1.º impôr pena de morte; 2.º cunhar moéda; 3.º o quinto das pedras e mineraes preciosos; 4.º monopolio das drogas, especiarias, e pau-brazil; 5º dizimo do peixe não pescado á canna; 6.º dizimo dos productos com os quaes pagaria as despezas do culto; 7.º alguns direitos mui limitados das alfandegas.

Promulgou-se tambem o foral (carta de privilegios) dos colonos, ou habitantes das capitanias.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

As nove capitanias doadas foram:

I. S. Vicente *á Martim Affonso de Souza*, comprehendendo cem leguas sobre a costa. Abrange parte dos territorios hoje das provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, e Paraná. Era habitada pelos *Guayanazes* e nellas se achavam Piratininga e S. Vicente, primeiras fundações deste donatario. Ali estabeleceram-se seis engenhos de canna de assucar, vinda da ilha da Madeira, e criou-se o primeiro gado.

II. S. Amaro á *Pero Lopes de Souza*, irmão do precedente, e menos feliz que elle em suas empresas e resultados. Corresponde á parte dos territorios de S. Paulo, Paraná, e S. Catharina. O donatario dividiu em duas partes a capitania, fundando o estabelecimento de *S. Amaro*, proximo a S. Vicente, e o de *Itamaracá*. Eram os dous extremos de seus dominios. Occupavam este territorio os *Pitaguarés*, aos quaes conseguiu expulsar.

III. Parahyba do Sul á *Pero de Góes da Silveira*, com trinta leguas de costa. Corresponde á parte do Rio de Janeiro. Apóz dous annos de estada, começa com os *Goytacazes*, occupadores do paiz, fortes luctas, que occasionaram o abandono da capitania pelos colonos e donatario, á instancia d'aquelles.

IV. Espirito-Santo á *Vasco Fernandes Coutinho*, com cincoenta leguas, e corresponde á provincia deste nome. Situou seu primeiro estabelecimento na bahia ao norte do Rio de Janeiro, chamado *Nossa Senhora da Victoria* em razão das que alcançára sobre os *Goytacazes*, senhores do paiz. Bastante prosperou na lavra do terreno, plantio da canna, fundação de engenhos, e colheitas de assucar.

V. Porto-Seguro á *Pero de Campos Tourinho*, com cincoenta leguas de costa, e corresponde a parte da Bahia. E' notavel este donatario pela brandura usada com os *Tupiniquins*, habitadores do lugar; o que contribuiu para o incremento da capitania. Aportou na mesma enseada onde desembarcara Cabral.

VI. Ilhéos á *Jorge de Figueiredo Corrêa*, com cincoenta leguas, corresponde á parte da Bahia, quási no centro do Brazil: era occupado o territorio pelos *Aymorés*. Porque o donatario fosse historiographo real e não podesse abandonar a côrte mandou tomar posse e fundal-apor Francisco Romero, hespanhol, que muito trabalhou. O filho do donatario vendeu-a á Lucas Giraldes, que beneficiou-a bastante; porquanto prosperou na cultura de canna até que decahiu em consequencia das guerras com os gentios.

VII. Pernambuco á *Duarte Coelho Pereira*, com sessenta leguas, correspondendo ao territorio de Pernambuco e Alagôas, oc-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

cupado pelos *Cahetés* e *Tabayares*. O donatario, contrahindo alliança com estes expulsou áquelles. Por primeiro estabelecimento fundou *Olinda*, e viu prosperar a colonia em virtude da administração sabia que exerceu, do valor manifesto contra o gentio, e da emigração dos judeos que, acossados de Portugál, refugiaram-se no Brazil.

VIII. Bahia á *Francisco Pereira Coutinho*, com cincoenta leguas de costa, comprehendendo parte do territorio desta provincia. Muito trabalhou e conseguiu com o auxilio dos colonos ali encontrados, e de Diogo Alvares (o *Caramarú*), fixando-se em *Villa-Velha*, lugar habitado por este. Mas em breve os *Tupinambás* e colonos revoltaram-se contra o donatario, que fugiu para as capitanias visinhas, donde voltou a pedido dos mesmos. Quando regressava, naufragou em Itaparica, e os *Tupinambás* o devoraram.

IX. Maranhão á *João de Barros* cem leguas, e á *Fernão Alv res de Andrade* setenta e cinco, de territorios, cuja demarcação exacta será difficilimo determinar, estendidos do Pará ao Rio Grande do Norte. João de Barros por sua avançada edade, e escassos recursos pecuniarios; Fernão Alvares de Andrade por seu emprego de thesoureiro-mór do reino, não poderam, nem emprehenderam vir pessoalmente fundar seus dominios. Ambos se associarám á *Ayres da Cunha*, que, com dous filhos de Barros e um delegado de Andrade, veiu em uma frota de dez navios, cêrca de mil colonos, bastante cavalgadura, mas tudo naufragou nos baixos do Maranhão, morrendo melhor parte dos navegantes, sendo Ayres da Cunha uma das victimas. Mallograda esta expedição, á *Luiz de Mello da Silva* foi confiada segunda, que teve identico successo. Os gentios *Tupinambás* eram os senhores do solo, alem de varias tribus disseminadas no interior.

Eis a historia das capitanias ou feudos, repartidos por D. João III.

Alguns historiadores as dividem em doze: outros em nove. Não ha divergencia substancial na divisão adoptada, porque até João de Barros contam o *nono* donatario; em Fernão Andrade o *decimo*; em Luiz de Mello o *undecimo*; em Antonio Cardoso de Barros o *duodecimo*. Assim concilia-se a divisão.

Porem João de Barros, Fernão Andrade, Ayres da Cunha, e Luiz de Mello são quatro entidades que concorrem para o mesmo fim historico – *capitania do Maranhão*—, e porque *Antonio Car-*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

doso de Barros nunca empregasse ou tentasse meios de colonisar o *Ceará, duodecima* capitania, á elle doada, faz-se ficticia, ou como não realisada.

4.ª Epocha.

Governadores ou tempos historicos.

Esta epocha comprehende os annos que vão: 1.º da administração dos governadores geraes até a expulsão dos huguenotes; 2.º subjeição com Portugal ao dominio de Hespanha; 3.º invasão dos hollandezes; 4.º exaltação da dynastia de Bragança: 1549 á 1640.

I. Governadores.

Dividido o Brazil em nove capitanias apenas seis prosperaram, ficando as mais ou estacionarias, ou por colonisar.

As que progrediram tendiam para seu aniquilamento por muitas causas: o gentio entretinha guerra constante contra os colonos; estes desobedeciam os donatarios; estes tyranisavam os colonos; estrangeiros (hespanhoes e principalmente francezes) tentavam introduzir-se, ou assenhorear-se do paiz.

Accrescia que as capitanias augmentavam em população de costumes estragados, porque os donatarios não eram cautelosos na escolha de colonos para seus dominios, e não tinham prestigio moral nem força physica para obrigal-os a melhor proceder; os degredados enviados para o Brazil, o enxame de aventureiros de toda classe, e o mau clero que nos vinha, tudo demonstrava a impossibilidade de continuar esse prejudicial systhema de governo por capitanias ou feudos.

E sobre todos esses motivos a falta de um centro á que recorressem os donatarios e colonos em qualquer emergencia, conflicto interno, ou invasão estrangeira; de um braço vigoroso e forte que amparasse todos era razão capital de sêr abandonada tal forma de administração que destruiria as capitanias, e até aniquilaria tam auspiciosa possessão portugueza.

Assim pois, D. João III, que fundara, resolveu modificar a colonia portugueza em sua forma administrativa, á 7 de janeiro de 1549, dando ao Brazil um governo geral, subjeitando á este todas as capitanias, e escolhendo a Bahia para séde do governo e capital da colonia: o exercicio de cada governador geral seria de trez annos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Mudando-se de systhema, foram os donatarios privados dos mais importantes privilegios, sendo que alguns ficaram reservados á corôa, e outros delegados aos governadores geraes.

O novo systema governativo era assim desenvolvido: o *governador geral*, chefe e centro da administração; o *ouvidor geral*, presidindo a justiça; o *provedor geral*, dirigindo a fazenda; *capitão mór da costa*, encarregado da defesa do litoral; e mais tarde, o *alcaide-mór*, commandando as armas na capital.

Neste periodo historico administraram o Brazil dezesete governadores geraes dos quaes foram mais notaveis os seguintes:

Thomé de Souza, (1.º gov. ger.) chega a Bahia á 29 de março de 1549; funda e fortifica a cidade do *Salvador*, auxiliado por *Caramurú* e *Tupinambás*; distingue-se por sua justiça severa com os colonos e indios; importa gado de Cabo Verde; anima a lavoura; visita diversas capitanias; dá providencias acertadas para o incremento, defesa, segurança, moralidade, e governo dellas; vae ao Rio de Janeiro, cuja bahia não pode fortificar como era mister para evitar invasão estrangeira, porem representa á côrte, pedindo recursos para isso; funda varias localidades na capitania de S. Vicente, como S. André, e Conceição de Itanhaem.

Acompanharam á Thomé de Souza seis missionarios jesuitas, os primeiros vindos ao Brazil, tendo por chefe o padre Manuel da Nobrega, varão apostolico, de muito saber, piedade, e merecimento, que prestou serviços valiosissimos á nossa chara patria. Este sacerdote fundou na Bahia um collegio, e outro em S. Vicente, e distingue-se por seu ardente zelo evangelico, pregando a palavra divina, convertendo milhares de gentios, catechisando os selvagens, visitando as capitanias, emfim, trabalhando fervorosamente no beneficio moral dos povos, como Thomé de Souza no material.

A Nobrega muito auxiliou seu companheiro João de Aspilcueta Navaro tambem jesuita, talentoso apostolo, que estudou e aprendeu a lingua tupy, na qual ensinava e pregava aos gentios, com summa vantagem.

Por esforços de Thomé de Souza foi em 1550 creado na Bahia um bispado, sendo D. Pedro Fernandes Sardinha o primeiro bispo, o qual tomou conta do governo episcopal em fins de 1551.

Duarte da Costa (2.º gov. ger.) á 13 de julho de 1553 succede na administração da metropole. Mais dezeseis missionarios jesuitas acompanham este governador, entre os quaes veiu o celebre José de Anchieta, ainda diacono, ao qual talentos, virtudes, serviços, e trabalhos apostolicos assignalaram tanto que mereceu o epitheto de *Apostolo do Novo Mundo*. Entre os valiosos serviços

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

deste heroe da charidade conta-se a fundação de varios collegios, e a transferencia do de S. Vicente para S. Paulo, origem da cidade deste nome.

Imprudente e orgulhoso, Duarte da Costa plantou a discordia em sua administração. Intrigou-se com os altos funccionarios publicos, com o bispo e jesuitas, occasionando isso o querer patrocinar actos desregrados de Alvaro da Costa, seu filho. Mostrou-se menos perito e reflectido que seu antecessor, e atrasou, com seu proceder caprichoso, o progresso que ia tendo a colonia.

As grandes luctas entre o governador e bispo repercutiram até a côrte de Lisboa, que chamou o ultimo. Embarcado o bispo á 2 de junho de 1556, naufragou á 16 do mesmo mez quasi a foz do rio Cururipe, e foi devorado e seus companheiros pelos indios Cahetés.

Por maior calamidade sublevaram-se os gentios de Pernambuco, de todo o litoral ao sul do Espirito Santo, infestando a costa: até na capital ostentavam sua audacia, porque viam o governador baldo de recursos para repellil-os. Nesta emergencia, Alvaro da Costa presta valiosos e importantes serviços, batendo os selvagens.

E ainda por cumulo de males, os francezes invadem o Rio de Janeiro, depois de bem certificarem-se que não seriam desalojados, visto como o governador se achava espurio de meios para expulsal-os. E assim termina-se este nefasto governo, tendo se decorrido os tres annos da carta de nomeação.

Mem de Sá Barreto (3.º gov. ger.) succede-o em 1558. Era magistrado (desembargador) integro, varão de muito saber, virtude, prudencia, e valor, digno e capaz de sanar as chagas do governo desastrado de Duarte da Costa. Seu exercicio não era limitado á tres annos como dos precedentes governadores, porem com a clausula de occupar o cargo em quanto bem servisse.

Concentrou seus esforços: 1.º em restabelecer a paz e harmonia, congraçando os colonos em mutua amisade, atacando e banindo os abusos dos empregados da justiça, que excitaram questões para viver á custa dos demandistas; 2.º bater os gentios em Espirito Santo onde succumbe seu filho Fernando de Sá, pelejando os Goytacazes; em Porto-Seguro e Ilheos venceu e destroçou os Aymorés, com o auxilio do portuguez Vasco Rodriguez de Caldas; desfez e aniquilou a celebre confederação dos Tamoyos (selvagens do Rio de Janeiro colligados com as tribus do sul) no que valeu-lhe poderosamente o decidido concurso de Nobrega, Anchieta, e do indio Martim Affonso *Tebyreçá*; 3.º na expulsão dos francezes huguenotes.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

§ *Invasão franceza.*

Nicolau Durand de Villegaignon, almirante francez, coadjuvado pelo soberano Henrique II e o ministro de Coligny, sahe do Havre com forte armada e grande numero de huguenotes (calvinistas) para em nome de sua nação fundar no Brazil uma colonia, que chamariam *França Antartica.*

Aporta e desembarça em Nictheroy (novembro de 1555), e funda o forte ainda hoje chamado Villegaignon. Ali maltrata seus companheiros, que d'elle se quizeram desfazer assassinando-o, porem venceu-os á força de atrocidades. Neste interim recebe novos reforços de calvinistas e theologos.

Passão-se estes acontecimentos ainda no governo de Duarte da Costa, cuja impotencia para debellar tam audaz inimigo ficou demonstrada. Succedendo-lhe Mem de Sá o vimos occupado na missão de plantar a paz entre os colonos, e domar os gentios. Com a chegada, porém, deste governador coincide a retirada de Villegaignon, que acolheu-se á França, e abjurou o calvinismo, pelo que mereceu o nome de *Caim da America*, com que apellidaram-no seus partidarios.

Mem de Sá intima por escripto aos Francezes (15 de março de 1560) que se rendam, ao que não accedendo deu-lhes tão vigorosa e tremenda peleja que apossou-se da ilha, aprisionou mais de cem, mandou arrasar o forte, e recolher a artilharia ao Rio de Janeiro.

Proseguindo jornada á S. Paulo, Mem de Sá, e regressando, vê os Francezes de novo alojados no mesmo ponto, restaurando suas fortificações. Exigia a prudencia que, vencidos os inimigos, e demolidas suas fortificações, ali ficasse um corpo de observação para batel-os si voltassem, e não permittir-lhes guarida. Mas, o governador á custo mantinha-se: difficultosamente angariou forças para este ataque, e não dispunha de outras para conserval-as de observação. O que fizera tinha já sido de mais visto, o isolamento em que se achava.

Somente apoz muitos annos, governando á Portugal D. Sebastião, por instancias de Mem de Sá e dos jesuitas, foi que a côrte enviou Estacio de Sá, sobrinho do governador, valente capitão portuguez, com uma frota para expulsar os Francezes, e fundar uma cidade no Rio de Janeiro.

Auxiliado pelas auctoridades subalternas e jesuitas, ajunta tropas, arma cidadãos, concentra emfim todas as forças que foi possivel obter na Bahia e capitanias, e as entrega ao superior com-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

mando de Estacio de Sá que em fevereiro de 1565 desembarca juncto ao Pão de Assucar; fortifica-se; e lança os alicerces da cidade de S. Sebastião.

Todo esse anno passou-se em escaramuças sem resultado. Informado por Anchieta das luctas improficuas travadas com inimigos pertinazes, o governador formou os contingentes que poude alcançar em S. Vicente e Espirito-Santo, onde encorporou-se o valoroso indigena Martim Affonso *Arariguiboia*, e confiou a expedição á Christovam de Barros, que partiu para o Rio, onde chegou á 19 de janeiro de 1567.

E porque o dia seguinte fosse o de S. Sebastião, padroeiro da cidade, o governador determinou-o para o ataque, que foi porfiado, cabendo a victoria á Mem de Sá, que perseguiu encarniçadamente os Francezes em todos os seus reductos, dando-lhes cabal derrota. A victoria custou a vida á Estacio de Sá e grande numero de bravos.

Terminada a guerra, Mem de Sá dispoz os negocios, mudou a séde da cidade para o *mórro do Castello*, e deu-lhe por governador Salvador Corrêa de Sá, outro sobrinho seu, que prestou serviços relevantes.

Vêdes por tanto que Mem de Sá é um vulto importante neste periodo da historia patria.

Em seu governo (1559) chegou o segundo bispo D. Pedro Leitão, que conferiu a ordem sacra de *presbytero* á José de Anchieta, então *diacono*.

Depois de muito instar por successor teve-o em 1573, entregando o governo, á que nobilitou por quatôrze annos, á Luiz de Britto de Almeida, não tendo o goso tão inclyto varão de regressar á patria, porque, pranteado de todos, falleceu e sepultou-se na cidade do Salvador, legando ao Brazil saudavel recordação.

Luiz de Vasconcellos, nomeado para substituil-o, vindo em uma frota de seis navios e uma caravella, e trasendo setenta jesuitas, cujo chefe era o padre Ignacio de Asevedo, foi atacada a expedição por navios dos huguenotes, commandados por Jaques de Soria e João Capdeville. O governador morreu no combate; os missionarios foram martyrisados ou prisioneiros.

Luiz de Britto e Almeida (4.º gov. ger.) notavel por se haver dividido o Brazil em dous governos: um ao norte cuja capital foi a Bahia; outro ao sul cuja capital foi o Rio. Para este nomeou-se *Antonio de Salema*; para áquelle reservou-se Luiz de Brito. Ambos combatem o gentio do interior: Brito ensaia a exploração das minas. A divisão do Brazil em dous governos subsistiu por qua-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tro annos (1573—1577), sendo nesta data fundido em um só, e dirigido por Brito.

Diogo Lourenço da Veiga (5.º gov. ger.) em cuja administração o Brazil passou com Portugal ao dominio da Hespanha.

II. Dominio hespanhol.

Morrendo D. Sebastião succedeu-lhe o cardeal D. Henrique, que, por seu estado sacerdotal, falleceu sem successão, vindo á corôa de Portugal, sem herdeiro legitimo ser usurpada por Philippe II de Hespanha. Este desastroso acontecimento (1580) fez passar o Brazil para o dominio hespanhol.

Manoel Telles Barreto (6.º gov. ger.) emprehende a conquista da Parahyba; subjuga o gentio; fortifica o litoral. Em seu governo fundam em Olinda seus primeiros conventos os religiosos capuchinhos e carmelitas; e na Bahia os benedictinos.

Francisco de Souza (7.º gov. ger.) distingue-se pela conquista que fez do Rio Grande do Norte; expulsão dos corsários inglezes, francezes e hollandezes, que infestavam a costa, obtendo de seus governos carta de côrso para aprisionarem navios portuguezes, contra quem se achavam em questões.

Diogo Botelho (8.º gov. ger.) bate o gentio, continúa a conquista do norte, manda explorar o Ceará e Maranhão.

Diogo de Menezes (9.º gov. ger.) encarregado do governo do Brazil ao norte (1608) dividiu a colonia em dous governos geraes, que subsistiram pouco, sendo em 1616 redusidos á um só. Installou a relação da Bahia, creou tres novas capitanias (Ceará, Maranhão, e Pará) erigidas em 1621 em *Estado* separado do resto do Brazil.

Gaspar de Souza (10º gov. ger.) succede-lhe na administração do norte, presta relevantissimos serviços, expulsando, com o valioso concurso dos heroicos chefes Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura, os francezes do Maranhão, estabelecidos e condusidos por Jaques Riffault, De Vaux, e La Ravardiere (1614).

Luiz de Souza (11º gov. ger.) reune os dous governos do Brazil em um só; conquista o Pará aos gentios; emprega nesta lucta titanica Jeronymo Fragoso de Albuquerque e Bento Maciel Parente, que prestaram importantes serviços, posto o ultimo praticasse muitas atrocidades.

Diogo de Mendonça Furtado (12º gov. ger.) foi avisado que na Hollanda se preparava forte expedição contra o Brazil. Carente de recursos, com difficuldade reune pouco mais de duzentos soldados e mil paisanos para se oppôr á *primeira*.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III. Invasão hollandeza. (Bahia.)

Sôb o commando de Jacob Willekens e João Vandort, á 8 de maio de 1624, a frota hollandeza ançóra em frente da Bahia; no dia seguinte penetra na barra; no posterior toma a cidade, sem embargo da heroica resistencia do governador, que é preso.

Mathias de Albuquerque (13º gov. ger.) succedeo-o. Com o auxilio do bispo Marcos Teixeira, que, trocando a mansuetude pastoral pelo ardor bellico, depõe o baculo, empunha a espada, commanda batalhões, com sua palavra eloquente e auctorisada leva o enthusiasmo, domina os corações, revive o patriotismo adormecido, vence o inimigo; e do general, enviado pela metropole, *D. Fradique de Toledo*, consegue expulsar os hollandezes (1.º de maio de 1625) evacuande a cidade, apoz heroicos e prolongados certames.

Experimentado e victorioso nessa tremenda lucta, Mathias de Albuquerque é transferido para governador da capitania de Pernambuco por constar á côrte que os hollandezes, reppellidos da Bahia, preparavam-se com sanha e respeitaveis forças para atacar áquella capitania então mui opulenta. E de facto em breve realisou-se a *segunda*.

§. *Invasão hollandeza.* (Pernambuco.)

Diogo Luiz de Oliveira (15º gov. ger.), conde de Miranda, succede á *Francisco de Moura* (14º gov. ger.) em cujo governo nada occorreu de notavel.

A' 14 de fevereiro de 1630 appareceu em frente de Olinda a armada hollandeza, que no dia seguinte rompe em fogo vivissimo sobre a cidade. Era commandada pelo almirante bátavo *Henrique Loncq*.

E ao passo que fazia entrada a frota no porto do Recife, já tropas hollandezas, desembarcadas em *Pau-Amarello*, commandadas pelo general *Theodoro Vandemburg*, em numero de quatro mil, avançavam para apoderar-se de Olinda.

As forças combinadas deviam simultaneamente atacar Pernambuco. Sem embargo de achar-se desprovido de meios de defesa, *Mathias de Albuquerque* sae ao encontro de Vandemburg, travam-se na passagem do *Rio-Doce*, onde Albuquerque é vencido mau grado prodigios de valor seu e dos bravos companheiros.

Prosegue Vandemburg marcha triumphante até Olinda onde *Salvador de Azevedo* disputava-lhe o passo, mas cede a força numerica dos bátavos, pelejando até o extremo. Assenhoream-se os

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

inimigos de Olinda, cujos habitantes, tomados de panico, mais cuidavam da fuga, que da peleja.

Neste tempo a esquadra, operando o desembarque, toma os dous fortes que defendiam o Recife, após esforços inauditos de *João Fernandes Vieira*, e *Antonio de Lima*, que, com um pugilo de bravos e poucos intrepidos soldados guarneciam á *São Jorge* (forte do terra) e *São Francisco* (forte do mar).

Então, Mathias de Albuquerque, com o intuito de cortar as communicações entre Olinda e Recife, reunindo os poucos bravos que se não acobardaram em face do potente inimigo, sentou seu acampamento em uma pequena eminencia sita entre os hollandezes, á que chamam *Arraial, ou Campo Real do Bom Jesus*, fortificando-o o melhor que poude. E para perseguir o inimigo, que via suas relações cortadas, creou ás famosas *companhias de emboscada*, com as quaes offerecia-lhe tiroteios vantajosos e constantes, e ao mesmo tempo lhe serviam de defesa ao arraial, ao qual se não atreviam os hollandezes investir sem risco. Disto certificaram-se quando Loncq foi batêl-o, e sahiu vencido, devendo a vida á veloz carreira do seu cavallo. Commandou a acção o indio *Poty* (camarão), que distinguiu-se em toda a posterior lucta, e é conhecido na historia por *D. Antonio Philippe Camarão*.

Como este, pequenos revezes do inimigo proporcionavam minguadas victorias aos pernambucanos. Estes debalde invocavam auxilios da metropole que os abandonava ás forças proprias; aquelle tambem os esperava da Hollanda, que os deixava encerrados em suas posições (Olinda e Recife), prolongando d'ess'arte a indicisão da victoria para ambas as partes.

Resolveu-se Loncq retirar-se para a Europa, deixando o commando da esquadra a *Valbech*, que tenta apoderar-se da ilha *Itamaracá*, donde é vigorosamente repellido por *Salvador Pinheiro*, conseguindo apenas fundar na extremidade sueste da ilha o forte *Orange*.

A Hollanda, cujos desejos eram saciar a sêde que nutria de aprisionar os galeões que conduziam ouro do Mexico para Hespanha, expede, ao mando do almirante *Adrião Patrid* uma frota de deseseis navios para essa lucrativa empresa, e ao mesmo tempo para deixar em Pernambuco reforços aos seus. Avisada a côrte de Madrid, aparelha uma esquadra de desenove vasos de guerra e trinta e quatro de comboio, com o duplo fim de dar caça aos batavos, e levar á Pernambuco e Bahia soldados e petrechos bellicos. Confiou a armada á *D. Antonio de Oquendo*, e a tropa de desembarque ao general italiano *conde de Bagnuolo*.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A' 12 de setembro de 1631 encontraram-se em mares da Bahia as duas respeitaveis frotas. Travou-se renhida pugna, que terminou-se indicisa, após longas horas de porfiado combate. Ambos os contendores arrogavam á si a victoria; entretanto, a náu almiranta hollandeza foi incendiada: a hespanhola foi á pique. Patrid, no momento supremo da lucta, vendo o anjo lugubre da morte baixar-lhe sobre a cabeça, encarando os dous temerosos occeanos d'agua e fogo, envolve-se no pavilhão nacional, e precipita-se no mar, proferindo estas memoraveis palavras: «*O oceano é o unico tumulo digno de um almirante bátavo*». Oquendo retira-se para a Europa levando desarvorados a mor parte de seus navios!

O conde de Bagnuolo desembarca em *Barra-Grande* e encorpora-se ao arraial de Albuquerque, despertando com o auxilio trazido grande enthusiasmo nos acampados, e levando á Olinda crescido susto, porquanto os hollandezes, ignorando o numero de soldados chegados aos portuguezes muito se amedrontaram. Exagerando a fama os reforços chegados, Vandemburg resolveu concentrar todas as forças no Recife e incendiar Olinda. Antes, porém, de realisar tão desesperado projecto mandou propôr á Mathias de Albuquerque o seu resgate. Mas, o general portuguez, conhecendo os artificios do inimigo, respondeu-lhe: «*Queimai Olinda, se a não podeis conservar: não nos faltarão os meios de melhor a reedificarmos.*»

Mui consternados ficaram quando viram seu engano, e mais ainda quando experimentaram successivas perdas. Com effeito, foram batidos em Cabedêlo por *João de Mattos Cardoso*; no Rio do Norte por *Cypriano Pitta*; no Rio Formoso o proprio Vandemburg é repellido; e no Pontal de Nazareth vencido por *Bento Maciel Parente*. Deste modo, não podiam arredar-se do Recife sem que o patriotismo dos nossos lhes não levasse de vencidá em todos os combates, e cortasse as aspirações de augmento de dominio.

Um facto, porem, assaz contristador, uma traição, veiu dar nova face á guerra, augmentar o poderio hollandez, proporcionar-lhe victorias, abrir-lhe o caminho da gloria, e prostrar em calamidades, derrotas, e provações os heroicos defensores da patria. *Domingos Fernandes Calabar*, natural de Porto-Calvo, perfeito conhecedor da terra, costa de Pernambuco, e capitanias visinhas, soldado intelligente, bravo, e astucioso, deserta do Campo Real do Bom Jesus (20 de abril de 1632) para o campo dos hollandezes. Ignora-se o movel que instigou Calabar á praticar tão abominavel acção, porem toda severidade é pouca para julgar-se esse acto degradante!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A traição de Calabar, porem, não teve imitadores, e não os devem ter actos abominaveis! Porem foi mui vantajosa aos contrarios, porque Calabar erigiu-se em conductor, director, e inspirador dos hollandezes, que, por elle guiados, realisaram uma serie de esplendidos triumphos!

Vandemburg ataca, apodera-se, e saqueia a villa de Iguarassú, á cujos habitantes, apanhados de surpresa, prende, captiva, e trucida; Van Scoppe ataca e toma o forte do Rio Formoso; apossa-se e saquêa a ilha de Itamaracá; tenta a conquista da Parahyba; bate e ganha varios portos do cabo de Santo Agostinho; Rembach, sucessor de Vandemburg, consegue o posto dos Afogados; *Ceulen* apossa-se da fortaleza dos *Reis Magos*, no Rio Grande do Norte; Segismundo realisa a conquista da Parahyba; *Lichthardi* ataca e toma a villa de Pórto Calvo; Van Scoppe, emfim, depois de seis mezes de lucta, de pertinacia, de heroica resistencia, da mais gloriosa defesa dos nossos, apossa-se da fortaleza de Nazareth, que cedeu mais ao imperio da fome e privações do que ás armas. E em remate de todos os dezastres, o famoso Campo Real do Bom Jesus, após ter afugentado Loncq, e testemunhado a morte de Rembach, céde e capitula á 6 de junho de 1635. Tudo consequencia dos conselhos, planos, e estrategia de Calebar!

Nesta epocha, Mathias de Albuquerque havia confiado o campo do Bom Jesus ao valente capitão hespanhol Andrés Marin, e se retira para a villa *Formosa de Serinhaem*, onde fundou novo arraial, que era como o centro das operações militares. Capitulando Andrés, e se tornando mais raros os combatentes, Mathias de Albuquerque annuncia aos seus a resolução de retirar-se para Alagoas afim de reunir-se á Bagnuolo, que, tendo de soccorrer Porto-Calvo, para ali dirigiu-se, e depois viu-se obrigado á fugir da sanha do Lichthardt.

Deu-se então a dolorosa tansmigração de M. de Albuquerque com as familias de Pernambuco, as reliquias de tropas, que ao muito seriam quinhentos combatentes!

Era forçoso ao illustre chefe e aos emigrados passarem em Porto-Calvo, para onde tinha sido enviado Calabar com algumas tropas. Em tão afflictiva conjunctura, um dos moradores de Porto-Calvo, o capitão *Sebastião do Souto*, fingindo interessar-se pelos hollandezes, offereceu-se ao governador *Picard* para reconhecer os fugitivos que se aproximavam. Souto assegura a Picard que ao muito seriam duzentos os emigrantes. O governador manda á seu encontro trezentos homens commandados por Calabar, e guiados por Souto. Este, chegando em frente de Albuquerque passa-se

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

para os seus, que denodadamente atacam os hollandezes e os perseguem até dentro da praça cuja guarnição se rende. Calabar é preso: sobe ao patibulo no mesmo lugar do seu nascimento, como premio de sua execranda traição! Os hollandezes cedem o passo, e ficam os pernambucanos senhores da villa, cujas fortificações arrasaram.

Albuquerque não desvaneceu-se com este momentaneo triumpho: continuou sua peregrinação. De Alagôas tomaram os emigrados destinos diversos, separando-se, encaminharam-se para a Bahia e Rio de Janeiro.

A côrte de Madrid, posto não enviasse soccorros abundantes, nem contribuisse para minorar os males que affligiam a colonia pernambucana, levou á mal a retirada de Albuquerque, e apavorou-se com o engrandecimento do Brazil hollandez. Resolveu enviar successor á Albuquerque, que á 15 de Dezembro de 1635 entregou o governo de Pernambuco á *D. Luiz de Rojas e Borja.*

Pedro da Silva (16º gov. ger.) conde de S. Lourenço, vem na mesma occasião que Borja.

Este general entendeu atacar o inimigo e depois de alcançar victoria em Porto-Calvo, de novo em poder dos hollandezes, dirigiu-se para o norte, sendo desastrosamente morto, e todo o exercito ficaria aniquilado á não sér á tempo soccorrido por Camarão e *Francisco Rebello,* á quem Borja havia confiado a occupação de Porto-Calvo.

O conde de Bagnuolo succede á Borja, e encetou uma serie de gloriosas guerrilhas que ao inimigo enfraqueciam e desmoralisavam. Nesses ataques de improviso e correrias, muito distinguiram-se Rebello, Souto, Camarão, já assaz celebrados, e o heroico preto pernambucano *Henrique Dias,* e o parahybano *André Vidal de Negreiros* que importante papel representaram nesta pugna.

Por seu turno, a administração da colonia hollandeza, na Europa, não podia tolerar tanta morosidade n'uma conquista que se lhe antolhara facil. Entra em ajustes com o principe *Mauricio de Nasseau,* celebre nas lettras e na guerra, para vir governar o Brazil hollandez.

Chegado Nasseau á 23 de janeiro de 1637, tratou logo de bater o conde de Bagnuolo, que se havia novamente fortificado em Porto-Calvo, tantas vezes celebre por nossas victorias e revezes. Na Barra-Grande travou-se renhido combate: houvé prodigios de va-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

lor: Bagnuolo manteve-se como heroe; Rebêllo e Souto portaram-se com invejavel denodo; Camarão e sua mulher *D. Clara Camarão* immortalisaram-se por inauditas proesas; o negro Henrique Dias, tendo a mão esquerda arrancada por uma balla, pensa a mão offendida, vôa ao combate, respondendo aos que lhe embargavam o passo: «*Basta-me a direita para servir ao meu Deus e ao meu rei: cada um dos dêdos desta que fica me fornecerá os meios de me vingar.*»

Bagnuolo, porem, á noute retirou-se em ordem para Alagôas, deixando fraca guarnição ao mando de *Miguel Giberton*, que resiste até 7 de março, e capitula.

Nasseau persegue á Bagnuolo, que susta sua marcha fugitiva em *Garcia d'Avila*, por lhe não consentir o governador Pedro da Silva recolher-se á Bahia. Continúa Nasseau suas conquistas; funda o forte *Mauricio* na embocadura do rio S. Francisco, e recolhe-se ao Recife, onde desenvolve providencias administrativas que muito o honram. Por outro lado o almirante Van Scoppe se apossava de Sergipe, abandonado por Bagnuolo, cuja cobardia augmentava d'ess'arte o dominio hollandez.

A' instancias da Hollanda, Nasseau dirige-se á Bahia, tenta apoderar-se da cidade do *Salvador*. Mas o governador, coadjuvado por Bagnuolo (com quem se reconcilia), Camarão, Souto, Rebello, e Henrique Dias, força-o regressar á 26 de maio de 1638.

Tanto a Hollanda como a Hespanha recordaram-se então de suas possessões de ultra-mar (1639), pois, enviam-lhe reforços, que vieram animar as luctas, estimular os brios, e appressar a solução dos negocios.

D. Fernando de Mascarenhas (17º gov. ger.) conde da Torre, é enviado com formidaveis forças navaes; traz onze galeões castelhanos e sete portuguezes. Além desses consegue das Ilhas, do Rio de Janeiro e do Prata varios navios de guerra e mercantes para desembarque; forma ao todo uma armada de oitenta e nove vasos, montando duas mil e quatrocentas peças; e embarca-se com Bagnuolo, Henrique Dias, e D. Francisco de Moura. Despede por terra á Negreiros até Pernambuco e Parahyba, e *João Lopes Barbalho*, Camarão, e *Magalhães* até Alagôas.

As forças maritimas de Mascarenhas encontram-se á 12 de janeiro de 1640 com as hollandezas sob o commando de *Willem Cornelissen*, defronte da Parahyba. Compunham-se estas de quarenta e um navios, que travaram-se com os nossos, e houve temerosa lucta, na qual morreu logo o almirante bátavo, sendo substituido por *Huyghens*. Prolongou-se a peleja por dous dias e duas

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

noutes; por muitas vezes esteve indicisa a victoria; afinal coube aos hollandezes; sendo dispersada a armada portugueza que em varios portos chegou mui desbaratada.

Nasseau não colheu os fructos desta victoria, porque já lavravam profundas dissenções entre elle e os agentes hollandezes, de modo que se agravando jornaleiramente sollicitava constante sua exoneração.

Os chefes brazileiros não se descuidavam de por terra em perseverantes guerrilhas encommodar o inimigo, quando (março 1640) nova armada hollandeza vem com terminantes ordens á Nasseau para atacar a Bahia. Este nega-se, e encarrega aos almirantes *Lichthardt* e *Jol* dessa commissão, que cumprem, fazendo varias prezas no *Reconcavo*.

D. Jorge de Mascarenhas (1.º vice-rei), marquez de Montalvão, é enviado ao Brazil pela côrte hespanhola com o titulo de *vice-rei, capitão general do mar e terra, empresa e restauração do Brazil*, e chegando a Bahia, logo depois vem a grata noticia de haver desabado o dominio hespanhol, e se restaurado a nacionaldade portugueza, subindo ao throno D. João IV.

IV. Exaltação da dynastia de Bragança.

Este acontecimento politico muito influiu na solução da guerra hollandeza: estimulou os colonos á imitar os brios da metropole, que acabava de sacudir o jugo hespanhol; e fez despertar Nasseau, que mais cuidava em retirar-se que se conservar no Brazil onde seu prestigioso nome ia sendo alvo de aggressões injustas: entretanto, attendendo que breve D. João IV mandaria expulsal-o, cuidou, por factos estrondosos e novas conquistas, em firmar o poderio da Hollanda.

Assim, pois, Sergipe foi occupado por tropas hollandezas; Lichthardt e *Koin* conquistam o *Maranhão* e *Ceará*, apezar dos tratados celebrados com a Hollanda nos quaes estipulava-se que se guardaria uma tregua de dez annos.

D. Antonio Telles da Silva (19º gov. ger.) succede ao infeliz Montalvão que foi enviado preso por suspeitas politicas. Silva aparentava muita cortezia á Nasseau e zelo pelos tratados, mas os transgredia, incitando os colonos á revolta e independencia nacional.

Em Maranhão, Antonio Moniz Barreiros e Antonio Texeira de Mello lançaram o primeiro grito de emancipação, e de facto foram expulsos os batavos em fevereiro de 1644. A centelha converteu-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

se em incendio. O Ceará tambem libertou-se. E Pernambuco, o mais trucidado, começa a pujante e gloriosa insurreição que em breve deu-lhe a mais esplendida victoria! Nesta heroica capitania alça o ingente brado *João Fernandes Vieira*, o primogenito da liberdade pernambucana!

Coincide a retirada de Nasseau (22 maio) com esse movimento que vae libertar a patria. Succede-lhe na governança tres negociantes, *Hamel*, *Boolestrate*, e *Bas*; e na guerra o coronel *Haus*, todos ambiciosos, intolerantes, e fanaticos, traçaram sua administração por norma adversa á de Nasseau, commettendo desmandos inauditos.

Tal procedimento exacerbou os colonos, e *João Fernandes Vieira* começou a tramar a revolução. Telles da Silva concebe, inspira, e determina á Negreiros uma viagem ao norte áfim de observar e sondar os animos. Este, em desempenho da missão, vae a Pernambuco onde achou dispostos á promovêl-a o muito assignalado João Fernandes Vieira e o rico fazendeiro pernambucano *Antonio Cavalcanti*.

Telles da Silva nomêa Negreiros governador da *fronteira do norte* (o rio Real, em Sergipe); faz partir para os centros de *Pernambuco* o heroico Henrique Dias com seus pretos, e Camarão com seus indios. E, secundando á Telles da Silva, Vieira, á 13 de junho de 1645, a frente dos *insurgentes* toma as armas em Pernambuco!

Pretenderam os hollandezes afogar em sangue os insurgentes. Antes porem de começarem qualquer hostilidade enviam a Bahia dous emissarios, *Balthasar Voord* e *Hoogstreete* á pedir explicações ao governador, e incriminal-o pela conducta dos insurgentes. Telles da Silva ao passo que dava as mais artificiosas satisfações, tambem tratou de chamar á si Hoogstreete, que entregou aos nossos o forte de Nazareth, não acontecendo o mesmo á Voord que é mandado á Hollanda pedir soccorros.

Aterrado o conselho hollandez de Pernambuco com a posição de Vieira á frente dos insurgentes, manda-lhe offerecer duzentos mil ducados (dous milhões) se quizesse trahir seus companheiros, abandonando-os. Vieira repelle semelhante affronta injuriosa á seus brios. Despeitado o conselho, e ao mesmo tempo assombrado por tam nobre rasgo, publica um decreto, pondo em almoeda a cabeça de Vieira, e declarando que concedia grande premio á quem a cortasse. Vieira, á quem nada abatia, responde, publican-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

do, que «*daria doze mil florins por cada uma das cabeças dos membros do supremo conselho!*» E porque o illustre chefe não contasse com o apoio claro e decisivo do governador Telles da Silva, tomou a nobre resolução de em seu proprio nome declarar guerra á Hollanda!

E em breve tamanha heroicidade esteve á prova em renhido certame: *Haus* bate os insurgentes no *monte das Tabocas*, mas é vencido por Vieira e o capitão *Cardoso* á 3 de agosto de 1645.

Apoz essa victoria, os contingentes de Camarão e Henrique Dias unem-se aos de Vieira, que logo em seguida mais potente se tornou pela junecção dos de Negreiros e *Martim Soares Moreno*. Quando se encontraram os illustres chefes, Vidal de Negreiros e Vieira, abraçam-se em fraternal amplexo, e saúdam-se dando *Vivas a Liberdade e a Fé*.

Com estes poderosos auxiliares não houve mais difficuldade ou duvida para maiores triumphos: os habitantes de Serinhaem e Santo Agostinho, instigados por Cardoso, revoltam-se contra os batavos; Moreno obriga render-se a fortaleza de Serinhaem; Negreiros assiste á capitulação da de Nazareth feita por Hoogstreete. Porem o facto mais brilhante é a capitulação que fizeram *Hoogstreete* e *João Blaar* no engenho *Wigth*, conhecido pelo nome de *casa forte*. Nesta acção Vieira e Negreiros cobrem-se de invejaveis louros.

Na Parahyba os emissarios de Negreiros fundão o arraial de *S. André*; em Porto-Calvo o alcaide-mór *Christovam Lins* força a guarnição hollandeza á capitular; o forte *Mauricio* cahe á esforços do capitão *Nicolau Aranha Pacheco*; o de *Santa Cruz*, perto de Olinda, rende-se aos insurgentes. E ao passo que as armas pernambucanas attrahiam aos combatentes tanta fama, cobrindo-os de louros, estes, por sua união e denodo mais celebrisavam-se. Fundaram de novo o *Campo Real do Bom Jesus*, onde á 7 de outubro de 1645 *o povo, o clero, a nobreza, e a gente de guerra* de Pernambuco acclamaram *seu governador* á João Fernandes Vieira. Dessa epocha começou o assedio regular da cidade do Recife, confiado principalmente ao denodado Henrique Dias.

Findando-se esse anno glorioso nos annaes de Pernambuco, dous factos mui importantes, que assaz demonstram a magnanimidade de Vieira, veem mais realçar sua heroicidade. Aconselhara Telles da Silva que se devastassem os canaviaes, porque os hollandezes mais se afferravam á posse do Brazil em consequencia do lucrativo commercio do assucar. Vieira oppõe-se á essa medida de vandalismo. Mas para que se não concebesse que o fazia

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

em defesa do seu privado interesse, é o primeiro a incendiar os seus! Outro rasgo de grandeza d'alma é o seguinte: Passando um dia por afastado sitio, alguns assassinos traiçoeiramente fazem-lhe fogo, e ferem-no com tres tiros. Mas, desdenhando conhecer os que attentavam contra sua preciosa existencia, segue caminho, cura-se, e volta ás marciaes fadigas!

E assim trabalharam todos na defesa da patria. Pequenos revezes contrariaram as victorias, mas a esperança e o animo sobrepujaram os obstaculos. São repellidos os nossos da ilha de Itamaracá: o Rio Grande do Norte soffre ainda as aggressões e prepotencias do tenaz inimigo: Segismundo apórta ao Recife com soccorros aos seus (1646).

Audazes e ameaçadores, elles propoem amnistia ou combate, os nossos acceitam o ultimo, e por duas vezes *Braz de Barros* e *João de Albuquerque* vencem o altivo Segismundo, que, confuso, retira-se aos muros do Recife. Para lavar-se da derrota manda uma expedição ao rio *S. Francisco*, commandada por Lithchardt, que fallece em viagem.

Mais irritado ainda, vae em pessoa devastar a Bahia. Fortifica-se em *Itaparica*, emquanto sua esquadra assola o *Reconcavo*. Bate-o o intrepido *Francisco Rebello* que morre na acção. Neste comenos é chamado, e retira-se para o Recife, onde estreitava-se o cêrco. (Dezembro 1647).

Antonio Telles de Meneses (20º gov. ger.) conde Villa-Pouca de Aguiar é enviado nesta epocha para substituir á Telles da Silva, porque se envolvesse muito na causa da insurreição. A côrte de Portugal, assim procedendo, queria salvar as apparencias, e dar uma satisfação á Hollanda, que a reclamava attenta a manifesta opposição do governador demittido.

Como, porém, a Hollanda fosse a provocadora, a primeira em infringir a tregua, e continuasse á desrespeitar os tratados, Portugal tambem era forçado a proceder de maneira doble com os desleaes inimigos. E, aconselhando em publico á seus agentes que não se involvessem na lucta de Pernambuco e que ao contrario castigassem os insurgidos, em particular aconselhava força e vigor nas contendas, e enviava soccorros.

Assim, pois, constando-lhe que se preparava uma expedição de sete mil praças que da Hollanda seriam dirigidas á Pernambuco sob o commando de *Cornelisson*, despachou secretamente *Francisco Barreto de Meneses* com tresentos homens em duas caravellas.

Estas forças, porém, mui tarde chegaram aos insurgentes, por-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

que Barreto foi preso na altura da Parahyba, e conduzido ao Recife. Um moço hollandez, *Francisco de Brat*, libertando o illustre portuguez, este reuniu-se ao Campo Real, onde foi reconhecido por mestre de campo-general, commandante dos insurgentes, pois assim era concebida a carta de sua nomeação.

No anno seguinte (março de 1648) os hollandezes, restringidos ao Recife, e fortes do Rio Grande do Norte, Parahyba, e Itamaracá viam aos poucos ir desabando seu poder, e como de costume ameaçam os insurgentes com o combate ou aceitação de trégua, sendo aquelle preferido. E á *19 de abril* pelejou-se a famosa batalha de *Guararapes*, na qual é derrotado Segismundo, e sahem victoriosos os nossos, commettendo acções de indizivel valor Vieira, Barreto, e Negreiros.

Após esse brilhante feito d'armas cobre-se de lucto o campo pernambucano, por baixar ao tumulo, accurvádo pela edade e fadigas o bravo Camarão. Moreno retira-se já velho e cançado para a Bahia. Olinda, mau grado a heroica defesa de H. Dias, torna a cahir em poder dos inimigos.

Estez contratempos foram mitigados com a chegada de *Francisco de Figueróa*, mestre de campo, que, com o auxilio de quatrocentos bravos, foi enviado aos nossos pelo governador. E como os inimigos de novo se acampassem no lugar onde foram vencidos, os intrepidos pernambucanos vão desalojal-os, e pela segunda vez, sahem victoriosos, á 19 de fevereiro de 1649, em *Guararapes*, ficando mortos no campo o coronel *Van dem Brincke*, o almirante *Gielissen*, noventa e dous officiaes, oitocentos e sessenta e quatro inferiores e soldados! Alem de tam consideravel numero de mortos, tomaram os nossos todas as munições, toda a artilharia, e dez bandeiras! Esta victoria retumbante alquebrou as forças hollandezas, e abateu-lhes o animo á ponto de não mais tentarem acção alguma, conservando-se taciturnos no Recife, e inglorios nas tres fortalezas que lhes restavam.

João Rodrigues de Vasconcellos e Souza (21º gov. ger.) conde de Castello-Melhor, é enviado pela côrte, sem instrucções positivas ácerca da guerra, porquanto o governo portuguez meditava então n'um projecto de grande momento.

A' imitação da companhia de commercio das Indias occidentaes, creada e sustentada pelo governo hollandez, creou o governo de Portugal *a Companhia geral de commercio do Brazil*, encheu-a de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

favores, privilegios, e monopolios, que acenavam aos agraciados consideravel somma de lucros.

Sem duvida que era crear tropeços ao commercio livre, unico que pode fazer as nações prósperas, mas as vistas de Portugal eram—acimentar rivalidades entre as companhias portugueza e hollandeza,—armar o commercio de um povo contra o de outro, —acelerar a expulsão dos hollandezes, pois que era uma das condições concorrerem os commanditarios para esse fim.

Por outro lado, a Inglaterra declarou guerra á Hollanda por motivos politicos, e a atacava com impetuosidade tal que á adversaria não permittia distrahisse forças para o Brazil hollandez, que d'ess'arte via-se votado á sacrificar-se ao imperio e pujança dos portuguezes.

Successivas forças navaes e tropas de desembarque foram enviadas pela companhia de commercio. A' *20 de dezembro de 1653* chegou á vista de Pernambuco uma frota de mais de sessenta vasos ao mando de *Pedro Jaques de Magalhães*, depois visconde de Fonte-Arcada, que tendo fallado com os chefes dos insurgentes, decidiram rematar dignamente a guerra. Foi, portanto, bloqueado o Recife por mar, como já o estava por terra.

Começam a render-se as fortalezas, cujos derradeiros écchos do canhão hollandez vão levar aos nossos a detonação da quéda de tão audaz inimigo. A *16 de janeiro de 1654* cahiu em poder dos insurgentes o forte das *Salinas*, e successivamente os de *Santo Antonio, Buraco, Afogados*, e Barreta, sendo os tres ultimos abandonados por Segismundo Van Scoppe, que, na hora extrema se refugia e concentra no das *Cinco-Pontas*.

Desenvolve-se, então, a mais terrivel e desenfreada indisciplina e desordem no acampamento hollandez. O bravo Segismundo é impotente para reanimal-os com o exemplo da mais heroica e decidida coragem. Resistem, comtudo, ainda por quatro dias.

A' *20 de janeiro* André Vidal de Negreiros estava atacando o ultimo reducto de Segismundo, no forte das *Cinco-Pontas*, cujas obras exteriores já estavam tomadas, e quasi á assaltar a fortaleza, quando espalhando-se e assoberbando-se a revolta nos arraes inimigos, vê-se o bravo Van Scoppe coagido, para adoçar o derradeiro dos sacrificios, á enviar ao general Barreto como parlamentario o capitão *Vonter Vanloo*, encarregado de pedir a nomeação de commissarios para regular a capitulação.

Entraram em conferencia os chefes á 24, e á *26 de janeiro de 1654* foi assignada na *Campina do Taborda*, diante do forte das Cinco-Pontas, a capitulação pela qual voltou ao dominio de Portugal tudo quanto os hollandezes ainda occupavam no Brazil.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Grandes foram as recompensas despensadas aos heroes pela corte portugueza. Vieira, Negreiros, e Barreto tiveram o fôro de grande e commendas da ordem de Christo. A' Vieira deu-se o governo da Parahyba, e depois o de Angola; á Negreiros, o do Maranhão, e succedeu á Vieira no de Angola; á Barreto, o de Pernambuco, e depois o da Bahia.

O bravo e benemerito Henrique Dias foi nomeado mestre de campo de um regimento de negros da Bahia, que se não deveria extinguir, e conservaria o nome legendario de *Henrique Dias*. Não haviam recompensas sobejas para tam dignos heroes. O summo pontifice Innocencio X em remuneração aos meritos de Vieira dirigiu-lhe um Breve, no qual chamava-o *Restaurador da Egreja na America*.

Da corte portugueza partiu copia de recompensas aos bravos que libertaram a patria; e uma provisão regia ordenou que se confiassem os melhores cargos da capitania aos officiaes do exercito libertador de Pernambuco, e que se dessem terras aos soldados que não podessem exercer empregos publicos.

5.ª Epocha.

Vice-Reis, ou tempos auriferos.

Esta epocha historica abrange os annos que decorrem de 1640 á 1808. Distingue-se pelo desenvolvimento que teve o Brazil no commercio, população, explorações do interior; mineração, creação de novas capitanias e bispados; organisação judiciaria; fundação de colonias militares e fortalezas; guerras civis; tentativa da independencia nacional; transmigração da familia de Bragança.

Governaram, nesta epocha, o Brazil, simultanea ou cumulativamente os *vice-reis* e *governadores*. Contam-se (neste periodo) quinze *vice-reis*, e treze *governadores*.

De muita vantagem foi para o Brazil a creação da *companhia de commercio*, mas ou por abuso dos agraciados ou por fraqueza do governo houve excessos que a tornaram odienta aos brazileiros, e originaram contendas cujo desfecho por vezes foi mui fatal. A historia de Bequimão, episodio interessante nos fastos maranhenses, o prova bastante. E a guerra dos *mascates* em Pernambuco, e *emboabas* em Minas, ao passo que põe em relêvo o engrandecimento dos portuguezes, comtudo não deixa em occulto, que as prosperidades sobrevindas aos portuguezes eram o resultado dos exuberantes privilegios da companhia, que os chamavam áquelles fabulosos lucros com detrimento dos naturaes do paiz.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

De envolta com os interesses do commercio andava outra aspiração mais ardente, ambição desmarcada, estimulada para empreza mais affouta, que visava no ouro do Brazil manacial perenne de infinitas e incalculaveis riquezas. Eram devorados dessa insaciavel sêde de ouro principalmente os *paulistas*, que por inauditos esforços, trabalhos herculeos, e valor desmedido operavam grandes descobrimentos e explorações não só de minas como do vasto interior do Brazil. E tão gigantescos foram os tentamens dos paulistas, tão opulentos seus descobrimentos, tão pingues as riquezas encontradas na grimpa das montanhas, na profundeza dos valles, e no álveo dos rios, tão incontestaveis seus trabalhos, que imprimiram cunho original nesta epocha historica, que se pode considerar a *edade áurea* do Brazil.

Havia tradicção de existirem copiosas minas de ouro e outras preciosidades mineraes. O governador *Luiz de Britto* em 1573 mandou *Sebastião Fernandes Tourinho* subir o Rio Doce, que percorreu parte do territorio hoje de Minas Geraes, e voltando, revelou que havia ricas e copiosas minas naquelles sitios. Estas explorações foram continuadas por *Antonio Dias Adorno*, que assegurou as proposições de Tourinho, e accrescentou existirem minas de diamantes e outras pedras preciosas.

Ligava mui pouca consideração á colonia para se inquietar Portugal com essas investigações. No dominio de Castella, o colono *Roberio Dias* foi á Madrid offereceu á Philippe II o descobrimento de certas minas de prata, assegurando serem mais abundantes desse metal que as de ferro de Biscaya, e em recompensa exigia o titulo de *marquez das Minas*. Mal avisado andou o soberano em não acceder á vaidade do colono.

Mais tarde outro colono brazileiro *Gabriel Soares de Souza* peregrinou das vertentes do magestoso rio S. Francisco ao Perú em busca do *El-Dorado*. O parahybano *Pedro Coelho de Souza* debalde tentou o encontrar algures. E sabe-se que varias nações, as mais alumiadas, andaram á cata e porfiadas em achal-o. Esta fabula seductora preocupou até os circumspectos inglezes, que expediram *Raleigh* á Guyana para esse fim.

Somente mui tarde, após estudos, sagacidade, e pertinacia dos padres jesuitas, foi que se exploraram as minas da montanha de Jaraguá, a mais antiga da colonia portugueza. Coube, porem, esse resultado aos paulistas.

Homens emprehendedores e afoutos, aventureiros felizes e temerarios, educaram-se na eschola das empresas arriscadas, retemperaram-se na adversidade, robusteceram-se nas luctas, ensober-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

beceram-se com os triumphos alcançados sobre obstaculos mais insuperaveis, e portanto, ficaram senhores do paiz que trilharam, conquistando para si riquezas e immortalidade, e para a patria gloria e prosperidade. Posto a historia stygmatise seu caracter algumas vezes feroz, comtudo é forçoso tributar-lhes a devida recompensa, conservando em relevo seus importantes serviços.

Como dissemos, descobriram os jesuitas as minas de Jaraguá. Mas os paulistas, que lhes moviam encarniçada guerra, arrebatam-lhes o dominio, e dellas se apossam. Este triumpho é augmentado com explorações novas, nas quaes conquistam as de Sabará (1690). E, proseguindo sua marcha victoriosa, abatem as hordas ferozes dos *Botocudos*, e fundam *Ouro Preto* (1697). De balde tentam os portuguezes tomar-lhes a presa. O *rio das Mortes* é uma tradicção lugubre, que, indicando a victoria dos paulistas, derrota dos outros, e carnificina reciproca, assignala tambem a grandeza da lucta.

Internando-se pelos sertões mais invios tudo avassalavam. Já em 1674, *Domingos Jorge*, penetrando pelas cabeceiras do Gurguéa, fundou fazendas de crear no Maranhão e Piauhy. E' com toda a razão considerado o fundador do *Piauhy*.

Em 1673, *Paschoal Paes de Araujo* penetra na provincia de Minas, segue pela de Goyaz, alcança as cabeceiras do Tocantins, excitado pelo ardor dos descobrimentos de mineraes preciosos: morre, e é substituido por *Fernão Dias Paes*.

Em 1719, *Paschoal Moreira Cabral*, subindo o rio *Cuchipomirim* edificou algumas cabanas em suas margens. No seguinte anno muda o arraial para a *Forquilha*, abundante em ouro, e em 1723 o transfere para *Cuyabá*.

Bartholomeu Bueno, explorador paulista, descobre as minas dos *Martyrios* cujos vestigios perdeu, mas em compensação acha outras em *Goyaz*, apossa-se, e funda um arrayal onde é hoje o sitio *Ferreiros*. E tão uberes eram que um seu filho com o producto das lavras formou uma collecção de fructos brazilicos, de tamanho natural, e pessoalmente a foi offertar á D. João V. Prosperou de tal modo a povoação de Bueno que em 1730 tomou o titulo de *Villa-Boa*.

Em 1734, *Fernando Paes de Barros* e *Arthur Paes* descobrem o immenso territorio de *Matto-Grosso*, e fundam a primeira povoação de *S. Francisco Xavier*. Estes commettimentos que exigiam para sua realisação tempera forte, animo infatigavel, e ambição illimitada, tambem impelliram *Antonio da Fontoura Lobo* á penetrar até *Sérro-Frio* onde em 1729 foi achado o primeiro diamante.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Taes foram as heroicas façanhas dos paulistas, verdadeiros trabalhos de Hercules, que vieram dar face nova á nossa chara patria.

Emquanto passavam-se no Brazil esses gigantescos successos, a côrte de Portugal via subirem ao throno de Bragança sete monarchas, que para comnosco tiveram o seguinte proceder:

D. João IV, que auxiliou-nos á expulsar os hollandezes, si bem que as difficuldades da restauração de Portugal, seus inimigos hespanhoes, e os tratados favoraveis com a Hollanda o inhibissem de tomar attitude mais energica.

D. Affonso VI, filho do precedente, que reinou pouco, restringiu os amplos privilegios da *companhia de commercio*, attendendo os clamores justos que contra ella dirigiam os povos e governadores do Brazil.

D. Pedro II, irmão do antecedente, que bastante cooperou para o engrandecimento do Brazil, fazendo melhor divisão administrativa das capitanias; creando os bispados do Maranhão, Pernambuco, e Rio de Janeiro; e elevando o da Bahia á arcebispado. No seu reinado começaram as audaciosas emprezas dos paulistas; deram-se as guerras civis dos *emboabas* e *mascates*, excitadas pelas rivalidades de portuguezes e brazileiros; fundou-se a *colonia do Sacramento* para garantir nossas fronteiras no Rio da Prata; e foi aniquilado o celebre quilombo, *Republica dos Palmares*, formado de negros, assassinos, e malfeitores homisiados na montanha da *Barriga* na provincia de Alagoas. Emfim, no governo de D. Pedro II deu-se tambem a *segunda invasão franceza* do Rio de Janeiro.

Alliando-se Portugal á Inglaterra e Hollanda que protegiam a côrte d'Austria na pretenção de collocar no throno de Hespanha o principe Carlos em opposição á Philippe de Anjou, neto de Luiz XIV de França, resultou que teve de soffrer as affrontas da Hespanha e da França.

A Hespanha tomou-nos a colonia do Sacramento: mas em breve fez-se a paz e houve ajustes rasoaveis. A França envia contra o Rio de Janeiro uma flotilha de seis vasos sob o commando de *Duclerc* (1710), que, mau grado a cobardia do governador *Francisco de Castro de Moraes*, não conseguiu triumphar. Entrou na cidade: mas acossado pelos paisanos, estudantes, e algumas praças capitulou na tarde de 19 de setembro. *Gregorio de Castro de*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Moraes, irmão do governador, fazendo diametral contraste com este, e *Francisco de Macedo Britto* portaram-se com verdadeira heroicidade, e bastante contribuiram para nossa victoria.

Esta, porém, foi manchada com assassinato de Duclerc, perpetrado á noute por dous embuçados que penetraram em sua casa.

Tomando por motivo vingar a morte de Duclerc, o ousado *Duguay-Trouin*, notavel maritimo da França, veiu em uma esquadra de dezoito navios atacar o Rio. A' 12 de setembro de 1711 toma e saqueia a cidade e as casas, fazendo riquissimo cabedal no mais desenfreado esbulho.

O mesmo governador Castro, por cumulo de vergonha, ajustou com o saqueador o resgate, mediante seiscentos e dez mil cruzados em dinheiro, quinhentas caixas de assucar, e duzentos bois, cujo pagamento realisou-se em quinze dias, satisfazendo-o os cofres do estado, e as corporações religiosas.

Contra tam cobarde governador representou o senado da camara do Rio, e a côrte condemnou-o á degredo e prisão perpetua em uma fortaleza da India.

D. João V, filho de D. Pedro II succede-o no throno portuguez. Em seu reinado o Brazil attingiu á alto gráu de prosperidade. Os paulistas continuaram com vehemencia em suas lucrativas descobertas. Cuidou-se na mineração: e abundante copia de metaes e pedras preciosas foi enviada a côrte. O rei dividiu e creou novas capitanias ao sul; inaugurou os bispados do Pará, S. Paulo e Mariana, e as prelazias de Goyaz e Cuyabá. Mereceu-lhe especial cuidado a organisação judiciaria da colonia. Crearam-se algumas fabricas; e foram protegidas as lettras, o commercio, e a industria.

D. José I, filho do precedente, que teve por primeiro ministro o celebre *Sebastião José de Carvalho e Mello*, conde de Oeiras, e depois *marquez de Pombal*. Distingue-se o reinado deste principe por uma serie de actos attribuidos á Pombal, (cujo merito exagerado e depreciado por muitos conserva-se problematico) alguns injustos, como a expulsão dos jesuitas, attentos seus incontestaveis serviços; outros toleraveis, como a protecção do commercio; outros bons, como a diffusão do ensino; outros insupportaveis e despoticos como a coação da liberdade individual. O marquez de Pombal, emfim, foi um despota disfarçado, que dominou um principe fraco.

D. Maria I succede á seu pai D. José I. Senhora já idosa, de indole mui pacifica, pouco fez. Seu maior acto foi desapear á Pombal do governo do reino.

Nos ultimos annos do reinado de D. Maria I appareceram no

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Brazil as primeiras idéas de emancipação, prematuros fructos da liberdade que mais tarde haviamos de gozar.

A colonia americana estava já mui adiantada, e começavam á aguilhoar-lhe as algemas do captiveiro. Contava em seu gremio filhos notaveis em todos os ramos de conhecimentos humanos e nas artes; julgava-se com elementos assaz capazes de subsistir; por isso, tentou fazer sua independencia.

Moços brazileiros que cursavam as universidades e academias da Europa pensavam em realisar essa grande obra. A revolução franceza (1789 á 1793) tinha espalhado pelo universo grande somma de principios e idéas generosas, que acharam écco nos corações enthusiastas e patrioticos. A independencia dos Estados-Unidos da America era um incentivo poderoso que estimulava os povos que viviam alquebrados na servidão.

Gyrando neste circulo, e respirando o ar da liberdade, fôra impossivel á brazileiros, que testemunhavam o andar progressivo da humanidade, conservarem-se impassiveis diante do grande drama da regeneração dos povos, sem applaudir e acompanhar o movimento.

Foi assim que, dominados pelas idéas do tempo, doze estudantes da universidade de Coimbra reuniram-se em conferencia sobre o assumpto, e compromettteram-se em trabalhar pela independencia. Em França, o brado de Coimbra repercutiu na academia medica de Montpellier, sendo acompanhado e acceito pelos estudantes *Domingos Vidal Barbosa*, de Minas, *José Mariano Leal* e *José Joaquim da Maia*, naturaes do Rio de Janeiro.

Maia falleceu em Lisboa, e Barbosa chegou á Minas quando a governava despoticamente *Luiz da Cunha Menezes*.

O generoso estudante achou a patria dominada pelas mesmas idéas. Formou-se uma conspiração para realisar o intento da independencia, e proclamar a republica. Entraram neste commetimento, o coronel *Ignacio José de Alvarenga Peixoto*; os poetas *Claudio Manuel da Costa*, dezembargador *Thomaz Antonio Gonzaga*; e o alferes *Joaquim José da Silva Xavier*, dentista de profissão e habilidade, pelo que tinha a alcunha de *Tira-dentes*. Marchavam os planos com celeridade para o exito da revolução; e desejando-se que fosse abraçada por outras capitanias, enviou-se *Tiradentes* ao Rio para alliciar partidarios e comprar munições.

Novos acohtecimentos mudam a face dos negocios. O *visconde de Barbacena* succede a Menezes no governo de Minas. Da fileira dos conspiradores destaca-se o traidor *Joaquim Silverio dos Reis* que denuncia da revolucção ao governador, e este immediatamente de tudo informa ao vice-rei *Luiz de Vasconcellos e Souza*.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Os apostolos da independencia foram convertidos em martyres: abriram-se as ferreas portas dos longinquos degredos, onde em sepulchros foram enterrados vivos os conspiradores. Gonzaga foi para Moçambique; Alvarenga para Ambaca; e outros que associaram-se, *Dr. Maciel* para Maçangano; *Freire Andrade* para as Pedras de Ancoche; Claudio M. da Costa suicidou-se na prisão; e Tira-dentes subiu ao patibulo!

Tira-dentes foi entre os revolucionarios o menos importante: entretanto as paixões do tempo o apresentaram como *chefe da conspiração, criminoso imperdoavel pela atrocidade e escandalosa publicidade de horrivel attentado*! Por isso condemnaram-no ao cadafalso; foi enforcado e esquartejado para exemplo e escarmento publico. A casa de morada do Tira-dentes foi arrasada; o chão revolvido e salgado! E o povo, dizem, após essa execração da memoria—do nome, da pessoa, e das cousas de Tira-dentes--amaldiçoou esse lugar!

E assim terminou-se a mallograda revolução mineira.

Se haviam decorrido quinze annos depois deste tragico successo. O Brazil continuava á prosperar em riqueza, população, artes e industria. Portugal, porém, era abalado por violentas commoções. D. Maria I continuava enferma e se impossibilitara de continuar na direcção do reino, e entregou-a á seu filho;

D. João VI, que governou como herdeiro, em seguida como principe regente, e depois como rei. Houve complicações mui serias no reinado deste soberano, que o obrigaram á ter uma politica duvidosa com a Inglaterra e a França. Ambas estas potencias trabalhavam em chamar á si o rei de Portugal. D. João apoiava e decidia-se mais pela Inglaterra, sua antiga alliada. Isto desagradava *Napoleão I,* adversario encarniçado da Gram-Bretanha.

E em quanto oscillava o principe em definitiva escolha—um poderoso exercito, ao mando do general Junot, é expedido por Napoleão para que em seu nome occupasse Portugal;—e uma potente esquadra ingleza bloqueou o Tejo!

Decidiu-se o principe retirar-se para o Brazil, deixando uma regencia na côrte luzitana. E com effeito, dispostos os negocios, acompanhado de immensa comitiva e grandes riquezas, á 29 de novembro de 1807, seguiu para o Brazil, com toda sua familia e côrte.

Alguns contratempos houve durante a viagem: um temporal dispersou a frota. Alguns navios chegaram ao Rio: outros á Ba-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

hia. Nestes ia o principe, que á 23 de janeiro de 1808 desembarcava na cidade do Salvador entre os applausos dos bahianos.

6.ª Epocha.

Reino, ou tempos reaes.

Esta epocha comprehende os tempos que vão de 1808 á 1823.

Partindo da Bahia á 26 de fevereiro de 1808, chegou o principe regente ao Rio á 7 de março. Naquella cidade muito instaram os bahianos para que o regente ali ficasse, offereceram-lhe muitas vantagens, edificavam-lhe sumptuoso palacio real, emfim, empenhavam-se com as possiveis forças. O principe não annuiu ás suas instancias, mas publicou um decreto abrindo os portos do Brazil á todas as nações amigas. Queria desse modo manifestar sua gratidão aos bahianos que tanto o festejaram. Assegura-se que fôra aconselhado neste passo pelo distincto brazileiro *José da Silva Lisboa*, visconde do Cayrú.

Chegando ao Rio, o principe, aconselhado por seu primeiro ministro, *D. Rodrigo de Souza Coutinho*, conde de Linhares, emprehendeu e realisou muitos e importantes melhoramentos para a capital do Brazil e mais capitanias.

Creou-se o conselho e archivo militar; o desembargo do paço; o tribunal da supplicação (relação); a fabrica de polvora; a imprensa regia; a juncta de commercio; o Banco do Brazil; a academia de marinha; a eschola medico-cirurgica; o jardim botanico; a bibliotheca real (publica); a academia de bellas-artes; e varias outras instituições uteis. Protegeu-se a agricultura; animou-se a industria; patrocinou-se a colonisação. Colonos das possessões portuguezas fôram importados, assim como da India vieram professionaes para o cultivo e amanho do chá. Recommendou-se aos governadores e capitães-generaes que protegessem a industria, agricultura, e fabricas; que abrissem estradas e facilitassem as vias de communicação.

Eis os trabalhos esforçados do benemerito Linhares, que por morte foi succedido por *Antonio de Araujo e Azevedo*, conde da Barca, que não desenvolveu o mesmo zêlo pelo engrandecimento do Brazil.

O principe completou sua obra de regeneração, creando muitas villas, cidades, comarcas, a relação do Maranhão, a nova capitania de Alagoas, e elevando o Brazil á reino por decreto de 26 de dezembro de 1815.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Em quanto o governo realisava essas grandes empresas lavrava no Rio da Prata terrivel desharmonia entre os pequenos estados e via-se o principe regente obrigado a intervir na politica platina. As armas brazileiras cobriram-se de virentes louros, e serenaram-se por momentos nossos revoltosos visinhos, que, para gosarem de paz interna, incorporaram ao Brazil a republica do *Uruguay* com o nome de *provincia cisplatina*.

A côrte do Rio cobria-se de lucto pela morte da rainha, á 20 de março de 1816. E D. João passava á governar com o titulo de *Rei* quando novos acontecimentos envolveram na tristeza seu coração —a revolução de Pernambuco (6 de março de 1817).

Duas foram as causas motivas desta revolução:—o antagonismo sempre crescente entre portuguezes e brazileiros;—e o estado de abatimento em que se achava o governo portuguez perante as nações. Não podiam tolerar os pernambucanos que uma côrte falta de energia e vigôr para sustentar-se no throno luzitano viesse imperar no Brazil, que dispunha de elementos assaz abundantes para governar a si. Viam os heroes de Pernambuco que a União-Americana acabava de emancipar-se; viam que as colonias do Rio da Prata lançavam o ingente brado da independencia: concluiam, portanto, que poderiam tambem constituir a nacionalidade brazileira. Eram os écchos da revolucão mineira que repercutiam em Pernambuco.

Conseguiram os revoltosos, capitaneados por *Domingos José Martins*, protogonista e apostolo do movimento, a capitulação do forte do *Brum*, e assenhoream-se triumphantes da capital e governo de Pernambuco á 7 de março. Nesse mesmo dia installou-se o governo, composto de *Domingos Theotonio Jorge*, governador das armas; Padre *João Ribeiro Pessoa*, governador provisorio; Dr. *José Luiz de Mendonça*; Padre *Miguel Joaquim de Almeida* (o padre Miguelinho) ministro do interior, que redigiu uma proclamação conciliadora e pacifica; *Manoel José Corrêa de Araujo, e Domingos José Martins*.

O governo tomou varias medidas economicas, administrativas, e politicas; despachou *Antonio Gonçalves da Cruz* aos Estados Unidos para comprar armas, engajar tropas e officiaes; enviou á Bahia o Padre *José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima* (o padre Roma) para mover a população no sentido republicano. Este é preso e fuzilado no campo da Polvora á 29 de março.

Porem a idea democrata ganhava terreno e proselytos. A Parahyba, o Rio Grande do Norte, e Alagoas adheriram á causa; no Ceará o Padre *José Martiniano de Alencar* é preso e perseguido pela propaganda que fazia no interior.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Em breve apparece a reação: o conde dos Arcos, governador da Bahia, manda bater os revoltosos, que, não contando com outros auxilios além do enthusiasmo momentaneo e ephemero dos patriotas, vêm-se abandonados, perseguidos, e, por fim, ou fuzilados, ou sacrificados no campo da honra, batalhando, ou para sempre encerrados. Dura lição paga á inexperiencia!

Vencidos em *Ipojuca* e no *Paulista* os poucos que ficaram foram subjeitos aos tremendos castigos de *Luiz do Rego Barreto*, e ao terrivel tribunal da alçada, inspirado pelo sanhudo dezembargador *Bernardo Texeira Coitinho*, até que a amnystia de 6 de fevereiro de 1821, dia da coroação de D. João VI, veiu mitigar seu prolongado martyrio!

Serenava-se a passageira revolta de Pernambuco, e mais torvos assombravam os horisontes em Portugal. A Europa, apóz a queda de Napoleão I, começava gozar de tranquilidade, e os liberaes aproveitavam-se do remanso da paz para doptar os povos com os beneficios que sôem trazer as constituições formuladas no espirito e nas ideas da liberdade. Toda a Europa agitava-se, pois, nesse sentido e proclamava, por entre os applausos dos livres pensadores, as instituições que, segundo o pensar commum, eram as melhores. A Hespanha acompanhou o movimento revolucionario, promovendo á 1.º de janeiro de 1820 a insurreição em Cadix, e achando écho em toda a nacionalidade hespanhola, foi a constituição jurada á 8 de março.

Portugal não poderia ficar isempto, nem indifferente á reação operada: visinho á Hespanha communica-se-lhe o incendio. Além disso os portuguezes tinham principalmente tres motivos que diziam gravissimos para realisar a revolução no reino:—D. João prolongava sua residencia no Brazil, e o velho Portugal perdia em esplendor, riqueza, população, e prestigio;—a regencia deixava em seu nome, além de submissa á prepotencia ingleza, nada fazia em beneficio do reino, que soffrera tres invasões francezas (as de Junot, Loysi, e Macena); Beresford a dominava despoticamente; a abertura dos portos do Brazil ás nações estrangeiras accarretava em Portugal summo detrimento á riqueza publica e particular.

Por essas causas, á que D. João não remediava, e ao contrario agravava, prolongando sua residencia no Rio de Janeiro, e não pensando no regresso á Lisboa, os portuguezes levantaram o grito de revolta, alçando o Porto á 24 de agosto de 1820 o brado de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

liberdade, adoptaram para o reino os principios da constituição hespanhola, e convocaram côrtes geraes e extraordinarias para approval-a.

Lavrou por todo o reino a revolução: á 15 de setembro do mesmo anno triumpháva na capital, e em Lisboa hasteava sua victoriosa bandeira!

Em breve communicaram-se as idéas revolucionarias ao Brazil. A' 1.º de janeiro de 1821 o Pará adhere á revolução portuense; forma uma juncta governativa; convoca deputados ás futuras côrtes de Lisboa. A Bahia á 10 de fevereiro tambem elegé uma juncta, e trata da eleição dos deputados as côrtes luzitanas. E assim procederam as provincias de Pernambuco, Maranhão, Parahyba, Ceará, e Piauhy, adherindo todas ás idéas liberaes. No Rio de Janeiro, porem, onde soube-se desde outubro do movimento do Porto passaram-se de outro modo os successos.

Diante de tam graves circumstancias, o rei, que parecia querer contemporisar, resolveu enviar o principe *D. Pedro* á Portugal para restabelecer a ordem no reino, e adoptar as reformas e leis que podessem firmar a monarchia com suas tradicções, devendo seus actos serem ao depois approvados por el-rei. Em seguida convocou ao Rio os procuradores das villas e cidades do Brazil para examinarem e deliberarem quaes dos artigos da futura constituição portugueza poderiam nos convir afim de serem acceitos, e introduzir-se no Brazil as reformas compativeis á nós.

O motim armado de *26 de fevereiro*, no largo do Rocio (praça da Constituição) acelerou a adopção da constituição, que ainda se estava fazendo em Lisboa, publicando o rei o decreto de 24 de fevereiro no qual approvou-a, e recebeu-a no Brazil. A municipalidade, o principe real D. Pedro e seu irmão *D. Miguel* a juraram.

Este acontecimento, a imposição para renovação ou mudança de ministerio, o pronunciamento assaz franco das provincias pelas idéas dominantes em Portugal, a efervescencia popular crescente, e os ameaçadores progressos que tinham e poderiam fazer as idéas liberaes em Lisboa, resolveram D. João á partir para sua antiga côrte. Assim, publicou o decreto de 7 *de março* no qual manifestou essa intenção, deixando o reino do Brazil aos cuidados do *regente D. Pedro*. No mesmo dia publicou outro dando as instrucções para a eleição dos deputados ás côrtes.

Reuniu-se o collegio eleitoral á *20 de abril*. Excedendo suas attribuições, opposeram-se os eleitores á sahida do rei; ordenaram ás fortalezas que não consentissem sahir a esquadra que levaria a

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

familia real; enviaram uma deputação á S. Christovam, exigindo que o rei acceitasse a constituição hespanhola, o que, verdadeiramente coagido, fez por um decreto; adoptaram medidas extraordinarias que lhes não competiam. Sabendo que tropa portugueza cercava a casa onde estava reunido o collegio, chamaram o commandante, que manifestou-lhes simulado respeito. E quando suppunham-se guardados, e continuavam a deliberar, investe as sallas das sessões (as 3 horas da madrugada de 21) um forte destacamento da divisão luzitana, e sem mais prevenção, dá uma descarga de mosquetaria, cála bayoneta, expelle á eleitores e povo reunidos e inermes. Ficam mortos tres individuos; feridos, muitos; consternados, todos os assistentes. Cobriu-se de lucto a cidade do Rio: fecharam-se as casas de commercio, suspendendo suas transações: panico geral dominou a população.

O rei aproveitou-se deste estado de torpor, e publicou á *22 de abril* dous decretos: um, annullando quanto fizera urgido pelos eleitores; outro, nomeando o principe D. Pedro *regente e seu lugar-tenente no reino do Brazil.* Organisou novo ministerio. A 23 proclamou, recommendando fidelidade ao principe; á 24 embarcou, e á 26 largou do ancoradouro a náo *D. João VI* conduzindo-o á Portugal.

Quando pela ultima vez abraçava seu filho, o principe D. Pedro dirigiu-lhe estas memoraveis palavras: *Pedro, o Brazil brevemente se separará de Portugal: si assim fôr, põe a coróa sobre a tua cabeça; antes que algum aventureiro lance mão della.*

Partindo D. João VI, deixava o principe regente em muitos embaraços: grande falta de dinheiro; cofres exhaustos; subditos em declarada desharmonia com a auctoridade. Para maior vexame o Banco do Brazil suspendera seus pagamentos.

A' estas verdadeiras calamidades publicas accrescia a população se achar dividida em dous partidos: um, de portuguezes, paizanos e militares, que abraçavam a totalidade das idéas revolucionarias de 1820; outro, de portuguezes e brazileiros, mais prudentes, que desejavam as franquias liberaes, porem de modo algum a *recolonisação* do Brazil.

Alem disso, a crescente preponderancia do exercito, as deliberações tumultuarias das massas, o patronato, e a prodigalidade, que no precedente reinado se tinham erigido em systhema, o

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

meios de *convencer* ao governo, obrigando-o á seguir o que o—exercito—as massas—o patronato—e a prodigalidade quizessem—tudo preparava á D. Pedro uma *regencia* assaz embaraçosa.

D. Pedro, porem, habil e corajoso arrostou com esses tropeços, venceu todas as difficuldades, sobrepujou todas as luctas, e sahiu victorioso e triumphante.

Desempenhou satisfactoriamente o cargo de *principe-regente* confiado por seu augusto pae, melhorando as finanças; estabelecendo rigorosa economia nos dinheiros publicos; cortando todas as superfluidades e excessivas despezas do paço; mudando varias repartições publicas para o edificio do paço, pois funccionavam em casas alugadas: esforçando-se por harmonisar portuguezes e brazileiros; empenhando-se todo o anno de 1821 em firmar a união do Brazil.

Feitas as eleições dos deputados ás côrtes, e apenas eleitos foram seguindo para Lisboa. Recebe-se de Portugal as bases da constituição, mas o principe ia adiando o juramento até receber noticias de seu augusto pae.

Mas a tropa insubordinada não esperou a deliberação do principe. A *5 de junho* a *divisão auxiliadora* (assim chámava-se o exercito portuguez no Rio de Janeiro) coagiu o principe á jurar as bases da constituição portugueza, mudar o ministerio, e tomar outras medidas dictadas pela violencia.

Magoando sensivelmente o coração do principe, este acto veiu enchêl-o de dissabores, que se augmentaram com as novas determinações das côrtes portuguezas. Estavam nas vistas da metropole luzitana manter o Brazil na posição de colonia, o que seria difficil attento o engrandecimento e corrente de opiniões liberaes que dominavam. Portanto sómente por medidas repressivas, estremas, e absolutas conseguiriam as côrtes aquelle resultado.

Assim, pois, determinaram: 1.º que todos os governos do Brazil ficavam independentes do Rio de Janeiro e subjeitos aos tribunaes de Lisboa; 2.º que ficavam extinctos os tribunaes da chancellaria, do thesouro, a juncta do commercio, e varios outros tribunaes e estabelecimentos creados por D. João VI; 3.º que o principe *regressasse para a Europa* onde tinha de *aprimorar sua educação*, viajando pela França, Inglaterra, e Hespanha, e dispondo que o Rio de Janeiro *ficasse governando por uma juncta* que se elegeria dentro de dous mezes.

Ora, bem vizivel era o plano das côrtes—recolonisar o Brazil! Medidas governativas foram tomadas neste sentido. Tropas enviadas á Bahia e Pernambuco; um governador das armas subjeito á

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Lisboa; a divisão naval remettida ao Rio para conduzir o principe regente, tudo manifestava este pensamento.

Estas providencias das côrtes luzitanas foram mal recebidas no Brazil. Operou-se violenta reacção. Portuguezes e brazileiros uniram-se, e, julgando-se feridos em seus brios, opposeram-se ás ordens de Lisboa, e começaram á trabalhar por todos os modos para *a Independencia do Brazil.*

Clubs, sociedades secretas, jornalismo, clero, ordens monasticas—todos se esforçaram por levar sua pedra para o edificio da liberdade: *Joaquim Gonçalves Lédo* e o conego *Januario da Cunha Barbosa*, redigindo o *Reverbéro* eram os lidadores da imprensa; o advogado *José Joaquim da Rocha*, o coronel *Luiz Pereira da Nobrega*, os franciscanos *Fr. Francisco Mont'Alverne* e *Fr. Francisco de Jesus Sampaio*, os agitadores dos clubs patrioticos; *José Clemente Pereira, Domingos Alves Branco*, e os mencionados acima, conego *Januario*, franciscano *Sampaio, Gonçalves Lédo*, e *José Bonifacio* os motôres das sociedades secretas.

Os patriotas enviaram emissarios a todas as provincias afim de moverem as junctas das differentes villas e cidades do Brazil, á se congrassarem nestas idéas. A provincia de S.ºPaulo foi a primeira que acudiu ao appello do Rio, enviando uma representação na qual pedia ao principe que suspendesse seu regresso para Portugal. Em seguida a provincia de Minas teve identico procedimento.

E vendo a população fluminense o enthusiasmo dos mineiros e paulistas não se conteve mais nas raias da obediencia, e pronunciou-se com ardor pela não retirada do principe. Este, porem, se preparava para obedecer as ordens das côrtes e despunha os arranjos da viagem. E o povo mais desejoso que ficasse o principe se mostrava.

O patriota *José Joaquim da Rocha* approveitando-se do ardor popular promoveu uma *representação* á que cobriram superior de 8,000 assignaturas, pedindo ao principe que ficasse. E o senado da camara, interprete dos sentimentos do povo, dirigiu-se encorporado ao paço, *á 9 de janeiro de 1822*, levando a petição, que foi entregue por seu presidente o desembargador *José Clemente Pereira*, que nessa occasião em sapiente discurso convenceu ao principe que devia ficar no Brazil.

Immenso era o cortejo que seguia á camara. Multidão compacta apinhoava-se em frente do paço. Laborava por mais de hora suprema anciedade. Olhos e ouvidos attentos aguardavam a resposta que devia ser, qualquer que fosse, demasiado solemne.

Emfim, appareceu em uma das janellas *José Clemente Pereira*,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

que em voz alta e pausada repetiu a resposta de D. Pedro: *Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que* Fico.

Marchava á passos de gigante a grande obra da *independencia nacional*. O dia do Fico é o seu primeiro brado. Em vão a insubordinada *divisão auxiliadora* tenta opôr-se ás deliberações do povo e do principe. E' obrigada á capitular no campo de Sant'-Anna (o da Acclamação); retira-se para a Praia-Grande; d'alli embarca-se para Europa.

A *16 de janeiro* é nomeado ministro do reino e dos estrangeiros, *José Bonifacio de Andrade e Silva*, principal director dos acontecimentos, que prepararam a independencia: á *16 de janeiro* é convocado para reunir-se no Rio de Janeiro um *conselho de procuradores geraes das provincias*, com o voto consultivo e direito de iniciar projectos de reforma administrativa, e medidas uteis: á 21 do mesmo *fevereiro*, publicou-se outro decreto, ordenando que não fossem obedecidas as leis de Portugal sem o *cumpra-se* do principe-regente.

Nesta epocha se fizeram sentir no Brazil as consequencias das determinações da côrte chamando o principe. Chega ao Rio a esquadra que devia conduzir D. Pedro á Lisboa e rebenta a insurreição de Minas negando obediencia ao regente.

Sempre resoluto e firme, D. Pedro não permitte que entre a esquadra sem o commandante assignar um *protesto* de que obedecer-lhe-hia em tudo. De facto entrou, refrescou, e voltou para Lisboa, tendo de menos 600 homens e a fragata *Real Carolina* que passou-se para a causa do principe. E para serenar os espiritos em Minas, D. Pedro dirigiu-se a Villa-Rica onde tudo harmonisou, restabelecendo a ordem e a paz.

O governo de Portugal, que não descançava em patentear sua animosidade contra o Brazil publicara uma notificação á seus agentes nos portos estrangeiros para que se opposessem á remessa de armas e munições para cá. No Rio, considerou-se esta providencia uma declaração de guerra. A camara, que bastante confiava no regente, veiu encorporada, *13 de maio*, por indicação do seu presidente, *José Clemente Pereira*, pedir ao principe que aceitasse o titulo e encargo de *Defensor Perpetuo do Brazil*, sendo immediatamente satisfeita, e celebrou-se com festas pomposas esse magnifico acontecimento.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Por pedido de *23 de maio* feito pela camara, o principe convocou uma constituinte brazileira *á 3 de junho*. Em junho modificou o ministerio, entrando para elle *Luiz Pereira de Nobrega*, e *Martim Francisco Ribeiro de Andrade*, grandes patriotas. A *1.º de agosto* publicou um decreto declarando *inimigas* as tropas portuguezas ou de outra nacionalidade que desembarcassem no Brazil sem previo conhecimento seu. A 6 do mesmo mez de agosto, dirigiu um manifesto aos governos e nações amigas, mostrando-lhes a situação do Brazil, a marcha dos acontecimentos, offereceu-do-lhes o estabelecimento de reciprocas e amistosas relações, e franqueando-lhes os portos livres para o commercio.

O principe via-se abandonado e hostilisado pelas côrtes portuguezas: somente os brazileiros e portuguezes, que se tinham manifestado pela causa do Brazil, o cercavam. Por outro lado, as providencias tomadas pelas côrtes eram duplamente offensivas ao principe-regente e ao povo brazileiro. Este se esforçava não só de patentear áquelle todo seu affecto, como de grangear nelle um sustentaculo. O principe, por consequencia não fez mais do que corresponder á confiança, aspirações, e vontade do povo. Lançou-se nos braços dessa população que patriotica e sinceramente lhe instava que *ficasse*, e o aclamava *Defensor Perpetuo* do Brazil: serviu a causa da independencia com o ardor que inspira á juventude idéas grandes e sublimes!

A todos os instantes mais se agravavam e complicavam os negocios. Em Portugal os deputados brazileiros fugiam das côrtes; eram insultados pela populaça; ameaçados em suas vidas; tolhidos no direito da palavra; injuriados e menospresados por seus collegas no proprio recinto legislativo. Os mais influentes retiraram-se clandestinamente para Falmouth, e publicaram um manifesto, justificando sua ausencia das côrtes. No Brazil, o patriotismo, as aspirações de independencia eram crescentes: não havia meio de oppôr-se ás idéas. A Bahia manifestara-se pela causa da emancipação nacional. Travaram-se importantes combates em pró desta gloriosa causa. E os triumphos esplendidos de Itaparica, Funil, Cabrito, e do sempre memoravel *Pirajá*, a consolidaram na adherencia ao principe-regente.

O general Pedro Labatut sahe do Rio, enviado pelo regente, e de passagem por Sergipe e Alagoas vae informando do que se passava na capital, e os espiritos cada vez mais exaltados abraçam as idéas e firmam sua dedicação ao principe.

Em Pernambuco os patriotas expulsaram as tropas portuguezas e enviaram uma deputação ao Rio, e protestam sua adhesão ao regente.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

No sul tudo estava preparado: as convicções eram firmes; os animos, resolutos; as aspirações, ardentes; o patriotismo, sincero; o heroismo, provado. Apenas em S. Paulo haviam leves divergencias entre o presidente da municipalidade e Martim Francisco. O que sabido na côrte motivou a viagem de D. Pedro áquella provincia.

Apenas chegou o principe-regente, restabeleceu-se a harmonia entre os patriotas paulistanos. No seu regresso, em viagem, bastante meditou na emancipação do Brazil. Via as provincias do sul harmonicas neste pensamento: todos os corações palpitantes aguardavam-na impacientes. Os despachos, noticias, e cartas que acabava de receber de Lisboa mostravam-lhe a attitude que as côrtes contra elle tomavam. Não trepidou mais o augusto e valoroso D. Pedro. Era chegado o momento solemne. Estava quebrado o ultimo élo de junção com Portugal. E corajoso e resoluto, nas margens do *Ypiranga, á 7 de setembro de 1822*, proclamou o ingente brado: INDEPENDENCIA OU MORTE !

O grito do Ypiranga constituiu a nacionalidade brazileira. A 15 de setembro achava-se D. Pedro no Rio de Janeiro, e a noute apresentou-se no theatro, levando no braço esquerdo a divisa—*Independencia ou morte*—, que em breve foi usada por todos os patriotas.

O senado da camara por edital de *21 de setembro* declarou que para realisar os desejos do povo proclamaria solemnemente o principe *D. Pedro, Imperador Constitucional* do Brazil á *12 de outubro*, anniversario do seu natalicio, e do descobrimento da America. E de facto realisou-se com toda solemnidade essa grandiosissima festa nacional. A *1.º de dezembro* effectuou-se a imponente ceremonia da *coroação* do excelso Imperador !

Estavam consummadas as aspirações ardentes do Brazil ! E para que a grandiosa obra da liberdade fosse concluida enviou D. Pedro á lord *Cochrane* ás provincias do norte em auxilio dos patriotas.

Em breve, a Bahia, Maranhão, Pará, e a Provincia Cisplatina, expellindo as hostes luzitanas, proclamaram a independencia, adherindo á integridade nacional. E o grito do Ypiranga, repercutindo do Amazonas ao Prata, constituia a nação brazileira uma e independente como hoje existe.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

7.ª Epocha.

Imperio, ou tempos da independencia.

Esta epocha abrange os annos que decorrem de 1823 aos nossos dias. Tres são os vastos periodos comprehendidos nesta ultima parte da historia brazileira: *Primeiro reinado, Menoridade, Segundo reinado.* Resumamos.

I. D. Pedro Primeiro começou o seu governo, trilhando estrada coberta de odorosas flores. Era o triumphador pacifico que, acabando de operar uma revolução incruenta, deveria gozar dos justos e merecidos trophéos que indisputavelmente pertenciam-lhe. Mas por sob os louros e rozas aguçados espinhos occultavam-se para em breve aculeal-o. E assim aconteceu.

O imperador timbrava em mostrar-se liberal, e o era. Convocou immediatamente a assembléa constituinte, que reuniu-se á *3 de maio de 1823*, com o fim de formular o pacto fundamental. Entranhando-se em assumptos alheios ás suas attribuições, a assembléa foi dissolvida á *12 de novembro*, e banidos do imperio os mais proeminentes membros da opposição, na qual figuravam os tres irmãos Andradas (José Bonifacio, Martim Francisco, e Antonio Carlos.)

Apoz a dissolução rebentou em Pernambuco a revolução que proclamou a ephemera *Confederação do Equador* (Pernambuco, Rio Grande do Norte, Parahyba, e Ceará) á 2 de julho de 1824. Deu-se por motivo da revolução a dissolução da constituinte. Mas o imperador, posto a assembléa não apresentasse feita a constituição, redigiu um projecto de carta assaz liberal, que foi jurada a *25 de Março de 1824* como constituição politica do imperio do Brazil.

A reunião da nova constituinte á *3 de maio de 1826* e suas primeiras discussões demonstraram que a posição do imperador era difficil de firmar-se pelos germens de desgosto e opposição que se manifestavam contra seu governo.

O movimento republicano de Pernambuco, posto abafado em começo; a perda da Provincia Cisplatina, que debandou-se do Brazil; o revéz de Itaizaingo; os direitos magestaticos que tinha a corôa de Portugal (como Pedro IV), direitos que calorosamente defendia; o estado pouco lisongeiro das finanças; os actos arbitrarios commettidos em seu nome pelos agentes do poder; a revolução de Minas; a frieza e indifferença com que fôra recebido n'esta provincia rebellada; os tristissimos actos da noute das *garra-*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

fadas; o apoio que lhe prestava o partido antagonista—eram mui patentes factos, que calaram no animo generoso e heroico de D. Pedro, e convenceram-no á retirar-se do Brazil, abdicando (*7 de abril de 1831*) em favor de seu filho ainda menor, o principe *D. Pedro de Alcantara*.

II. MENORIDADE. Contava apenas seis annos de edade o principe infante, no acto da *abdicação* de seu augusto pae. Nascido á *2 de dezembro de 1825*, sómente aos dezoito annos *D. Pedro de Alcantara* assumiria a direcção do imperio. Então, os deputados e senadores, presentes no Rio de Janeiro, reuniram-se elegeram uma *regencia provisoria* composta do brigadeiro *Francisco de Lima e Silva* e senadores *Marquez de Caravellas* e *Nicolau Pereira de Campos Vergueiro*.

Mau grado as melhores intenções e pacificos desejos da regencia, cujo primeiro acto foi proclamar aos brazileiros, invocando seu concurso para a firmeza e consolidação das instituições juradas e completo esquecimento do passado, em breve os espiritos revoltosos pronunciaram-se contra a paz e socego publico, ameaçando dilacerar a integridade deste bello imperio.

Pernambuco á *4 de abril* e Bahia á *13* deste mesmo mez rebentaram em sedição militar, dando por essa maneira o mau e contagioso exemplo, que ao depois desenvolveu-se, de amotinar-se e insubordinar-se a tropa contra o principio de auctoridade á que devêra prestar todo apoio, e rodear de prestigio.

Felizmente á *3 de maio* reune-se a assembléa geral, que á *17 de junho* elege a *regencia permanente* composta dos eminentes cidadãos, brigadeiro *Francisco de Lima e Silva* (reeleito), *José da Costa Carvalho*, e *João Braulio Moniz*, que, auxiliados pelo Padre *Diogo Antonio Feijó*, ministro da justiça, prestaram relevantissimos serviços á paz, integridade, e futuro do Brazil. Bastante contribuiu para o restabelecimento da ordem nessas provincias a *guarda nacional* novamente organisada (18 de agosto 1831), assim tambem para suffocar o motim militar de 7 *de outubro* promovido na *Ilha das Cobras*.

Os movimentos revolucionarios de Pernambuco, Bahia, e Ilha das Cobras foram prenuncio de maiores calamidades. Amargas provações estavam reservadas ao nascente imperio. A guerra civil, as pretenções absurdas, as idéas demagogicas, as sociedades politicas e militares, os partidos antagonicos, vieram por oito annos (de 1832—1840) sepultar o Brazil na mais desenfreada anarchia.

Continuava entretanto a regencia no governo cercada de infini-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tas difficuldades. Sustentada, apezar do motim de *30 de julho* de 1832, a regencia teve de mais tarde ser substituida, em consequencia da reforma da constituição, conhecida por *acto addicional*.

Antes, porem, desse acontecimento viu-se enfraquecida, menospresada, e verdadeiramente angustiada pelos lamentaveis successos que teve de ser testemunha. Os partidos politicos queriam uns a republica, e advogavam as idéas do socialismo, da democracia, do demagogismo; outros, o restabelecimento do D. Pedro I; outros, o seu banimento, e neste sentido arvoravam bandeiras de todas as formas e côres, agitando as provincias. O Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, e Matto-Grosso laboraram em incendio! Grandes successos, desastradas quédas, e estrepitosos triumphos á cada um dos partidos militantes couberam nessas quasi sempre ensanguentadas luctas.

O venerando José Bonifacio é arrancado da tutoria do joven imperador, é preso, deposto, e processado! Passa na camara dos deputados, e cáhe no senado o banimento de Pedro Primeiro! Fallece este na Europa! E' convertido em lei e promulgado o *acto addicional* á 12 de agosto de 1834. Taes foram os principaes successos que se deram durante a segunda regencia, aféra o tremedal de sangue derramado pelos horrores do canibalismo á que se entregaram as provincias!

Em observancia do artigo 26 do acto addicional, que estabelecia ser o imperio governado, durante menoridade do imperador, por *um regente electivo e temporario* (4 annos) procedeu-se á 7 *de abril de 1835* a eleição do regente, recahindo a escolha no Padre *Diogo Antonio Feijó*, que investiu-se desse novo e alto cargo á 12 *de outubro*.

Dous annos apenas governou o regente Feijó, porque contrariado pela virulenta opposição que lhe movera a maioria da camara dos deputados, e a politica pouco feliz que teve na provincia do Rio Grande do Sul que acabava de proclamar (8 de abril de 1837) a *republica de Piratinim*, á 19 de setembro, cedeu o poder, conforme o artigo 30 do acto addicional, ao ministro do imperio, *Pedro de Araujo Lima*, senador, e depois *marquez de Olinda*, elevado então á *regente interino*.

Reunidos de novo os collegios eleitoraes confirmaram Araujo Lima nesse eminente cargo, e começou a governar o imperio como regente effectivo á 22 de abril de 1838. Curto foi seu exercicio (1838—1840), porque o espirito de revolta se não extinguira nas provincias, e em breve começou a ostentar-se com todos os

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

horrores. Na Bahia se proclama a *republica* á 7 de novembro de 1837; no Rio Grande do Norte é assassinado o presidente; no Maranhão rebenta a *balaiada*; no Rio Grande do Sul progrediam revoltos os habitantes; em Santa-Catharina o chefe dos caudilhos David Canabarro punha-se á frente de uma insurreição.

Luctando com esses embaraços via-se o regente quando em 1840 foi aberta a assembléa geral. Corriam serenas as primeiras sessões quando a resposta á falla do throno provocou á discussão da *maioridade* do imperador, no que cogitavam os espiritos mais reflectidos, attendendo o tristę quadro do Brazil no governo das regencias.

Para evitar móres contendas parlamentares, cujo alvo seriam accaso uma revolução, lembrou-se o regente de adiar as camaras, e de facto o fez. Deputados e senadores, partidarios da maioridade, enviam immediatamente uma commissão ao imperador, munida de uma representação, na qual pediam á sua magestade imperial que para salvar á patria e ao throno tomasse *desde já* o exercicio de suas altas attribuições. (22 julho 1840.)

Emquanto o imperador se dispunha á responder, chegou o regente acompanhado do ministro da marinha. E consultando ao imperador si queria ser acclamado no dia 2 de dezembro, seu anniversario, ou já, respondeu com toda firmeza: *Quero já.* E ponderando o regente que convocaria a assembléa para o proximo domingo afim de ser acclamado, respondeu o imperador: *Convoque para amanhã.*

E no dia seguinte (23 de julho) a assembléa geral proclamou a *maioridade* do excelso monarcha o Senhor *Dom Pedro Segundo*, no meio de vivas e applausos dos representantes da nação e do povo brazileiro.

III. O Sr. D. Pedro II constitue á *24 de julho* seu primeiro gabinete e começa a reinar por entre as alegrias de todos os partidos. Todos viam no joven monarcha o penhor da paz e prosperidade do Brazil. Seu primeiro e clemente acto foi amnystiar os revoltosos do Rio Grande do Sul e do Maranhão, facto que contribuiu para a pacificação desta provincia.

Entretanto, raizes profundas tinham projectado as revoluções. O espirito reaccinario havia acostumado armar-se para se fazer respeitar e temer dos governos. E continuava o Rio Grande do Sul á ostentar o mais deploravel painel da anarchia. Em breve S. Paulo, Minas, e mais tarde Pernambuco o imitam, armam-se, e tentam dilacerar a integridade do imperio.

Porem a coragem, e energia do Sr. *D. Pedro II* vencem os obsta-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

culos, alquebram os inimigos da patria, punem os discolos, embora viesse depois o rocio da amnystia mitigar o justo castigo.

Assim, pois, gosa o imperio do Brazil desde 1848 da mais inalteravel paz, devida ao illustrado monarcha que rege os nossos destinos.

Si a paz interna não é perturbada, algumas vezes inimigos externos nos hão inquietado, trazendo e provocando-nos á guerras das quaes teem sahido victoriosos nossos briosos e invenciveis soldados.

De 1851 á 1853 o Brazil sustentou brilhante papel, defendendo a causa dos brazileiros, da civilisação e da humanidade nos territorios do Prata, abatendo o poder do general *Manuel Orybe*, e expulsando o sanguinario dictador *João Manuel Rosas*, justamente cognominado o *Nero do Novo-Mundo*.

O proprio governo japonico do Paraguay, dirigido pelo despota *Carlos Antonio Lopez*, cedeu em 1856 ao Brazil o que jamais permittira á nação alguma:—celebrar tratados de commercio e navegação fluvial livre no territorio da republica.

E assim o governo do Sr. *D. Pedro II*, triumphando dos mais difficeis obstaculos, convergiu suas vistas para melhoramentos importantes que trariam á patria abundante somma de prosperidades: abriram-se estradas de rodagem; assentáram-se vias ferreas; deu-se começo á telegraphia electrica; a navegação costeira e fluvial á vapor tomou grande incremento; a industria, o commercio, a lavoura mereceram seus cuidados. Tudo emfim quanto é mister para firmar a grandeza dos imperios não tem sido esquecido em seu reinado.

Principe liberal e illustrado, o cunho de suas luzes distingue-se na legislação patria, nas grandes reformas que teem sido adoptadas, e nas instituições novas devidas ás suas luzes e patriotismo: creação do conselho de estado; reforma do codigo do processo; abolição do trafico da escravatura; reforma da guarda nacional; promulgação do codigo commercial; e a abertura do *Amazonas*.

Algumas destas providencias quasi dactam do principio do seu reinado. E a proporção que avançamos em annos, commettimentos mais momentosos encontramos e applaudimos.

E' por certo mui brilhante o contemplar-se a attitude energica do governo brazileiro (1862 á 1863) perante o gabinete da Inglaterra, quando por ter naufragado um navio mercante nas costas do Rio Grande do Sul, e suspeitando o consul inglez que fossem assassinados os tripulantes e roubada a carga, queixou-se ao ministro britanico *Russell*, que exigiu-nos *seis mil libras esterlinas* afóra *indemnisação ás familias das victimas!*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E mais brilhante, indelevel mesmo, é a pagina gloriosa dos fastos brazileiros onde se registra a CAMPANHA DO PARAGUAY! Milhões de bravos soldados, commandados por chefes distinctissimos, ahi conquistaram nome immortal, escrevendo-o para sempre nos dypticos da historia que o levará á posteridade. Do mais humilde soldado ao mais elevado general quem houve que deixasse de mostrar heroismo? Esses legendarios batalhões de VOLUNTARIOS DA PATRIA poderão jamais ser esquecidos? Essa esquadra invencivel poderá jamais ser confrontada ou igualada? Haverá penna que possa descrever tão sublimadas epopéas quaes os combates pelejados por esses heróes?

Começada a lucta contra o governo do Estado Oriental, esgotados os meios da prudencia, á este o Brazil declarou guerra, sahindo victorioso em Paysandú, e afinal na capitulação de Montevideu (1865).

Em breve seguiu-se contra o tyranno presidente do Paraguay, *Francisco Solano Lopez*, por perseguir as populações brazileiras, visinhas á seus estados, trucidando-as, assassinando-as, roubando suas propriedades, talando seus campos, invadindo nossas fronteiras, occupando fortalezas e territorios de Matto-Grosso, aprisionando navios mercantes, e commettendo toda sorte de desvarios!

Si as forças do Paraguay perpetraram tantas atrocidades mui charas lhes custaram. Todos sabem das luctas homericas, dos combates mortiferos, dos gloriosos e estupendos triumphos alcançados pelos nossos. Uruguayana, Riachuelo, Mercedes, Cuevas, Yatahy, Curuzú, Curupaity, Humaitá, Tuyuty, Timbó, Tebiquary, Itoróró, Avahy, Lomas Valentinas, Augustura, Assumpção, Cerro-Corá, e Aquidaban... Eis, charos alumnos, alguns dos muitos theatros onde representaram-se os grandiosos dramas da pujante illiada chamada GUERRA DO PARAGUAY!

Triumphante o Brazil nesta prolongada campanha, celebraram-se os tratados de paz, elegeu-se governo illustrado para o Paraguay, firmou-se a constituição, e hoje gosa de ventura que jamais lograria si o tyranno que o opprimia não fosse vencido e morto na lucta!

Foi, por certo mui honroso ao Sr. *D. Pedro II* concluir a guerra do Paraguay á contento das republicas limitrophes, e salva a dignidade do Brazil; porquanto amargos dissabores nos teem custado tão incommodos visinhos.

Depois dessa prolongada lucta, o governo tem se preoccupado com diversos ramos da administração publica, pensando e realisando providencias uteis tendentes á firmarem a prosperidade do

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

paiz, taes como—a instrucção, da qual o imperador é summamente desvellado; da organisação judiciaria, já convertida em lei; da emancipação dos escravos, tambem effectuada; de estudar os meios de prolongarem-se as vias-ferreas, telegraphos, emfim de tudo quanto possa elevar o Brazil á grandeza que tem direito como paiz de primeira ordem.

E o que mais se admira, e gloria o reinado do sabio monarcha é serem as reformas cogitadas por elle, lhe competir a iniciativa nos grandes melhoramentos, empenhar sua elevada auctoridade em doptar o paiz com boas leis, sem expôr as prerogativas da corôa, nem offender e invadir a orbita dos outros poderes.

Não poupando esforços para engrandecer a patria natal, e á que rege com esmerados cuidados, já visitou quasi todo o sul e norte do seu vasto imperio para conhecer por si as necessidades publicas. E desejando alargar a esphera de seus não vulgares conhecimentos, no proximo passado anno de 1871 á 1872, viajou pela culta Europa, senão guardando o mais réstricto incognito, ao menos despido de todo o apparato da realeza.

O Brazil, que se orgulha de ter um soberano desta ordem, a guarda novos feitos do benemerito imperador *Pedro II*, cuja memoria será indelevel na terra do Cruzeiro.

Concluindo esta sucinta narração da *Historia do Brazil*, charos alumnos, vos convido—continueis á cultivar tam agradavel estudo, pois summamente vergonhoso é ignorar-se a historia do seu paiz.

Em labor agradavel e util, qual o aconselhado, tomai os livros de Macedo, Abreu e Lima, F. Pinheiro, Pereira da Silva, Varnhagem, e outros distinctos mestres, que abalisada e proficientemente escreveram a respeito.

Foram os compulsados por mim. Estudei, segui, compilei, adoptei, e trasladei-os, em muitas partes deste *Resumo*, que acabastes de lêr.

FIM.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

INDICE.

Pagina.

Introducção v

LEITURAS VARIAS.

Louvores do saber 9
Idéa de Deus (poesia) 10
Amor da patria 13
O verdadeiro patriota 15
O Brazil (poesia) 16
Contra a preguiça 17
Epigramma: aos *negligentes* (poesia) 18
Culto á Virgem Santissima ..... »
Napoleão (poesia) 19
Retrato do padre Antonio Vieira 21
Aves e outros animaes do Brazil 22
As aves de minha terra (poesia) 24
Apologo: *o vento, a agua, e a vergonha* 27
Electricidade athmospherica ..... »
O fogo 31
Y-juca-pirama (poesia) 33
Vasco da Gama e Cabral 47
Os mandamentos do crepusculo (poesia) ..... »
Exaltação da mulher 49
O Brazil, *animando-se* (poesia) 50
Viagem pelo Amazonas 52
Fragmento: *discurso sobre a escravatura* 56

SECÇÃO LITTERARIA.

Biographia de Francisco Sotero dos Reis 59
« « Antonio Gonçalves Dias 63
« « Manuel Odorico Mendes 66
« « João Francisco Lisboa 69
« « Joaquim Franco de Sá 71
« « José Candido de Moraes e Silva 73
« « Antonio Joaquim Franco de Sá 75
« « Joaquim Gomes de Souza 77
« « Trajano Galvão de Carvalho 79
« « Feliciano Antonio Falcão 83
« « Christovão Colombo 85

PARTE HISTORICA.

Revolução do Maranhão: o *Bequimão* 95
Costumes dos indigenas 103
Principios de *Historia Natural* 106
Noções sobre *Agricultura* 135
Preceitos de *Civilidade* 145
Conhecimentos uteis 149
Resumo da *Historia Universal* 164
« « *Historia do Brazil* 182

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite